Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Comunicação Social

Juan José Pereyra Silvera

Neymar da Silva Santos Júnior, de ídolo a meme: a construção midiática de uma imagem

Rio de Janeiro
2020

Juan José Pereyra Silvera

Neymar da Silva Santos Júnior, de ídolo a meme: a construção midiática de uma imagem

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Orientador: Prof. Dr. Ronaldo George Helal

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

S587 Silvera, Juan José Pereyra.
Neymar da Silva Santos Júnior, de ídolo a meme: a construção midiática de uma imagem / Juan José Pereyra Silvera. – 2020.
190 f.

Orientador: Ronaldo George Helal.
Tese (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social.

1. Comunicação– Teses. 2. Ídolos do futebol – Teses. 3. Neymar Junior, 1992- . – Teses. I. Helal, Ronaldo George. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social. III. Título.

es CDU 070:796.33

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

_____ _____

Assinatura Data

Juan José Pereyra Silvera

Neymar da Silva Santos Júnior, de ídolo a meme: a construção midiática de uma imagem

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor ao Programa de Pós-graduação em Comunicação, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Comunicação Social.

Aprovada em 2 de outubro de 2020

Banca Examinadora:

_____
Prof. Dr. Ronaldo George Helal (Orientador)
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____
Prof. Dr. Ricardo Carniel Bugs (Co-orientador)
Facultat de Ciències de la Comunicació – UAB

_____
Prof. Dr. Hugo Rodolfo Lovisolo
Faculdade de Comunicação Social – UERJ

_____
Prof. Dr. Fernando Segura Trejo
Centro de Investigação y Docencia Económicas – CIDE

_____
Prof. Dr. Francisco Ângelo Brinati
Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Rio de Janeiro

2020

DEDICATÓRIA

É com sentimentos ambíguos que escrevo esta dedicatória; triste pelas perdas que sofri no período do doutorado: a repentina perda da minha única irmã, Ana Maria, e a maior de todas, a perda da minha mãe Sara. Por outro lado, também foi um período de alegrias, ganhei uma nova neta, Ana Clara, e minha filha caçula Isabella obteve o título de Mestre em História na UFF. Dedico também a meus filhos Fedra e Maximiliano para que percebam que nunca é tarde para nada, quando existe a possibilidade e se tem vontade e dedicação.

Ao meu orientador Ronaldo Helal, com o que construímos uma amizade que resistiu e perpassará o doutorado e a relação Mestre/aluno.

À Aurea, minha companheira nesta loucura, sem a qual teria sido impossível dedicar os últimos 10 anos da minha vida aos estudos, e que topou a aventura de nossa mudança para Barcelona durante o último ano.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos aqueles que, de uma forma ou outra, colaboraram com a execução deste trabalho, especialmente aos professores, alunos e funcionários do PPGCom da UERJ e aos professores Ricardo Garniel Bugs e Teresa Velàzquez García-Talavera, da *Universitat Autònoma de Barcelona* - UAB, que me ofereceram total apoio e a magnífica estrutura de sua instituição, durante o período de um ano, para poder desenvolver minha pesquisa em solo espanhol.

Aos participantes da banca: professores Ronaldo Helal, Ricardo Garniel, Hugo Lovisolo, Francisco Brinati e Fernando Segura Trejo, pela sua generosidade e aportes que, sem dúvida, enriquecerão meu futuro.

Ningún jugador es tan bueno como todos juntos
Las finales no se juegan, se ganan

Alfredo Di Stéfano

A eficácia simbólica das palavras só se exerce na medida em que aquele que a experimenta reconhece aquele que a exerce como no direito de exercê-la

Pierre Bourdieu

RESUMO

SILVERA, Juan José Pereyra. **Neymar da Silva Santos Júnior de ídolo a meme**: a construção midiática de uma imagem. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Neymar da Silva Santos Júnior seria, na contemporaneidade, o único digno ou fiel representante em atividade – senão o último – de uma dinastia de craques, que, durante algumas décadas do século XX e início do século XXI, contou com a genialidade de Leônidas da Silva, Pelé, Rivelino, Zico, Falcão, Romário, Rivaldo, Ronaldo "Fenômeno" e Ronaldinho "Gaúcho", praticantes de um futebol que encantou as torcidas pelo mundo afora, e que pelas letras de intelectuais e jornalistas esportivos, com interesses diversos (nem todos esportivos), convencionaram chamar de "futebol-arte", que seria, no mundo, monopólio do Brasil (o "país do futebol"). O resultado prático foi a obtenção de cinco títulos no maior torneio mundial que a entidade-mor do futebol (FIFA) promove no planeta; os três primeiros títulos foram obtidos entre 1958 e 1970, o quarto título veio após um hiato de 24 anos, em 1994, e o último em 2002. Entre a criação do epíteto "futebol-arte", em 1938, e os dias atuais muitas transformações sociais ocorreram na sociedade, na geopolítica e consequentemente no esporte. O processo de globalização e mercantilização do esporte, sendo convertido num espetáculo midiático, promovido pela revolução das comunicações, o advento da internet e as mídias sociais impactaram de forma definitiva as relações da tríade ídolo - clube - torcedor, fragmentando identidades e alterando as formas de representação e pertencimento. Nesta tese de Doutorado, pretende-se analisar os recursos acionados pela imprensa esportiva brasileira e espanhola para a representação do jogador brasileiro Neymar da Silva Santos Júnior. Perceber as convergências e ou rupturas nestas construções, levando em consideração as diferenças sócio-políticas e culturais entre os dois países. Comparar as construções entre os órgãos dos dois países permite iluminar questões identitárias e entender a relação dos meios de comunicação com a indústria do entretenimento/futebol em ambas as nações. Uma, entendida como o "país do futebol" e a outra como detentora de uma das Ligas mais rentáveis e assistidas no mundo. Para tanto, realizamos uma análise das narrativas esportivas de periódicos brasileiros e espanhóis, selecionados a partir de sua relevância histórica, peso de sua editoria esportiva e abrangência de distribuição. O recorte temporal escolhido para esta análise abarca os períodos relativos aos seguintes eventos: a) Copa das Confederações FIFA de 2013; b) Copa do Mundo FIFA de 2014; c) Jogos Olímpicos 2016; d) Copa do Mundo FIFA de 2018. A coleta dos dados analisados concentrou-se exclusivamente na mídia impressa, especificamente jornais.

Palavras-chave: Narrativas. Ídolos. Heróis. Celebridades. Futebol. Futebol-arte. Alegria.

ABSTRACT

SILVERA, Juan José Pereyra. **Neymar da Silva Santos Júnior from idol to meme**: the mediatic construction. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Neymar da Silva Santos Júnior, in contemporary times, would be the only worthy or faithful representative in activity - last but not least - of a dynasty of players who during some decades of the twentieth century had the genius of Leônidas da Silva, Pelé, Rivelino, Zico, Falcao, Romário, Rivaldo, Ronaldo "Fenômeno" and Ronaldinho "Gaucho", practicing a soccer that charmed the fãs around the world, and by the letters of intellectuals and sports journalists, with diverse interests and many extra sportive, football art "that would be in the monopoly world of Brazil: the" country of football ". The practical result was the achievement of five titles in the largest world tournament that the governing body of football (FIFA) promotes on the planet; the first three titles were obtained between 1958 and 1970, the fourth title came after a hiatus of 24 years in 1994 and the last in 2002. Between the creation of the epithet "football art" in 1938 and today many social transformations occurred in society, geopolitics and, consequently, sport. The process of globalization and mercantilization of sport, being converted into a media spectacle, promoted by the communications revolution, the advent of the internet and social media, definitively impacted the relations of the triad idol - fan club, fragmenting identities and changing forms of representation and belonging. This thesis aims to analyze the resources of the Brazilian and Spanish sports press for the representation of the Brazilian player Neymar da Silva Santos Júnior. To understand the convergences and / or ruptures in these constructions, taking into account the socio-political and cultural differences between the two countries. Comparing the constructions between the organs of the two countries allows illuminating questions of identity and understanding the relationship between the media and the entertainment / soccer industry in both nations. One, understood as the "country of football" and the other as the owner of one of the most profitable and assisted leagues in the world. In order to do so, we analyze the sports narratives of Brazilian and Spanish periodicals selected based on their historical relevance, the weight of their sports publishing and distribution coverage. The time cut chosen for this analysis covers the periods related to the following events: a) FIFA Confederations Cup 2013; b) FIFA World Cup 2014; c) Olympic Games 2016; d) FIFA World Cup 2018. The collection of data analyzed focused exclusively on print media, specifically newspapers.

Keywords: Narratives. Idols. Heroes. Celebrities. Soccer. Soccer art. Joy.

RESUMEN

SILVERA, Juan José Pereyra. **Neymar da Silva Santos Júnior de ídolo a meme:** la construcción mediática de una imagen. 2020. 190 f. Tese (Doutorado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Neymar da Silva Santos Júnior, sería en tiempos contemporáneos, el único representante digno en actividad -si no el último- de una dinastía de *craks* que durante algunas décadas del siglo XX, y principios del siglo XXI, contó con el genio de Leónidas da Silva, Pelé, Rivelino, Zico, Falcão, Romário, Rivaldo, Ronaldo "Fenómeno" y Ronaldinho "Gaucho", practicantes de un fútbol que encantaban a los aficionados de todo el mundo, y que por las letras de intelectuales y periodistas deportivos, con diversos intereses (ni todos sobre deportes), acordaron llamar de "fútbol arte" que estaría en el mundo como monopolio de Brasil: el "país del fútbol". El resultado práctico fue obtener cinco títulos en el mayor torneo mundial que la principal entidad del fútbol (FIFA) promueve en el planeta; los tres primeros títulos se obtuvieron entre 1958 y 1970, el cuarto título se produjo después de un paréntesis de 24 años en 1994 y el último en 2002. Entre la creación del epíteto "fútbol-arte" en 1938 y la actualidad se produjeron muchas transformaciones sociales, en la geopolítica y, en consecuencia, en el deporte. El proceso de globalización y mercantilización del deporte, convertido en un espectáculo mediático, promovido por la revolución de las comunicaciones, el advenimiento de Internet y las redes sociales, impactó definitivamente en las relaciones en la tríada ídolo - club - aficionado, fragmentando identidades y cambiando las formas de representación y pertenencia. En esta tesis doctoral pretendemos analizar los recursos desencadenados por la prensa deportiva brasileña y española para la representación del jugador brasileño Neymar da Silva Santos Júnior. Percibir las convergencias y o rupturas en estas construcciones, teniendo en cuenta las diferencias sociopolíticas y culturales entre los dos países. La comparación de las construcciones entre los órganos de los dos países permite iluminar cuestiones de identidad y comprender la relación de los medios de comunicación con la industria del entretenimiento y el fútbol en ambas naciones. Uno, entendido como el "país del fútbol" y el otro como el titular de una de las ligas más rentables y asistidas del mundo. Para ello, realizamos un análisis de las narrativas deportivas dela prensa brasileña y española seleccionadas por su relevancia histórica, peso de su ámbito editorial deportivo y de distribución. El marco temporal elegido para este análisis abarca los períodos relacionados con los siguientes eventos: a) Copa FIFA Confederaciones 2013; b) Copa Mundial de la FIFA 2014; c) Juegos Olímpicos 2016; d) Copa Mundial de la FIFA 2018. La recopilación de datos analizada se centró exclusivamente en medios impresos, específicamente periódicos.

Palabras clave: Narrativas. Ídolos. Héroes. Celebridades. Fútbol. Futbol Arte. Alegría.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Camisa oficial da seleção na Copa do Mundo 2006. 15
Figura 2 - Ficha de Neymar na Federación Española. 49
Figura 3 - A fábula da Pulga e o Moicano. 58
Figura 4 - Crônica de um duelo que não existiu. 61
Figura 5 - A culpa é do gramado..... 67
Figura 6 - Mas decide! 69
Figura 7 - Símbolo de uma derrota (O Globo). 70
Figura 8 - Símbolo de uma derrota (Marca)..... 70
Figura 9 - Capas Globo + capas caderno Confederações..... 81
Figura 10 - Son los mejores del Mundo. 88
Figura 11 - Se mide com la Masia. 89
Figura 12 - Os craques da final. 90
Figura 13 - Brasil, Copa Contestada. 91
Figura 14 - Capas Revistas Placar e Veja. 103
Figura 15 - Capa O Globo, vitória México 2014. 105
Figura 16 - Capa OESP, vitória México 2014. 105
Figura 17 - Comparativo Neymar e James Rodriguez - O Globo e OESP. 111
Figura 18 - Neymar fora da Copa (OESP e O Globo). 112
Figura 19 - Fratura de vértebra..... 113
Figura 20 - Brasil, reza forte - O Globo. 114
Figura 21 - Vergonha, vexame, humilhação. 115
Figura 22 - Marta melhor que Neymar. 122
Figura 23 - Futebol masculino de salto alto. 125
Figura 24 - Camisa seleção com o nome Neymar riscado. 128
Figura 25 - Capas do jornal na vitória dos Jogos Olímpicos de 2016..... 130
Figura 26 - Capa do jornal O Globo na estreia da seleção no Mundial de 2018. 136
Figura 27 - Neymar divertindo o treino simulando quedas em faltas. 145

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Total de reportagens analisadas.....22
Gráfico 2 - Total das narrativas - Copa Confederações 2013.....79
Gráfico 3 - Total de narrativas por jogo - Copa Confederações 2013.....80
Gráfico 4 - Total de narrativas - Copa do Mundo 2014.....97
Gráfico 5 - Total de narrativas por jogo - Copa do Mundo 2014. 97
Gráfico 6 - Total de narrativas Jogos Olímpicos 2016. 119
Gráfico 7 - Total de narrativas por jogo - Jogos Olímpicos 2016. 120
Gráfico 8 - Total de narrativas - Copa do Mundo 2018.....135
Gráfico 9 - Total de narrativas por jogo - Copa do Mundo 2018. 136

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Total de jogos nos eventos pesquisados. 20
Tabela 2 - Ganhadores Copas do Mundo. 31
Tabela 3 - Lista Eleitos Melhores do Mundo FIFA. 32
Tabela 4 - Títulos e prêmios por temporada*. 59
Tabela 5 - Estádios obsoletos. 73
Tabela 6 - Grupos Copa das Confederações - 2013. 78
Tabela 7 - Jogos Brasil Copa das Confederações – 2013. 79
Tabela 8 - Total das narrativas Categoria x Jornal. 79
Tabela 9 - Total Categoria Narrativas x Jogo. 79
Tabela 10 - Desempenho individual de Neymar - Copa das Confederações 2013. 80
Tabela 11 - Grupos Copa do Mundo 2014. 96
Tabela 12 - Jogos Grupo A - Copa do Mundo FIFA – 2014. 96
Tabela 13 - Total de narrativas Categoria x Jornal. 96
Tabela 14 - Total Categoria Narrativas x Jogo. 97
Tabela 15 - Desempenho Individual Neymar - Copa do Mundo FIFA 2014. 97
Tabela 16 - Grupos Jogos Olímpicos COI - Brasil 2016. 118
Tabela 17 - Jogos Olímpicos COI - Brasil 2016. 119
Tabela 18 - Total Narrativas Categoria x Jornal. 119
Tabela 19 - Total Categoria Narrativas x Jogo. 120
Tabela 20 - Comparativo público 2014 – 2016. 120
Tabela 21 - Grupos Copa do Mundo 2018. 134
Tabela 22- Jogos Grupo E - Copa do Mundo FIFA - Rússia 2018. 135
Tabela 23 - Total Narrativas Categoria x Jornal - CM 2018. 135
Tabela 24 - Total Categoria Narrativas x Jogo. 135
Tabela 25 - Desempenho Individual Neymar - Copa das Confederações 2013. 136

LISTA DE ABREVIATURAS

AFC	Confederação Asiática de Futebol
CAF	Confederação Africana de Futebol
COB	Comitê Olímpico Brasileiro
COI	Comitê Olímpico Internacional
COL	Conselho Administrativo do Comitê Organizador Local
CM	Copa do Mundo
CONCACAF	Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe
CONMEBOL	Confederação Sul-Americana de Futebol
JJOO	Jogos Olímpicos
FIFA	Federação Internacional de Futebol
MD	Jornal *Mundo Deportivo*
MVP	*Most Valuable Player* - (Melhor Jogador)
OESP	Jornal O Estado de São Paulo
PSG	*Paris Saint Germain*
UEFA	União das Associações Europeias de Futebol
VAR	Árbitro Assistente de Vídeo
WEB	World Wide Web - Rede Global

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

1 **FOOT-BALL** 24

1.1 **O futebol no Brasil como construção social e mediática** 25

1.2 **O "futebol-arte"** 29

1.3 **Os Artistas, as narrativas** 32

1.3.1 Craques: os ídolos e heróis do futebol 34

1.3.2 Celebridade esportiva, a nova categoria 37

1.4 **O jornalismo esportivo** 40

1.5 **Contexto de nossa investigação** 43

2 **ESTÃO CRIANDO UM MONSTRO, A GÊNESE!** 47

2.1 **Os desafios internacionais** 57

2.1.1 Copa América - Argentina 2011 63

2.1.2 Ouro Olímpico - Londres 2012 68

3 **A CONSTRUÇÃO DE UMA ILUSÃO** 72

3.1 **Brasil vs. Japão** 81

3.2 **Brasil vs. México** 83

3.3 **Itália vs. Brasil** 85

3.4 **Brasil vs. Uruguai** 86

3.5 **Brasil vs. Espanha** 87

4 **A MISSÃO POSSÍVEL - A COPA DO MUNDO FIFA 2014** 91

4.1 **Brasil vs. Croácia** 97

4.2 **Brasil vs. México** 101

4.3 **Brasil vs. Camarões** 104

4.4 **Brasil vs. Chile** 106

4.5 **Brasil vs. Colômbia** 111

4.6 **Brasil vs. Alemanha** 114

5 **VAI QUE É TUA - JOGOS OLÍMPICOS - 2016** 117

5.1 **Brasil vs. África do Sul** 122

5.2 **Brasil vs. Iraque** 123

5.3 **Dinamarca vs. Brasil** 126

5.4 **Brasil vs. Colômbia** 129

5.5 **Brasil vs. Honduras** 129

5.6 **Brasil vs. Alemanha** 131
6 **“THE BEST MEME FOOTBALL AWARDS” - COPA DO MUNDO - 2018** 134
6.1 **Brasil vs. Suíça** 136
6.2 **Brasil vs. Costa Rica** 139
6.3 **Sérvia vs. Brasil** 141
6.4 **Brasil vs. México** 143
6.5 **Brasil vs. Bélgica** 145
CONCLUSÃO 148
REFERÊNCIAS 164
APÊNDICE A – Tabelas completas de dados gerais analisados por jornal. 171
APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas realizadas 179

INTRODUÇÃO

Na Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, a Seleção Brasileira, formada por alguns dos galácticos[1], foi eliminada nas quartas de final pela França. No ano anterior, ao ganhar a Copa das Confederações FIFA - 2005 com o "quadrado mágico", a Seleção Brasileira tinha sido muito elogiada pela imprensa nacional e internacional.

A implementação do "quadrado mágico", realizada por Parreira, era formado por Adriano, Kaka, Ronaldo "Fenômeno", Ronaldinho Gaúcho. Robinho participava em certas ocasiões no lugar de Ronaldo.

Após a derrota para França e a eliminação nas quartas de final da Copa do Mundo, as narrativas do jornal *O Globo* definiam como medíocre e apático o futebol apresentado pela seleção na competição. Um dia após o jogo, Fernando Calazans na sua coluna do caderno de Esportes escreveu:

> Uma seleção sem cor, sem calor, sem ardor. Nada de futebol brasileiro. Nada. Um futebol sem graça, sem vida, sem alegria, sem personalidade, sem sequer o jeito brasileiro de jogar bola. Um futebol impessoal, incaracterístico. Uma seleção *dominada por medalhões em franca decadência que impuseram sua escalação* como Cafu e Roberto Carlos, duas nulidades na Copa toda. E Parreira com eles. Com eles no time e com Cicinho e Gilberto no banco. Com Ronaldo e Adriano no time, mais duas nulidades, com atuações pífias na Copa, um Ronaldo e um Adriano canhestros - e com Robinho no banco (O Globo, Esportes, 02/07/2006, p. 4, grifo nosso).

As críticas são para o técnico da seleção, Carlos Alberto Parreira, que optou pelos medalhões Cafu e Roberto Carlos – os dois chamados de "nulidade" na matéria – em detrimento de jovens talentos, em busca de um pragmatismo que evitasse uma nova derrota ante a França, um carrasco habitual, que já tinha eliminado a Seleção Brasileira nas quartas de final da Copa do Mundo de 1986, no México, e na final da Copa do Mundo de 1998, no *Stade de France*, em *Saint-Denis*.

Desta vez, o jogo pragmático de Parreira não deu resultado positivo, fato que o jornalista Rodolfo Fernandes na sua coluna do caderno de Esportes do jornal *O Globo*, sob o título de "Fim do dilema: perdemos jogando feio", escreveu: "A Seleção Brasileira finalmente resolveu o dilema que a perseguiu durante a Copa do Mundo, entre ganhar e jogar bonito: perdeu jogando feio, que foi a situação mais constante na competição" (O Globo, Esportes, 02/07/2006, p. 4).

---

[1] O termo foi cunhado por jornalistas espanhóis em 2000, quando começou o primeiro mandato do presidente Florentino Pérez, mas ganhou seu pleno significado em julho de 2003, quando foi anunciada a contratação do meio-campista David Beckham junto ao Manchester United, ao lado do português Luís Figo (trazido do Barcelona em 2000), o francês Zinedine Zidane (procedente da Juventus em 2001) e o brasileiro Ronaldo (Inter de Milão, 2002). Entre os galácticos, também estão os brasileiros Robinho, Roberto Carlos e Julio Baptista.

A emblemática frase de favoritismo estampada na camisa oficial, utilizada na competição: "Nascido para jogar futebol" (Figura 1), não se concretizou em campo. Na mesma edição do jornal, o jornalista Pedro Motta Gueiros afirmou: "Ao acreditar que sua superioridade era uma qualidade intrínseca, o Brasil se esqueceu de olhar para seus pontos fracos e para a força de seus adversários. Ao longo de três anos de preparação, a soberba escondeu os limites de uma excelente geração que jamais formou um grande time" (O Globo, Esportes, 02/07/2006, p. 8).

Figura 1 - Camisa oficial da seleção na Copa do Mundo 2006.

Fonte: Jornal *O Globo.*

A cobrança por uma renovação foi uma constante nas narrativas do jornalismo esportivo durante toda a preparação para a Copa do Mundo de 2010. A lista dos 23 jogadores convocados para disputarem a Copa do Mundo, dada a conhecer em 11 de maio de 2010, pelo então técnico Dunga – que até assumir a seleção, em agosto de 2006, nunca tinha dirigido time algum – continha surpresas e uma certa dose de frustração para a imprensa.

A surpresa era a falta de Ronaldinho Gaúcho, à época no Milão da Itália, e de Adriano "Imperador", atacante do Flamengo que tinha conquistado o Campeão Brasileiro de 2009.

A frustação ficou por conta da não convocação dos garotos Neymar e Paulo Henrique Ganso, do Santos Futebol Clube, que vinham demonstrando, segundo a imprensa esportiva e aficionados, futebol digno da Seleção Brasileira, e cobravam muito a integração no elenco destes últimos. Ganso, por ser um articulador e pensador criativo no meio de campo – que poderia ser uma opção para substituir Kaká, que chegou à Copa longe de sua melhor forma –, e o "garoto da Vila" Neymar, que vinha atraindo todas as atenções, até internacionais, fazendo os torcedores sonharem com a volta do "futebol-arte", sinônimo de Brasil ou do "país do futebol".

O técnico Dunga justificou a escolha de não os convocar:

> Dizem que eu deveria levá-los para ganhar experiência para 2014. Só pode ser brincadeira. A cobrança é agora, tenho que pensar em conquistar o título na África do

> Sul [...] O Ganso não foi bem e acabou na reserva no Mundial Sub-20. Já a seleção Sub-17, com o Neymar, não passou da primeira fase do mundial da categoria (O Globo, Esportes, 12/05/2010, p. 3).

O técnico não deixa de ter razão. A obrigatoriedade "moral" que todo time da Seleção Brasileira tem de ganhar a Copa do Mundo – imposta pelos torcedores e imprensa – não permite uma margem para experiências ou "aclimatações", e, num país com mais de 200 milhões de "técnicos", parece ser uma tarefa hercúlea satisfazer as preferências de todos.

O futebol sonhado por todos é aquele que encantou o mundo em décadas passadas, em detrimento do futebol pragmático e de resultados observado após a última vitória em Yokohama, Japão, na Copa do Mundo de 2002, onde Ronaldo foi o "Chuteira de Ouro" (goleador) da competição com oito gols (em terceiro lugar ficou Rivaldo, com cinco gols) e eleito o "Bola de Prata" da competição. A "Bola de Ouro" foi entregue ao goleiro alemão Oliver Khan, primeiro na sua posição a receber o prêmio[2].

A desclassificação da Seleção Brasileira novamente nas quartas de final da Copa de 2010, desta vez para Holanda por 2 a 1, desatou novamente as críticas ao futebol pragmático e sem alma, escolhendo seu comandante Dunga como principal culpado e Felipe Melo como o "vilão" pela sua expulsão do campo, deixando a equipe em desvantagem numérica.

A primeira página do caderno de esportes do jornal *O Globo,* do dia 03 de julho de 2010, vaticinava: "*O fim (definitivo) da era Dunga*[3] [...] Brasil só joga um tempo e, desequilibrado**,** dá adeus melancólico ao sonho do hexa" (grifo nosso).

No caderno de esportes, na mesma edição do jornal, o jornalista Carlos Eduardo Mansur afirma: "*Eliminação marca* o fim de uma geração e abre caminho para jogadores não lembrados por Dunga [...] O ataque também terá duas grandes *unanimidades nacionais* ignoradas por Dunga: Alexandre Pato, do Milão, e Neymar, do Santos" (grifo nosso).

Paradoxalmente, o "futebol-arte", agora reivindicado por todos, fora também criticado quando praticado sem vitória. Após o tricampeonato (1958-1962-1970), a derrota brasileira para Itália, pela segunda fase da Copa do Mundo de 1982, até hoje lembrada como "a tragédia do *Sarriá*"[4], na qual o futebol apresentado pela Seleção Brasileira foi elogiado pela imprensa

---

[2] O prêmio Bola *de Ouro* é dado ao melhor jogador do mundial segundo a FIFA. Um comitê da Federação faz uma lista de jogadores, e representantes da imprensa escolhem por votação o vencedor. O segundo lugar recebe a Bola de Prata e o terceiro Bola de Bronze.

[3] A era Dunga teve sua gênese nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990, quando, dirigida pelo técnico Sebastiao Lazzaroni, adepto do futebol de resultados em detrimento do "futebol-arte", segundo segmentos da imprensa, a Seleção Brasileira foi eliminada nas quartas de final pela seleção argentina. Dunga, agora técnico, tornou-se símbolo e vilão dessa derrota.

[4] A Tragédia do Sarria aconteceu durante a disputa da segunda fase da Copa do Mundo de 1982, em Barcelona, na Espanha. A seleção recheada de craques, como Júnior, Zico, Sócrates e Falcão na equipe titular, despontou como grande favorita ao título, mas o time dirigido por Telê Santana acabou sendo eliminado da competição pela seleção da Itália ao perder por 3 a 2. No dia 5 de julho de 1982, o Brasil foi vítima do carrasco Paolo Rossi, autor dos três gols italianos naquele confronto, que ficou conhecido como a

esportiva internacional como uma das melhores seleções do mundo, em todos os tempos, foi o marco para a discussão sobre jogo bonito e jogo pragmático ou de resultados.

Na sua coluna Papo de Esquina do jornal *O Globo* de 6 de julho de 1982, o jornalista Sergio Cabral, adepto do jogo pragmático e de resultados, declara:

> [...] Sei, por exemplo, que Leandro é capaz de fazer 1.859 embaixadas, depois das quais joga a bola no ombro, deixa correr pelas costas e apara com o calcanhar. E daí? O que adianta tudo isso se os italianos correm mais, ganham a bola dividida e têm mais coração? [...] Perdemos porque gostamos do futebol espetáculo, da coisa bonita, da categoria. Subdesenvolvidos, mas refinados, procurando o artístico, o difícil, o impossível. Enquanto os outros disputam o prático e o mais lucrativo" (O Globo, Esportes,06/07/1982, p. 3).

Podemos suspeitar que nas últimas décadas, para a mídia e para os aficionados, o estilo de jogo só é questionável perante a derrota, a vitória torna a perspectiva do estilo somente teórica e inócua. Os cinco campeonatos mundiais ganhos até hoje pelo Brasil seriam o atestado indiscutível de inocuidade desta discussão. Brasil tem sido vitorioso apresentando um "futebol-arte", alegre e vistoso – como nas Copas do tricampeonato –; derrotado jogando o mesmo futebol, na Copa 1982, na Espanha. Em contrapartida, tem também alcançado a vitória apresentando um futebol defensivo e pragmático, como na Copa de 1994, nos Estados Unidos.

Isto traz-nos algumas reflexões que não cabem nesta pesquisa, mas são questões boas para se pensar: será que os aficionados e os meios de comunicação só se sentem representados quando se pratica o "futebol-arte"? Qual estilo de jogar futebol seria o mais desejável ou mais apreciado? Ganhar jogando mal, perder jogando o "futebol-arte" ou simplesmente o futebol que vence? Acredito que o futebol que mais agrada à torcida do "país do futebol" é aquele que acaba em vitória, independentemente do estilo.

Podemos afirmar que o "futebol-arte" foi hegemônico por duas décadas, entre 1950 e 1970. Em cinco Copas disputadas, o Brasil chegou a quatro finais de Copa do Mundo e ganhou três (58, 62 e 70). Essa superioridade não é realidade hoje; é bom lembrar que nos últimos 45 anos, precisamente desde 1974, o Brasil ganhou duas das 12 Copas do Mundo que disputou no período[5], oito edições foram ganhas por seleções do continente europeu e quatro por equipes sul-americanas[6], o que não sugere precisamente a hegemonia de nenhum estilo futebolístico, mas no Brasil continua presente no imaginário popular a procura pelo "futebol-arte", contando sempre com um ou mais craques.

Tragédia do Sarriá, em alusão ao nome do estádio que ficava em Barcelona (num dos bairros mais caros) e seria implodido em 1997.

5 Copas do Mundo de 1994 nos EUA e 2002 na Alemanha.

6 Seleções ganhadoras das últimas 12 edições da Copa do Mundo FIFA: 1974 - Alemanha Ocidental; 1978 - Argentina; 1982 - Itália; 1986 - Argentina; 1990 - Alemanha Ocidental; 1994 - Brasil; 1998 - França; 2002 - Brasil; 2006 - Itália; 2010 - Espanha; 2014 - Alemanha; 2018 - França.

O único jogador brasileiro com um perfil adequado, que se encaixaria como candidato natural a preencher esta lacuna, era Neymar da Silva Santos Júnior, doravante denominado Neymar, sobre quem tem sido, até hoje, depositadas todas as esperanças.

É evidente, como afirma Helal, que o espetáculo futebol precisa e se nutre dos craques e ídolos, sem os quais perde-se todo o encanto, mas também precisa da retroalimentação dos meios de comunicação:

> [...] mídia e sociedade moderna não podem ser entendidas como departamentos autônomos, independentes entre si: a sociedade moderna é, em última instância, uma sociedade "midiatizada". A mídia seria, assim, um espaço privilegiado de produção de discursos sociais e os espetáculos esportivos modernos um dos emblemas mais visíveis deste processo de "midiatização" de eventos culturais (HELAL, 1998, p. 148).

Os meios de comunicação são os detentores do "discurso autorizado", nos moldes de Simoni Guedes, guardiões e senhores da memória[7], e atuam na construção de significados para os assuntos mais variados da vida social, incluindo nestes assuntos o esporte. Tornam-se o instrumento pelo qual se discutem os acontecimentos de nossa sociedade, que com a sua veiculação ganham o status de "realidade", ou seja, são artífices de uma construção social da realidade.

É no contexto acima exposto que a aparição em campo do jovem jogador brasileiro Neymar nos fez pensar nele como objeto de pesquisa desta tese de doutorado, que tem como objetivo investigar e perceber como esse atleta é representado no Brasil e na Espanha e quais os recursos acionados pela imprensa esportiva nessa construção.

Para obter respostas aos objetivos desta tese, inicialmente procuramos analisar como o atleta é percebido e narrado pela imprensa dos dois países e, num segundo momento, comparamos as convergências e /ou divergências desses dois olhares. Perceber, nesta análise, em que categoria o atleta é enquadrado no período selecionado, tomando como ponto de partida as seguintes indagações:

a) Seria ele um típico representante do "futebol-arte", que o imaginário popular outorga aos atletas oriundos do "país do futebol"?
b) Ele estaria incluso nas categorias mais tradicionais da imprensa esportiva como ídolo, herói, vilão, craque ou se apresentam novas categorias?

---

[7] O jornalista Sergio Souto destaca o papel dos jornais como senhores da memória: entre a dialética lembrar e esquecer, os jornais constituem-se como um dos senhores da memória da sociedade, aumentando seu campo de atuação e, sobretudo, o seu poder. "É preciso considerar ainda que o jornalista, ao selecionar fatos, relegar outros ao esquecimento, escolher a forma de sua narrativa e ao definir o lugar na página a ser ocupado pelo texto, dirigindo um olhar subjetivo sobre o acontecimento, mantém como essencial nesse trabalho a dialética lembrar e esquecer. Aos relatos que devem ser perenizados, imortalizados pela prisão da palavra escrita, contrapõem-se outros que devem ser relegados ao esquecimento" (SOUTO, 2011).

c) Em tempos de globalização e fragmentação de identidades, a importância da figura do ídolo permanece necessária para os aficionados ou para a indústria do futebol?

d) De que maneira a comunicação direta via redes sociais entre os atletas e seus fãs impacta estas narrativas?

Utilizamos para esta pesquisa a mídia impressa, especificamente jornais, reconhecendo que é a mídia que menor influência externa sofre, devido a inexistência de interatividade em tempo real com o público leitor na hora da construção das narrativas, mas continua sendo um pilar na construção do senso comum, socialmente aceito e compartilhado como uma realidade. O recorte temporal desta pesquisa abarca os seguintes eventos:

a) Copa das Confederações FIFA de 2013

b) Copa do Mundo FIFA de 2014

c) Jogos Olímpicos - COI de 2016

d) Copa do Mundo FIFA de 2018

O início do recorte temporal da pesquisa (2013) coincide com o início da carreira internacional do referido jogador na Espanha, precisamente no *Futbol Club Barcelona*.

Os periódicos observados na coleta de dados foram selecionados a partir de sua relevância histórica, peso de sua editoria esportiva, tiragem, abrangência da sua distribuição e volume de circulação.

A ideia inicial na escolha dos periódicos a serem analisados recaía sobre os jornais com foco exclusivo em esportes, ideia parcialmente abandonada pela carência de meios com esse perfil no Brasil.

O jornal esportivo *Lance!*[8], único do tipo no Rio de Janeiro e em São Paulo, não disponibiliza hemeroteca física nem acervo digital para pesquisa, além de uma baixa circulação, o que foi crucial para não ser utilizado durante a investigação. Utilizamos periódicos de duas cidades diferentes em cada país, para com isso termos também um escopo maior de olhares sobre o mesmo objeto. Do Brasil, utilizamos dois jornais, um do Rio de Janeiro (*O Globo*[9]) e outro da cidade de São Paulo (*O Estado de São Paulo*, doravante denominado *OESP*[10]), ambos

---

[8] *Lance!* é um jornal esportivo brasileiro publicado pela Areté Editorial desde 1997. Sediado na cidade do Rio de Janeiro, tem versões regionais para outros estados. Atualmente o Lance! disponibiliza alguns conteúdos multimídia através de sua página na *web*.

[9] *O Globo* é um jornal diário de notícias brasileiro, fundado em 29 de julho de 1925, sediado no Rio de Janeiro, com circulação nacional nas formas impressa e digital. É parte integrante do Grupo Globo, que inclui a Rádio Globo e a TV Globo. De orientação política conservadora, é um dos jornais de maior tiragem do país e forma o grupo dos principais jornais de referência do Brasil.

[10] *O Estado de São Paulo*, também conhecido como *Estadão*, é um jornal brasileiro publicado desde 1875 em São Paulo , cidade do Estado em que Neymar atuou no Brasil. Fundado com base nos ideais de um grupo de republicanos, ao lado do jornal *O Globo*, entre outros, forma o grupo dos principais jornais de referência do Brasil. A escolha do referido jornal também obedeceu ao critério de qualidade de imagem do seu acervo disponível online.

com cadernos específicos de esportes, tidos entre os periódicos de mais alta circulação e distribuição a nível nacional e oriundos das duas maiores cidades do país. Da Espanha, escolhemos o jornal *Mundo Deportivo,* da cidade de Barcelona[11], doravante denominado *MD*, e o jornal *Marca* da cidade de Madrid[12], por serem meios hegemônicos, com editorial exclusivo em esportes e congruentes aos objetivos que pretendemos neste trabalho. Levamos em consideração nesta escolha que o início da carreira internacional do atleta objeto desta pesquisa se deu na Catalunha, que mantém uma rivalidade histórica, sócio-política e consequentemente esportiva com Madrid, fato que enriqueceu com outras perspectivas as narrativas. O *corpus* da pesquisa está determinado na Tabela 1.

Tabela 1 - Total de jogos nos eventos pesquisados.

Copa das Confederações FIFA - Brasil 2013					
FASE	JOGO				DATA
Grupos	Brasil	3	0	Japão	15/06/2013
	Brasil	2	0	México	19/06/2013
	Itália	2	4	Brasil	22/06/2013
Semifinal	Brasil	2	1	Uruguai	26/06/2013
Final	Brasil	3	0	Espanha	30/06/2013
Copa do Mundo FIFA - Brasil 2014					
FASE	JOGO				DATA
Grupos	Brasil	3	0	Croácia	12/06/2014
	Brasil	0	0	México	17/06/2014
	Camarões	1	4	Brasil	23/06/2014
Oitavas	Brasil	1	1	Chile	28/06/2014
Quartas	Brasil	2	1	Colômbia	04/07/2014
Semifinal	Brasil	1	7	Alemanha	08/07/2014
3º Lugar	Brasil	0	3	Holanda	12/07/2014
Jogos Olímpicos COI - Brasil 2016					
FASE	JOGO				DATA
Grupos	Brasil	0	0	África do Sul	04/08/2016
	Brasil	0	0	Iraque	07/08/2016
	Dinamarca	0	4	Brasil	10/08/2014
Quartas	Brasil	2	0	Colômbia	13/08/2016
Semifinal	Brasil	6	0	Honduras	17/08/2016
Final	Brasil	1	1	Alemanha	20/08/2016
Copa do Mundo FIFA - Rússia 2018					
FASE	JOGO				DATA
Grupos	Brasil	1	1	Suíça	17/06/2018
	Brasil	2	0	Costa Rica	22/06/2018
	Sérvia	0	2	Brasil	27/06/2018
Oitavas	Brasil	2	0	México	02/07/2018
Quartas	Brasil	1	2	Bélgica	06/07/2018

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA e COI.

[11] O jornal *Mundo Deportivo* foi fundado em 1906, inicialmente como semanário, e desde 1929 com circulação diária. É a publicação esportiva mais antiga que se edita na Espanha e a segunda na Europa, atrás de *La Gazzetta dello Sport*, italiana, fundada em 1896. Tem seu foco em informar acerca da atualidade esportiva, em especial sobre o *Futbol Club Barcelona*.

[12] *Marca* é o jornal esportivo, mais lido na Espanha. Foi fundado em 21 de dezembro de 1938, com sede na cidade de Madrid, e opera com uma tiragem média de 413.252 exemplares diários, segundo informado no próprio jornal.

Portanto, inicialmente, fizemos uma análise sobre os caminhos percorridos pelo futebol, seus mitos, suas transformações, representações e significados historicamente e socialmente construídos. Há uma vasta bibliografia sobre o tema: Freyre (1938), DaMatta (1978), Helal et al. (2001), Giulianotti (2002) e Guedes (2009).

Em paralelo, observamos o desenvolvimento da imprensa esportiva no mesmo período, objetivando as transformações do modo de fazer jornalístico e sua interferência no esporte (TRAQUINA, 1999).

Ao analisar as matérias jornalísticas, utilizamos a análise de conteúdo (AC), seguindo as orientações de Klippendorff (1990) e Fonseca (2008).

As pautas jornalísticas foram observadas à luz dos argumentos de Muniz Sodré (2009, p.39), que destaca o conceito de notícia utilizado na prática profissional jornalística: "partindo de um 'fato bruto' o transforma em 'acontecimento' por meio da interpretação, relato que, desdobrado ou ampliado, nos dará possibilidade de acesso argumentativo ao 'fato social'".

Analisamos as narrativas da imprensa a partir da premissa de que nenhuma delas é desinteressada ou ingênua, tendo como ponto de partida as teorias de Patrick Charaudeau (2010) e Motta (2007) para interpretar a construção da narrativa midiática, salientando que o processo de informar é realizado e destinado por instâncias humanas, carregado de intencionalidade e, portanto, uma construção social da realidade (BERGER; LUCKMANN, 2004).

A coleta de dados foi realizada em todos os quatro jornais selecionados para a pesquisa, seguindo o critério de analisar especificamente todas as matérias que citam o atleta Neymar, referentes a cada jogo durante o período de três dias (um dia antes, no dia e um dia após cada jogo do evento), com exceção do último jogo disputado pela Seleção Brasileira em cada evento, sobre o qual excepcionalmente levantamos os dados de quatro dias (dois dias após a participação).

Nosso *corpus* abarcou as matérias jornalísticas de quatro jornais, dois brasileiros e dois espanhóis, relativos a 23 jogos de quatro eventos, durante 88 dias. Nesse período contabilizamos um total de 707 matérias (O Globo, 349; OESP, 214; MD, 70; Marca, 74), como observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Total de reportagens analisadas.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Numa primeira triagem, selecionamos e contabilizamos as reportagens nas categorias positiva, neutra e negativa, considerando também o resultado do jogo analisado, como observado no método de Análise de Valência (FERES JR.; SASSARA, 2016).

Enquadramos como "positivas" aquelas notícias que apresentam informações do tipo favoráveis ou elogiosas sobre o atleta como "Neymar, embora com 21 anos, tem o gosto das vitórias nas veias" (OESP, 14/06/2013, p. 4) ou "Neymar é a salvação da Seleção Brasileira para poder ganhar competições importantes", afirmação feita pelo jornalista Renato Mauricio Prado, na sua coluna do caderno de Esportes (O Globo, Esportes, 14/06/2013 p. 4).

Categorizamos como "neutras" as narrativas que não apresentam caráter de avaliação ou são simples referências a assuntos extracampo de jogo ou menção formal, como por exemplo: "Dezenas de jornalistas espanhóis, japoneses e de outros países estão no Brasil para acompanhar Neymar" (O Globo, Esportes, 14/06/2013 p. 2)

Foram categorizadas como "negativas" aquelas que indicavam pessimismo e/ou depreciação sobre o atleta, como por exemplo a coluna do jornalista Fernando Calazans no caderno de esportes d'*O Globo*: "Neymar mandou pelo menos para fora de campo e do jogo o italiano em que deu uma entrada violenta por trás. Levou um amarelinho por isso e, por isso também, foi substituído mais cedo no segundo tempo, para não levar outro" (O Globo, Esportes, 26/06/2013 p. 2).

Os resultados finais do levantamento por categorias se equivalem nos dois jornais brasileiros, de um total de 631 reportagens 338 foram positivas, 142 neutras e 152 negativas, como visualizadas no Gráfico 2.

Nos próximos capítulos, analisaremos cada evento por separado. Cinquenta por cento (50%) das narrativas negativas foram referentes à Copa do Mundo de 2014, para a qual as expectativas em torno da seleção eram muito elevadas. Dois elementos foram responsáveis pela alta expectativa: o triunfo na Copa das Confederações 2013, frente à Espanha, e o fato de ter a

oportunidade de, pela segunda vez, ser o país-sede e vingar, 64 anos depois, a perda da primeira Copa do Mundo, para Uruguai, sediada no Brasil em 1950, considerada à época como uma tragédia nacional, que ficou conhecida como "Maracanazo".

Após a organização quantitativa e categórica dos dados, seguindo os fundamentos de Motta (2010), fizemos uma Análise Crítica das Narrativas e obtivemos outras categorias, nas quais as narrativas se referiam ao atleta: craque, astro, cai-cai, simulador etc.

A narrativa coloca naturalmente os acontecimentos em perspectiva, une pontos, ordena antecedentes e consequentes, relaciona coisas, cria o passado, o presente e o futuro, encaixa significados parciais em sucessões temporais, explicações e significações estáveis (MOTTA 2010).

No capítulo seguinte, observaremos a relação entre o futebol e o jornalismo como produção do conhecimento, partindo de um conjunto de disposições que, sob a influência da fenomenologia, permitem desenvolver uma "teoria da comunicação aplicada aos meios jornalísticos" (CORREIA, 2009, p. 1). Neste sentido, analisaremos a relevância do jornalismo para a apreensão do mundo, com base no desdobramento da noção de construção social da realidade. Esta visão construcionista possibilitou o abandono da perspectiva objetivista, que limitava os efeitos sociais dos meios de comunicação a questões de ordem comportamental, em prol do reconhecimento do papel da comunicação mediática para a cognição social.

Inicialmente, iremos mapear o surgimento do futebol no Brasil, com seus mitos de origem e outros mitos criados midiaticamente no decorrer do processo, entre eles o "futebol-arte" e o "país do futebol", que fazem parte do imaginário nacional desta "pátria de chuteiras". Paralelamente, perceber a estreita inter-relação entre o esporte, especificamente o futebol profissional, como sistema complexo organizado[13], e os meios de comunicação de massa – neste caso, o jornalismo esportivo –, identificando como um influencia o outro, se complementam e modificam mutuamente, construindo socialmente uma realidade, na perspectiva da Sociologia do Conhecimento de Berger e Luckmann, que analisam através de "processos de legitimação pelos universos simbólicos" como o homem constrói seu próprio conhecimento da realidade. Os autores entendem esta realidade como um fenômeno existente, independentemente de nossa vontade e decorrente de uma ação humana; o homem constrói a realidade social ao mesmo tempo que sofre a sua influência.

---

[13] Sendo um sistema complexo, que tem marcado na modernidade a história da humanidade, dada sua difusão nos cinco continentes, o futebol conta com inúmeros e variados elementos interagindo na geração do seu contexto. Jogadores, torcida, clubes, mídia, instituições e corporações fazem parte deste sistema complexo e fascinante chamado futebol. Todos esses personagens são de vital importância para seu funcionamento e criam um círculo virtuoso, que por vezes torna-se vicioso.

1 FOOT-BALL

O *foot-ball* é gestado na Inglaterra do século XIX, no seio da escola pública, como parte da educação formal e cívica. Buscava-se, por meio do esporte, forjar a formação do "gentleman" ou gentil homem inglês, lapidando os instintos humanos como paixão, violência e agressividade, dando também as noções básicas de disciplina e trabalho em equipe (ALVITO, 2013, p. 17).

Aos poucos a aristocracia encontra nesse esporte uma forma de ócio conspícuo, uma ferramenta que proporciona prazer, reconhecimento e glória. Com a formação de diversas outras associações, deixa de ser exclusividade das instituições de ensino, alcançando outros setores da classe média da sociedade, entre eles comunidades religiosas e bairros operários.

> As regras de consenso da *Football Association*, estabelecidas em 1863 na cidade de Londres, foram sendo progressivamente aceitas e adotadas em diversas instituições, de forma que oito anos mais tarde foi criada a Copa da Inglaterra. Àquela altura dos acontecimentos, o futebol já deixara de ser um jogo exclusivo de estudantes no cumprimento particular das atividades curriculares, para tornar-se prática disseminada também pelos clubes, formados tanto pelas elites quanto por elementos da classe média urbana, a grande maioria ex-estudantes com interesse em continuar jogando futebol (MASCARENHAS, 2002, p. 84).

Na década de 1870, setores industriais do centro e norte da Inglaterra admitem que os operários participem das equipes de suas fábricas. A inclusão dos trabalhadores nas equipes contribui para acelerar a popularização do esporte, que passa a ser assistido por partes significativas das classes mais baixas da população. Helal (1997) afirma que a folga aos sábados, conquistada pelos operários, foi importante para tornar o futebol a principal forma de lazer da massa.

No processo capitalista de finais do século XIX, surge o futebol para o mundo, como um esporte moderno, se afirmando no decorrer do século XX como esporte de massas a nível global. A expansão industrial dos ingleses pelo mundo, visível com mais intensidade nas cidades portuárias, dissemina o futebol: "praticamente não há dúvidas de que o futebol foi introduzido na Argentina através de Buenos Aires; no Uruguai, por Montevideo; no Chile, por Valparaíso; na Itália, por Gênova e na França pelo porto normando de Le Havre. No Brasil, entretanto, a imensidão territorial e a existência de numerosos portos, dificulta localizar um único ponto no mapa para este fim" (MASCARENHAS, 2002, p. 88).

1.1 **O futebol no Brasil como construção social e mediática**

Faremos a seguir um breve resumo sobre os primórdios do futebol no Brasil e do desenvolvimento do jornalismo esportivo nos meios de comunicação, com o intuito de perceber os dois campos. Para analisar a chegada do futebol no Brasil, nos remeteremos às versões tradicionais, gestadas por intelectuais, como Gilberto Freyre e José Lins do Rego, e por jornalistas, como Thomaz Mazzoni, Mario Filho, entre outros, que de alguma maneira atestam o caráter elitista dos primórdios do futebol e a mediação contínua do jornalismo esportivo.

Segundo a versão cristalizada, durante décadas na memória da sociedade brasileira, e repetidamente citada, tanto pelos meios de comunicação como por diversos autores que se propõem a colaborar com a produção historiográfica sobre o futebol, o inicialmente denominado *Footbal Association* teria ingressado oficialmente no país pela atitude de Charles William Miller[14], um brasileiro, filho de pai inglês e mãe brasileira, que ao retornar de seus estudos no Reino Unido, ao final do século XIX, trouxera na equipagem bolas, uniformes e as regras do jogo. Surgiu inicialmente em São Paulo, sendo considerado um espaço de lazer sumamente restrito às elites brancas, e prontamente se disseminou entre os aristocratas paulistas e a comunidade inglesa residente em São Paulo.

No Rio de Janeiro, algumas versões afirmam que teria sido introduzido alguns anos mais tarde por outro anglo-brasileiro, Oscar Cox[15], um dos fundadores do *Fluminense Football Club*, no regresso ao Brasil após concluir seus estudos na Suíça. Outras versões, como a de Pereira, diferem:

> [...] o Fluminense é considerado o pioneiro na introdução do futebol no Rio de Janeiro. Seu mentor foi Oscar Cox. Contudo tal versão não é um consenso. Alguns relatos demonstram a prática do futebol na cidade antes do retorno deste estudante da Suíça. Nesta versão a primazia da introdução dos esportes na cidade seria de clubes de origem inglesa, como o *Payssandu* e o Rio Cricket, que já se divertiam com o futebol, assim como marinheiros ingleses aportados. O próprio Cox, quando menino, teria tido contato com o jogo no Colégio Abílio, com uma bola trazida pela sua família por volta de 1890 (PEREIRA, 2000, p. 21).

Faz-se imperativo, neste ponto, restabelecer a linha de tempo da história e esclarecer que a migração inglesa ao Brasil tem início na época das grandes navegações, intensificando-

---

[14] Charles William Miller, São Paulo 1874 - 1953. Filho de pai escocês e mãe brasileira de ascendência inglesa, com dez anos de idade foi estudar na Inglaterra. Foi funcionário da São *Paulo Railway Company* e vice-cônsul inglês no Brasil.

[15] Oscar Alfredo Sebastian Cox, Rio de Janeiro, 20/01/1880 Brasil - *Clermont, France* 06/10/1931. Filho de um britânico com uma brasileira, foi um dos fundadores do *Fluminense Foot-ball Club* e seu primeiro presidente, exercendo seu mandato entre 1902 e 1903.

se a partir de 1835, tendo operado larga influência no país ainda semicolonial, como descrito por Gilberto Freyre:

> O que era inglês no Recife no século XIX? O chefe das empresas ferroviárias e de navegação, o engenheiro, o importador de bacalhau, de vidros, de ferragens, de manteiga, de bebidas, de tecidos, o leiloeiro, o "alto negociante", a "firma sólida". O que mais o representava: a roupa de brim branco, a casimira, o boné, o chapéu de cortiça, o paletó de xadrez à príncipe de Gales, o cachimbo, o uísque, o gim, o rum, as grades de ferro nas casas, o rosbife, o sabonete, o pijama, alguns tipos de barba, o gramado no jardim, o cabo submarino, o chá, a louça, a novela policial, a casa de campo, o sanduíche – já feito, às vezes, alimento aculturado (o pão de trigo comprado na Inglaterra), com salsicha alemã e tomate de pesqueira (tudo isso acabou no cachorro-quente) – o footing, o gosto pelo cavalo e pelo buldogue, o piquenique, o presunto, o clube, o futebol, o golfe, o olho azul das misses não só para inglês ver, os anglicismos, a pontualidade britânica, o cemitério dos ingleses, onde foi enterrado Abreu e Lima, a Igreja Anglicana da Rua da Aurora, com renques de pitangueira, o livro inglês em tradução francesa (FREYRE, 2000, p. 57).

Várias inovações como a primeira iluminação a gás, os primeiros barcos a vapor, as primeiras redes de esgoto e as ferrovias foram obras dos ingleses. Foi no estado do Rio de Janeiro que se construiu a primeira estrada de ferro do Brasil, idealizada e financiada pelo Barão de Mauá[16], mas projetada por um engenheiro inglês chamado Willian Bragge. Torna-se estranho, então, o fato de que, segundo estas narrativas, os ingleses não terem trazido bolas e o hábito de jogar futebol ao Brasil, aguardando que um brasileiro, em viagem de estudos à Europa, se encarregasse da tarefa.

Para outros autores como Santos Neto, a mitologia criada em torno de Oscar Cox e Charles Miller decorre da publicação nos jornais da época das partidas organizadas por estes, reafirmando o caráter elitista dos primórdios deste esporte, encampado por intelectuais e jornalistas da época.

O autor sugere que a narrativa que transformou Charles Miller no pai do futebol brasileiro coincide com uma tradição que privilegia o protagonismo das elites em detrimento de outros grupos sociais. Na mesma linha, José Moraes dos Santos Neves afirma que atribuíram a origem do futebol no Brasil a um anglo-brasileiro, por causa de uma certa anglofilia característica das nossas elites[17] (SANTOS NEVES, 2002, p. 33).

---

[16] Irineu Evangelista de Sousa (1813, Rio Grande do Sul - 1889, Rio de Janeiro), conhecido por seu título de Barão de Mauá, foi um importante banqueiro, industrial e político brasileiro. Foi o pioneiro da industrialização no Brasil do século XIX, sendo responsável pela construção de grandes empreendimentos.

[17] A maioria dos "*clubs*" que surgiram nessa época adotavam nome inglês, assim com toda a linguagem adjacente, evidentemente ininteligível para os "comuns", negros e pobres. Eram os Athletic, os Sport, os Foot-ball e não eram clube, mas sim *club*. Essa opção de nomes estrangeiros deixa clara a intenção dos associados em se mostrarem como herdeiros da cultura do mundo civilizado no país. Não só os nomes dos clubes obedeciam a essa lógica como todo o linguajar adotado no futebol seguia esse princípio: Gool Keeper - goleiro; back - zagueiro; Centerfoward - centroavante; Ground ou field - campo de jogo; Referee - juiz; Foul - falta; Charge - tranco; Match - partida; Scratch – seleção; e assim por diante (FERNANDEZ, 2016, p. 81).

Desde sua introdução no Brasil, ocupa um espaço de integração e conflito, sendo protagonista de disputas regionais, de classes, de raça e de gênero (SOUZA, 2008, p. 26). Surgiu sendo considerado um espaço de lazer sumamente restrito às elites brancas e aristocráticas, de caráter essencialmente amador, na medida em que os pretos, mulatos e mestiços, que representavam a maior parte da população brasileira, eram dele excluídos.

Após décadas de segregação social, portanto também racial, e palco de luta e resistência dos excluídos para apropriarem-se desse bem cultural (SOARES,1998, p. 2), em 1933, o futebol torna-se "profissional" e intensifica sua popularidade[18].

Também se converteu em um instrumento de propaganda e controle ideológico por parte dos regimes de exceção vividos no Brasil no século XX (CORDEIRO, 2009). Em diversos momentos tentaram associar ideologicamente vitórias no esporte a seus regimes:

> Em 1970, vivia-se no Brasil o período de maior popularidade do regime, sob a presidência de Emilio Garrastazu Médici, com o início do "Milagre Econômico", a vitória foi incorporada e associada a este momento positivo. Mas, como dito, foi também quando aumentou a repressão, os presos políticos e a tortura, e o evento foi, neste momento, uma maneira do regime desviar a atenção destes crimes (MAGALHAES, 2012, p. 236).

À época, no estilo fascista de Mussolini, o Estado Novo de Vargas, entre 1937 e 1945, tentou utilizar o futebol como instrumento de propaganda para passar sua ideologia.[19]

> Em tempos de ditadura estadonovista, sempre atenta àquilo que acontecia nos regimes nazifascistas seus contemporâneos, uma dessas conexões se pretendeu direta, como mostram as comemorações das datas cívicas, que em regra tinham como palco principal um estádio de futebol. Se é evidente que a escolha do cenário de tais solenidades se pautava pelas dimensões físicas propícias do local, isso não significa que as dimensões simbólicas nele implícitas também não fossem consideradas; afinal, os estádios eram a um só tempo o produto mais aparente e a mais clara referência de todo um universo que começou a ser construído junto ao processo de popularização do futebol (FRANZINI, 2014, p. 95).

Um dos métodos utilizados foi o controle da mídia, que representava com a autoridade do seu discurso a massa de torcedores. Foi nesse período que o futebol se torna o esporte

---

[18] A criação da Liga Carioca de Futebol em 1933, favorável ao profissionalismo – para dar fim à desorganização e ao amadorismo – não contava com o apoio de todos os clubes do Rio de Janeiro. O futebol estava dividido em dois grupos: os que defendiam o profissionalismo e os que insistiam em que ele se conservasse amador, apesar das "gratificações" que os clubes davam aos jogadores.

[19] O debate em torno da importância dos esportes com fins político-ideológicos, como uma forma de autoafirmação nacional, já estava ocorrendo na Europa desde o final da Primeira Guerra Mundial em países como a Itália e a Alemanha (Jogos de Berlim 1936). No período entre-guerras (1918-1939), os esportes, assim como a moderna comunicação de massa, como imprensa, cinema e rádio foram significativos em transformar os símbolos nacionais em parte da vida dos indivíduos comuns, rompendo as divisões que existiam entre o privado e local e o público e nacional. Assim, "a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação" (HOBSBAWM, 1990, p. 171).

nacional e instrumento político para, através dele e da mídia, construir uma nação ordenada e disciplinada (SOUZA, 2008, p. 51-57).

Vê-se que, de algum modo, as novas teorias sociológicas sobre o país se coadunavam com a temática do nacionalismo do período de Vargas. E seus conceitos básicos eram *mistura e integração* (HELAL, 2001, p. 6).

Nesse contexto, surgem os primeiros ídolos negros da pátria, entre eles Leônidas da Silva, demonstrando que mistura e integração estão dentro dos campos de futebol, assim como "em toda a sociedade brasileira". O auxílio do esporte tem fundamental importância no processo de desenvolvimento do país, o futebol pode ser visto como um instrumento que permite aos brasileiros de todas as classes sociais, raça e credos quebrar simbolicamente a hierarquia cotidiana – baseada na ética tradicional – e experimentar a igualdade e justiça social, elementos fundamentais da ética moderna" (HELAL, 1997, p. 31).

As camadas menos privilegiadas da sociedade, composta de pretos, operários e trabalhadores de baixa renda, também se utilizariam do futebol para estabelecer ou delimitar seus próprios limites dentro da sociedade ou como um trampolim de ascensão social.

> O esporte é um bom exemplo para se estudar as transformações políticas, econômicas, e socioculturais pelas quais passam a sociedade brasileira. [...] O futebol traduz-se no maior fenômeno de massa do século XX e início do século XXI. No mundo, caracteriza-se como importante espaço aglutinador de jovens e associa-se aos argumentos intimamente ligados às mudanças sociais de nosso tempo (PIMENTA, 2006, p. 18).

Um pouco mais tarde, Garrincha, um descendente de índios que iniciou sua carreira futebolística numa fábrica têxtil, e Pelé, o menino negro e pobre da periferia de Santos, se materializavam como ídolos nacionais, representando o mestiço e o negro respectivamente nesta integração nacional, sentimento que durante a ditadura civil-militar atinge seu apogeu.

O futebol tornou-se a maior paixão popular do planeta e, no caso brasileiro, assume dimensão ímpar, por ter sido considerada uma das raízes centrais de sua identidade, indispensável para um entendimento global do Brasil (GASTALDO, 2002).

Um esporte repleto de significados, de simbologias, de valores para a existência humana em geral e, de forma singular, para os modos históricos de sua manifestação no interior da sociedade e da cultura brasileiras (PERDIGÃO, 1986, p. 63).

De significativa relevância nas diferentes sociedades, em setores como cultura e instituições, tem despertado o interesse das Ciências Sociais em diversas áreas e ocupado espaços cada vez maiores nos noticiários de economia, geopolítica, entretenimento e, nos últimos anos, o policial, invadindo também campos como cinema, literatura e teatro. Hoje, não pertence mais ao nicho de "somente uma manifestação cultural"; está no centro da economia, da política e da sociedade brasileira. Observa-se que é necessário entender a amplitude que o

esporte ganhou também na Comunicação: o esporte se desprendeu de tudo aquilo que o mantinha numa inferioridade social (EHRENBERG, 2010).

Até fins da década de 1970, a historiografia do futebol era escrita por jornalistas, intelectuais e ex-atletas. As Ciências Sociais ainda eram incipientes na matéria e coube ao antropólogo Roberto DaMatta, no final dessa década, argumentar contra a classificação do esporte como o "ópio do povo", alienador de massas, defendida por parte de alguns segmentos da intelectualidade dita progressista e marxista da época. O futebol, portanto, seria o único elemento apaziguador e aglutinador a conseguir unir Estado e sociedade, através de conceitos como democracia racial, igualdade de classes e de oportunidades; enfim, a tal "experiência de igualdade social e justiça" descrita por DaMatta (1994), que percorre um processo de exclusão, popularização, democratização e construção do estilo brasileiro de jogar futebol, o tal de "futebol-arte" do "país do futebol", assunto que trataremos no próximo subcapítulo.

1.2 **O "futebol-arte"**

Teria sido nas fábricas têxteis, nos campos de várzea ou nos terrenos baldios que a parte negra e pobre da sociedade brasileira, os "excluídos", contrariando o elitismo, tivera acesso ao futebol (SOARES, 2002, p. 130), tornando-se elemento fundamental na construção de um suposto estilo próprio, com nuances de dança, ginga[20] e malícia, em oposição ao futebol disciplinado praticado na Inglaterra.

Entre os clubes mais conhecidos, Bangu Atlético Club e Clube de Regatas Vasco da Gama permitiam a participação dos negros no futebol "oficial" nos seus times.[21]

Vários conflitos de classe e raça foram vividos nesse campo, pelo menos até a profissionalização do futebol, quando os jogadores poderiam ter dedicação exclusiva ao esporte e serem remunerados por isto. A remuneração estaria vinculada ao seu desempenho em campo e não à sua raça. Mesmo assim, até 1934, não encontramos jogadores de raça negra entre os representantes da Seleção Brasileira de futebol. Essa miscigenação de raças teria sido o fator

---

[20] Uma antecipação do estilo brasileiro de jogar futebol, tão bem fixado por Gilberto Freyre, como "um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de brilho e de espontaneidade individual... alguma coisa de dança e de capoeiragem" (MELLO, 1968, p. 238). A ginga é um dom que se manifesta não apenas no futebol, mas na dança, musicalidade, na vida dos brasileiros. Na capoeira, movimento do capoeirista que busca enganar ou iludir seu oponente, e, no futebol, movimento do corpo que o jogador faz na tentativa de enganar seu oponente.

[21] Em 1923, o Clube Regatas Vasco da Gama decide, pela primeira vez na história do futebol, colocar negros em seu time. Ironicamente, tornou-se campeão carioca neste ano. Devido a essa ousadia do Vasco da Gama, o clube não só conquistava o seu primeiro campeonato na primeira divisão, mas criava também a maior crise no futebol carioca pelo fato de seu elenco conter jogadores negros e analfabetos. Uma situação intolerável para os times formados por jovens estudantes e profissionais de alto nível da elite carioca.

preponderante na criação do estilo "único" ou "futebol-arte" que se jogava, no que viria a se autodenominar "país do futebol".

Tanto o "pais do futebol" como o "futebol-arte", supostamente nele praticado, não são mais que epítetos de uma construção social de intelectuais e jornalistas, com fins nacionalistas, amplificados pela imprensa esportiva, como um exemplo prático de equidade, posteriormente cristalizados no senso comum.

Suspeita-se, segundo Helal (2017), que a base simbólica do suposto "estilo único" ou "futebol-arte" brasileiros, entre outros motivos, teria origem na Copa do Mundo de 1938, após a publicação do artigo "Football Mulato" do cientista social Gilberto Freyre, no jornal *Diários Associados* de Pernambuco, em 17 de junho de 1938:

> Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de foot-ball; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas, técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga (FREYRE, 1938).

Fica evidente neste artigo que Freyre outorga à mistura de raças um valor positivo, fator preponderante da integração e equalização de diferenças sociais e raciais na história do Brasil, tal como descrito em *Casa-grande e senzala*[22].

Mario Filho, mais tarde, reforça a questão racial como crucial na construção do estilo brasileiro de jogar, no seu livro *O negro no Futebol Brasileiro*, cuja primeira edição, lançada em 1947, traz como prefácio o texto escrito por Freyre [23]. Antônio Jorge Soares, no seu artigo "História e invenção de tradições no campo do futebol", expôs algumas fragilidades desses argumentos:

> Os cientistas sociais que utilizam a obra de Mário Filho a qualificam de verdadeira, objetiva e completa. Parecem anunciar que, de fato, pouco teríamos a dizer sobre o período por ela coberto. Contudo, a utilização acrítica de dados e interpretações do NFB faz com que os "novos narradores" acabem por incorporar o viés nacionalista que inspirou Mário Filho, embora desejem atacar a democracia racial e acentuar o racismo ou a segregação na sociedade brasileira. Deixam de considerar que o NFB e seu autor sofreram as influências dos anos 30 e 40, marcados, sobretudo, pela mentalidade nacionalista e pela esperança da conciliação racial. As elaborações de Mário Filho sofreram a influência não só do pensamento de Gilberto Freyre, mas também de um "freyrismo popular". A visão de Mário Filho, como a de outros

[22] *Casa-grande & Senzala*, publicado em 1933, é tido como um marco simbólico da fundação do Brasil no plano cultural.

[23] "Aqui está um capítulo da história do futebol no Brasil, que é também uma contribuição valiosa para a história da sociedade e da cultura brasileira na sua transição da fase predominantemente urbana. Além disso, as páginas mais sugestivas de Mario Filho nos põem diante do conflito entre estas duas forças imensas – a racionalidade e a irracionalidade – no comportamento ou na vida dos homens. No caso, homens do Brasil. Homens de uma sociedade híbrida, mestiça, cheia de raízes ameríndias e africanas e não apenas europeias [...]" (FREYRE, 1947).

> intelectuais, artistas e escritores de sua época, está condicionada pela crença em um Brasil que, em poucos anos, teria passado da escravidão para a integração racial, via mestiçagem, caldeamento, amálgama ou conciliação (SOARES, 2001, p. 121).

As crônicas do jornalista Mario Filho e o olhar da imprensa esportiva francesa, que pairava entre a admiração das habilidades e a crítica a um suposto primitivismo e individualismo dos atletas da seleção de 1938 (DAMO, 2007, p. 5), também colaboraram para essa construção.

Autores como Oliveira Viana e Nina Rodrigues, em comunhão com o pensamento da imprensa francesa, viam nessa miscigenação um certo atraso ou primitivismo.

Este primitivismo é mencionado por Leite Lopes ao reproduzir um artigo do jornalista francês Gabriel Hannot, publicado no jornal *Le Mirror des Sports*, que afirma*:*

> "Os brasileiros, a maioria deles com rostos tingidos e sangue misto, têm qualidades naturais maravilhosas que os tornam jogadores de futebol natos. Infelizmente, a ideia de que o futebol é um esporte de equipe não atingiu seus cérebros... Não peça a eles que chamem os recursos da inteligência para ajudar seu valor atlético natural e seus novos músculos. Não exija deles as qualidades esperadas dos indivíduos associados e vivendo na sociedade" (LEITE LOPES, 1999 apud HELAL, 2018, p. 3).

O jornalista Thomás Mazzoni, por sua vez, em contraponto, afirma no livro *O Brasil na Taça do Mundo*: "enquanto futebolistas europeus viverem escravizados por teorias táticas, serão sempre medíocres praticantes do verdadeiro futebol, que deve ser jogo elegante, acrobático, improvisado e astuto" (MAZZONI, 1938, p. 88).

Os cinco campeonatos mundiais ganhos até hoje pelo Brasil seriam o atestado indiscutível deste futebol-arte, porém é bom lembrar que, nos últimos 45 anos, precisamente desde 1974, o Brasil ganhou somente duas das 12 Copas do Mundo que disputou no período, sendo que, em oito edições destas Copas, representantes do continente europeu sagraram-se ganhadores, como observado na Tabela 2, o que não sugere precisamente uma hegemonia do "futebol elegante, acrobático, improvisado e astuto" sobre o futebol "medíocre" europeu, preconizado por Mazzoni.

Tabela 2 - Ganhadores Copas do Mundo.

Copa do Mundo	País-sede	Ganhador	Continente
1974	Alemanha Ocidental	Alemanha Ocidental	EUR
1978	Argentina	Argentina	
1982	Espanha	Itália	EUR
1986	México	Argentina	
1990	Itália	Alemanha Ocidental	EUR
1994	EEUU	Brasil	
1998	França	França	EUR
2002	Coreia do Sul / Japão	Brasil	
2006	Alemanha	Itália	EUR
2010	África do Sul	Espanha	EUR
2014	Brasil	Alemanha	EUR
2018	Rússia	França	EUR

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como veremos na continuação, a figura do craque, outrora representante do "futebol-arte", começa a desvanecer-se devido à falta de vitórias que possam sustentá-lo e os outrora ícones deste estilo já não figuram mais entre os melhores do mundo. No mesmo período, entre os eleitos como melhores jogadores das respectivas Copas, Bolas de Ouro FIFA[24], constam somente dois brasileiros, Romário em 1994, e Ronaldo em 1998, contra cinco jogadores europeus, como detalhado na Tabela 3:

Tabela 3 - Lista Eleitos Melhores do Mundo FIFA.

Copa do Mundo	Bola de Ouro	País
Argentina 1978	Mario Kempes	Argentina
Espanha 1982	Paolo Rossi	Itália
México 1986	Diego Maradona	Argentina
Itália 1990	Salvatore Schillaci	Itália
EEUU 1994	Romário	Brasil
França 1998	Ronaldo	Brasil
Coreis do Sul / Japão 2002	Oliver Kahn	Alemanha
Alemanha 2006	Zinedine Zidane	França
África do Sul 2010	Diego Forlan	Uruguai
Brasil 2014	Lionel Messi	Argentina
Rússia 2018	Luka Modric	Croácia

Fonte: Elaborado pelo autor.

1.3 **Os Artistas, as narrativas**

> Nossa visão de nós mesmos, através do futebol, passa certamente pelos dribles, gingas, malandragens, enfim, por um estilo brasileiro. Isto implica na valorização do desempenho de determinados sujeitos tão especiais que os chamamos de artistas (GUEDES, 2006, s.p.).

Trata-se de um esporte coletivo, no qual 11 atletas, com papel específico e bem definido dentro do conjunto, somam esforços, com a missão de vencer o adversário, também composto por outro conjunto de 11 jogadores. O espírito de equipe e a obediência tática são condições prevalecentes para o conjunto vencer o adversário e chegar ao sucesso.

As funções nos conjuntos estão divididas em blocos não excludentes – um jogador de uma área pode eventualmente assumir momentaneamente a função de outro bloco – na seguinte configuração: a) ataque, com a missão de concretizar o objetivo principal do jogo, fazer os gols, o que se configura como o momento de maior emoção na partida e eventualmente determina vitória ou derrota; b) meio de campo: o "cérebro", aqueles que pensam o jogo, apoiam o ataque e auxiliam a defesa; c) bloco defensivo: que em última instância tem a missão de impedir a finalização de uma ação do oponente em gol, evitando, assim, a derrota.

[24] Disponível em: <https://www.fifa.com/worldcup/awards/golden-ball/>. Acesso em: 19 dez. 2019.

Sem diferença de gols a favor no resultado final, não há vencedores ou vencidos, o empate frustra assim o objetivo maior de uma partida, que é ganhar levando o oponente ao fracasso.

Não é justo num esporte coletivo classificar objetivamente estes blocos nem seus componentes por ordem de importância; todos têm o mesmo peso, devido à interdependência dos mesmos.

A imprensa esportiva, como parte de suas narrativas, e os aficionados, no seu fervor, classificam os atletas em categorias para diferenciá-los. São várias as categorias mais tradicionais do julgamento técnico e performático encontradas nas narrativas da imprensa. Vão desde os "craques", "ídolos", incluindo indivíduos de jogo vistoso e refinado, normalmente goleadores, que finalizam as ações e concretizam as vitórias, convertendo os gols, ou no papel de "garçons", que "servem" os companheiros dando passes magistrais, para estes somente empurrarem a bola para dentro do gol. Passando pelas categorias "cabeça de bagre", aqueles com pouca e nenhuma técnica; os "burocráticos", aqueles que não se comprometem nem ousam nada além de sua função específica, atuando de modo simples (o famoso arroz com feijão); os "mascarados", que acham que são melhores do que na realidade mostram e têm atitude de estrela, correm pouco e só jogam bem, fazendo firulas e dribles desnecessários somente contra times de menor expressão. Quando o adversário tem maior peso e qualidade técnica, a performance dos mascarados não se faz presente em campo; e, finalmente, os "vilões", que surgem quase que obrigatoriamente nas derrotas, normalmente por falha de função individual, são eles os que oportunizam e permitem à imprensa transcrever de forma simplista as derrotas.[25]

Também são contemplados na categoria vilões aqueles atletas com atitudes antiesportivas, que ferem de alguma maneira os padrões do *fair play*, com jogadas violentas e/ou comportamentos desleais em campo, como também por fatos acontecidos fora de campo, na vida pessoal dos atletas. Podemos observar em várias oportunidades que os resultados esportivos positivos (ou vitórias) justificam determinados comportamentos, os quais, se resultassem em derrota, sim, seriam catalogados de forma negativa e julgados de forma técnica e moral. Entendemos, portanto, que a nomenclatura da classificação depende da vitória ou da derrota; na primeira, o julgamento moral desaparece.

---

[25] "Se a vitória tem nos heróis seus protagonistas para os quais se destina o trono do futebol brasileiro, a derrota, por sua vez, também possui seu personagem principal e ele é aquilo que, aqui, denomino de vilão, ou seja, aquele jogador sobre o qual será depositada a culpa pelo insucesso em campo. Todos os seus atos dentro – e às vezes fora – das quatro linhas serão interpretados sob a luz de uma enorme intolerância com a perda da partida e, por isso, seus mínimos deslizes correrão o risco de se transformarem em erros fatais e, até mesmo, irremissíveis, pois serão compreendidos como a causa do fracasso" (COSTA, 2008, p. 12).

1.3.1 Craques: os ídolos e heróis do futebol

Entenda-se aqui como craque o jogador de futebol que, para além de possuir técnica apurada e amplo domínio da bola e do jogo, carrega consigo toda a "brasilidade", marca da prática esportiva brasileira, que encontraria na ginga, no drible, na ousadia, no lúdico, na contravenção e nas improvisações dentro de campo formas de maximizar e realçar, com alegria, o esporte bretão. Geralmente, os craques são os ídolos ou eventualmente os heróis, que a seguir descrevemos.

Com antecedentes na tradição religiosa, a palavra ídolo é derivada do grego *eídolon* e do latim *idolum,* significando imagem. Utilizada tradicionalmente para nomear "uma figura representativa de uma divindade a que se presta culto", como descrito no Dicionário etimológico da língua portuguesa (CUNHA, 1986, p. 422).

Os heróis, indivíduos considerados extraordinários por seus atos guerreiros desde as narrativas da mitologia, ambicionam a condição de deuses e libertadores da miséria humana. Estão na vanguarda da humanidade, são uma espécie de mortal em processo de divinização (MORIN, 1989, p. 26). Na nossa sociedade, cabe essa qualificação de heróis àqueles que se empenham em redimir a sociedade, lutando para conquistar um bem coletivo:

> O herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes (CAMPBELL, 1995, p. 36).

Contemporaneamente, o termo ídolo é utilizado para designar seres humanos que desfrutam de grande popularidade, aos que se ama com paixão ou aqueles a quem se prestam "louvores"; seriam, então, figuras públicas de diversas esferas sociais (música, esporte, artes e, hoje, até na política e no Poder Judiciário), "divindades" que carregam uma imagem vencedora pela importância dos seus feitos:

> Esta característica do "ídolo-herói" acaba por transformar o universo do futebol em um terreno extremamente fértil para a produção de mitos e ritos relevantes para a comunidade. Dotados de talento e carisma, o que os singulariza e os diferencia dos demais, estes "heróis" são paradigmas dos anseios sociais e através das narrativas de suas trajetórias de vida, que uma cultura se expressa e se revela (HELAL; MURAD, 1995).

Um jogador comum pode tornar-se herói com a realização de uma façanha, mas só a continuidade desta façanha na linha de tempo é que torna este herói um ídolo. Um fato isolado,

um gol vencedor numa final[26], "na bola do jogo", o coloca como herói da partida, mas esta situação ainda não irá torná-lo ídolo.

O herói pertence a um outro tempo, o seu vínculo é com o tempo sagrado e com eventos isolados. Sem antecedentes no tempo comum, pode transformar-se em herói de um dia para outro sem ter sido ídolo, assume esse papel ao realizar uma façanha num determinado momento importante. É condição impositiva que esta façanha ou situação mítica o coloque em evidência e seus efeitos serão perpetuados ou imortalizados.

Uma situação idêntica pode tornar herói o ídolo que a realizou. "O herói é aquele que concedeu a própria vida por algo maior que ele mesmo e que realizou algo ou passou por experiências pelas quais poucos passaram" (CAMPBELL, 1995, p. 36).

Ídolos e heróis são modelos para seus admiradores, dos primeiros se admira a vida e/ou a imagem que representam e dos heróis somente admiramos o feito:

> A importância ou relação desses feitos é estabelecida pelas categorias tempo e espaço. Tempo em relação à duração que a imagem permanece em evidência; espaço em relação ao "onde" cada imagem é construída – para quem ela é modelo e quais os limites alcançados por seus feitos. É principalmente a primeira dessas categorias – o tempo – que diferencia o ídolo do herói. O ídolo está ligado ao tempo cotidiano, à construção da imagem no dia-a-dia, batalha após batalha, evento após evento, dentro de uma lógica de fatos que ocorrem de forma sequencial e gradativa (MORATO, 2011, p. 2).

Pelé no Santos, Zico no Flamengo e Roberto Dinamite no Vasco da Gama, por exemplo, realizaram feitos excepcionais e permaneceram nos seus clubes por um longo período de tempo, firmando fidelidade, condição imprescindível para criar um vínculo intenso com a sua torcida e serem alçados ao patamar de ídolos e patrimônio do clube:[27]

> Em alguns casos esse vínculo se torna tão forte que a presença do ídolo pode transcender o clube e sua imagem passa a não depender mais dele. Tal fato acontece quando os torcedores vão aos jogos motivados não somente para ver o seu clube jogar, mas também para ver seu ídolo (MORATO, 2005, p. 129).

O Brasil é um país fértil em produzir mitos, ídolos e heróis e, apesar das diferenças socioeconômicas e pluralidade de personalidades no universo de indivíduos alçados a esse patamar, observamos que as narrativas da mídia acionam recorrentemente um *script* que

---

[26] Nesse sentido, são venerados como heróis aqueles que algum dia foram os responsáveis imediatos por realizar alguma façanha que vincule o seu nome ao momento da conquista. As finais esportivas, por pertencerem ao tempo sagrado, são ricas em criar heróis; os gols, os pontos ou as cestas decisivas são utilizadas como marco reservado aos heróis (GIGLIO, 2011).

[27] Nas últimas décadas, com o advento da globalização, esses vínculos são mais transitórios, não somente os jogadores que se destacam, mas também aqueles ainda em formação ou "promessas", como normalmente são descritos pela mídia, são negociados rapidamente para as ligas mundo afora, atuando em diversos clubes, seguindo a lógica de "rodar" (RIAL,2008), o que Florenzano (2009) denomina de "jogador-andarilho".

apresenta características semelhantes para tratar da vida destes sujeitos: é sempre com a mesma história – que muda de forma e, não obstante, é prodigiosamente constante – que nos deparamos (CAMPBELL, 1995, p. 15).

Entre essas características dos ídolos-heróis brasileiros, temos narrativas que idealizam talentos natos, molecagem e irreverência. No futebol brasileiro, disciplina e trabalho às vezes são sinônimos de falta de talento nato:

> O diferencial nas narrativas brasileiras estaria centrado justamente no predomínio da ênfase na conquista por meio da "genialidade", "irreverência" ou "malandragem". E os recursos acionados pela mídia na construção da figura de Romário enfatizam sobremaneira estes atributos considerados pela sociedade como "tipicamente brasileiros" (HELAL, 2003, p. 28).

Aquele que não precisa de esforço para sobreviver é considerado um "sucesso", o *Macunaíma* de Mario de Andrade[28]. A sociedade brasileira, por ser altamente hierarquizada, conforme coloca DaMatta (1978), tenderia a cultuar o desprezo pelo trabalhador "braçal", expressão que remete ao trabalho escravo e evidencia pouca aptidão, instrução e inteligência, uma tradução de falta de talento nato.

Esse modelo passa a ser mais predominante no país a partir da urbanização das cidades brasileiras, também sob a influência do movimento Modernista, como Helal afirma na análise das narrativas da trajetória do jogador Romário, sendo antagônico ao padrão do herói clássico, que exalta o esforço, a disciplina e o trabalho, como observado na biografia do jogador Zico, sobre a qual o autor enfatiza:

> [...] de forma peremptória, o sucesso através do esforço e do trabalho, se junta aos modelos de heróis mais próximos das sociedades anglo-saxônicas, permeadas por uma ética única do trabalho e do indivíduo. Este modelo é antagônico ao padrão predominante na construção da idolatria nas narrativas, por assim dizer, oficiais – nas quais a mídia é o instrumento legitimador no Brasil. Aqui, temos frequentemente um ideal "essencializado" de seres 'moleques' e "irreverentes" (HELAL 1999, p. 42).

Mais adiante, surgem as provações no caminho do candidato a herói, que, de forma arrebatadora, vence os obstáculos e retorna de sua missão dividindo sua glória com seus semelhantes. Essas provações farão com que o herói volte renascido, grandioso e pleno de poder criador, reforçando, assim, sua condição e transformando sua consciência (CAMPBELL,1995, p. 40). Em quase todas as narrativas de ídolos e heróis brasileiros na mídia, observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância juntamente com o talento nato.

---

[28] *Macunaíma*, livro de Mário de Andrad, publicado em 1928. A primeira edição, com 283 páginas, foi impressa nas Oficinas Gráficas de Eugenio Cupolo, em São Paulo. É considerado um dos principais romances modernistas brasileiros. A obra é uma rapsódia sobre a formação do Brasil, em que vários elementos nacionais se cruzam numa narrativa que conta a história de Macunaíma, o herói preguiçoso e sem nenhum caráter.

As provações são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. “Será que ele estava à altura da tarefa? Será que é capaz de ultrapassar os perigos? Será que tem a coragem, o conhecimento, a qualidade que o habilitem a servir”? (CAMPBELL, 1990, p. 134).

1.3.2 Celebridade esportiva, a nova categoria

Se até poucos anos atrás o futebol carregava todos os símbolos da modernidade associados à tradição, à cultura popular e ao Estado, na atualidade, observamos a redução do alinhamento do esporte ao Estado, à “pátria de chuteiras”[29] ou, como expressado pelo antropólogo Hugo Lovisolo, em entrevista ao jornal *O Globo*, sobre a derrota sofrida pela Seleção Brasileira, na final de futebol na Olimpíada de Sidnei, na Austrália: “a pátria calça chuteiras cada vez menores, há uma diversificação de interesses no esporte e no lazer. As tradições começam a ser corroídas pelas bordas”[30].

A introdução de outros elementos significativos no campo da representação, pela ampla exposição que a espetacularização e globalização do esporte proporcionam, solicitam uma outra categoria que atenda às novas configurações do espetáculo moderno.

Novos ídolos, que, para além de uma ótima performance esportiva, aliem os elevados índices de audiência e a representatividade/identidade com os espectadores/consumidores e garantam uma constante aproximação entre os “astros” e os consumidores, sejam reconhecidamente personagens carismáticos e performáticos.

Essa aproximação não dá margem à segmentação; crianças, adolescentes e adultos de ambos os sexos, de todas as classes socioeconômicas, raças e credos em diferentes nichos de mercado têm de se sentir representados.

Estéticas corporais incluindo neste quesito tatuagens, penteados, roupas, acessórios e estilos de vida aliados à visibilidade mediática inerente à alta performance no esporte, são os elementos articuladores para o aparecimento desta categoria: as celebridades esportivas.

O termo celebridade, no seu sentido comum e tal como hoje é conhecido, seria uma criação da mídia de massa moderna, segundo Ruebsaat (2007, p. 9). Começa com a fotografia no início do século XIX, quando, pela primeira vez na história, as pessoas puderam olhar suas imagens em outra coisa que não fosse um espelho. O desejo de reconhecimento é inerente à natureza humana, e sempre existiram pessoas aflitas por atenção; hoje, os meios de

---

[29] Imagem brasileira, a “pátria de chuteiras”, foi cunhada pelo dramaturgo e escritor Nelson Rodrigues para expressar a relação entre identidade nacional e Seleção Brasileira de futebol.

[30] Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=200020001001>. Acesso em: 20 jan. 2020.

comunicação de massa e as redes sociais permitem a estas a exposição de suas individualidades em alta escala e de forma global.

A televisão e o jornal impresso, ao longo do século XX, foram conformando o que hoje, com o advento da tecnologia digital e mídias sociais, se acentuou. A internet se constitui, então, em um lugar de acesso quase que universal a diversos tipos de celebridades.

Pela perspectiva do sociólogo inglês Chris Rojek (2008, p. 15), existem três tipos de celebridades:

a) a "celebridade conferida", que está diretamente relacionada à linhagem consanguínea, ou seja, existe uma predeterminação e prescinde de ocupar um lugar de destaque por méritos próprios – seria o caso dos descendentes da realeza, por exemplo;
b) quando indivíduos com desempenhos notórios, por qualidades individuais em algum campo, alcançam notoriedade pelas suas realizações, tidas como excepcionais, são categorizados pelo autor como "celebridade adquirida" – Neymar seria um bom exemplo;
c) as personalidades que, por seu comportamento, atitude e exibição, recebem atenção e exposição midiática são consideradas como o terceiro tipo: "celebridades atribuídas" – por exemplo, os *instagramers*[31].

No caso específico desta pesquisa, vamos focar somente nas "celebridades adquiridas", produzidas pelo esporte, particularmente no futebol, ressaltando que, para tornar-se celebridade neste âmbito, é preciso primeiro ter performance esportiva de excelência e, através desta, reconhecimento no mundo do espetáculo futebol.

Todo espetáculo é articulado para a perpetuação das celebridades, atendendo aos interesses midiáticos e aos anseios de consumidores e cidadãos:

> A celebridade também é produzida e manipulada pelo mundo do espetáculo, estes são os ícones da cultura da mídia, os deuses e deusas da vida cotidiana. Para alguém se tornar uma celebridade é preciso ser reconhecido no mundo do espetáculo, seja no esporte, no entretenimento e na política. As celebridades têm seus assessores e articuladores para assegurar que suas imagens continuem a serem notadas de forma positiva pelo público (KELLNER, 2004, p. 6).

Neste sentido, performance esportiva, reconhecimento do público consumidor, visibilidade midiática, estilo de vida e estética corporal são os elementos articuladores para tornar-se celebridade no esporte e, com isto, ser apreendidos pela indústria que gira em torno

[31] Um *instagrammer* é um usuário do serviço de compartilhamento de fotos e mídias sociais do Instagram, o aplicativo de compartilhamento de fotos e vídeos mais popular, que por sua vez permite que você os carregue em qualquer outra rede social, como Facebook, Tumblr, Flickr ou Twitter.

desse universo, como instrumentos de marketing, movimentando um mercado milionário alicerçado nos sonhos e fantasias dos consumidores em busca de identificação.

Inserido nesse contexto, o espetáculo midiático erige indivíduos admiráveis, novos ídolos e celebridades, com rapidez e eficácia, que atendam ao interesse público dos consumidores e das grandes marcas globais, estimulando desejos cada vez mais particulares (individuais), gerando lucro e reconhecimento para as empresas, celebridades e veículos de comunicação (FERRAZ; MARQUES, 2012, p. 4).

A imagem desses ídolos é constantemente manipulada pela mídia, esta exalta ou omite determinados atos segundo conveniências nacionalistas, econômicas ou editoriais, não existindo um parâmetro único para fatos idênticos.

Podemos afirmar que o espetáculo futebol contemporâneo possui um papel preponderante não só na construção dos novos ícones do entretenimento como também nas alterações da identidade nacional num mundo globalizado. No artigo "A antropologia do óbvio", DaMatta estabelece uma analogia entre o espetáculo mediático contemporâneo e a construção da realidade nacional:

> Assim, embora o futebol seja uma atividade moderna, um espetáculo pago, produzido e realizado por profissionais da indústria cultural, dentro dos mais extremados objetivos capitalistas e burgueses, ele, não obstante, também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares (DAMATTA, 1994, p. 12).

Entendemos que são os ídolos, mas também as celebridades, que garantem o público em qualquer espetáculo; no esporte não seria totalmente diferente, um fenômeno de massa não se sustenta sem a presença de estrelas[32], são elas que atraem as pessoas aos eventos (HELAL, 1999, p. 2)[33].

Dentre os diferentes setores influenciadores e influenciados pelo futebol, a mídia exerce um papel importante neste processo de construção do ídolo, estabelecendo grande parte da relação dos personagens que constroem o fenômeno (TOLEDO, 2002).

Atualmente, diante das facilidades tecnológicas, a imagem dos ídolos está cada vez mais presente para os torcedores. Mesmo os ídolos distantes, não mais vinculados aos clubes de

---

[32] Entendemos aqui como "estrelas" as figuras proeminentes na sua área de atuação que, segundo Morin, "são seres ao mesmo tempo humanos e divinos, análogos em alguns aspectos aos heróis mitológicos ou aos deuses do Olimpo, suscitando um culto, e mesmo uma espécie de religião" (MORIN, 1989).

[33] Para citar um exemplo, na Copa América FIFA de 2019, sediada no Brasil, podemos constatar o acima alegado na partida Chile vs. Uruguai – dois times recheados de estrelas (Cavani, Suárez, Vidal, Alex Sanches, Godin, entre outros); o público pagante ultrapassou a casa de 49.000, superando a renda da partida inicial entre Brasil (anfitrião) e Bolívia, com 47.619. No outro extremo, se enfrentaram as seleções de Bolívia e Venezuela, sem nenhuma estrela conhecida, para um público pagante de 4.640 pessoas.

coração, mas aos clubes do exterior, podem ser acompanhados com facilidade. O avanço tecnológico encurtou as distâncias geográficas. Basta ligar a televisão ou acessar a internet para acompanhar as ligas europeias e os jogadores que lá atuam. Aproximar o público dos campeonatos realizados no exterior faz com que as imagens dos jogadores, muitas vezes dos próprios brasileiros – que devido às novas "dinâmicas do rodar" (RIAL, 2008) nunca atuaram no Brasil –, passem a fazer parte do imaginário de muitas pessoas, que acabam por ter os jogadores estrangeiros ou brasileiros-estrangeiros como seus ídolos.

1.4 **O jornalismo esportivo**

Existe uma estreita relação entre esporte e meios de comunicação, dois setores de potencial força expressiva na modernidade, que permanece desde o surgimento de ambos durante o século XIX, como Gastaldo resume no seu artigo "A Arquibancada eletrônica: questões sobre futebol, mídia e sociabilidade no Brasil":

> Na gênese histórica do mundo contemporâneo, é interessante notar o surgimento quase concomitante do esporte moderno e dos meios de comunicação de massa, em fins do século XIX. Por exemplo, a primeira Olimpíada da era Moderna (1896) foi realizada no ano seguinte à primeira sessão pública de cinema (1895); a Copa do Mundo de 1938 ensejou a primeira transmissão de rádio intercontinental, enquanto a Copa de 1998 foi também a ocasião da primeira transmissão internacional de televisão de alta definição (HDTV) (GASTALDO, 2004, p. 2).

No século XX, a evolução tecnológica dos meios de comunicação de massa também está atrelada a importantes eventos esportivos; em 1962, na Copa do Mundo do Chile, a câmera lenta é testada no evento; o "*replay*" é incorporado às transmissões de TV, em 1970, na Copa do Mundo do México; em 1990, na Itália, é testada pela primeira vez a transmissão digital de sinais; em 2006, no Mundial da Alemanha, as operadoras de telefonia móvel iniciam os testes de retransmissão (CARMONA; POLI, 2006, p. 258).

As transformações econômicas, tecnológicas e culturais promovidas nas últimas décadas, com a expansão civilizatória da cultura capitalista, impactaram também os esportes.

Os novos padrões tecnológicos e culturais do mercado propiciaram a espetacularização da indústria cultural de consumo; hoje, consumimos produtos materiais e culturais, em escala universal. O futebol adquire, então, uma nova dimensão.

Sendo um sistema complexo, que tem marcado na modernidade a história da humanidade, dada sua difusão nos cinco continentes, o futebol conta com inúmeros e variados elementos interagindo na geração do seu contexto.

Jogadores, torcida e/ou consumidores, clubes, instituições, corporações e mídia fazem parte deste sistema complexo e fascinante chamado futebol. Todos esses personagens são de vital importância para seu funcionamento e criam um círculo virtuoso, que por vezes torna-se vicioso:

> Assim, mídia, público, ídolos, fãs, indivíduos anônimos e celebridades, artistas e audiência, ao mesmo tempo em que fazem parte de dimensões sócio-existenciais diferenciadas, coexistem dentro de um universo integrado onde uma parte não faz sentido sem a outra (HELAL, 1998, p. 145).

Hoje convertido num espetáculo midiático, vem alterando as configurações nas relações entre os componentes deste sistema e suas interações: clubes virando empresas privadas; torcedores convertidos em clientes[34] ; a mídia, com os avanços tecnológicos que permitem maior interatividade em múltiplas plataformas digitais convergentes, pulverizando identidades; e os ídolos e heróis, hoje globais, que são os editores de suas próprias narrativas via redes sociais, pautando constantemente os meios de comunicação de massa, protagonizam as mudanças mais significativas.

Várias modalidades esportivas nas últimas duas décadas tiveram suas regras alteradas significativamente, encurtando o tempo possível de uma partida, como no voleibol ou basquete. Essas alterações atendem a demandas dos meios de comunicação, na busca de racionalizar as transmissões e ganhar tempo para propagandas.

Podemos afirmar que os meios de comunicação de massa sempre perceberam no esporte, especialmente no futebol, um produto que lhes poderia render poder, audiência e lucros, elementos básicos para seu desenvolvimento e permanência no mercado.

Desde o início do século XX, a mídia teve um papel preponderante na mediação entre esporte e sociedade ou entre esporte e consumo em vários países do mundo: em novembro de 1902, Henri Desgrange, diretor da publicação francesa sobre esportes *Láuto*, idealizou a *"Tour de France*" (Volta ciclística da França). No dia 1º de julho de 1903, 60 ciclistas, entre amadores e profissionais, partiram de Paris para cobrir 2.428 quilômetros de estrada em três semanas. Resultando num sucesso, consequentemente se tornou um assunto de interesse do público, alavancando o conteúdo e as vendas da publicação esportiva.

Outros jornais europeus aderiram à ideia e, em 1909, o jornal *La Gazetta dello Sport*, de Milão, Itália, criava nos mesmos moldes o *Giro d'Italia* (Volta ciclística da Itália); em 1935,

---

[34] A "empresarização" dos clubes e a "clientelização" dos torcedores são elementos fundamentais para entender a mudança da relação entre eles, quando se deixa de lado o estímulo a uma relação de identidade mais apurada e de pertencimento, para uma relação orientada para o consumo, consequentemente, buscando atrair um público de maior poder aquisitivo aos seus jogos – ainda que este tivesse pouca ou nenhuma relação afetiva com a instituição (SANTOS, 2017, p. 219).

o jornal espanhol *MD*, de Barcelona, repete a ideia e promove a *Vuelta ciclista a España* (Volta ciclística da Espanha), consideradas hoje as três competições mais importantes do ciclismo mundial.

Segundo o site oficial do *Tour de France*[35], em 2017, a prova foi transmitida por 100 canais de televisão (60 com transmissão ao vivo), contando com a participação de 2000 profissionais da imprensa entre jornalistas, fotógrafos, operadores de câmera, que atenderam às mais variadas mídias: TV, internet, jornais impressos, rádios e revistas especializadas, que juntas alcançaram algumas dezenas de milhões de espectadores.

O jornalismo esportivo é um dos segmentos, dentro dos meios de comunicação, que mais se desenvolveu e, consequentemente, sofreu modificações nas últimas décadas, aumentando sensivelmente o número de horas dedicadas ao esporte na grade da programação das emissoras de TV aberta e o número de canais de TV por assinatura dedicados com exclusividade ao esporte, distribuídos por cadeias internacionais como ESPN, Fox, Sky Sports, entre outras.

As transformações mais recentes, obedecendo a novos padrões tecnológicos e culturais de mercado, deram vida à indústria cultural do consumo, dentro da qual o esporte é um dos que mais subprodutos – ou produtos periféricos – oferece. As transições têm criado também modificações externas, chegando a alterar o ritmo e regras de diversos esportes em benefício das transmissões televisivas, a exemplo do tênis, basquete e voleibol, evidenciando o poder político, econômico, normativo e social que estes conglomerados mediáticos detém, como também ensaiando algumas mudanças do controle acionário de clubes, comprados por empresas de mídia, e o investimento de clubes em emissão televisiva de seus jogos, invertendo com isto uma equação predadora dos grandes conglomerados.

A mídia faz parte da engrenagem que movimenta a máquina econômica ligada ao futebol, atua como um importante "multiplicadora do jogo" (TOLEDO, 2002, p. 162), "transcende as suas funções tradicionais de informar e explicar" (DARDENE, 1999, p. 265) e hoje precisa também entreter e cuidar dos interesses econômicos.

A globalização do esporte, alavancada pelo avanço das comunicações, fez a indústria do entretenimento perceber um nicho de mercado de bilhões de indivíduos, consumidores de esporte espetáculo e de todos os produtos e serviços derivados que essa atividade propicia. A heterogeneidade presente no perfil desses consumidores, que não filtra idade, gênero, cultura ou etnia, atrai empresas de diferentes segmentos interessadas em explorar esse mercado.

---

[35] Disponível em: <https://www.procyclingstats.com/index.php>. Acesso em: 12 dez. 2018.

Nos países subdesenvolvidos, as emissoras de TV utilizam seu poder de difusão e financeiro, para impor calendários para a realização de jogos e torneios às Federações nacionais e internacionais.

Dias e horários dos jogos são escolhidos segundo os *ratings* de audiência, sem afetar a grade programática estabelecida das emissoras. Os clubes ficam obrigados a realizar jogos a cada 72 horas, sem contar os treinamentos e viagens constantes, às vezes sem descanso ou férias. Por outra perspectiva, cabe aos meios de comunicação, além de dar visibilidade mundial e publicidade aos eventos, editar as narrativas de vida sobre ídolos, heróis, tornando-os íntimos dos torcedores, convertendo-os em modelos a serem imitados.

Nenhuma edição das narrativas dos ídolos é ingênua e só atende à curiosidade da audiência; em quase todas as oportunidades, visam manter em alta a visibilidade do atleta, o que consequentemente acarreta exposição e propaganda das marcas patrocinadoras do atleta que as representa. A imagem destes ídolos é constantemente manipulada pela mídia, esta exalta ou omite determinados atos, segundo conveniências nacionalistas [36], econômicas ou editoriais, não existindo um parâmetro único para fatos idênticos.

1.5 **Contexto de nossa investigação**

> [...] Sei, por exemplo, que Leandro é capaz de fazer 1.859 embaixadas, depois das quais joga a bola no ombro, deixa correr pelas costas e apara com o calcanhar. E daí? O que adianta tudo isso se os italianos correm mais, ganham a bola dividida e têm mais coração? [...] Perdemos porque gostamos do futebol espetáculo, da coisa bonita, da categoria. Subdesenvolvidos, mas refinados, procurando o artístico, o difícil, o impossível. Enquanto os outros disputam o prático e o mais lucrativo (O Globo, Esportes, 06/07/1982, p. 3).

As afirmações acima foram publicadas na coluna Papo de Esquina do jornal *O Globo*, pelo jornalista Sergio Cabral, logo após a derrota do Brasil para a Itália, nas quartas de final da Copa do Mundo de 1982. A Seleção Brasileira, comandada pelo técnico Tele Santana, contava com jogadores como Zico, Falcão, Sócrates, entre outros, e foi elogiada internacionalmente

[36] Por aqui, exemplos de tratamentos diferentes para atos idênticos, puxando pela memória, lembro-me de alguns exemplos históricos como os gols convertidos com a mão (uma de Deus) de Maradona contra a Inglaterra no estádio Asteca, em 22 de junho de 1986, pelas quartas de final da Copa do México, e outro do Túlio Maravilha contra a Argentina pelas quartas de final da Copa América de 1995, no estádio Atílio Paiva de Oliveira, em 17 de julho de 1995, na cidade de Rivera, Uruguai. O primeiro é lembrado até hoje como falta de caráter e entra em pauta diversas vezes ao ano, numa tentativa de nunca apagar da memória do torcedor tremenda falcatrua (na Web encontrei mais de 210.000 citações), falta de espírito esportivo, deslealdade e péssimo exemplo para as gerações de atletas em formação. O outro (o do Túlio) virou uma peça do folclore, amplamente festejado até por ter sido cometido contra um arquirrival. Na transmissão da Globo, Galvão Bueno diz*: "*Ele foi malandro", "Os argentinos vão chorar durante um mês", "Túlio é Maravilha até com o braço"; isso reforça a frase de autoria do narrador: "Ganhar é bom, mas ganhar da Argentina é melhor ainda".

como uma das melhores seleções de todos os tempos. Esta derrota foi o marco para a discussão sobre o que era mais importante: ganhar jogando mal ou perder jogando bem, dando espetáculo. Em outras palavras: jogo bonito ou jogo pragmático ou de resultados, qual seria o mais desejável?

Após um hiato de 24 anos sem vitórias, a última conquista tinha sido o tricampeonato em 1970, a Seleção Brasileira volta a vencer a Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos, derrotando a equipe da Itália na final, nos pênaltis; e na Copa do Mundo de 2002, vencendo a Alemanha por 2 x 0, no tempo regulamentar. Essa seria a última vitória da Seleção Brasileira antes de iniciar um novo ciclo de fracassos.

Nas quartas de final da Copa do Mundo de 2006, na Alemanha, o Brasil seria novamente derrotado, dessa vez para a seleção francesa. A capa do jornal *O Globo* referente a essa partida estampa a manchete: "*França liquida Brasil*", que descreve a atuação da seleção no corpo do texto da matéria: Com *atuação medíocre* seleção é eliminada da Copa, agora só nos resta Felipão (em referência ao único brasileiro a permanecer na Copa, classificando Portugal como técnico, após derrotar a Inglaterra nos pênaltis) (O Globo, 02/07/2006, capa, grifo nosso).

Percebemos que a imprensa tenta, de alguma maneira, lembrar que o Brasil permanece na Copa do Mundo, mesmo sendo por intermédio de um técnico e, mesmo assim, comandando uma seleção estrangeira, sem nenhuma tradição no torneio.

No Caderno da Copa d'*O Globo*, aparece a manchete: "*De novo, a França*", com o subtítulo: "Seleção mostra completa *apatia* e dá adeus melancolicamente ao Mundial" (O Globo, Esportes, 02/07/2006, p. 3, grifo nosso).

Percebemos que a narrativa afirma que o Brasil perdeu pela mediocridade do seu jogo, destacando a "completa apatia" e uma atuação pífia da seleção, que chegou à Alemanha como uma das favoritas à conquista do título. Em momento algum é reconhecido que a equipe francesa tem algum valor pela vitória, simplesmente o Brasil perdeu porque jogou mal.

Essa derrota inaugura um novo ciclo, no qual se esvanece a narrativa do craque e também a de "futebol-arte" ou "jogo bonito" e ganha destaque a narrativa do "jogo pragmático" ou de resultados e os vilões (pelo menos durante as Copas do Mundo, ápice do futebol mundial, universo frequentado somente pelos melhores atletas de cada país).

Na Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, a seleção foi novamente eliminada nas quartas de final, dessa vez pela seleção holandesa. A primeira página do caderno de Esportes

do jornal *O Globo* vaticinava: "*O fim (definitivo) da era Dunga*[37]. Brasil *só jogou um tempo* e, *desequilibrado* dá adeus melancólico ao sonho do hexa" (O Globo, 03/07/2010, capa, grifo nosso).

O volante Felipe Melo fez gol contra e, no jogo contra Holanda, foi expulso, tornando-se o vilão da seleção. A próxima Copa do Mundo, em 2014, seria sediada pela segunda vez no Brasil, e todas as esperanças centravam-se na vitória. Possibilidade única de vingar o "Maracanaço" – como ficou conhecida a derrota para Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950.

Antes, porém, em junho de 2013, teríamos a disputa da Copa das Confederações, um teste em todos os sentidos: logístico, de infraestrutura e desportivo, incluindo neste teste o nosso objeto de estudo, o jogador Neymar, que seria a esperança de vitória no torneio, o ídolo candidato a herói da conquista do torneio em casa e uma incógnita, recém transferido para o Barcelona da Espanha, contabilizava um total de dez jogos sem marcar gols.

Essa expectativa nacional também foi registrada pelo jornalista Carlos Eduardo Mansur, na capa do caderno de esportes do jornal *O Globo* do dia 15 de junho de 2013, dia da estreia da Seleção Brasileira no torneio: "O jogo de hoje mostrará como o Neymar pós-transferência ao Barcelona reagirá. Como vai lidar com o posto de grande personagem da seleção e numa competição realizada em casa (O Globo, 15/06/2013, capa).

O ambiente sociopolítico era tumultuado, por causa de grandes manifestações populares que ocupavam as pautas da imprensa esportiva, inclusive a imprensa internacional. Inicialmente deflagradas contra o aumento do preço do transporte urbano, se estenderam contra a realização da Copa das Confederações, da Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíada de 2016 no Brasil, principalmente no dinheiro público gasto na construção e reforma dos estádios nas cidades sede.

O jornal *OESP*, no caderno da Copa das Confederações, dedica uma página inteira com foto ao jovem Neymar, que é tratado como "*único ídolo* do futebol brasileiro. O técnico Felipe Scolari pede carinho para com o craque: "todos nós temos a obrigação de proteger nosso ídolo, mas parece que as pessoas preferem execrar Neymar, ou porque ele faz aquilo, porque pinta o cabelo, olha para um de um jeito e não para outro" e pede para que o torcedor brasileiro se junte nesta caminhada da seleção, uma espécie de união nacional em torno da equipe. O técnico está visivelmente irritado com a cobrança exercida sobre o "craque" que vinha sendo *criticado pelas*

[37] A era Dunga teve sua gênese nas eliminatórias para a Copa do Mundo de 1990, quando a seleção, dirigida pelo técnico Sebastiao Lazzaroni, adepto do futebol de resultados em detrimento do "futebol-arte", segundo segmentos da imprensa, foi eliminada nas quartas de final pela seleção argentina. Dunga tornou-se símbolo e vilão dessa derrota.

mudanças constantes de visual e pela falta de gols nos últimos dez jogos pela seleção (OESP, Esportes, 15/06/2013, p. D5, grifo nosso).

Nesse contexto, nosso objeto de estudo entra em campo dando início a nossa investigação. No próximo capítulo, revisitaremos os antecedentes do jogador Neymar, resumindo sua trajetória em solo brasileiro até ser negociado para o futebol espanhol, e analisaremos as narrativas da imprensa, incluindo as participações dos primeiros passos na Seleção Brasileira principal na Copa América de 2011, na Argentina (onde fez o seu *début)* e nos Jogos Olímpicos de Londres, em 2012.

2 ESTÃO CRIANDO UM MONSTRO, A GÊNESE!

Neste capítulo, faremos uma breve introdução da trajetória de Neymar desde a sua chegada às divisões de base do Santos Futebol Clube, sua profissionalização e posterior transferência para o futebol europeu – especificamente ao *Futbol Club Barcelona*, da Espanha, onde começou a sua carreira internacional –, momento que coincide com o início do recorte temporal da pesquisa desta tese. Analisaremos, em conjunto, as narrativas construídas na imprensa esportiva brasileira e espanhola e os recursos utilizados para representar o jogador.

Veremos como as narrativas da imprensa esportiva brasileira foram sendo forjadas em prol da construção de um novo herói nacional. Essas narrativas percorrem a tradicional saga do herói clássico de Campbell[38], partindo de características próprias do atleta e intrínsecas à categoria de ídolos brasileiros: a infância humilde (como a maioria da população brasileira), o talento nato, a irreverência e a malandragem[39]:

> Geralmente, as biografias dos ídolos chamam a atenção para a infância pobre e o talento e a vocação como características inatas. A pobreza ou a infância simples ajudam na identificação com o homem comum, e o talento inato enquadra-se na ordem das coisas inexplicáveis, fazendo com que os ídolos sejam vistos como seres singulares, diferenciando-os dos demais (HELAL, 1999, p. 8).

Na análise das narrativas da imprensa espanhola, encontramos diferenças conceituais: a figura de herói não se faz presente, e a "malandragem" é considerada atitude negativa, que fere o princípio da esportividade (*fair play*), atributo requerido pelo estatuto da FIFA[40].

Ambas coincidem somente na percepção de tratar-se de um jovem portador de um talento extraordinário, performático e polêmico, que excede os 90 minutos de uma partida de futebol. Perfil adequado a tornar-se um ícone do esporte espetáculo, que tanto interessa aos meios de comunicação e à indústria milionária que o rodeia. Seria um ídolo da pós-modernidade:

> Atualmente, vive-se um momento calcado no individualismo, baseado nas estéticas da moda, nos enredos sedutores e na consagração do sucesso profissional, estereotipadas através dos meios de comunicação. Nesse sentido, o esporte apresenta-se como um produto global, consumido e elaborado dentro dos padrões capitalistas, que por meio de uma eleição pautada nos índices de audiência e nas cifras astronômicas do mercado futebolístico/midiático constrói pessoas admiráveis. Ídolos que devam extrapolar o âmbito esportivo, coabitando as demais áreas do

---

38 "O herói parte do mundo cotidiano e se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes" (CAMPBELL, 1995, p. 36).

39 "[...] o diferencial das narrativas brasileiras estaria centrado justamente no predomínio da ênfase na conquista através da 'genialidade', 'irreverência' ou 'malandragem'" (HELAL, 2002, p. 227); "o futebol institui abertamente a malandragem como arte de sobrevivência e o jogo de cintura como estilo nacional" (DAMATTA, 1994, p. 17).

40 Estatuto FIFA. Disponível em: <https://img.fifa.com/image/upload/h6umsppqkszgedxmo1be.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2020.

> entretenimento, da publicidade, e principalmente do viver cotidiano (FERRAZ; MARQUES, 2012, p. 35).

Após vários anos sem a presença de um representante que seria digno do "futebol- arte" desfilando pelos gramados das competições brasileiras, o surgimento de Neymar no cenário futebolístico nacional renova a esperança de torcedores e imprensa brasileiros. Ambos vislumbram o resgate do estilo alegre e dionisíaco (FREYRE, 1964) – característica que seria a essência do futebol pentacampeão do mundo –, das vitórias e do sentimento de "ser brasileiro com muito orgulho, com muito amor"[41].

No ano de 2003, Neymar da Silva Santos Júnior chega ao Santos Futebol Clube. Um menino de 11 anos de idade, nascido em Mogi das Cruzes e criado em São Vicente, na região metropolitana da Baixada Santista em São Paulo, filho de um ex-jogador de futebol sem maior expressão no cenário regional e nacional e de uma dona de casa. Constituíam uma família de vida simples: seu pai à época trabalhava como mecânico na Companhia de Engenharia de Trânsito – CET, na cidade de Santos, São Paulo. Como vemos, sua origem se encaixa perfeitamente no perfil recorrente (COELHO; HELAL, 1996) das biografias dos ídolos do futebol brasileiro:

> De certa forma, as narrativas das trajetórias de vida dos ídolos rumo à fama e ao estrelato apresentam muitas características semelhantes. Em quase todas observamos, por exemplo, a ênfase em uma perda ou dificuldade na infância juntamente com o talento nato que surge bem cedo (HELAL, 2003, p. 25).

José Ely de Miranda, ex-jogador do Santos Futebol Clube, bicampeão mundial com a Seleção Brasileira em 1958 e 1962, mais conhecido por "Zito", insistiu com o presidente do clube santista Marcelo Teixeira em trazer o garoto para atuar nas fileiras de base do clube. Para realizar o pedido do craque "Zito", o clube teve de criar a categoria Sub-13, que não existia no clube, para acolher o tal menino, dando a possibilidade de participar em competições oficiais[42].

No site da *NR Sports*[43], encontramos o texto a seguir, que dá as pistas de como seria direcionada a carreira de Neymar no esporte: "Seu talento excepcional era visto nos campeonatos da escola e nas quadras de futsal da Baixada Santista. Passando a jogar pelo time alvinegro, Neymar, que se destacava dentro de campo, tornou-se embaixador das escolinhas do clube, evidenciando seu talento para publicidade".

---

41 Estrofe da música entoada pela torcida nos jogos da Seleção Brasileira nos estádios.

42 Dados do livro *O planeta Neymar: um perfil*, do jornalista Paulo Vinícius Coelho.

43 A *NR Sports* é uma empresa especializada em gestão de imagem com atuação exclusiva na carreira de Neymar Jr. Foi fundada em 2006 por Neymar da Silva Santos e Nadine Gonçalves, pais do atleta, que na época visualizaram a necessidade de um gerenciamento de imagem profissionalizado, dado o encantamento que o garoto despertava no mundo do futebol e no mercado publicitário. Disponível em: <http://nrsports.com.br/sobre/>. Acesso em: 18 dez. 2019.

Em 2005, com a transferência do jogador Robson de Souza, mais conhecido por "Robinho", para o time dos galácticos do Real Madrid, o empresário Wagner Ribeiro, agente do atleta, convidou o garoto Neymar, então com 13 anos de idade, para fazer um estágio na "*cantera*"[44] do clube espanhol, que à época tinha um time profissional, conhecido por "galácticos", composto por figuras como o francês Zinedine Zidane, o inglês David Beckham e os brasileiros Júlio Baptista, Roberto Carlos e Ronaldo "Fenômeno.

Durante 19 dias, Neymar participou dos treinos e converteu 16 gols, deixando os técnicos das divisões de base do Real Madrid impressionados, período em que foi registrado na federação madrilenha, no dia 29 de março de 2006, como atesta a foto da ficha de inscrição do atleta na *Federación de Fútbol de Madrid* (Figura 2).

Jesus Enrique Gutiérrez foi o técnico encarregado de avaliar o talento do jovem futebolista e assim declarou ao jornal *AS de Madrid*, em 14/08/2019[45]:

> Desde el primer dia que le vimos todos los que estábamos allí: yo como primer entrenador, mis ayudantes y los dirigentes de la cantera teníamos clarísimo que no se podía escapar. La orden del club era que ese chico no podía volverse a Brasil sin haberse comprometido con el Real Madrid[46].

Surge então a proposta para a família se mudar para Espanha.

Figura 2 - Ficha de Neymar na Federación Española.

Fonte: Portal do Diário *Ás*[47].

---

[44] *Cantera*: refere-se à entidade de formação das categorias de base do futebol do Real Madrid da Espanha.

[45] Disponível em: <https://as.com/futbol/2019/08/14/primera/1565795786_548459.html>. Acesso em: 18 dez. 2019.

[46] O trecho correspondente na tradução é: "Desde o primeiro dia que o vimos, todos os que ali estávamos: eu como primeiro treinador, meus ajudantes e os dirigentes das categorias de base tínhamos muito claro que não poderíamos deixar escapar. A ordem do clube era que esse garoto não poderia voltar ao Brasil sem ter firmado um compromisso com o Real Madrid" (AS, 14/08, 2019).

[47] Disponível em: <https://as.com>. Acesso em: 10/09/2019

Os diretores do clube paulista, na figura do seu presidente Marcelo Teixeira, perante a ameaça de perda iminente da então "promessa" para o futebol europeu, assinaram um contrato, mediado pela empresa *NR Sports*, de propriedade do pai do jovem atleta.

Ofereceram uma "luva"[48] de dois milhões de reais a serem pagos em quatro parcelas anuais, um salário de 16.000 reais por mês (equivalente a 45 salários mínimos na época)[49] e um apartamento de cobertura perto da Vila Belmiro, para alojar sua família e estender, assim, sua permanência no clube até completar 19 anos (COELHO, 2014, p. 26).

A proposta recebida do Real Madrid, para o garoto ficar na Espanha, era bastante parecida e teria sido vontade de Neymar permanecer no Santos. O contrato, com as cláusulas acima expostas, foi firmado em 11 de maio de 2006.

Podemos perceber que o garoto, desde a pré-adolescência, obteve tratamento especial, com privilégios, salários e vantagens – como o apartamento de cobertura –, que muitos profissionais do clube não possuem ainda hoje[50].

A ascensão social da família foi expressiva, e a figura do pai do atleta já se fazia presente como mediador e condutor da carreira do então menino, visto que possuía uma empresa para cuidar dos negócios do atleta.

Não foi uma negociação comum. No livro *O planeta Neymar: um perfil*, o jornalista Paulo Vinícius Coelho descreve: "Se aquela fosse uma transação normal entre um jogador e um clube, Wagner Ribeiro, como experiente agente de jogadores, lideraria a negociação".

Segundo as declarações do presidente Marcelo Teixeira:

> Eu me lembro até hoje que quando o Wagner Ribeiro durante a negociação esboçava fazer algum tipo de cobrança, o pai do menino logo o cortava: "escuta, quando eu pedir para você falar, você fala. Agora quero escutar" [...] eram diferentes a autonomia e a independência que Neymar tinha em relação ao Wagner Ribeiro quando, por exemplo, comparadas à negociação do Robinho, o pai e o filho...eles se bastavam (COELHO, 2014, p. 26).

O retorno deste alto investimento começaria a dar frutos em 2009. Tido como grande promessa no Santos, Neymar fez sua estreia no time profissional aos 17 anos.

---

48 Luva: O valor que o clube paga a novo jogador com a finalidade de atrair o profissional que está bem colocado no mercado para compor sua equipe com a consequente assinatura do contrato chama-se luvas.

49 Dados disponíveis em: <https://www.portalbrasil.net/2006/colunas/editorial/abril_02.htm>. Acesso em: 09 ago. 2020.

50 Segundo dados oficiais da Diretoria de Registro e Transferência da CBF, cuja última atualização corresponde a 2016, em valores de hoje, 82,40% dos jogadores profissionais ganham até um salário mínimo, 13,68% ganham entre um e cinco salários mínimos e somente 1,35 % recebem entre cinco e dez salários. Disponível em: <https://www.cbf.com.br/a-cbf/informes/index/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>. Acesso em: 09 ago. 2020.

Em 7 de março de 2009, o time profissional do Santos enfrenta o Oeste Futebol Clube, da cidade de Itápolis, interior do estado de São Paulo, em partida válida pelo Campeonato Paulista da série A1, no Estádio Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Pacaembu. Teria sido essa mais uma partida do campeonato, não fosse que a mesma entrou para a história do atleta, pois foi o jogo em que o garoto Neymar vestiu pela primeira vez a camisa do Alvinegro da Vila Belmiro em partida oficial.

O Santos F.C. vencia a equipe do Oeste pelo placar de 2 a 1, com gols de Roni e Madson, quando o técnico Vagner Mancini colocou Neymar em campo com a camisa número 18, no lugar do colombiano Molina, aos 14 minutos do segundo tempo. Neymar tinha exatamente 17 anos e 30 dias.

O jornal *OESP* deu destaque à estreia com a seguinte manchete no caderno de Esportes: "Santos vence na estreia de Neymar" e no subtítulo "*Garoto* entra no segundo tempo na vitória por 2 a 1 sobre o Oeste" e complementa: "A espera pela estreia de Neymar chegou ao fim, e a torcida santista gostou do que viu. Em seu primeiro jogo como profissional, o atacante de 17 anos mostrou personalidade na vitória por 2 a 1 sobre o Oeste, no Pacaembu. Não marcou gol, mas deu bons passes e ajudou a equipe a se manter no G4 do Paulista" e declarou: 'Não gosto de sentir o peso da camisa, o negócio é jogar com *alegria*" afirmou Neymar, satisfeito com seu desempenho'" (OESP, Esportes, 08/03/2009, p. E4, grifo nosso).

Sendo o primeiro jogo de sua carreira profissional, percebemos que, pela sua declaração, o jovem atacante não sente pressão em vestir a camisa do Santos, o que poderia ser traduzido como uma clara indicação de se tratar de alguém que, apesar de "garoto", é maduro e consciente. Além do talento nato, tem "alegria" em desempenhar sua função, um dos requisitos "básicos" do estilo característico e essencial do futebol brasileiro.

O primeiro gol como atleta profissional foi convertido no dia 15 de março de 2009 – uma semana depois da estreia, contra o Mogi Mirim, em jogo válido pela 14ª rodada do Campeonato Paulista, realizado no mesmo estádio da estreia, aos 27 minutos do segundo tempo, na vitória do Santos por 3 x 0. A matéria no jornal *OESP* festeja Neymar e o chama novamente de *garoto* e de *astro*.

Neymar, vestindo a camisa 7, converteu o terceiro gol do Santos na partida. O caderno de esportes do jornal Estado de São Paulo elogiou a atuação do atleta: "O menino prodígio santista proporcionou o melhor lance, aos 43, quando deixou Paulo Henrique Lima, o Ganso, livre para o chute...[...] Faltava o gol de Neymar, para o público sentir que o fim de semana valeu a pena. Satisfação garantida aos 27', com Neymar desviando de cabeça cruzamento da esquerda. Esse Neymar..." (OESP, Esportes, 16/03/2009, p. 8).

Se as expectativas sobre Neymar eram grandes, ao final da temporada 2009, elas aumentaram. O "menino prodígio", como destacado na imprensa, atuou em 48 jogos e marcou 14 gols, sendo três no Campeonato Paulista, no qual foi escolhido "revelação" da competição.

Na temporada 2010, Neymar ganhou os primeiros títulos como profissional pelo Santos, sagrou-se campeão do Paulistão, marcando seis gols, e campeão da Copa do Brasil – a primeira na história do Santos –, na qual foi declarado artilheiro da competição com 11 gols.

Em setembro de 2010, no início do segundo turno do Campeonato Brasileiro, o time que encantou o Brasil no primeiro semestre já não era mais o mesmo, pois alguns jogadores já haviam deixado a Vila Belmiro, casos de Robinho, André e o camisa 10 Paulo Henrique Ganso, que estava lesionado. Neymar, em consequência, passaria a ser a figura de maior prestígio e valor econômico dentro da equipe.

Após a eliminação da Seleção Brasileira da Copa do Mundo de 2006, o técnico Mano Menezes assumiu o comando da seleção principal, com o compromisso de efetuar uma renovação. Na sua primeira convocação, somente quatro jogadores da última Copa foram convocados.

Entre os outros 20 jogadores, estavam os jovens Neymar, Ganso e André do Santos, que simbolizavam esta renovação, novatos que iriam participar do primeiro jogo amistoso contra os Estados Unidos, em 10 de agosto de 2010, na cidade de *New Jersey*. O Brasil se impôs por 2 a 0, com um gol de Neymar.

A imprensa espanhola não dedicou mais de três linhas ao jogo, falando mais sobre Daniel Alves, lateral-direito do Barcelona. O jornal *OESP* informa que: "Ganso e Neymar foram aprovados com louvor por Mano Menezes na estreia pela Seleção Brasileira, ambos têm presença garantida nos próximos amistosos" (OESP, Esportes, 13/08/2010, p. 8).

O Globo na matéria de capa do Caderno de Esportes, com uma foto de Neymar que ocupa a maior parte da página, afirma que: "Há três dias Neymar encantou o mundo com uma exibição de arte", noticiando que o atleta é alvo da cobiça do *Club Chelsea* da Inglaterra, que teria interesse em contratá-lo (O Globo, Esportes, 13/08/2010, p. 1).

Com o início do segundo turno do Campeonato Brasileiro, em 15 de setembro de 2010, o Santos enfrentou o Atlético Goianense na Vila Belmiro, em um jogo que ganharia tons dramáticos.

Logo aos 13 minutos, o time goiano abriu o placar, com Josiel. Após fazer o primeiro gol, o Atlético recuou. O Santos, que já era o melhor na partida antes do gol, continuou dominando, mas não conseguiu empatar. O início do segundo tempo repetiu o primeiro. Aos

cinco minutos, o Atlético Goianense fez 2 a 0. Dessa vez, porém, o Alvinegro reagiu prontamente e diminuiu logo na sequência, com Edu Dracena.

O técnico Dorival Júnior fez duas alterações que mudaram o rumo da partida. Entraram Madson e Alan Patrick, saíram Pará e Marquinhos. Aos 30 minutos, Madson empatou, em bonita jogada individual. E, aos 34 minutos, Alan Patrick fez o terceiro, colocando o Santos em vantagem pela primeira vez.

A partir da virada, a partida se mostrou tranquila para o Santos, que cadenciou o jogo. Aos 37 minutos, foi marcado um pênalti para o time santista. Neymar pediu a bola para cobrar a penalidade, mas o técnico Dorival Júnior indicou Marcel para efetuar a cobrança, o que gerou uma ríspida discussão do atleta com o técnico[51].

Segundo a matéria do *O Globo* abaixo descrita, nos minutos finais do jogo, Neymar, contrariado pela decisão do técnico, começou a prender a bola e fazer jogadas de efeito com dribles desnecessários e se irritou com uma chamada de atenção do capitão da equipe, Edu Dracena, que pediu ao jovem atleta para jogar com seriedade e evitar provocações ao rival, ao que Neymar reagiu com ofensas ao capitão e a outros companheiros de equipe que estavam no banco de reservas.

O jornal *O Globo* do dia 16 de setembro de 2010, no caderno de Esportes, traz a seguinte manchete: “Neymar cria mais uma confusão”:

> A bela virada do Santos, que evitou uma grande zebra na Vila Belmiro e venceu o Atlético Goianense por 4 a 2, deveria ser o centro das atenções. Mas Neymar roubou a cena e, de novo, da pior forma. Após fazer bonita jogada e sofrer pênalti, Neymar se irritou ao ver o técnico Dorival Júnior determinar que Marcel realizasse a cobrança. O jogador santista discutiu com o treinador durante a comemoração do gol e deixou estarrecidos até alguns adversários. Após a discussão, Neymar passou a deliberadamente ‘enfeitar’ as jogadas e ignorar as ordens de Dorival para soltar a bola. Após o jogo, a torcida saiu em defesa do treinador, com cantos em que dizia que o clube era maior que ele (O Globo, Esporte, 16/09/2010, p. 2)[52].

---

[51] O retrospecto de Neymar batendo pênaltis não era favorável, tinha perdido 3 das 6 cobranças que efetuara no campeonato, ou seja, somente 50% de aproveitamento; por isso, o técnico indicou o outro atleta.

[52] “Neymar cria mais uma confusão, antecedentes: Em 02/09/2010, no jogo Santos vs. Avaí, o atacante Neymar, do Santos, voltou a abusar e aplicou um “chapéu” num adversário com a bola parada. No primeiro semestre, no jogo contra o Corinthians em 28/02/2010, ele teve a mesma atitude com o jogador Chicão. Nesta quinta-feira, a vítima foi Marcinho Guerreiro, do Avaí. O lance irritou profundamente o volante rival, que passou a perseguir o garoto. O técnico Dorival Júnior, que acusou jogadores catarinenses de terem jurado ‘quebrar’ Neymar durante o jogo, admite que o garoto exagera nesses lances, mas diz que é próprio da idade. O treinador adota um discurso semelhante ao do primeiro semestre, quando defendeu o garoto das críticas por ter dado o drible em Chicão. - Esse é o instinto natural dele. O pai já orientou, nós da comissão técnica também. Agora, isso está dentro dele. Os adversários que se sentirem incomodados, que deem o troco na bola, mas sem intimidação. Neymar, por sua vez, não se mostra nem um pouco arrependido. - Eu dou mesmo! - disse. Já o técnico Antonio Lopes, do Avaí, afirmou que Neymar foi desrespeitoso com seus jogadores durante a partida. Segundo o técnico, o atacante santista aplicava dribles no lateral Marcos e dizia que ‘era milionário e podia tudo’”. Disponível em: <https://guiame.com.br/noticias/esporte/neymar-aplica-outro-chapeu-com-jogo-parado-e-diz-dou-mesmo.html>. Acesso em: 28 jan. 2020.

No jornal *OESP*, a manchete acompanha as críticas do jornal carioca *O Globo,* ambas destacando que não era a primeira vez que o jovem atacante se envolvia em polêmicas: "Desta vez a vítima foi o técnico Dorival Júnior", diz o subtítulo da matéria (Jornal OESP, Esportes, 16/09/2010, p. 96).

O fato repercutiu também na imprensa esportiva internacional. O jornal *MD* de Barcelona informa que: "Neymar la lía con su técnico. La joven figura del Santos le gritó a su entrenador, Dorival Júnior, y le criticó delante de sus compañeros y de los medios por haberle impedido lanzar un penalti ante el Atlético Goianiense"[53] (MD, 17/09/2010, p. 31).

Após os fatos ocorridos, o técnico santista tentou punir Neymar por desacato. No episódio, a diretoria do clube ficou a favor do atleta, e o técnico foi destituído do cargo, fato também comentado no jornal espanhol antes mencionado:

> El técnico del Santos Dorival Júnior fue despedido ayer por no convocar a la joven figura Neymar para el derbi de anoche ante el Corinthians. El técnico consideraba que el castigo de la directiva -un partido y multa del 30% de su salario - no era suficiente después de que el jugador le insultara por no dejarle lanzar un penalti hace una semana[54] (MD, 23/09/2010, p. 31).

Segundo a imprensa, a diretoria do Santos sofreu pressão externa para tomar providências em relação ao comportamento do atleta. O departamento de marketing alertou sobre sinais negativos de que o mercado publicitário reagiu mal às últimas polêmicas do jogador: "tanto a imagem do clube quanto a do atleta saíram arranhadas e, para evitar danos maiores, a direção agiu rápido", comenta o jornal *O Estado de São Paulo,* como explicado na matéria, com o seguinte texto:

> A explicação para o clima tenso que tomou conta da Vila Belmiro nas últimas horas é simples. O Santos conta com o aumento da receita de patrocínio e merchandising para cumprir o contrato acertado há menos de um mês com Neymar. Além disso, conta com parte desse dinheiro para manter um grupo de jogadores competitivo no Brasileiro e para montar o time que disputará a Taça Libertadores de 2011. Alguns desses importantes contratos, porém, ainda estão em negociação e dirigentes envolvidos nessas conversas temem que as atitudes de Neymar desmotivem as empresas a relacionar suas marcas com o clube e com o atleta. O principal desafio é fazer o craque entender isso (OESP, Esportes, 17/09/2010, p. 1).

Percebe-se que a maior preocupação do clube e seus dirigentes não era com a hierarquia e a ordem, e sim com a repercussão negativa que uma suspensão ou sanção ao atleta produziria.

---

[53] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar discutiu com seu treinador. A jovem figura do Santos gritou com seu treinador, Dorival Júnior, e o criticou na frente de seus companheiros de equipe e da mídia por impedi-lo de bater um pênalti contra o Atlético Goianiense" (MD, 17/09/2010, p. 31).

[54] O trecho correspondente na tradução é: "Foi dispensado o técnico do Santos, Dorival Júnior, por não ter convocado o jovem Neymar para o clássico de ontem à noite ante o Corinthians. O técnico considerou que o castigo imposto pela diretoria – 1 jogo e multa de 30% do salário não era o suficiente após o jogador tê-lo insultado por não deixá-lo bater um pênalti" (MD, 23/09/2010, p. 31).

Arranharia e consequentemente desvalorizaria a imagem do atleta, acarretando perdas sensíveis na entrada de recursos provenientes de campanhas publicitárias, para fazer frente aos compromissos financeiros do clube.

Em momento algum, a disciplina e a hierarquia foram respeitadas, a mensagem ao jogador se torna clara: enquanto *você* for o *craque*, responsável pela entrada de dinheiro no caixa do clube, *ninguém estará acima de você*. Renê Simões, técnico do time rival, Atlético Goianense, ao final da partida, deu uma declaração ao SporTV, que em pouco anos tornou-se um vaticínio. Na sua fala, o técnico alertava que o clube, os dirigentes e os juízes estavam criando um monstro, no sentido pejorativo da palavra[55].

Pelé, o ídolo máximo do Santos, sempre utilizado como parâmetro pela imprensa quando surge uma nova promessa no Santos, se pronunciou também sobre o ocorrido, criticou Neymar e defendeu o ex-técnico Dorival Júnior.: "Todo mundo fala que é preciso entender, porque Neymar é um *menino*. Não é menino mais. Na minha época, fui com 17 anos à seleção, o Pepe com 16.... Também concordou com Rene Simões: [...] O Neymar é excelente, mas vinha *caindo muito*, fazendo *muita firula*. Ele estava *jogando mais para a televisão* do que para o time" (O Globo, 16/10/2010, Esportes, p. 4, grifo nosso).

Pelé acredita que Neymar *cai* ou *simula faltas* em demasia e faz "firulas" ou dribles *desnecessários*. Esta atitude de estar caindo muito ou se jogando, a todo momento, era uma reclamação constante de jogadores e técnicos rivais, que o acusam de simular faltas, conduta

---

55 "Hoje, eu vou dizer para você que eu tô extremamente decepcionado. Decepcionado. Eu trabalho no futebol a minha vida toda. Desde garoto no futebol. Eu, poucas vezes, vi alguém tão *mal-educado desportivamente* como esse rapaz Neymar. Eu trabalhei muito com jovens. A minha vida toda venho acompanhando. Eu acho que está na hora de alguém educar esse rapaz ou nós *vamos criar um monstro*. Nós estamos criando um *monstro* no futebol brasileiro. Em nome dessa arte de jogar futebol, que eu sou totalmente partidário, eu acho que quem tem qualidade deve fazer, nós estamos criando um monstro. *Ele é um senhor todo-poderoso dentro de campo e que ninguém está fazendo absolutamente nada*. Primeiro, vamos fazer um dossiê pelo número de vezes que ele se joga. Primeiro dossiê que tem que ser feito é esse. Mostrar que *a televisão mostra o número de vezes que ele se jogou*. E eu falei com o 'Vuaden', que é um árbitro excepcional. Eu sou fã dele. Eu acho que ele é um árbitro extremamente competente. Mas eu disse pra ele: 'Você tem que fazer parte dessa educação. E tem que dar os cartões quando ele se jogar. Quando criar essas situações, tem que dar'. Depois o que esse rapaz falou pro capitão da equipe dele. Esse rapaz depois o que falou para o banco de reservas dele. É de uma falta de educação que poucas vezes eu vi. Ele tá tão poderoso que na saída, se não me engano, do quarto ou o terceiro gol, vejam na televisão, o 'Vuaden' pediu para que ele retornasse ao meio-campo, e a saída foi dada com ele ainda no campo do Santos. Ele não retornou. É impressionante. Ou vamos começar a educá-lo... e eu me lembro muito bem quando o Dorival fez uma punição em todos os garotos, e todo mundo foi contra. Dizendo que ele estava punindo o Santos, e eu abri a minha boca e disse que o Dorival estava certíssimo, que assim se educa um jogador, que se cria um homem, que se cria um grande jogador. *Por enquanto, ele não é um homem, ele não é um grande jogador*. Por enquanto ele é um projeto disso tudo. Então que alguém eduque esse rapaz pelo bem do futebol brasileiro. Porque senão ninguém vai segurar mais. *Vai criar um monstro e vai se perder por aí*. Porque o que ele fez hoje é de uma coisa pra gente sentir que não tem nem gosto pelo futebol. Eu, hoje, fiquei decepcionado e ainda vi jogadores do Santos, próprios jogadores do Santos, que estavam no banco, dizendo: 'Olha, nós não compactuamos com isso não'. Muito feio. Absolutamente feio o que eu presenciei hoje na Vila Belmiro" (Rene Simões) (grifo nosso). Disponível em: <https://youtu.be/su6LrnW3cAc>. Acesso em: 10 mai. 2019.

vista como falta de *fair play*. Pelé também discorda da imprensa tratá-lo como menino. Não é novidade tratar o fato de ser um "menino", como um *habeas corpus* preventivo, para justificar atitudes que determinados craques rebeldes realizam dentro ou fora de campo.

Segundo Archetti[56], no livro *Masculinidades, fútbol, tango y polo en la Argentina*, ao referir-se a Maradona – o eterno "*pibe*" ou menino (em português) –, o mundo imaginário do futebol reflete o poder da liberdade e da criatividade ante a disciplina, a ordem e a hierarquia e assim os descreve:

> Ser un pibe no significa sólo librarse de varias responsabilidades sino también sentir la presión de la autoridad de la familia, de los padres, del colegio. Al mismo tiempo. el hecho de ser un pibe implica que es más fácil ver los aspectos positivos y perdonar las imperfecciones. En Argentina, y quizás en otros lugares, es común escuchar a la gente decir: "pero es un pibe, sólo un pibe: déjenlo ser un pibe". Maradona es un pibe y seguirá siendo un pibe. Él representa este estado de perfección y libertad cuando dejamos de lado los rasgos negativos de un individuo. Ser espontáneo, fresco y hacer las cosas al instante son las cua1idades que apreciamos. Un gran jugador de fútbol debe tener estas cualidades[57] (ARCHETTI, 1999, p. 245).

O estado de perfeição e liberdade que se apresenta quando deixamos alguém ser um "menino" – portanto estaria desprovido de características negativas – é tudo do que a imprensa, o clube e a indústria da propaganda necessitam para que o "menino" continue sendo ídolo e vendendo seus produtos, mesmo driblando a disciplina e atropelando hierarquias. É uma desordem lucrativa. Esta "benevolência" é somente para aqueles que têm um desempenho acima do normal, os "fora de série"; somente um ótimo desempenho que gere lucros e audiência outorga o direito à rebeldia e à quebra de hierarquias. A história mostra vários exemplos de atletas fora de série quebrando estruturas hierárquicas sem contestação, amparados no desempenho em campo e no retorno financeiro que alimenta a máquina.

Romário seria um dos maiores expoentes dessa classificação de ídolo, como afirmado por Ronaldo Helal em artigo que analisa a biografia do jogador:

> O diferencial nas narrativas brasileiras estaria centrado justamente no predomínio da ênfase na conquista por meio da "genialidade", "irreverência" ou "malandragem" [...] E os recursos acionados pela mídia na construção da figura de Romário enfatizam sobremaneira estes atributos considerados pela sociedade como "tipicamente brasileiros". Este modelo de herói, que podemos denominar como "Macunaíma" ou

---

[56] Eduardo Archetti (Argentina 12/04/1943 - Noruega 06/06/2005), antropólogo e sociólogo argentino, é considerado um dos pioneiros da abordagem antropológica do esporte e sua relação com o imaginário coletivo.

[57] O trecho correspondente na tradução é: "Ser um garoto não significa apenas livrar-se de várias responsabilidades, mas também sentir a pressão da autoridade da família, dos pais, do colégio. Ao mesmo tempo o fato de ser garoto implica que é mais fácil ver os aspetos positivos e perdoar as imperfeições. Na Argentina e talvez em outros lugares, é comum ouvir as pessoas dizerem: 'Mas é só um garoto, só um garoto: deixem-no ser um garoto'. Maradona é uma criança e continuará criança. Ele representa este estado de perfeição e liberdade quando deixamos de lado as características negativas de um indivíduo. Ser espontâneo, fresco e fazer as coisas instantaneamente são as qualidades que apreciamos. Um jogador de futebol deve ter essas qualidades" (ARCHETTI, 1999, p. 245).

> "Malasartes", passa a ser mais predominante no país a partir da urbanização das cidades brasileiras e sob a influência do movimento Modernista" (HELAL, 2002, p. 227).

Ao final do Campeonato Brasileiro de 2010, o Santos sagrou-se campeão, com direito a participar da fase principal da Copa Libertadores da América 2011.

2.1 **Os desafios internacionais**

As expectativas com a presença de Neymar e Ganso, na disputa pelo título da Copa Libertadores de América 2011, eram muito alta. No discurso jornalístico, as qualidades e habilidades de ambos eram amplamente exploradas:

> [...] Uma vitória confirmaria a marca de melhor time do Brasil nos últimos anos e consagraria uma geração de jovens bons de bola. Neymar é quem mais se destaca, o que chama atenção pelos dribles mágicos [...] Artista da bola, irreverente, polêmico, o franzino menino santista, de fino trato com a bola, é a grande aposta para levar o time à conquista da América (OESP, Esportes, 22/06/11, capa).

A conquista da Libertadores se concretizou ao vencer o Peñarol, de Montevidéu, por 2 tentos a 1, no Pacaembu, São Paulo, no dia 22 de junho de 2011, com "os meninos da vila", como ficou conhecido o time do Santos, com destaque para Neymar e Ganso, como afirmado pelo colunista Antero Greco: "Bem-aventurado o time que pode contar com talentos como os desses rapazes. Esses lances de habilidade–e concisão estilística conseguem demonstrar um sistema eficiente" (OESP, 01/05/11, p. E2).

Segundo o jornal *O Globo,* Neymar foi decisivo e estava muito feliz com a conquista: "*Eu fiz* história" (O Globo, 23/06/2011, p. 2, grifo nosso). Com esta declaração, Neymar assume para si os louros da conquista do time, em que Ganso foi considerado o "maestro": "O Santos encontrou em Paulo Henrique Ganso um *maestro* de passes apurados, além de contar com solistas de pesos, como Neymar" (OESP, 08/04/11, p. E2, grifo nosso).

O jornal *OESP* traz a manchete do tricampeonato do Santos e a imagem de Neymar celebrando a vitória de braços abertos e cabeça erguida. Com essa imagem, o jornal ratifica a postura do herói, coroando Neymar como o *símbolo da conquista*; o "maestro" do time seria um mero coadjuvante (OESP, Esportes, 23/06/201, p. 6, grifo nosso).

Essa conquista foi o passaporte para o Santos Futebol Clube disputar a fase final do Mundial de Clubes da FIFA, que seria disputado no Japão, no final de dezembro de 2011.

Se o Santos se classificasse para a final do torneio, enfrentaria hipoteticamente o Barcelona de Guardiola, Messi, Iniesta e companhia, considerado à época o melhor time do

planeta. Seria a primeira grande prova a nível mundial que o ídolo e candidato a herói Neymar teria de atravessar na sua iniciante carreira como profissional.

O jornal *MD* de Barcelona dedica uma página à conquista do Santos, menciona Neymar como o novo *gênio* brasileiro e prevê para a final do Mundial de Clubes, em dezembro no Japão, um duelo individual esportivo entre Messi e Neymar, como as figuras mais proeminentes de cada time, se esse último não fosse transferido para o Real Madrid. Acrescenta um comentário sobre a capa do jornal esportivo brasileiro *Lance*, que insta o time do Santos a, na possível final, triturar o Barcelona: "Vem, Messi" (MD, 23/06/2011, p. 8).

Essa seria uma das primeiras provações que Neymar deverá superar na sua carreira; agora, aguardar os novos desafios que poderão ou não transformá-lo num herói nacional. A mídia continuará sendo a mediadora e reguladora dessa trajetória:

> A partida original para a terra das provas representou, tão somente, o início da trilha, longa e verdadeiramente perigosa, das conquistas da iniciação e dos momentos de iluminação. Cumpre ultrapassar surpreendentes barreiras – repetidas vezes. Enquanto isso, haverá uma multiplicidade de vitórias preliminares, êxtases que não se podem reter, relances momentâneos da terra das maravilhas (CAMPBELL, 1995, p. 110).

A especulação da imprensa era com a expectativa de acontecer um duelo entre Neymar e Messi (Figura 3). Apesar das notáveis diferenças de trajetória de carreira entre ambos os jogadores, a imprensa insistia, de forma sofistica[58], em limitar uma partida de um esporte coletivo a um duelo entre dois jogadores de trajetórias racionalmente incomparáveis.

Figura 3 - A fábula da Pulga e o Moicano.

O GLOBO

ESPORTES

MUNDIAL DE CLUBES

A fábula da Pulga e o Moicano

Duelo entre Messi e Neymar é o prato principal da final entre Barcelona e Santos

Fonte: Jornal *O Globo.*

Messi, na época, contava com 24 anos de idade e carregava no seu *curriculum* inúmeros títulos internacionais: campeão Mundial Sub-20, em 2005; campeão olímpico, em 2008; campeão do Mundial Clubes FIFA, em 2009, com o Barcelona; dois títulos da *Champions*

[58] Entenda-se sofisma aqui como: argumento ou raciocínio concebido com o objetivo de produzir a ilusão da verdade, que, embora simule um acordo com as regras da lógica, apresenta, na realidade, uma estrutura interna inconsistente, incorreta e deliberadamente enganosa.

League, em 2010 e 2011[59]; e cinco campeonatos espanhóis. Tinha sido escolhido pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), em duas ocasiões, como "*The Best Fifa Football Award*" (Melhor Jogador do Mundo)[60], entre outras dezenas de prêmios individuais, que podem ser pesquisados no site do *Transfermarkt*[61].

Não encontramos antes do jogo nenhuma narrativa que evitasse, analisasse ou alertasse sobre essa comparação injusta sob qualquer ponto de vista, dada a desproporcionalidade de tempo de carreira e desempenho, sem entrar no mérito do abismo técnico e econômico que nos separa da Europa. Neymar à época contava com dois campeonatos paulistas, uma Copa do Brasil e uma Taça da Libertadores de América (vide Tabela 4).

Tabela 4 - Títulos e prêmios por temporada

Temporada	Título	Premiação Individual
2009	_	Jogador Revelação
2010	Campeonato Paulista (Estadual) Copa do Brasil	Melhor Jogador Artilheiro (11 gols)
2011	Campeonato Paulista (Estadual) Copa Libertadores de América	_ Artilheiro (8 gols)
2012	Campeonato Paulista (Estadual) Recopa Sul-Americana	_

Fonte: Site oficinal de Neymar Jr[62].

A jornalista Claudia Sarmiento tira qualquer responsabilidade da imprensa sobre este duelo quando, após comparar as trajetórias de ambos os atletas, escreve: "[...] ficou claro que compará-lo ao atacante argentino é só um exagero da torcida brasileira" (O Globo, 18/12/2011, p. 56).

---

59 A Liga dos Campeões da UEFA (em inglês: *UEFA Champions League*) é uma competição anual de clubes de futebol a nível continental, organizada pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) e disputada por clubes europeus. É um dos torneios mais prestigiados do mundo e a competição de clubes mais prestigiada no futebol europeu, disputada pelas equipes mais bem classificadas nos respectivos campeonatos nacionais na temporada anterior, sendo o número de vagas atribuídos consoante o ranking da UEFA. A final da Liga dos Campeões da UEFA é o evento esportivo anual mais visto em todo o mundo.

60 O prêmio *The Best Fifa Football Award* surgiu com esse nome em 2016, após a separação da Bola de Ouro. As regras do concurso são: primeiro, um comitê de notáveis personalidades do futebol escolhe os dez melhores jogadores da temporada, que vão para uma segunda votação. Nesta, quatro grupos de eleitores escolhem os três melhores jogadores: cinco pontos para o primeiro, três para o segundo e um para o terceiro colocado. Os técnicos de todas as seleções nacionais filiadas à FIFA têm direito a votar, inclusive para membros de sua federação, valendo 25% do peso geral. Os capitães dessas seleções nacionais também votam, somando outros 25%. A FIFA também escolhe um jornalista por federação, que fará parte de outros 25% dos votos. Por fim, os 25% restantes serão definidos por meio de voto popular no site da FIFA. Em caso de empate, fica à frente quem for mais vezes escolhido em primeiro lugar entre técnicos, capitães e jornalistas. Caso o empate persista, fica à frente quem foi mais vezes escolhido como segundo colocado entre técnicos, capitães e jornalistas. Caso o empate persista, o prêmio será dividido.

61 Disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/lionemessi/erfolge/spieler/28003>. Acesso em: 28 jan. 2020.

62 Dados disponíveis em: <https://neymarjr10.com/timeline/?language=pt>. Acesso em: 16 dez. 2019.

Por que, então, se somente é exagero de torcida, colocar no título da matéria (figura 11) que o duelo entre ambos era o prato principal da final? Quem é o formador de opinião? A torcida?

O jornal *OESP*, ao contrário, focava suas narrativas no estilo de jogo das equipes, fazendo comparações entre os dois consagrados técnicos: Pep Guardiola e Muricy Ramalho, e não na comparação dos dois atletas.

Numa leitura apenas quantitativa (sem considerar a qualidade ou prestígio), os dois ostentam 13 títulos na sua carreira, mas diferem nos estilos de jogo: "um gosta de futebol pragmático (Muricy), e o outro adora o espetáculo" (OESP, 18/12/2011, p. 163).

Paradoxalmente, o primeiro, praticante de futebol pragmático, é oriundo do "país do futebol-arte", e o segundo, nascido e criado na Europa, tradicionalmente taxada pela imprensa brasileira como praticante de um "futebol-força" ou de "resultados", oferece espetáculo.

Na mesma edição, o jornal alertava para as diferenças entre os dois elencos, mostrando gráficos quantitativos – que revelam ou pressupõem, sem dúvida, dados qualitativos – com os valores de mercado de cada jogador, da mesma posição em campo, em cada equipe.

Após a rotunda derrota sofrida pelo Santos, que sucumbiu ao Barcelona por 0 a 4 (placar que, na gíria futebolística brasileira, corresponde a um "chocolate" ou uma "goleada"), a imprensa do Rio de Janeiro não pôde evitar o óbvio: reconhecer que esse duelo jamais existiu. A legenda da foto, que mostra Messi, com o troféu de melhor jogador do Mundial, cumprimentando Neymar, que foi escolhido como terceiro melhor jogador, deixa claro que esse duelo não era outra coisa, senão uma especulação jornalística com o intuito de fixar uma expectativa que ajudasse a manter o interesse no jogo e obter uma audiência televisiva (Figura 4). No corpo da matéria, o jornalista Pedro Motta Gueiros afirma que: "a decepção nos olhos de Neymar e a naturalidade com que Messi celebrou mais uma conquista davam a medida do embate desproporcional". O técnico Muricy Ramalho, na mesma página, esclarece que é inevitável a comparação entre ambos os jogadores, mas: "o argentino (Messi) tem mais experiência e ainda deve permanecer por algum tempo no topo, enquanto o brasileiro está aprendendo" (O Globo, 19/12/2011, Esportes, p. 36).

O mesmo jornalista afirma que os jogadores do time do Barcelona, Messi incluído, são: "capazes de atuar com igual intensidade diante de rivais pequenos, médios ou grandes, cultivando uma superioridade sem tamanho", seguido de uma reflexão: 'a insistência em negar a inferioridade pode ser vista com uma forma de afirmá-la'" (O Globo, 19/12/2011, Esportes, p. 36).

Figura 4 - Crônica de um duelo que não existiu.

Fonte: Jornal O Globo.

Seria uma crítica direta a Neymar, que, no jogo em análise, não mostrou as firulas nem os dribles desconcertantes (segundo Pelé, às vezes desnecessários) que realiza no Campeonato Brasileiro ou Paulista? Não jogaria com a mesma performance e intensidade contra times considerados os grandes do mundo?

Essa última exposição sugere que Neymar, sem um time competitivo, torna-se mais um jogador acima da média, mas não um fora de série. Precisa de um conjunto, de uma equipe, para superar adversários de qualidade superior aos que encontra nas competições brasileiras.

O jornal *MD* de Barcelona compartilha também dessa opinião na matéria intitulada "No se puede destrozar ahora a Neymar" e afirma que: "para poder demonstrar que é bom, Neymar precisa ter a bola, Messi no jogo tocou a bola em mais de 100 oportunidades, enquanto Neymar somente 25 vezes", acrescentando que a pressão exercida pela visão de que o jogo seria um duelo entre ele e Messi o afetou.

Segundo a imprensa espanhola, a falta de outros craques e a não evolução do futebol brasileiro, como conjunto, fazem com que se exerça pressão sobre Neymar: "en los últimos tiempos, Brasil aún tiraba de sus grandes cracks apesar de no jugar como un equipo conjuntado. Los Ronaldo, Rivaldo, Ronaldinho y compañía les dieron muchas alegrías. Ahora están de capa caída por que no han evolucionado y tampoco tienen grandes cracks mundiales. Se están volcando con Neymar pero al final le están metiendo al chaval una presión enorme"[63] (MD, 20/12/2011, p. 13).

[63] O trecho correspondente na tradução é: "Nos últimos tempos, o Brasil contava com grandes craques, apesar de não jogar como uma equipe. Os Ronaldos, Rivaldo e companhia deram-lhes muitas alegrias, agora estão

O jornal *Marca* da Espanha alerta que as esperanças do Santos estavam focadas em Neymar, mas a estrela apagou-se e na matéria alerta que:

> No se le puede señalar como culpable de la derrota, ni mucho menos. No se puede juzgar a un equipo y menos a un jugador por un partido ante el Barça, que monopoliza la posesión y reduce tus opciones de contacto con el balón a un puñado de entregas forzadas. No hay que achacar a Neymar la paliza que su equipo recibió en Yokohama. Sin embargo, el brasileño pudo hacer más y no lo hizo. Así de sencillo[64] (Marca, 19/12/2011, p. 4).

O mesmo jornal destaca que Neymar não se escondeu após a derrota e reconheceu a superioridade da equipe Catalã ao declarar: "No sé si son imbatibles, pero hoy en día es el mejor equipo del mundo. Hoy hemos aprendido a jugar al fútbol" [65] (Marca, 19/12/2011, p. 4).

Percebe-se que as narrativas da imprensa brasileira e espanhola diferem conceitualmente sobre os fatos ocorridos durante esse evento.

O jornalismo espanhol, explorando os fatos com objetividade, justifica e entende que existe uma distância técnica entre ambas as equipes, incluindo nessa distância as trajetórias de Neymar e de Messi, e que, numa partida de futebol, a equipe como um todo é fundamental para a vitória. Ninguém sozinho ganha ou perde uma partida.

Os jornais espanhóis acreditam que a comparação entre os dois atletas somente aplicou uma pressão sobre o jovem Neymar, que o mesmo não suportou, mas, positivamente, mostrou-lhe alguns caminhos. A desnecessária comparação, um sofisma diríamos, realizada pela imprensa brasileira, explora o fictício, na ótica de Motta (2007), na tentativa de dar a Neymar um protagonismo que ainda não tem, se observado pela perspectiva esportiva e não midiática, à altura de Messi:

> As narrativas midiáticas podem ser tanto fáticas (as notícias, reportagens, documentários, transmissões ao vivo, etc.) quanto fictícias (as telenovelas, videoclipes musicais, filmes, histórias em quadrinho, alguns comerciais da TV, etc.). Produtos veiculados pela mídia exploram narrativas fáticas, imaginárias ou híbridas procurando ganhar a adesão do leitor, ouvinte ou telespectador, envolvê-lo e provocar certos efeitos de sentido. Exploram o fático para causar o efeito de real (a objetividade) e o fictício para causar efeitos emocionais (subjetividades). Jornalistas, produtores e diretores de TV e cinema, roteiristas e publicitários sabem que os homens e mulheres vivem narrativamente o seu mundo, constroem temporalmente suas experiências. Por isso, exploram com astúcia e profissionalismo o discurso narrativo para causar efeitos de sentido (MOTTA, 2007, p. 3).

---

em baixa porque não evoluíram e também não têm grandes craques a nível mundial. Estão se voltando para Neymar, submetendo o garoto à forte pressão". Disponível em: <http://hemeroteca.mundodeportivo.com/preview/2011/12/20/pagina-13/7459727/pdf.html#>. Acesso em: 28 jan. 2020.

64 O trecho correspondente na tradução é: "Não é possível indicar Neymar como culpado. Não é possível julgar uma equipe ou um jogador por uma partida ante o Barcelona, que monopoliza a posse da bola, reduzindo as opções de contato com a mesma a alguns passes forçados. Não podemos culpar Neymar pela surra que sua equipe recebeu em Yokohama. Sem dúvida, o brasileiro poderia ter feito mais, e não o fez. Simples assim" (Marca, 19/12/2011, p. 4).

65 O trecho correspondente na tradução é: "Não sei se são imbatíveis, mas hoje é o melhor time do mundo. Hoje aprendemos a jogar futebol" (Marca, 19/12/2011, p. 4).

O efeito de sentido procurado pela imprensa esportiva brasileira, ao propor uma comparação explorando a ficção, também poderia responder ao anseio de uma possibilidade: no futebol, o time mais fraco pode vencer o mais forte; existe o componente do fortuito – quem sabe um gol contra do Barcelona, um contra-ataque relâmpago; ou uma apelação ao sagrado (muitos acreditam que Deus é brasileiro). Suspeitamos que a comparação da imprensa esportiva brasileira atenda a uma demanda histórica de rivalidade com a Argentina, lembrando que toda rivalidade carrega uma dose enrustida de inveja e admiração e alimentá-la tem sido uma constante, como afirma Helal:

> Só rivalizamos com quem tenha algo que desejamos possuir ou superar. Se rivaliza com quem é grande e tememos que seja maior do que nós. A Ilíada de Homero está repleta de passagens que retratam a admiração mútua entre gregos e troianos e entre os heróis Aquiles e Heitor (HELAL, 2005, p. 74).

Várias comparações neste sentido, como Pelé e Maradona, apesar de não serem contemporâneos – o que fatalmente desvirtuaria a comparação –, são exploradas com certa frequência na imprensa esportiva brasileira. Essa comparação aparece mais em momentos de disputas esportivas entre ambas as nações ou, como no caso de Barcelona e Santos, entre representantes dessas nações.

Quiçá, a única comparação possível entre Neymar e Messi, como Ronaldo Helal propõe em matéria do Jornal *O Globo*, seja no campo do inexplicável, do talento: "[...] mas também seria o caso de, humildemente, reconhecermos que jogadores extraordinários possuem estilos semelhantes: o estilo extraordinário. Talento faz parte das coisas inexplicáveis, indizíveis. Não tem pátria" (O Globo, 03/06/2011, p. 7).

O talento, num jogo coletivo como o futebol, é relativo. A interdependência entre os componentes do time como um todo, através de tática e disciplina, é determinante para o resultado final. A fórmula mágica, muitas vezes dita por treinadores brasileiros, de 1 (talento) +10, somente deu certo no folclore ou por obra do acaso.

2.1.1 Copa América - Argentina 2011

A Copa América - Conmebol[66] de 2011, realizada na Argentina, foi a 43ª edição da competição mais importante do continente e marca a estreia de Neymar em torneios oficiais

[66] A Copa América é a mais antiga competição de times de futebol do mundo. Foi disputada pela primeira vez em uma edição experimental em 1910, mas teve sua primeira edição oficial entre 2 e 17 de julho de 1916, como parte das comemorações do centenário da independência da Argentina. Além do país anfitrião, Chile, Uruguai e Brasil também participaram. Desde sua primeira edição até 1967, o torneio foi chamado de Campeonato Nacional da América do Sul. Na primeira edição, o Uruguai conquistou o título de campeão,

pela Seleção Brasileira principal. O Brasil foi sorteado no Grupo B, ao lado de Venezuela, Paraguai e Equador.

Dirigida por Mano Menezes, a seleção teve um desempenho, segundo a imprensa, abaixo do esperado; participou de quatro jogos e obteve uma vitória e três empates (dois deles, sem gols), com um aproveitamento de 50% dos pontos disputados.

O aproveitamento de Mano Menezes desde que assumiu a seleção em 2010, no jogo contra Estados Unidos, em 10/08/2010, até a estreia na Copa América era de 60%. Disputou nesse período oito jogos amistosos, obtendo quatro vitórias (EEUU, Irã, Ucrânia e Escócia), duas derrotas (Argentina e França) e dois empates (Holanda e Romênia).

Jogadores como Robinho (ex-Santos), Thiago Silva e Elano foram os pilares da equipe. Neymar, Pato e Ganso representavam a renovação, iniciada logo após a eliminação da seleção nas quartas de final da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, pela Holanda.

O jogo de estreia contra a Venezuela terminou em empate sem gols. A manchete do jornal *O Globo* do dia seguinte traduz o que aconteceu: "Empate sem gols com a Venezuela deixa a sensação de que a safra de Neymar e Ganso e as convicções do técnico ainda precisam *amadurecer* numa Seleção Brasileira que deixou o campo *vaiada pela terceira vez*". Neymar obteve nota 4,5 com a justificativa: "Começou o jogo procurando as jogadas *individuais*, mas jamais encontrou o tempo certo para dar o passe decisivo ou tentar o gol" *(*O Globo, Esportes, 4/07/2011, p. 3, grifo nosso).

O jornal *OESP* analisa que a equipe brasileira tropeçou no preciosismo frente ao adversário mais fraco do grupo, exagerando nas firulas e tomando vaia. Neymar recebeu nota 6 do jornal. Apesar de ser escolhido o melhor do jogo, caiu de produção no segundo tempo, ficando longe das melhores atuações no Santos (OESP, 04/07/2011, p. E2).

No segundo jogo contra o Paraguai, novamente empate em 2 a 2, a manchete do jornal OESP era precisa: "Brasil evita vexame, empata com um gol salvador de Fred no último minuto da partida. Agora faz contas para ganhar do Equador e não depender de nenhum resultado para passar de fase". Neymar foi *perseguido* pelo público e substituído aos 36 minutos do segundo tempo; o jornal informa: "*Apagado* e *escondido* pelo lado esquerdo, o *craque* santista parece estar no *mundo da lua* [...] o jovem foi *mais uma vez intensamente vaiado* ao sair de campo" (OESP, Esportes, 11/07/2011, p. 156, grifo nosso). O clima é de tensão e as críticas também vão para o técnico, que saiu de campo sob o coro de "burro".

---

depois de um empate em 0 x 0 contra a Argentina, na final disputada no estádio *Racing Club de Avellaneda*. A partir de 1975, em sua 30ª edição, o torneio foi oficialmente chamado de Copa América. Com a mudança de nome, também houve mudanças no sistema de disputas. O sistema de pontos de corrida foi substituído por um formato semelhante ao da Copa do Mundo da FIFA: fase classificatória, com as equipes distribuídas em grupos, seguidas pelas etapas eliminatórias.

O Globo afirma que a seleção jogou mal e que o empate saiu "barato", deu nota 3 a Neymar, que: "não soube se desvencilhar da marcação e *sumiu do jogo*" (O Globo, Esportes, 10/07/2011, p. 4, grifo nosso).

Na opinião do jornal *Marca*: "El mejor de Brasil, de todas formas, fue Ganso […] Neymar, tuvo una actuación un poquito mejor que ante los venezolanos, pero tampoco *nada para celebrar*. Amaga muchas veces, hace algún que otro cañito, *pero nada concretísimo*"[67] (Marca, Esportes, 10/07/2011, p. 6, grifo nosso).

O terceiro jogo, contra Equador, era decisivo para a permanência da seleção na competição. O Brasil se impôs, ganhando de 4 a 2, e Neymar foi *elogiado* pela primeira vez na Copa: "Neymar *ressurge, desencantou*, autor de dois gols na classificação do Brasil para a próxima fase" (OESP, Esportes, 14/07/2011, p. 87, grifo nosso).

O quarto jogo, contra o Paraguai, definiria um dos semifinalistas do torneio que consagra a melhor equipe da América. Era um dia especial para o futebol brasileiro: o 17º aniversário do tetracampeonato mundial, conquistado nos Estados Unidos[68].

Com o empate sem gols durante o tempo regulamentar e da prorrogação, a decisão foi para os pênaltis, vencendo Paraguai por 2 a 0, após os jogadores Elano, Thiago Silva, André Santos e Fred desperdiçarem as cobranças.

O jornal *O Globo* trata o resultado como uma *humilhação* ao futebol pentacampeão do mundo, que ainda *procura um protagonista*, já que tinha conseguido a façanha de permanecer 120 minutos sem fazer gol e ainda errou 4 cobranças de pênaltis (O Globo, Esportes, 18/07/2011, p. 2). Neymar não seria o protagonista desta seleção.

As narrativas do jornal catalão *MD* analisam que Neymar decepcionou, perdeu chances e novamente saiu vaiado: "Brasil llevó el peso del partido y, aunque sin jugar bien, tuvo ocasiones para decidir. La mayoría las tuvo Neymar, a quien Mano Menezes volvió a substituir en los últimos minutos y fue silbado al retirarse tras otra actuación decepcionante"[69] (MD, 18/07/2011, p. 14)[70].

---

[67] O trecho correspondente na tradução é: "O melhor do Brasil, enfim, foi Ganso [...] Neymar teve um desempenho um pouco melhor que contra os venezuelanos, mas nada para comemorar. Dribla muitas vezes, dá uma caneta, mas nada de concreto" (Marca, Esportes, 10/07/2011, p. 6).

[68] O Brasil conquistou o título de Campeão do Mundo, pela quarta vez, ao vencer a Itália (nos pênaltis), em 17 de julho de 1994, na final da Copa do Mundo no Estádio *Rose Bowl*, na cidade de *Pasadena*, Estados Unidos.

[69] O trecho correspondente na tradução é: "Brasil carregou o peso do jogo e, embora sem jogar bem, teve chances de decidir. A maioria delas com Neymar, que Mano Menezes substituiu nos últimos minutos e foi vaiado quando se retirou do campo, após outra performance decepcionante" (MD, 18/07/2011, p. 14).

[70] Disponível em: <http://hemeroteca.mundodeportivo.com/preview/2011/07/18/pagina-14/6936229/pdf.html>. Acesso em: 06 fev. 2020.

O colunista Enrique Ortego, do jornal esportivo *Marca* de Madrid, analisa a participação de Neymar na Copa América sobre o aspecto custo/benefício que o clube Real Madrid enfrentaria contratando o jogador brasileiro:

> Neymar está mostrándose más intermitente y impreciso de lo que cabe suponer en un jugador al que le han puesto ese precio: 45 millones. De lo que no se puede acusar a Neymar es de falta de personalidad, de esconderse por fallar un mano a mano ante el portero, ni porque le pillen dos o tres veces consecutivas sus fintas o regates. Él siempre vuelve. Insiste. Y lo intenta otra vez. Ayer no mereció ser cambiado [71] (Marca, 18/07/2011, p. 12).

Paulo Vinicius Coelho, colunista do jornal *OESP*, mais conhecido como PVC, na sua coluna afirma: "O Brasil apresentou uma equipe de futebol *lúcida, madura e envolvente*. Não infalível" (OESP, Esportes, 18/07/2011, p. 3, grifo nosso).

Como podemos apreciar, as narrativas jornalísticas não são unânimes quanto ao desempenho da seleção nessa competição. A narrativa veiculada pelos meios de comunicação não é capaz de representar o real na sua plenitude, um mesmo fato pode ser visto por diversas perspectivas:

> Os jornalistas têm os seus óculos particulares através dos quais veem certas coisas e não outras, e veem de uma certa maneira as coisas que veem. Operam uma seleção e uma construção daquilo que é selecionado (BOURDIEU, 1997, p. 12).

Mano Menezes, contrariando PVC, culpou a *falta de experiência* de alguns jogadores e o estado irregular do gramado pela perda dos pênaltis. Neymar, que não participou do ato final da derrota (foi substituído aos 36 minutos do segundo tempo e não participou da cobrança de pênaltis), foi o símbolo da derrota. Durante a competição, encontramos várias referências negativas contra o atleta: foi "perseguido pelo público", foi "intensamente vaiado", estava no "mundo da lua" e somente "desencantou" no terceiro jogo.

Segundo escreveu o jornalista Antero Greco, na sua coluna do jornal *OESP*, "Neymar *sentiu a pressão* de ser visto como estrela e decepcionou na Copa América" (OESP, Esportes, 18/07/2011, p. 45, grifo nosso).

O capítulo final da Copa América, para a imprensa, traz uma foto de Neymar de joelhos (Figura 5), com a seguinte legenda: "*Fiasco*. Neymar tampa os olhos após perder chance de dar a vitória à seleção no tempo normal" (OESP, Esportes, 18/07/2011, p. 46, grifo nosso).

---

[71] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar está se mostrando mais intermitente e impreciso do que se poderia supor em um jogador que recebeu o preço de 45 milhões. Do que Neymar não pode ser acusado é de falta de personalidade, de se esconder por ter falhado cara a cara diante do goleiro ou porque suas fitas ou dribles são marcados duas ou três vezes consecutivas. Ele sempre volta. Insiste. E tenta novamente. Ontem não merecia ser substituído" (Marca, 18/07/2011, p. 12).

A foto pode induzir o leitor a um erro de percepção: a primeira impressão é que a eliminação é atribuída a Neymar pelo jornal. O atleta está de joelhos com as mãos no rosto, tampando os olhos. Na legenda destacada em negrito, o técnico exime Neymar de culpa, atrelando a derrota ao estado do gramado.

Figura 5 - A culpa é do gramado.

Para Mano, culpa pela eliminação é do gramado

Fonte: Jornal *OESP*.

Não é factível acreditar em um erro de diagramação, portanto também na ausência de intencionalidade neste sentido, que, segundo Charaudeau, percorre um crítico caminho pelas chamadas instâncias humanas:

> Se falamos de instância é porque o que preside a produção da comunicação midiática é uma entidade compósita que compreende vários tipos de atores: os da direção do organismo de informação, que cuidam da saúde econômica da empresa e de sua organização competitiva; os da programação, ligados aos precedentes de maneira a fazer com que as informações escolhidas tenham um certo sucesso junto ao público; os da redação das notícias e os operadores técnicos, que escolhem tratar a informação conforme sua linha editorial (CHARAUDEAU, 2013, p. 73).

Na rotina da edição de um jornal, todo texto e imagem são previamente selecionados e posicionados estrategicamente na página por um diagramador, que estabelece o quê, o como, o quando e onde uma matéria deva ser publicada, sempre que autorizados por um editor-chefe.

Foram encontradas poucas narrativas e referências dos jornais *Marca* de Madrid e *Mundo Deportivo* de Barcelona, ambos da Espanha, referentes aos eventos Copa América - Conmebol 2011 e Jogos Olímpicos - Londres 2012.

A Copa América gera pouca expectativa ou interesse como evento internacional na Europa. A escolha da cobertura dos respectivos meios recai mais sobre as seleções que contam nos seus elencos com jogadores que atuam no continente europeu, com mais ênfase naqueles que militam na Espanha.

No caso dos Jogos Olímpicos – que analisaremos a seguir –, apesar do interesse mundial que o evento suscita, devido à abrangência de variados esportes, a cobertura sobre as seleções de futebol segue o mesmo critério de escolha, acrescida também por uma limitação de espaço físico na publicação.

2.1.2 Ouro Olímpico - Londres 2012

O próximo desafio da Seleção Brasileira (e de Neymar) seria a conquista do inédito "Ouro" nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Fazia 24 anos que a Seleção Brasileira não chegava a uma final. As últimas duas finais olímpicas que o futebol brasileiro tinha disputado acabaram em derrota: 1984, na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos e 1988, em Seul, na Coreia do Sul[72].

Desde o embarque da seleção para Londres até um dia após a estreia contra Egito, as manchetes dos jornais não mencionavam Neymar nem davam muita atenção ao futebol. As principais notícias eram de outra ordem e manchavam de alguma forma o esporte. Uma dava conta de que a FIFA e o Comitê Olímpico Internacional (COI) estavam, em conjunto, investigando o Sr. João Havelange por suspeita de corrupção (pagamento de propina) na escolha dos países-sede das Copas do Mundo 2018, na Rússia, e 2022, no Catar (O Globo, Esportes, 17/07/2012, p. 2). Outra anunciava que a edição de Londres dos Jogos Olímpicos teria a "Maior caçada ao doping: Numa operação com números recordes em todo a história dos jogos, o megaevento de Londres terá mais de seis mil controles contra o uso de substâncias ilegais, mais da metade dos 10,6 mil atletas será testada" (O Globo, Esp., 17/07/2012, p. 5).

As outras notícias tratavam do Campeonato Brasileiro, das janelas de negociação de atletas e da blindagem dos jogadores da seleção contra os empresários e emissários de clubes europeus. Durante toda a participação da seleção (cinco jogos) na Olimpíada, Neymar teve poucas citações, a maioria neutras ou negativas.

Após o primeiro jogo, em que a Seleção Brasileira venceu a seleção do Egito por 3 a 2, o jogador foi criticado por Hany Ranzt, técnico da seleção egípcia, que declarou: "Neymar é muito habilidoso, mas se jogar mais para o time seria mais positivo. Às vezes parece jogar *para se exibir a si próprio*" (O Globo, Esportes, 27/07/2012, p. 3, grifo nosso).

---

[72] *Jogos Olímpicos de 1984* - Disputada na cidade de Los Angeles, nos Estados Unidos, foi a primeira Olimpíada em que foram aceitos profissionais nos jogos de futebol. O Brasil perdeu a final para França por 2 a 0, em 11/08/1984, no Estádio Rose Bowl de Pasadena. *Jogos Olímpicos de 1988* - Disputadas em Seul, na Coreia do Sul, o Brasil perdeu a final para União Soviética por 2 a 1, no Estádio Olímpico de Seul, em 1/10/1988.

O *Marca* traz a manchete "Brasil carnaval y siesta", em alusão ao primeiro tempo em que fez 3 a 0 (carnaval) e aos dois gols que sofreu no segundo (siesta = dormiu). No corpo da matéria, faz referência à *inconstância* de Neymar: "Neymar funciono a foganazos, como si dejara su mejor futebol para citas mas importantes"[73] (Marca, 27/07/2012, p. 33, grifo nosso).

No segundo jogo, nova vitória, desta vez frente à Bielorrússia por 3 a 1. Após ter sido *vaiado* pela torcida por *simular faltas* e cobrado pelos seus companheiros e por jornalistas por prender em demasia a bola no jogo anterior, declarou: "Foi ótima (a atuação). Fiz gol, dei passes, participei muito do jogo e estou *feliz* [...] vocês sabem que sou *fominha*. Estou à disposição" (O Globo, Esportes, 30/07/2012, p. 3, grifo nosso).

Nenhuma palavra da imprensa sobre as vaias no jogo de estreia; a única alusão aos xingamentos veio em forma de ironia, terceirizando os fatos. A edição do caderno de Esportes d'*O Globo* estampa uma foto de Neymar (Figura 6) de página inteira com uma simulação de arquibancada com a torcida chamando-o de: cai cai, fominha, não é isso tudo, marrento, tem muita imprensa, e a resposta: "Mas decide".

Essa capa diz muito sobre o comportamento da imprensa com aqueles "meninos" que, através de seus desempenhos, asseguram vitórias e por consequência audiência. A mídia tem o poder de editar a saga dos heróis, pode exaltar alguns feitos, sonegar ou relegar outros a um plano secundário, assim como também omiti-los.

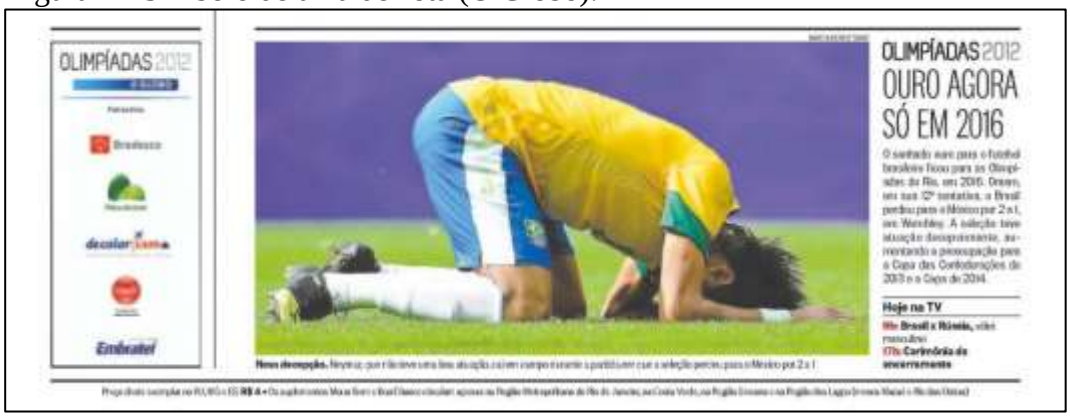
Figura 6 - Mas decide!

Fonte: Jornal *O Globo*.

[73] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar funcionou por momentos, como se estivesse guardando seu futebol para partidas mais importantes" (Marca, 27/07/2012, p. 33).

Na partida final, que valia o Ouro Olímpico, o Brasil foi derrotado pelo México por 2 a 1, num jogo em que o atacante recebeu nota 4, sob a seguinte justificativa: "*Sumido* do jogo. *Abusou* das jogadas *individuais*" (O Globo, Esportes, 12/08/2012, p. 3, grifo nosso). A foto a seguir (Figura 7) ilustra com perfeição o momento vivido e carece de legenda. O sonho do Ouro Olímpico ficaria postergado para a próxima Olimpíada, no Rio de Janeiro, em 2016.

Figura 7 - Símbolo de uma derrota (O Globo).



Fonte: Jornal *O Globo.*

O jornal *Marca* também utiliza uma foto similar à anteriormente exposta para sintetizar a derrota de Brasil nos Jogos Olímpicos (Figura 8).

Figura 8 - Símbolo de uma derrota (Marca).

Fonte: Jornal *Marca*.

O título da matéria "El 'Maracanázo' no tiene fronteras" faz referência à derrota sofrida para o Uruguai na Copa do Mundo de 1950. No subtítulo, lembra que o Brasil fracassou em mais uma tentativa de ganhar o Ouro Olímpico, único título do futebol mundial que ainda não conquistou, apesar de ser o favorito (Marca, 12/08/2012. p. 56).

Ambas as publicações parecem ter escolhido Neymar, por ser o jogador de maior destaque da Seleção Brasileira, para representar o fracasso em mais uma tentativa de sagrar-se campeã olímpica, único título do futebol mundial que falta ao Brasil conquistar.

Na conquista da Copa Libertadores da América 2011, quando atuava pelo Santos Futebol Clube, a imprensa também o escolheu como símbolo da conquista pelos mesmos motivos.

Nos próximos capítulos, após esta breve descrição das narrativas da imprensa no período que antecede a sua carreira internacional, descrevemos as análises do objeto desta tese, iniciando cronologicamente pela Copa das Confederações FIFA 2013, sediada no Brasil, coincidindo com o início do recorte temporal do *corpus* da pesquisa.

3 A CONSTRUÇÃO DE UMA ILUSÃO

"Esta é a década do esporte no Brasil", declarou o secretário Nacional de Esporte Educacional Wadson Ribeiro, no Fórum Internacional de Esporte, Paz e Desenvolvimento, realizado na sede da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, Suíça, nos dias 10, 11 e 12 de maio de 2011, fazendo referência à realização dos Jogos Mundiais Militares (2011), da Copa das Confederações (2013), da Copa do Mundo (2014) e da Olimpíada e Paraolimpíada (2016), que, segundo o secretário, permitirão iniciativas que vão beneficiar a juventude e as populações em situação de risco social. "A melhoria da qualidade de vida do povo brasileiro será o grande *legado social* dos *megaeventos esportivos*", segundo consta no site da Secretaria Especial do Esporte, do Ministério da Cidadania[74] (grifo nosso).

Se apreciarmos essas declarações do secretário pela ótica de Tavares (2011), os Jogos Mundiais Militares (2011) não deveriam ser categorizados como "megaeventos esportivos", já que não encontramos neles as características necessárias para seu enquadramento como tais:

> [...] têm sido chamados de megaeventos esportivos competições internacionais que reúnem um número de atletas que atinge a casa dos milhares em um espaço de tempo de um mês, no máximo, com potencial de impacto em diferentes setores da sociedade e que possui significativa carga simbólica (TAVARES, 2012, p. 16).

Os Jogos Mundiais Militares não concentram uma quantidade significativa de atletas, carecem de "ídolos", "heróis" ou "estrelas" reconhecidos fora do âmbito militar, atributos que, na concepção de Helal (1998), colaboram para a identificação do público com o evento, atraindo espectadores e, consequentemente, o interesse dos meios de comunicação.

A Copa das Confederações, apesar de contar com estrelas, atrair público e meios de comunicação, simbolicamente não enriquece *curriculum* como uma Copa América ou uma Copa do Mundo. É um evento menor, nada além de um evento-teste imposto pela FIFA, com o intuito de avaliar o trabalho do comitê organizador do país-sede – mais ainda em se tratando de países em desenvolvimento –, para que toda a infraestrutura de estádios e equipamentos esportivos se encontrem dentro das normas do "Padrão FIFA"[75] ou em fase final de conclusão, para abrigar o evento maior da instituição, a ser realizado um ano mais tarde, que é a Copa do Mundo FIFA. Os meios de comunicação utilizam-se do evento-teste Copa das Confederações como uma oportunidade de testar novas tecnologias, enquadramentos e dinâmicas das

---

[74] Disponível em: <http://arquivo.esporte.gov.br/index.php/ultimas-noticias/209-ultimas-noticias/37956-forum-da-onu-constata-que-brasil-vive-decada-do-esporte>. Acesso em: 08 fev. 2020.

[75] Bordão criado no Brasil para definir "excelência", em conformidade com as exigências da FIFA para construção de estádios para Copas do Mundo.

transmissões e paralelamente agendar a venda dos direitos de transmissão e espaços publicitários, elementos indispensáveis para obter o retorno financeiro do investimento. As associações entre os campos mídia e esporte tornaram-se mais coesos após a percepção, por parte do mercado publicitário, da infinita possibilidade de exploração do mercado heterogêneo global de consumidores, presentes nesse universo.

As seleções a utilizam para "testar e ajustar" taticamente suas equipes visando a Copa do Mundo a ser realizada um ano mais tarde, apesar de que a dinâmica do futebol não permite realizar planos a tão longo prazo, como diz a imprensa e o senso comum: "futebol é momento"; alguns atletas podem baixar de performance ou sofrer lesões.

O referido "legado social", proferido pelo secretário no discurso já citado, também é discutível e, hoje, em julho de 2020, no que tange ao "aumento da qualidade de vida dos brasileiros", podemos afirmar que foi uma utopia, pois não encontramos nada positivo referente a benefícios à juventude e às populações em situação de risco social.

Os atores do Poder Executivo (com mandato eletivo), para não citar o campo político como um todo, utilizam-se dos mesmos recursos retóricos do secretário para dar sentido à realização desses eventos, que consomem milhões de dólares em construções que, após seu final, reencarnam em "elefantes brancos"[76], como mostrado na Tabela 5 abaixo, dando oportunidade e espaço a todo tipo de corrupção, resultando em investigações que prenderam vários dirigentes da FIFA, da CBF, do COB (Comitê Olímpico Brasileiro), entre eles José Maria Marin e Carlos Arthur Nuzman.

Tabela 5 - Estádios obsoletos.

Estádio	Cidade	Est.	Custo/ milhões
Arena Pantanal	Cuiabá	MT	628
Arena das Dunas	Natal	RN	423
Arena Pernambuco	Recife	PE	530
Arena da Amazônia	Manaus	AM	660
Mané Garrincha	Brasília	DF	1.800

Fonte: Elaborado pelo autor.

A tabela acima mostra somente os estádios de futebol, deixando de lado vários equipamentos construídos para os Jogos Olímpicos 2016, que, após a festa de encerramento, nunca foram utilizados, entre eles a pista de Canoagem do Parque Radical Rio 2016, no Complexo de Deodoro, e o Velódromo Municipal do Parque Olímpico do Rio de Janeiro, na Barra da Tijuca, que, segundo o jornal *O Globo,* é onde está concentrada boa parte das arenas dos Jogos de 2016:

[76] Normalmente, é uma expressão utilizada para se referir a algo muito valioso que ficou sem terminar ou sem utilizar.

> [...] dois grandes estádios, no fim do corredor principal, chamam a atenção. Em suas fachadas, sinais do tempo sugerem que, desde o fim das competições, nem um fio de cabelo foi movido por ali. São o Estádio Olímpico Aquático e a Arena do Futuro: duas estruturas apresentadas à época como nômades que, ao fim da Olimpíada, seriam desmontadas e transformadas em escolas e equipamentos esportivos. Legado que, mais de três anos depois, não deu um passo adiante (O Globo, 18/11/2019 p. 5).

Percebemos que o legado ficou no discurso, pois outros interesses estavam em jogo na realização destes eventos e também passaram a ser analisados por outras perspectivas sociopolíticas, econômicas e criminais, como denunciado pelo jornalista escocês Andrew Jennings (2014) no seu artigo "A máfia dos esportes e o capitalismo global".

Suas condições, realizações e motivações sempre estarão associadas ao período histórico vivenciado, sendo o esporte um mobilizador de milhões de atenções, que conta com ídolos do presente (em atividade) e do passado; estes, como exemplares garotos-propaganda, ativam a memória afetiva dos espectadores:

> O fato é que, sob o ponto de vista dos governantes, tornar-se sede dos dois maiores eventos esportivos do planeta, além de mostrar o Brasil ao mundo e enveredar pelo mesmo rumo econômico adotado por demais países emergentes, implica fazer ver a todos, inclusive a nós brasileiros, que somos capazes de realizar nossos projetos da maneira correta, com êxito, na tentativa de exorcizar de vez a alcunha do "complexo de vira-lata", que, conforme Nelson Rodrigues (1958), estava presente, sobretudo no futebol, mas também se fazia verdade em tantas outras áreas (MULLER, 2013, p. 88).

Os altos investimentos em infraestrutura para realizar os megaeventos e o fracasso da Seleção Brasileira nas últimas duas Copas do Mundo, aliados à tentativa das forças políticas de direita de interromper o ciclo do PT - Partido dos Trabalhadores no poder, foram o estopim para a explosão de uma das maiores manifestações de rua do país, gestada via redes sociais[77].

Os motivos eram variados: reivindicavam-se, além do preço das passagens do transporte público, a ética, a justiça social e a reforma política, atacando também entidades financeiras, multinacionais e até alguns meios de comunicação.

A FIFA e o COI, como "mentores" dos gastos, também foram alvo das manifestações, que tinham surgido pregando também o "não vai ter Copa", cobrando, entre outras coisas, a construção de escolas, hospitais e investimentos de cunho social.

---

[77] Manifestações populares eclodiram por todo o Brasil dias antes do início da realização do evento, seguindo o rumo de movimentos sociais que haviam surgido mundo afora, conforme definiu Castells (2013), inicialmente no mundo árabe e, posteriormente, em países europeus. Tais movimentos, ainda segundo o autor, conectados em rede, dispuseram-se contra governos que negligenciaram o gerenciamento da crise econômica na Europa e nos Estados Unidos e colocaram-se ao lado das elites financeiras responsáveis pela crise, à custa de seus cidadãos. Obviamente, no Brasil, essas manifestações e movimentos, ainda que seguindo a lógica de estarem conectados em rede e partirem da organização via redes sociais, tais quais os ocorridos em outros locais mundo afora, tiveram suas peculiaridades, adquirindo contornos próprios.

As manifestações realizaram-se simultaneamente em várias cidades, chegando a concentrar mais de um milhão de pessoas na véspera da Copa das Confederações, como mostrava a manchete da capa do jornal *OESP* de 21/06/2013: "Mais de um milhão vai às ruas no País; violência marca protesto".

Nesse contexto, surgem as declarações dos ídolos do passado. Um vídeo postado na plataforma *Youtube* trazia a declaração do ídolo nacional Ronaldo Nazário ou Ronaldo "Fenômeno", integrante do COL – Conselho Administrativo do Comitê Organizador Local, na qual ele afirmava que: "com hospitais não se faz Copa do Mundo", declaração que causou indignação generalizada[78].

Outro célebre (garoto-propaganda) defensor do sistema foi Pelé ou, melhor dito, o cidadão Edson Arantes do Nascimento, como ele mesmo se identificou num outro vídeo postado nas redes sociais, no qual, em *nome da nação*, ele pedia:

> […] Vamos *esquecer* toda essa *confusão* que está acontecendo no Brasil e vamos pensar que a Seleção Brasileira é o nosso país, é o nosso sangue. Não vamos vaiar a seleção. Vamos apoiar até o final [...] vou pedir mais uma vez aos brasileiros para não *confundirem* as coisas. Estamos iniciando uma preparação para a Copa do Mundo. A Copa das Confederações serve muito para a gente ter uma base de como vai ser a nossa equipe[79] (grifo nosso).

Tanto para Ronaldo Nazário como para Pelé, maior ícone esportivo mundial, o futebol é a nação, e a Copa das Confederações um ensaio geral para a próxima Copa do Mundo, rara oportunidade de liberar o grito entalado na garganta durante 64 anos e finalmente ver o Brasil sagrar-se campeão na sua própria casa, após a "tragédia"[80] em que se converteu a perda da final para Uruguai, na Copa do Mundo de 1950, na primeira vez que o Brasil foi sede do evento, e que ficou internacionalmente conhecida como Maracanazo[81].

O Brasil construiria estádios de "padrão FIFA internacional", mostraria ao planeta a capacidade de realizar eventos de magnitude mundial, contava com uma estrela agora reconhecida mundialmente (Neymar) e atraía para si toda atenção da imprensa mundial; para que estragar a festa com coisas menores?

Ao final, milhões de dólares seriam desviados pela corrupção, como ficou comprovado mais tarde, e nada mais oportuno que utilizar o futebol e seus ídolos mundiais travestidos de

---

78 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=S2QFdBYr3NM>. Acesso em: 08 fev. 2020.

79 Disponível em: <https://youtu.be/raAMjAnp5p4?t=70>. Acesso em: 08 fev. 2020.

80 Para uma análise mais detalhada desta derrota como um drama da sociedade brasileira, ver Perdigão (1986).

81 *Maracanazo*: Termo muito utilizado pela imprensa brasileira e uruguaia para se referir ao triunfo dos uruguaios sobre o Brasil na final da Copa de 1950. Foi a maior derrota em termos de dramaticidade. Simbolicamente, continua a ser a maior derrota sofrida pela Seleção Brasileira e tida como uma tragédia nacional.

"garotos-propaganda" do sistema capitalista, que se apoderou da estrutura dos esportes profissionais de várias modalidades.

Tanto o apelo emocional e patriótico do "Rei do Futebol", embaixador oficial da Copa do Mundo 2014, quanto o raciocínio "verdadeiro" (porque uma partida não pode ser disputada num hospital) de Ronaldo Nazário não são ingênuos e tentam desqualificar ou relegar a um segundo plano as legítimas manifestações populares, apelando para o único elemento historicamente capaz de congregar maciça e indiscriminadamente a sociedade brasileira em torno de um objetivo nobre e nacionalista: o futebol.

Nos capítulos anteriores, revisitamos o contexto esportivo brasileiro e a trajetória, até aqui, de nosso objeto de estudo: o jogador Neymar, sobre quem recaíam todas as esperanças de vitória.

Seria ele o "maestro" que reconduziria o Brasil ao ponto mais alto do pódio, abrindo caminho para o grande momento da redenção?

Nesse contexto sociopolítico e esportivo em que o Brasil se encontrava, teve início a Copa das Confederações, primeiro evento desta tese, em busca da classificação.

Apesar dos fracassos da Seleção Brasileira na Copa América 2011[82] e nos jogos Olímpicos de Londres, em 2012[83], Neymar, que tinha sido transferido em abril de 2013 para o *Futbol Club Barcelona* [84], vinha sendo divulgado pela imprensa como o único representante do futebol-arte brasileiro em atividade no Brasil e, com certa exorbitância de alguns meios de comunicação brasileiros, considerado o "novo Pelé".

Mais uma vez, a imprensa inicia as narrativas com um apelo emotivo às memórias, incluindo nelas a camisa que o craque vestiria na Seleção Brasileira, como garantia quase que inviolável de sucesso.

Caberia a Neymar a honra e a responsabilidade "autodeterminadas"[85] de entrar em campo com a camisa 10 da Seleção Brasileira, tornando-se assim o atleta mais jovem a vesti-la

---

82 O Paraguai derrotou o Brasil nos pênaltis nas quartas de final, na cidade de La Plata, Argentina, após empate sem gols no tempo regulamentar e na prorrogação.

83 O Brasil perdeu a final do torneio Olímpico de futebol para o México por 2 a 1, no Estádio Wembley, na cidade de Londres.

84 A transferência de Neymar do Santos para o Barcelona, em junho de 2013, foi a oitava mais cara da história do futebol. Durante a apresentação do craque, o clube catalão confirmou que desembolsou um total de 57 milhões de euros (à época cerca de R$ 160 milhões) pelos direitos federativos e econômicos do atleta.

85 Segundo o site Globo Esporte da globo.com, Luís Felipe Scolari declarou à imprensa que vestir a camisa 10 da Seleção Brasileira foi uma *iniciativa do próprio Neymar*, ao solicitá-la antes do amistoso disputado no Maracanã entre Brasil e Inglaterra, na véspera da Copa das Confederações 2013: "Ontem quando tínhamos que inscrever os atletas, perguntamos aos jogadores qual camisa queriam. Cada um colocaria o número que quisesse. A camisa 11 é a que Neymar vinha jogando, *mas pediu a 10*. Ponto" (grifo nosso). Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2013/06/felipao-diz-queneymar-pediu-para-ser-camisa-10-mas-numero-pode-mudar.html>. Acesso em: 20 jun. 2019.

em torneios de caráter mundial, desde que Pelé a vestira pela primeira vez, aos 16 anos, em 1958, na Copa do Mundo da Suécia[86].

Neymar, com essa escolha, chamou para si toda a responsabilidade inerente àqueles que vestem essa camisa, quiçá em busca de tornar-se o herói condutor até a maior jornada futebolística do planeta, a Copa do Mundo FIFA, que ocorreria no Brasil um ano depois, em 2014. O herói, no conceito clássico, precisa chamar a responsabilidade para si, romper barreiras e obter triunfos para estabelecer-se como tal.

O mito fundador da "camisa 10" teria nascido com Pelé na Copa de 1958. A partir de então, a narrativa deu início a uma tradição em que o valor construído culturalmente sobre o número 10, aliado ao sucesso reconhecido dos jogadores que sucederam a Pelé, teria criado uma estreita relação entre o "número 10" e o status de "craque" ou ídolo no futebol brasileiro.

Com efeito, a camisa amarela e verde da seleção nacional reside na lembrança dos atores sociais e tornou-se um símbolo da identidade nacional. Com o número 10 no dorso, a camisa reforça também a memória das glórias do futebol nacional.

Perceber os significados que a mídia atribui a esta camisa nos auxilia a compreendermos o amálgama "futebol-identidade nacional" e as contínuas novas tentativas midiáticas de resgatar as glórias do passado.

O resgate, nesse ponto, surge no sentido de perpetuar a identidade nacional, também construída a partir das imagens dos jogadores de outras épocas. O discurso sobre a "camisa 10" não se configuraria como mais um elemento para preservar, através de um jogo articulado de símbolos e valores, a identidade nacional? (ABRAHÃO; DI BLASI; SANTORO, 2007).

Nos dias que precederam a estreia do Brasil na Copa das Confederações, a imprensa internacional se fez presente em grande escala, focando nas manifestações de rua que ameaçavam a realização da Copa do Mundo em 2014 e, principalmente, em Neymar: "Uma torre de babel em torno do jovem craque da seleção para acompanhar a primeira entrevista coletiva do craque. Cerca de 200 jornalistas se amontoaram numa tenda improvisada nos jardins do hotel onde a seleção estava hospedada" (O Globo, Esportes, 14/06/2013, p. 5).

Jornalistas alemães produziam um documentário sobre o jogador, preocupados com o desempenho do atleta nos últimos jogos, como noticiado pelos jornais do Brasil: "Vimos os

[86] O primeiro camisa 10 da seleção em Copas foi Jair Rosa Pinto, um dos craques do time de 1950 – nessa Copa, surge pela primeira vez a numeração na camisa dos jogadores. Quatro anos depois, na Suíça, a honra de vestir a camisa 10 coube ao atacante Pinga. Depois das dinastias de Pelé (1958, 1962, 1966 e 1970), Rivellino (1974 e 1978) e Zico (1982 e 1986), Silas, em 1990, na Itália, e Raí, na Copa de 1994, vestiram a camisa 10. Esses dois últimos jogadores, no entanto, passaram mais tempo na reserva. Neymar foi o mais jovem da lista a atuar numa Copa do Mundo com o número 10 às costas. Zico, por exemplo, tinha 29 anos no Mundial de 1982, quando comandou a seleção de Telê Santana. Rivellino, em 1974, tinha 28 anos.

últimos amistosos do Brasil e ele não jogou bem, a seleção deixou uma imagem ruim" (O Globo, Esportes, 14/06/2013, p. 1).

O jornal *Marca* de Madrid, mais específico, declara: "27 cámaras de TV, 36 fotógrafos y 157 periodistas seguindo a 'Ney'"; e reproduz a fala de Neymar: "No me cansa que los fotógrafos me tiren fotos o que las fãs me griten… Nada me descentra de mi objetivo, que es ganar la Confederaciones" (Marca, 14/06/2013, p. 14)[87].

"Estamos aqui para acompanhar Neymar", declararam os jornalistas espanhóis, na sua maioria, do *Mundo Deportivo* de Barcelona: "Há muita *curiosidade* sobre Neymar. O Campeonato Brasileiro e a Libertadores são pouco vistos lá. Então, o povo não sabe como ele joga" (O Globo, Esportes, 14/06/2013, p. 2, grifo nosso).

A expectativa espanhola era por conta da recente transferência do jovem talento ao *Futbol Club Barcelona*, onde ainda não tinha atuado, e teciam-se inúmeras expectativas sobre sua parceria com Lionel Messi e Luís Suarez, trio que se tornou famoso mais tarde como o "tridente MSN" (M de Messi, S de Suarez e N de Neymar).

A única crítica da imprensa espanhola sobre Neymar, que podemos pensar como negativa, não versa sobre a parte técnica do atleta, e sim sobre a sua estrutura física, considerada pela imprensa espanhola como deficiente para jogar em alto padrão na Europa. O médico chefe do Barcelona Ricardo Pruna, após os exames preliminares na apresentação do jogador ao clube, alertou que Neymar, com uma altura de 1,74m e pesando 64,5 Kg, deveria passar por um regime especial para ganhar peso e massa muscular em face à exigência física que encontraria na Europa. "El fútbol brasileño es otra cosa y *Neymar* debe ganar en presencia física" (Mundo Deportivo, 20/06/2013, p. 16, grifo nosso).

Participaram oito seleções nacionais, divididas na primeira fase em dois grupos de quatro seleções. Brasil, Japão, México e Itália formaram o Grupo A (Tabela 6).

Tabela 6 - Grupos Copa das Confederações - 2013.

Grupo A	Grupo B
Brasil	Espanha
Japão	Uruguai
México	Taiti
Itália	Nigéria

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Analisamos as matérias jornalísticas de jornais brasileiros (*O Estado de São Paulo* e *O Globo*) e jornais espanhóis (*Marca* e *Mundo Deportivo*) durante os cinco jogos disputados pelo

[87] O trecho correspondente na tradução é: "27 câmeras de TV, 36 fotógrafos e 157 jornalistas seguindo 'Ney'"; e reproduz a fala de Neymar: "Não consigo me cansar de fotógrafos tirando fotos de mim ou tendo os fãs gritando para mim... Nada vai me desconcentrar do meu objetivo, que é vencer as Confederações" (Marca, 14/06/2013, p. 14).

Brasil na competição (Tabela 7), no período compreendido entre os dias 14 de junho de 2013 e dois de julho de 2013.

Tabela 7 - Jogos Brasil Copa das Confederações – 2013.

Fase	Jogo / Resultado					Datas Pesquisadas		
Grupos	1	Brasil	3	0	Japão	14/06/2013	15/06/2013	16/06/2013
	2	Brasil	2	0	México	18/06/2013	19/06/2013	20/06/2013
	3	Itália	2	4	Brasil	21/06/2013	22/06/2013	23/06/2013
Semifinal	4	Brasil	2	1	Uruguai	25/06/2013	26/06/2013	27/06/2013
Final	5	Brasil	3	0	Espanha	29/06/2013	30/06/2013	02/07/2013

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

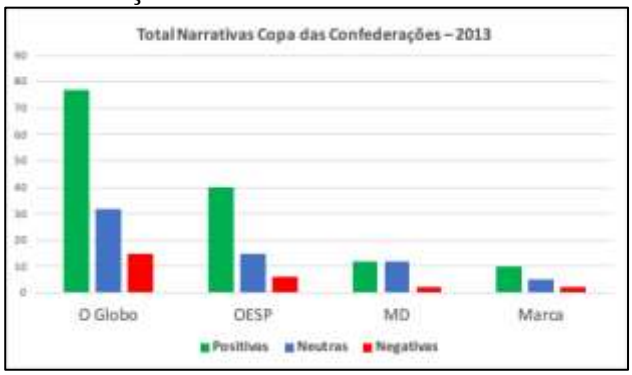
Durante o período descrito, avaliamos um total um total de 228 matérias do evento: 124 do jornal *O Globo*, 61 do jornal *O Estado de São Paulo*, 26 do jornal *Mundo Deportivo* e 17 do jornal *Marca*, como demonstrado nas tabelas 8 e 9 e em seus respetivos gráficos (2 e 3), resultados da Tabela A "Total Narrativas Copa das Confederações - 2013", anexada a este trabalho.

Tabela 8 - Total das narrativas Categoria x Jornal.

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUB-TOT
O Globo	77	32	15	124
OESP	40	15	6	61
Mundo Deport.	12	12	2	26
Marca	10	5	2	17
Total	139	64	25	228

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 2 – Total das narrativas - Copa Confederações 2013.



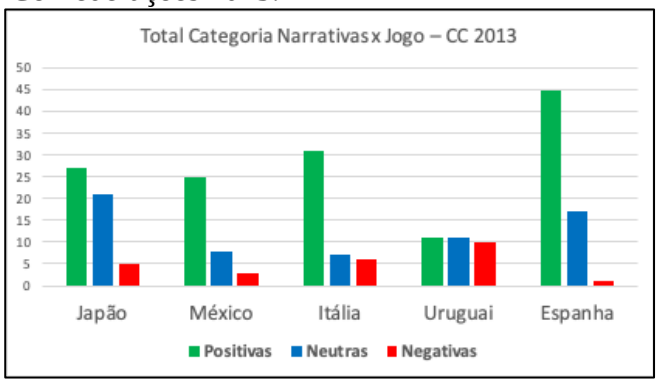
Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 9 - Total Categoria Narrativas x Jogo.

Jogo	Positivas	Neutras	Negativas
Japão	27	21	5
México	25	8	3
Itália	31	7	6
Uruguai	11	11	10
Espanha	45	17	1
Total	139	64	25

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 3 - Total de narrativas por jogo - Copa Confederações 2013.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Contrastamos as opiniões da imprensa sobre o jogador com os dados da performance individual dele em cada partida, coletados no "*game statistic*" da FIFA (Tabela 10).

Tabela 10 - Desempenho individual de Neymar - Copa das Confederações 2013.

Jogo		T	Chutes		Faltas		Gols		Cartão		Observações Substituição
			Gol	Fora	Com.	Sof.	Qtd.	Tem.	Am	Vm	
1	Japão	74'	2	2	2	4	1	3'	-	-	Lucas 74'
2	México	90'	2	4	6	6	1	9'	-	-	-
3	Itália	69'	2	3	5	8	1	28'	28'	-	Bernardo 69'
4	Uruguai	89'	4	4	1	8	-	-	-	-	Dante 89'
5	Espanha	90'	3	4	2	3	1	44'	-	-	-

Fonte: *Game Statistic* – FIFA.

Neymar foi o jogador da Seleção Brasileira que mais atenção recebeu antes, durante e após o evento, nas 16 edições de cada um dos quatro jornais pesquisados. A cobertura do jornal do Rio de Janeiro foi mais extensa do que a do Estado de São Paulo, apesar de Neymar ser oriundo desse Estado e ambos os jornais editarem um caderno específico de esportes.

O jornal *O Globo* estampou a imagem do atacante em uma capa do jornal, quatro capas do Caderno de Esportes (Figura 9) e em 15 fotos compartilhadas com outros atletas. Foi o personagem único de três matérias de página inteira[88].

No jornal *OESP*, não ocupou a capa de nenhuma edição do jornal, porém apareceu em quatro oportunidades na capa do Caderno "Copa das Confederações".

Os jornais da Espanha, por serem especializados em todos os esportes, dedicam somente duas ou três páginas, por edição, para cada seleção que disputa a competição, com evidente ênfase na seleção espanhola.

---

[88] Neymar teve matérias exclusivas no jornal *O Globo* de página inteira. Disponíveis em: <https://acervo.oglobo.globo.com/consultaoacervo/navegacaoPorData=201020130620>. Dia 20/06/2013, Esportes, p. 3. Acesso em: 12 fev. 2020. <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-acervo/?navegacaoPorData=201020130621>. Dia 21/06/2013, Esportes, p. 6. Acesso em: 12 fev. 2020. <https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=201020130630>. Dia 30/06/2013, Esportes, p. 3. Acesso em: 02 fev. 2020.

Por esse motivo, a quantidade de reportagens sobre o Brasil é inferior ao número de reportagens veiculadas nos jornais brasileiros. Também foi extensa a cobertura das manifestações de rua no Brasil todo, chegando, principalmente, nos dias que antecediam aos jogos, a ser mais extensa que a cobertura dedicada ao esporte. As palavras-chave mais encontradas para definir o atleta foram: craque, estrela, ídolo e gênio.

Figura 9 - Capas Globo + capas caderno Confederações.

Fonte: Jornal *O Globo*.

As únicas discrepâncias entre os jornais de Brasil e Espanha foram encontradas no campo das expectativas "criadas" sobre o desempenho de Neymar na competição. Enquanto no Brasil recaíam sobre ele todas as aspirações de ganhar o título, para os espanhóis o fundamental era saber como ele se comportaria num evento de tal magnitude, já que atravessava uma fase de 10 jogos sem marcar e de insucessos na Copa América e nas Olimpíadas de Londres. A expectativa maior dos espanhóis centrava-se na futura parceria com Lionel Messi e Luiz Suarez (craques já consagrados em seus times e seleções) no *Futbol Club Barcelona*.

3.1 **Brasil vs. Japão**

Apesar de Japão (junto com Brasil, por ser o anfitrião) ser a única seleção classificada para a Copa do Mundo de 2014, historicamente nunca foi relevante como adversário. Em 13 confrontos realizados, nunca conseguiu ganhar do Brasil. Foram 11 vitórias brasileiras e dois empates, o Japão somente converteu cinco gols e sofreu 36.

O último encontro amistoso tinha sido disputado em 16 de outubro de 2012, na Polônia, e o Brasil venceu por quatro a zero, com dois gols de Neymar, que comandou o time; portanto não seria um bom teste para aferir as condições da Seleção Brasileira. A imprensa adotou um posicionamento neutro com Neymar e com o time antes da estreia da seleção, permanecendo assim mesmo após a vitória da estreia.

As matérias veiculadas na imprensa brasileira são, na maioria, de colunistas de opinião e/ou entrevistas com ex-atletas, entre eles: Pelé, Zico, Marcos, Roberto Carlos – dando conta da expectativa gerada por Neymar. Alguns opinavam que era evidente que a queda de rendimento do jogador no Santos e na seleção era fruto da pressão a que o jovem jogador estaria sendo submetido – há quase 10 jogos completos sem marcar gol na seleção.

Neymar refutou essa hipótese e declarou: "Deus me deu o dom de jogar futebol e paciência. Aguento bem a pressão e estou muito tranquilo" (Marca, Confederaciones, 14/06/2013, p. 14).

Felipe Scolari, apesar de não compartilhar a ideia de que a pressão estaria afetando o desempenho do atleta, na coletiva de imprensa, demonstrava preocupação e advertia: "Neymar não joga com 11 camisas, joga com uma só, não tem maior pressão que os demais nem obrigação de driblar o time todo e fazer gol [...] Neymar é o ídolo de todo Brasil e temos que protegê-lo" (Marca, 15/06/2013, p. 4), não especificando de quem ou de que Neymar teria que ser protegido. Na realidade, todas as esperanças de gol e, consequentemente, de vitória recaem, de fato, sobre Neymar.

Aos três minutos de jogo, Neymar marcou o gol que, além de acabar com o jejum de quase 10 jogos do atleta, aliviou a pressão sobre ele e sobre toda a equipe: "Neymar acerta bomba de efeito moral e transforma tensão da estreia em festa, pela vitória por 3 a 0 sobre o Japão apesar dos protestos no DF" (O Globo, Esportes, 16/06/2013, capa). A apresentação do atleta lhe rendeu o *MVP - Most Valuable Player*[89], outorgado pela FIFA ao melhor jogador em campo durante a partida.

As vaias à presidenta Dilma Rousseff, ensaiadas na cerimônia de abertura, transportaram para dentro do estádio os protestos de cidadãos, também vestindo a camisa da Seleção Brasileira, que ocorriam simultaneamente nas ruas de várias cidades do país – somente as vitórias da seleção poderiam silenciar grande parte delas, como de fato aconteceu.

---

[89] O termo "*MVP*" é uma abreviação para a expressão da língua inglesa "*Most Valuable Player*", que significa "Jogador Mais Valioso" em tradução livre. Ou seja, os jogadores eleitos *MVPs* são aqueles que mais contribuíram positivamente para o triunfo de suas equipes em um determinado recorte de tempo. Assim, os *MVP*s podem ser eleitos tanto em uma partida específica quanto em um campeonato ou em um ano de competições.

3.2 **Brasil vs. México**

Este, sim, seria um teste válido para perceber se Neymar estaria à altura de se tornar o herói do Brasil, já que a seleção mexicana tinha histórico vencedor frente ao Brasil em confrontos fora de Copas do Mundo.

Venceu o Brasil na final da Copa das Confederações de 1999, no Estádio Azteca, na cidade do México; venceu duas finais da Copa de Ouro[90] (1996 e 2003); e, recentemente, com Neymar em campo, derrotou o Brasil na final do Campeonato Olímpico de Londres 2012, em Wembley, frustrando mais uma vez a Seleção Brasileira de obter o único título a nível mundial que nunca tinha ganho.

O clima de revanche era inevitável, a memória da última derrota tinha sido estampada pela imprensa internacional, com a imagem de Neymar ajoelhado, chorando no meio do gramado de Wembley ao final da partida (Figuras 19 e 20, do capítulo 2). O herói tinha fracassado no intento de trazer para seu povo o único troféu faltante na prateleira.

No dia do confronto, após o cerimonial executar um trecho editado do Hino Nacional Brasileiro, o público presente continuou cantando à capela por alguns minutos: "para transformar o Castelão numa catedral do orgulho nacional. Enquanto os jogadores vibravam e se abraçavam, contagiados pela manifestação" (O Globo, Esportes, 20/06/2013, p. 4).

O nacionalismo ufanista, nacionalismo "quadrienal atrelado à seleção" (HELAL, 2012, p.157), se fez presente, aumentando carga simbólica da "pátria de chuteiras", apesar de, como o sociólogo argentino Hugo Lovisolo afirmou em entrevista, a pátria calçar chuteiras cada vez menores[91].

O técnico Felipe Scolari declara: "Acho que a vibração do Hino Nacional assustou um pouco o México" e pede para que a torcida continue nesse incentivo: "É assim que tem de ser daqui pra frente" (O Globo, Esportes, 20/06/2013, p. 4).

---

[90] A Copa de Ouro é uma competição anual de futebol que reúne as seleções da CONCACAF - Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe. O Brasil, que pertence à CONMEBOL - Confederação Sul-Americana de Futebol, participou como convidado.

[91] Por ocasião do lançamento do livro *A Invenção do País do Futebol*, seus autores deram uma entrevista para o jornal *O Globo* (01/10/2000) e, em determinado momento, Lovisolo, ao ser perguntado pelo repórter sobre os impactos da derrota do futebol brasileiro nas Olimpíadas de então, respondeu direta e enfaticamente: "Nenhum. O orgulho nacional não sofre mais com as derrotas. Há uma diversificação de interesses em outras modalidades de esporte e lazer, o futebol já não tem tanto peso". E concluiu: "a pátria calça chuteiras cada vez menores", em alusão a uma famosa imagem brasileira, a pátria de chuteiras, cunhada pelo dramaturgo e escritor brasileiro Nelson Rodrigues, para expressar a relação que sempre percebemos entre a identidade nacional brasileira e seleção nacional de futebol (HELAL, 2011, p. 27).

A vitória do Brasil foi analisada pela imprensa brasileira como a vitória de Neymar que, pela segunda vez consecutiva, foi eleito o *MVP*: "O resultado deveria ser Neymar 2 - 0 México" e "Neymar, um futebol de cinema" (O Globo, Esportes,20/06/2013, p. 4).

O jornal *OESP* num parágrafo sintetiza o que a maioria da imprensa viu acontecer no jogo: "Neymar roubou a cena e foi o nome do jogo. Abriu o placar para a vitória com um golaço e entortou a defesa mexicana no lance do segundo gol. Disparada a sua melhor atuação pela seleção. Driblou, chutou, lançou e fez um golaço. Espetacular!" (OESP, Esportes, 20/06/2013, p. 83).

O Globo também destacou as notícias veiculadas na imprensa espanhola, ressaltando que o jornal *Mundo Deportivo* publicou uma matéria com o título "*Otra actuación 10 de Neymar*", e o jornal *Marca* usou a expressão "*Fantasia Neymar*" ao se referir ao desempenho do atleta (O Globo, 20/06/2013, Esportes, p. 3). Neymar, segundo as estatísticas do jornal *OESP*, é o jogador com maior número de faltas cometidas, oito: "É o jogador mais faltoso do time de Felipão" (OESP, 21/06/2013, p. 51).

O jornal O Globo exalta que o craque tem a generosidade típica dos heróis e afirma que, após o jogo, Neymar, assistindo aos melhores momentos na TV, esforçava-se para não ser o único protagonista, declarando: "Não quero ser mais do que ninguém. *Na seleção ou em lugar algum você deve ser mais do que ninguém, seja pelo que você é, pelo que você ganha, por onde você joga* [...] E eu sou este *cara humilde*, família, amigo das pessoas. Não vou mudar, não tem razão para isso" (O Globo, 20/06/2013, Esportes, p. 3, grifo nosso). Na frase acima, destacada em itálico, chama a atenção a fala do atleta utilizando a terceira pessoa do singular para autorreferência. Termos pesquisado nos jornais sete anos após a data em que essas declarações foram proferidas revela certa inconsistência entre o discurso proferido por Neymar e a realidade de fatos polêmicos amplamente divulgados pela imprensa internacional, o que nos remete a concordar com Goffman:

> Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de um modo geral, as coisas são o que parecem ser (GOFFMAN, 1975, p. 25).

No caso de Neymar, a tentativa clara de coincidir com as narrativas da imprensa e, por osmose, com o anseio de uma torcida ávida por uma vitória que lhes permita sonhar com o tão desejado hexacampeonato mundial.

A imprensa brasileira, em outras oportunidades, já tinha observado, analisado e veiculado críticas sobre o comportamento de Neymar, que vão de encontro ao perfil que ele mesmo tenta traçar sobre si.

3.3 **Itália vs. Brasil**

Nove títulos Mundiais em campo, cinco do Brasil e quatro da Itália. Era o clássico mundial mais importante disputado nessa Copa das Confederações, com as duas seleções classificadas para as semifinais do torneio. Além da rivalidade, estava em jogo definir quem se classificaria no primeiro lugar no grupo, evitando assim enfrentar a Espanha, então atual campeã do mundo, nas semifinais.

Segundo a imprensa, as vitórias ante Japão e México expuseram a perigosa dependência da Seleção Brasileira do seu melhor jogador, o que poderia deixar o time em apuros. Na guerra de narrativas, a direção técnica da seleção se apressa em desmentir a dependência: "Essa Neymar-dependência pode ter acontecido no Santos, aqui na seleção isso não vai ocorrer [...] Não vai ocorrer porque nós não colocamos tanta responsabilidade sobre ele", afirmou o coordenador técnico Carlos Alberto Parreira (OESP, 21/06/2013, p. 55).

Contra fatos não há argumentos, e os 76 passes (33 Japão; 43 México) recebidos de seus companheiros durante os dois jogos citados seriam a confirmação dessa dependência.

O jogo bateu recorde com 45 faltas anotadas. Brasil e Itália eram as seleções que mais fizeram faltas no torneio até aquele momento. "Enquanto a equipe de Felipão já cometeu 67 infrações, a Azurra chegou a 51 na primeira fase" (O Globo, Esportes, 23/06/2013, p. 6).

Uma das cinco faltas cometidas por Neymar no jogo teve consequências graves, ganhou cartão amarelo e foi substituído para prevenir um segundo cartão, que o deixaria fora da semifinal.

Numa entrada considerada "perigosa", Neymar derrubou o lateral Ignazio Abate, que, na queda, sofreu uma luxação na clavícula e ficou de fora da Copa. Neymar declarou que: "Foi casual, ele caiu mal e se contundiu, espero que não seja nada grave" (OESP, Esportes, 23/06/2013, p. D4).

O técnico Felipe Scolari tenta justificar: "Ele tem sofrido muitas faltas e também tem *cometido uma ou outra*[92], mas é porque ele é franzino e não tem posicionamento para parar a

[92] Segundo afirmou em entrevista o goleiro Júlio Cesar ao jornalista Fernando Calazans, o técnico Felipe Scolari orienta os jogadores da seleção a cometer faltas para parar jogadas do adversário: "sempre fazer falta, mas sem violência" (O Globo, Esportes, 23/06/2013 p. 2). Poder-se-ia especular que a quantidade de faltas que Neymar comete e a justificativa do técnico começam a fazer sentido.

jogada, então acaba chegando *descoordenado* no lance e comete a infração que é *coisa normal de jogo*" (O Globo, Esportes, 23/06/2013 p. 6, grifo nosso).

Um pouco incoerente a justificativa do técnico, tentando insinuar que uma descoordenação física do atleta seria a causa das faltas cometidas pelo jogador.

O gol de falta convertido pelo atacante foi considerado "de gênio" nas palavras de Felipão, ou "Míssil Neymar", segundo o *Mundo Deportivo*, que acrescenta: "El joven crack del Barça encarriló el triunfo de Brasil com um golazo impresionante em la ejecución de uma falta"[93] (MD, 23/06/2013, p. 1).

Fernando Calazans comenta na sua coluna do Caderno de Esportes que: "Neymar brilhou enfim na cobrança magistral de uma *falta que ele mesmo cavou (ou simulou)* fazendo 2 a 1, [...] uma *falta atabalhoada* e tão *violenta* quanto tola, *infantil*, para que isso?" (O Globo, Esportes, 23/06/2013 p. 2, grifo nosso).

Pela terceira vez consecutiva, *apesar do cartão amarelo*, Neymar é eleito o *MVP* do jogo pela FIFA. Parece que um gol de "gênio" se sobrepõe ao "*fair play*" tão difundido pela entidade maior do futebol mundial.

3.4 **Brasil vs. Uruguai**

O jogo, que envolve uma rivalidade de quase um século[94], era o passaporte para a grande final da Copa das Confederações. Momento em que torcedores de ambos os países e a imprensa em geral trazem à tona, junto com as memórias, os "fantasmas" do passado.

A imprensa espanhola, através do periódico *Marca*, ressuscita o mais famoso deles: "*2013: año del Neymarazo*", fazendo clara alusão à derrota brasileira para Uruguai na final da Copa do Mundo de 1950, conhecida como Maracanazo (Marca, 26/06/2013, p. 12).

Nos dias que antecederam o jogo, como invariavelmente acontece, houve provocações de ambos os lados. Ao ser indagado sobre Neymar pelos repórteres do jornal *O Globo*, o capitão e zagueiro da seleção uruguaia Diego Lugano respondeu fazendo alusão à fama de "cai-cai", "simulador" ou "*piscinero*"[95] que acompanha Neymar: "Neymar simula muito bem a falta. Ele é leve, dá um pulo e cai no chão. Esse tipo de jogo é um perigo para os zagueiros. Sem falar

---

[93] O trecho correspondente na tradução é: "O jovem craque do Barça colocou a vitória do Brasil nos trilhos com um gol impressionante na execução de uma falta" (MD, 23/06/2013, p. 1).

[94] O primeiro jogo entre Brasil e Uruguai foi realizado na primeira edição do Campeonato Sul-americano de Futebol (atual Copa América), realizado na Argentina, que comemorava o centenário de sua independência. O Uruguai venceu por 2 a 1, sagrando-se campeão ao vencer na final a Argentina. Participaram os times de Argentina, Brasil, Chile e Uruguai. Até a realização da Copa do Mundo de 1930, o Campeonato Sul-americano foi a competição mais importante do continente.

[95] Em espanhol, utiliza-se de forma depreciativa o jargão "*piscinero*" para identificar os jogadores que caem toda hora, simulando faltas ou contato físico inexistente.

que ele está cometendo muitas faltas (13 na competição, contra 18 sofridas). É preciso atenção nisso, pois ele está simulando" (OESP, Esportes, 26/06/2013 p. 43). Na competição, Lugano, sendo considerado um zagueiro duro, que por posição está propenso a cometer mais faltas, tinha até o momento o mesmo número de faltas cometidas que Neymar, este atuando como atacante. Outro zagueiro, Diego Godin, diz que: "Neymar é um jogador imprevisível, um dos melhores do mundo [...] sempre se aproveita do menor contato para cavar faltas e gerar jogadas de perigo" (O Globo, Esportes, 25/06/2013, p. 7).

Num jogo muito disputado e físico e, segundo a imprensa, o jogo mais difícil do torneio, o Brasil se impôs ao Uruguai por 2 a 1. Considerada pela imprensa brasileira como a pior partida de Neymar, foi a primeira dentro da competição em que ele não marcou gol e não foi eleito o *MVP*. Recebeu nota 6,5 do jornal *O Globo*: "Não brilhou intensamente, mas participou dos dois gols [...] com o time pressionado no meio de campo e Neymar abaixo do que vinha apresentando" (O Globo, Esportes, 27/06/2013, p. 3).

É sensível, nas quatro edições consultadas, a percepção de que Neymar nesse jogo perdeu o protagonismo e a exposição (sem fotos) que vinha sendo-lhe dedicada.

A imprensa espanhola não faz críticas negativas e ressalta que: "En un partido de mucha tensión y poco fútbol, Neymar creó los goles de Fred y Paulinho [...] Neymar, fue obligado a jugar en posiciones mucho más retrasadas que de costumbre. Pero tuvo que ser él, quién si no, el que empezara a desequilibrar el partido con una gran incursión en el área"[96] (Marca, 26/06/2013, p. 16).

O próximo rival seria a seleção espanhola, que conta no seu elenco com nove jogadores do Barcelona[97], companheiros de Neymar. Quiçá seja a final mais esperada, desejada e também temida pelas duas equipes.

3.5 **Brasil vs. Espanha**

Final esperada e quase previsível. Apesar de a Espanha ser a atual campeã do mundo (2010 - África do Sul) e bicampeã da Eurocopa (2008 - Áustria e 2012 - Ucrânia), não ganhava uma partida oficial contra o Brasil desde o dia 27 de maio de 1934, na primeira fase da Copa do Mundo da Itália, quando venceu o Brasil por 3 a 1, no *Stadio Luigi Ferraris* da cidade de

[96] O trecho correspondente na tradução é: "Num jogo de muita tensão e pouco futebol, Neymar criou os gols de Fred e Paulinho [...] Neymar foi obrigado a jogar em posições mais recuadas que de costume. Mas teve que ser ele, senão quem a desequilibrar o jogo com uma bela incursão na área" (Marca, 26/06/2013, p. 16).

[97] Na época da Copa das Confederações, os seguintes jogadores compunham o elenco do *Futbol Club Barcelona*: Gérard *Piqué*; Andrés *Iniesta*; David *Villa*; *Xavi* Hernandez; Cesc *Fábregas*; *Pedro* Rodrigues; Victor *Valdez*; Sergio *Busquets* e *Jordi Alba***.**

Gênova. As expectativas da imprensa – brasileira e espanhola – coincidiam somente num ponto: Neymar.

No Brasil, as preocupações centrais eram como se comportaria uma seleção em formação, na Copa do Mundo de 2014, em casa, e qual seria o desempenho de Neymar, tido como a esperança de ser o mestre condutor do time.

Já na Espanha, cuja seleção procurava fixar-se como a melhor seleção do mundo, a expectativa era com o comportamento de Neymar no seu primeiro confronto perante os "futuros colegas de vestiário" do Barcelona.

O protagonismo de Neymar somente reapareceu no jornal *Marca*, que dedicou quatro páginas à Seleção Brasileira, sendo duas exclusivamente sobre Neymar com fotos ocupando a metade da área (Figura 10). Nos jornais *O Globo, Mundo Deportivo* e *Estado de São Paulo*, poucas palavras.

> Neymar es el hombre de la final. Al menos en las horas previas […] eran tantos los fotógrafos que querían captar ayer sus gestos durante la rueda de prensa que concedió que el director de comunicación de la CBF les mandó salir de la sala. Era imposible escucharle con tanto ruido de flash y disparo [98] (Marca, 29/06/2013, p. 12).

Figura 10 - Son los mejores del Mundo.

Fonte: Jornal *Marca*.

Neymar é consciente de que todas os olhares se dirigem sobre ele na final, mas assegura que não sente maior pressão por jogar essa final como jogador do Barcelona:

> La presión es grande, siempre que se juega una final con Brasil es grande, *no me siento más presionado* por ser jugador del Barça. La presión es importante desde fuera hacia adentro, pero yo estoy muy tranquilo. *Asumo toda la presión que tengo, pero con calma*. Sólo deseo que Brasil juegue bien y gane[99] (Marca, 29/06/2013, p. 12, grifo nosso).

---

98 O trecho correspondente na tradução é: "Neymar é o homem da final. Pelo menos nas horas anteriores [...] havia tantos fotógrafos que queriam capturar seus gestos ontem, durante a conferência de imprensa, que admitiram que o diretor de comunicação da CBF ordenou que eles deixassem a sala. Era impossível ouvi-lo com o barulho de tanto flash" (Marca, 29/06/2013, p. 12).

99 O trecho correspondente na tradução é: "A pressão é grande, sempre que se joga uma final com o Brasil é grande, *não sinto mais pressão* por ser jogador do Barça. A pressão é importante de fora para dentro, mas estou muito calmo. *Assumo toda a pressão que sofro*, mas com calma. Eu só quero que o Brasil jogue bem e ganhe" (Marca, 29/06/2013, p. 12).

No jornal *Mundo Deportivo*, mais comedido na cobertura pré-jogo, somente a lembrança do enfrentamento de Neymar com os futuros companheiros no Barcelona, todos provenientes da "*masia*" (divisões de base do clube), e destaque para a escolha do melhor jogador da Copa, para o qual André Iniesta, Neymar, Sergio Ramos, Paulinho, Andrea Pirlo e Luiz Suarez são os favoritos, nessa ordem (Figura 11).

Apesar do discurso de não sentir a pressão, como declarou ao jornal *Marca*, no dia anterior ao jogo, Neymar, ao ser indagado sobre o seu protagonismo, *não bateu no peito nem assumiu seu protagonismo nem a responsabilidade*. Segundo o jornal *OESP*, declarou: "Você jogou toda a responsabilidade nas minhas costas, mas *não decido nada sozinho* [...] tem sido assim desde que começamos a Copa das Confederações, *sou novo ainda* mas já passei por muita coisa e *sei a importância de todos* na equipe" (OESP, 29/06/2013, p. 62, grifo nosso).

Figura 11 – Se mide com la Masia.

Fonte: Jornal *Mundo Deportivo*.

Ressaltamos que Neymar, na época, tinha 21 anos de idade e tinha quase cinco anos de atuação como profissional. Essa reação vai de encontro de algumas declarações anteriores.

Após a vitória do Brasil por 3 a 0, com um gol de Neymar, ele e Fred passam a ser os jogadores mais comentados do time brasileiro. As narrativas centralizam-se nas premiações da Copa para agraciar os melhores esportistas. Com o título "Os números não mentem *Neymar é mais*", o jornal *O Globo* afirma que o brasileiro supera Iniesta nas estatísticas do jogo e exibe o infográfico da Figura 12 (O Globo, Esportes, 01/07/2013, p. 3).

Essa premiação dava veracidade às narrativas da imprensa, mesmo que a eleição do Craque da Final fosse realizada pura e exclusivamente por jornalistas, partindo de uma lista confeccionada pela FIFA.

Pelos números apresentados no infográfico (Figura12) podemos ficar confusos e pensar quais os critérios utilizados para tal escolha. Seriam puramente técnicos? Seriam estéticos? O *fair play* tão almejado e solicitado pela FIFA não entra nesse cômputo?

Figura 12 - Os craques da final.

Fonte: Jornal *O Globo.*

Fernando Calazans demonstra algumas dúvidas quanto à escolha do melhor jogador da Copa. Apesar de achar que Neymar foi a escolha certa, o jornalista escreve:

> uma prática que me intriga em competições de futebol espalhadas pelo mundo é a forma da escolha dos melhores jogadores, seja feita pela organização, seja feita por jornalistas, observadores, jogadores, técnicos ou quem mais seja. É uma tradição que atrai as vistas de todo mundo, eu sei, mas é também algo tão difícil que causa, pelo menos a mim, espantos em todas as épocas (O Globo, Esportes, 01/07/2013, p. 2).

Algumas divergências foram encontradas entre os dados utilizados na confecção do gráfico da Figura 12 e os dados oficiais da FIFA computados na Tabela 10 da (p. 86), podendo ser um erro metodológico de coleta.

4 A MISSÃO POSSÍVEL - A COPA DO MUNDO FIFA 2014

Os olhos do mundo estavam voltados para “o país do futebol”. O Brasil pentacampeão do mundo, atual campeão da Copa das Confederações, albergaria em casa o maior evento do futebol mundial. Para realizar com sucesso tal evento, foram realizados investimentos que geraram inúmeros protestos pelo país afora – na casa dos 25,6 bilhões de reais em estádios e obras de infraestrutura, muitas das quais, segundo o jornal *OESP*, ficaram inacabadas ou não foram entregues, como determinado no cronograma oficial (Figura 13).

A imprensa internacional e aficionados em geral prestavam especial atenção a um jovem aspirante a “melhor jogador do mundo” e forte candidato a herói nacional: o número “10” da Seleção Brasileira, Neymar, sobre quem, mais uma vez, estava depositada toda a esperança não só de vitória, mas também de resgate do “futebol-arte”.

Figura 13 - Brasil, Copa Contestada.

O ESTADO DE S. PAULO

estadão.com.br

Brasil é favorito em Copa contestada

● Seleção abre Mundial contra a Croácia com Neymar como craque ● País gastou R$ 26,5 bilhões, mas parte das obras não ficou pronta ou sequer foi entregue ● Fifa escolheu sede em 2007, no 2º mandato de Lula, e agora enfrenta problemas na organização

Fonte: Jornal *OESP*.

Seria também uma ótima e rara chance de mostrar ao mundo que o Brasil estava à altura de realizar com sucesso os megaeventos já agendados para acontecer no país: a Copa do Mundo FIFA 2014 e a Olímpiada COI - 2016.

Por outra perspectiva, a seleção nacional teria a possibilidade de sagrar-se campeã do torneio em casa, na vigésima edição da Copa do Mundo da FIFA.

Ganhar, em casa, a Copa do Mundo de 2014 restabeleceria o lugar “natural” do Brasil na história do futebol mundial, truncado “caprichosamente” e por “azar”, em 16 de julho de 1950, quando, contrariando todos os prognósticos, discursos[100] e expectativas, a seleção uruguaia acabou vencendo o Brasil, no palco exclusivamente construído para colocar o Brasil

[100] Momentos antes do início do jogo final da Copa do Mundo de 1950, num efusivo discurso no Maracanã, o prefeito, Ângelo Mendes de Morais, saudou os campeões: “Vós, brasileiros, a quem eu considero os vencedores do campeonato mundial; vós, brasileiros, que a menos de poucas horas sereis aclamados campeões por milhares de compatriotas; vós que não possuís rivais em todo o hemisfério; vós que superais qualquer outro competidor; vós que eu já saúdo como vencedores” (PERDIGAO, 1986, p. 217).

no mapa mundial, vender uma imagem positiva ligada ao progresso, como uma nação civilizada, racialmente democrática, ordeira, competente e feliz:

> A realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, dessa forma, não representava apenas a possibilidade de sediarmos um evento de grandes dimensões no país, mas também de mostrarmos ao mundo e a nós mesmos que éramos capazes de tal proeza. Contrariando a perspectiva de uma "algazarra" generalizada (para retomar a expressão de Jules Rimet)[101], provaríamos a todos e a nós mesmos nossa capacidade de organização, nosso grau de civilidade e nossa inserção definitiva em um mundo moderno. Provaríamos ao mundo que aqui, onde os jacarés não andam pelas ruas, fôramos capazes de construir o maior estádio de futebol do mundo, palco máximo de um evento que ao fim deveria - segundo nossa perspectiva - celebrar também nossa vitória (WASSEN FRAGA, 2006, p. 155).

Além da vitória dentro das quatro linhas, em 2014, assim como em 1950, o Brasil precisava de grandes estádios para confirmar a imagem de país empreendedor; precisava organizar um evento que tivesse êxito financeiro, técnico e disciplinar; e precisava de uma torcida que não comprometesse o ar de civilidade que desejávamos (SANTOS, 2005, p. 2). Um "evento que projetaria no exterior todo um modelo de país que se desejava brilhante, criativo, genial, promissor" (MOURA, 1998, p. 123).

Poderia, inclusive, caso a vitória acontecesse, sufocar ou calar, mesmo que momentaneamente, as manifestações de rua, organizadas contra a realização do evento e apoiada por parcela significativa da população, que era contrária à construção de estádios com dinheiro público e, consequentemente, contra a Copa do Mundo no país.

A Seleção Brasileira vinha de sucessivos fracassos nas últimas duas Copas do Mundo disputadas. Em 2006, na Alemanha, apesar de tida como franca favorita, foi eliminada pela França nas quartas de final, no estádio *Commerzbank-Arena*, na cidade de Frankfurt. Em 2010, na Copa sediada na África do Sul, não resistiu ao selecionado da Holanda e novamente saiu da competição nas quartas de final, em partida disputada no *Nelson Mandela Bay Stadium*, mais conhecido por "*The Sunflower*", na cidade *Port Elizabeth*.

Havia 945 minutos, ou mais de dez partidas de Copa do Mundo, que um jogador com a camisa 10 da Seleção Brasileira não convertia gol.

---

[101] "Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou-se M. Rimet com evidente satisfação: - O Brasil é o país dos contrastes - disse ele. Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir. - Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra 'amanhã' no Brasil. 'Vamos deixar para amanhã'. No entanto, a organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com extraordinário sucesso desportivo e financeiro. Não se pode pedir mais..." (Correio do Povo, 09/07/1950, p. 16).

Os craques Ronaldinho Gaúcho e Kaká, que vestiram a camisa 10 nas Copas de 2006 e 2010, respectivamente, passaram em branco nos mencionados torneios e não conseguiram marcar gols em nenhum jogo da competição.

O último jogador a marcar gol em Copas do Mundo vestindo a camisa 10 foi Rivaldo, que fez cinco gols na campanha do pentacampeonato em 2002[102] – o derradeiro contra a Inglaterra, nas quartas de final.

Com a esperança de concretizar esse resgate pelos pés do jovem *craque* Neymar, Carlos Eduardo Mansur, no dia da estreia da Seleção Brasileira na Copa, escreveu no Caderno da Copa do jornal *O Globo*:

> Ele tem apenas 22 anos. E justamente no mundial que será jogado em casa, terá todos os olhos do mundo a vigiá-lo. Tanto que foi escolhido para representar o time na última entrevista coletiva antes da estreia de hoje, às 17 h, contra a Croácia, no Itaquerão, em São Paulo (O Globo, Esportes, 12/06/2014, p.).

O título da matéria acima mencionada era: "O protagonista. Conto de fadas". O subtítulo alertava que: "sobre seus ombros, a partir de hoje, o peso da responsabilidade de levar a seleção, em casa, ao sonho do hexa" (*O Globo*, Esportes, 12/06/2014, p. 3).

Os jornais *O Globo* e *OESP*, na mesma data, reproduzem a mesma declaração de Neymar que, em entrevista coletiva, afirmou, com tranquilidade e humildade, só ter um objetivo: "ser campeão abrindo mão de ser o artilheiro e o melhor jogador, para ficar com a taça da Copa", Copa que, segundo os jornais, se "desenha sua".

Tranquilidade, humildade e altruísmo são características que vão compondo o perfil da conduta exemplar que exigimos do candidato a herói. Porém, ao mesmo tempo em que demonstra essas qualidades, não deixa de lado a ambição de ser sempre o melhor, de se superar, de quebrar recordes (HELAL, 1998, p. 148).

Renato Mauricio Prado ao comentar as declarações de Neymar, segundo as quais ele não estaria preocupado em ser o artilheiro nem o melhor jogador da Copa, ressalta na sua coluna:

> Pois deveria. Porque, se isso não acontecer, as nossas chances de erguer o caneco em casa caem drasticamente. É ele o nosso *grande jogador*, a nossa *grande esperança*, o nosso *fator de desequilíbrio*. Se tiver desempenho e papel discretos, podem dar adeus às ilusões (O Globo, Esportes, 12 /06/ 2014, p. 4, grifo nosso).

Percebemos que, nas narrativas da imprensa, Neymar é a única esperança para o título, descrito com adjetivos como "protagonista", "craque" e "fundamental", na Copa que seria a

[102] A Copa do Mundo de 2002 foi a primeira edição a ser sediada por dois países (Coreia do Sul e Japão), a primeira edição a acontecer fora de Europa ou das Américas, e a última na qual o campeão da edição anterior tinha vaga assegurada para a próxima edição. A partir de 2002, o campeão deveria disputar as eliminatórias; a única seleção que teria a vaga confirmada seria a do país-sede.

"sua" Copa. Ante essas afirmações, o jornalista Tadeu de Aguiar, em sua coluna no Caderno da Copa, em matéria titulada "Donos de times, protagonistas, sucessos e frustrações", analisa historicamente a figura do "craque dono do time", lembrando que nem sempre esses grandes craques tiveram rendimento compatível com o título e poucos confirmaram o que deles se esperava:

> Ao longo das Copas, os craques, "os donos" dos times, tiveram sempre peso considerável – para o bem e para o mal – no desempenho das seleções. Principalmente nas brasileiras. Assim como Garrincha liderou a equipe de 62, Pelé foi o ponto de equilíbrio e de perfeição na seleção tricampeã mundial, muito bem coadjuvado por Gérson, Jairzinho, Tostão, Rivelino, Carlos Alberto e Clodoaldo. Vinte e quatro anos depois, o Brasil veria o protagonismo de Romário. Em parceria com a leveza de Bebeto, o pragmatismo de Dunga e a eficiência de Aldair e Taffarel, o atacante foi o solista do time de Parreira. Na conquista do penta, Ronaldo, que meses antes do Mundial era tido como acabado para o futebol, fez o que dele se esperava quatro anos antes. Em 1998, na França, ele fez ótima Copa, mas teve problemas na final e não jogou 100% – física ou emocionalmente. No mundial de Japão e Coreia do Sul, o Fenômeno foi decisivo, marcando oito gols em sete jogos – dois na vitória decisiva por 2 a 0 sobre a Alemanha. Nem todos os protagonistas, porém, confirmaram o que deles se esperava. O próprio Ronaldo, quatro anos depois, viveria situação parecida. Embora não se possa atribuir o fracasso a quem, com os três gols de 2006, tornou-se o maior artilheiro da história das Copas com 15 gols. O fato é que, longe da forma ideal, Ronaldo não levou a seleção além das quartas de final. Não foi por causa dele que a seleção fracassou. O mesmo se pode dizer em relação a Ronaldinho Gaúcho em 2006, na Alemanha. Melhor jogador do mundo, ele ficou aquém de todas as expectativas. Mas o maior erro, talvez, tenha sido de quem, antes da Copa, ousara compará-lo a Pelé (O Globo, 12/06/ 2014, Esportes, p. 3).

Outras narrativas, para além de categorizá-lo de "protagonista", "craque" e "fundamental", situam-no na mesma esfera de Pelé, como o colunista Robson Morelli do jornal O *Estado de São Paulo,* que afirma:

> Neymar escreve hoje mais um capítulo de sua história. O *principal* jogador da Seleção Brasileira, um *Pelé dos tempos modernos*, dá o pontapé inicial na *Copa que se desenha sua, e de mais ninguém*, em casa e diante de sua gente. Neymar tem ainda a missão, não sozinho, mas *à frente dos demais por causa de sua qualidade*, de reescrever a Copa no país, 64 anos depois do fracasso de 1950. Não é pouco (OESP, 12 /06/ 2014, p. 68, grifo nosso).

Pelé, na mesma página da mesma edição do jornal, desqualifica a comparação, citando pontos ignorados na mesma, referentes a Neymar, ao time da Seleção Brasileira e ao momento atual do time, declarando:

> Muitas pessoas comparam o Neymar comigo, por termos assumido a camisa 10 da seleção cedo, mas foram momentos diferentes. Por coincidência peguei o número num sorteio da CBD e ganhei a disputa quando disputei a Copa Roca[103] e a Copa de 1958**,**

[103] A Copa Roca, assim denominada em homenagem ao ex-presidente argentino Júlio Argentino Roca, foi um torneio amistoso entre as equipes da Argentina e do Brasil. O primeiro jogo foi no *Estádio do Club Gimnasia y Esgrima,* na cidade de Buenos Aires, no dia 27 de setembro de 1914. O Brasil sagrou-se campeão vencendo a seleção Argentina por 1 a 0. A edição de 1976 foi a última, até que o torneio recomeçou em 2011 com o

> *quando eu tinha somente 17 anos. O Neymar já está com 22 anos*. [...] O peso que jogam em cima do Neymar tem relação também com essa geração. Pela primeira vez, o ataque brasileiro *depende de um só jogador*. O Brasil sempre foi um time grande nos Mundiais pelo ataque, com Pelé, Garrincha, Vavá, Ronaldo e Romário. Me diga três da geração atual? (OESP, 12 /06/ 2014, p. 68, grifo nosso).

Se, para Carlos Eduardo Mansur, Neymar tem "apenas" 22 anos, para o Rei Pelé ele "já tem" 22 anos. A narrativa da imprensa tenta passar a imagem de "garoto", que perduraria até os dias de hoje. Mais uma vez, lembramos que Neymar atuava como profissional desde os 17 anos de idade, portanto já contava com cinco anos de experiência.

As narrativas produzidas pelo jornalismo esportivo têm sido a fonte de criação de mitos e histórias de identidade no futebol. Matérias são veiculadas para tornar os leitores íntimos das diversas tradições que são construídas sobre o futebol. Fatos significativos do passado são rememorados para atender às demandas do presente. Como uma das estratégias, as narrativas jornalísticas são emitidas para a afirmação das identidades coletivas. Nesse sentido, o jornalismo esportivo, o impresso em particular, configura-se como um dos veículos mais importantes na construção e manutenção da memória. Essa construção passa por filtros e escolhas de cada meio de comunicação, construindo sempre, sem exceções, uma realidade artificial:

> Assim, o público – a sociedade – é cotidiana e sistematicamente colocado diante de uma realidade artificialmente criada pela imprensa e que se contradiz, se contrapõe e frequentemente se superpõe e domina a realidade real que ele vive e conhece. Como o público é fragmentado no leitor ou no telespectador individual, ele só percebe a contradição quando se trata da infinitesimal parcela de realidade da qual ele é protagonista, testemunha ou agente direto, e que, portanto, conhece. A imensa parte da realidade, ele a capta por meio da imagem artificial e irreal da realidade criada pela imprensa; essa é, justamente, a parte da realidade que ele não percebe diretamente, mas aprende por conhecimento (ABRAMO, 2003, p. 24).

Não podemos acreditar na imparcialidade dos meios de comunicação, em consequência do próprio processo de elaboração das narrativas, que dependem também e somente de uma performance ideal no campo de jogo para sustentar-se. Normalmente as expectativas da imprensa, por motivos vários, são interpretadas como realidades.

O texto da coluna de Tadeu de Aguiar citado anteriormente, no dia da estreia da Seleção Brasileira na Copa, parece uma premonição do que aconteceria durante o torneio, um fracasso que ficará estampado na história como a maior derrota, em diferença de gols, da história do futebol brasileiro.

---

nome de Superclássico das Américas por acordo entre a AFA e a CBF, que concordavam que as equipes nacionais só podiam ser compostas por atletas que jogassem nas ligas Argentina e Brasileira, para evitar conflitos com as datas FIFA.

A Copa do Mundo 2014 contou com a participação de 32 seleções nacionais, divididas em oito grupos de quatro times cada (Tabela 11).

Tabela 11 - Grupos Copa do Mundo 2014.

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
Brasil	Espanha	Colômbia	Uruguai
Croácia	Holanda	Grécia	Costa Rica
México	Chile	Costa do Marfim	Inglaterra
Camarões	Austrália	Japão	Itália
Grupo E	**Grupo F**	**Grupo G**	**Grupo H**
Suíça	Argentina	Alemanha	Bélgica
Equador	Nigéria	Portugal	Argélia
França	Bósnia / Herzegovina	Gana	Rússia
Honduras	Irã	Estado Unidos	Coreia do Sul

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Os jogos foram disputados em 12 cidades-sede: Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Salvador, Recife, Natal, Fortaleza, Manaus e Cuiabá. Junto ao Brasil, Croácia, México e Camarões, compuseram o Grupo A.

Durante as diversas fases da competição, a Seleção Brasileira disputou 7 jogos, como abaixo descriminado (Tabela 12).

Tabela 12 - Jogos Grupo A - Copa do Mundo FIFA – 2014.

Fase	Placar				Data	Estádio
Grupos	Brasil	3	0	Croácia	12/06/2014	Arena São Paulo (Itaquerão)
	Brasil	0	0	México	17/06/2014	Arena Castelão (Fortaleza)
	Camarões	1	4	Brasil	23/06/2014	Estádio Nacional (Brasília)
Oitavas Final	Brasil	1	1	Chile	28/06/2014	Mineirão (Belo Horizonte)
Quartas Final	Brasil	2	1	Colômbia	04/07/2014	Arena Castelão (Fortaleza)
Semifinal	Brasil	1	7	Alemanha	08/07/2014	Mineirão (Belo Horizonte)
3º Lugar	Brasil	0	3	Holanda	12/07/2014	Estádio Nacional (Brasília)

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

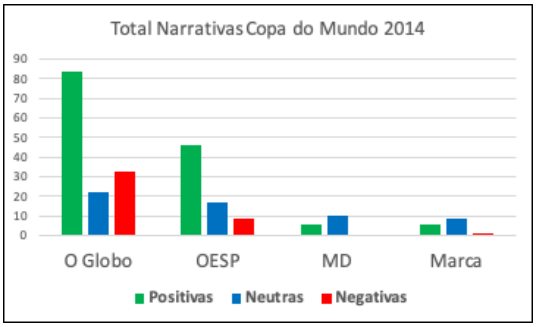
Entre os dias 11 de junho e 13 de julho de 2014, avaliamos um total um total de 243 matérias do evento: 139 do jornal *O Globo;* 72 do jornal *O Estado de São Paulo*; 16 do jornal *Mundo Deportivo*; e *16* do jornal *Marca,* como demonstrado nas tabelas 13 e 14 e em seus respectivos gráficos (4 e 5), resultados das tabelas disponíveis no Apêndice A.

Tabela 13 - Total de narrativas Categoria x Jornal.

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUB-T
O Globo	84	22	33	139
OESP	46	17	9	72
Mundo Deportivo	6	10	0	16
Marca	6	9	1	16

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 4 - Total de narrativas - Copa do Mundo 2014.



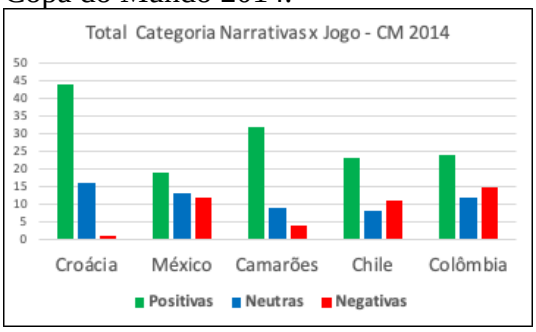
Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 14 - Total Categoria Narrativas x Jogo.

Jogo	Positivas	Neutras	Negativas
Croácia	44	16	1
México	19	13	12
Sérvia	32	9	4
Chile	23	8	11
Colômbia	24	12	15
Total	142	58	43

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 5 - Total de narrativas por jogo - Copa do Mundo 2014.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 15 - Desempenho Individual Neymar - Copa do Mundo FIFA 2014.

Jogo		T	Chutes		Faltas		Gols		Cartão		Observações Substituição
			Gol	Fora	Com.	Sof.	Qtd.	Tem.	Am	Vm	
1	Croácia	88	4	4	1	2	2	29” ; 71’	1	-	-
2	México	90	3	2	1	5	-	-	-	-	-
3	Camarões	71	4	4	1	2	2	17’ ; 35’	-	-	Williams - 71’
4	Chile	120	4	3	4	5	-	-	-	-	-
5	Colômbia	88	3	0	1	4	-	-	-	-	L. Henrique - 88’
6	Alemanha	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Não participou.
7	Holanda	-	-	-	-	-	-	-	-	-	Não participou

Fonte*: Game Statistic* – FIFA.

4.1 **Brasil vs. Croácia**

Nos dias que antecederam a estreia, as narrativas dos quatro jornais pesquisados trazem Neymar como pauta principal, sua alta qualidade e repertório de jogadas: “O craque. Candidato

a protagonista da Copa, ao lado de Messi e Cristiano Ronaldo. O atacante Neymar é considerado o ponto de referência do time, podemos considerar um intocável no time de Felipão" (OESP, Esportes, 12/06/2014, p. 67). Isso confirma que "a publicação cotidiana de notícias ajuda a construir as imagens culturais que edificam todas as sociedades" (MOTTA, 2002, p. 319).

"Todo el mundo le mira. Y él no se pone nervioso. Es más, le gusta esta condición de estrella […] Neymar es la esperanza del pueblo para este Mundial y él lo asume. Con el 10 de Pelé a la espalda, pero mirándose en el espejo de un '9', Ronaldo"[104] (Marca, 12/06/2014 p. 4)

Estrela que se candidata a herói e declara: "Espero realizar o sonho de todos os brasileiros" (OESP, Primeiro Caderno, 12/06/2014, capa).

Se era uma constante a narrativa de atrelar Neymar a Pelé, agora aparece Ronaldo Fenômeno, que já era um astro internacional em 1998, com 21 anos, como referência comparativa:

> Neymar con 22 años supera en media goleadora con la Seleçao. A estas alturas de carrera, O Fenómeno sumaba 25 goles en 40 partidos, una media de 0,62 por encuentro. Neymar, con 31 goles en 49 partidos, promedia 0,63. Solo una décima más, mucho teniendo en cuenta que lo comparamos con el máximo goleador de la historia de los Mundiales[105] (Marca, 12/06/2014 p. 4).

A comissão técnica tenta esvaziar a vertente midiática sobre a dependência que a seleção tem de Neymar; o técnico Felipe Scolari afirma que Neymar tem que ser apenas mais um no time: "Eu espero que o Neymar seja mais um no nosso grupo. Se for mais um, fará sempre a diferença. Ele normalmente faz a diferença" (O Globo, 12/06/2014, Esportes, p. 4).

Aparecem pela primeira vez, na Copa, comentários sobre o visual dos atletas. Verissimo, em sua coluna, lembra a "juba esvoaçante" de David Luiz e as "hortas mal cuidadas" de Marcelo e Williams, dando destaque a Neymar que: "muda de estilo a cada jogo, variando do neobarroco à instalação pós-moderna" (O Globo, Esportes, 11/06/2014, p. 12).

A Seleção Brasileira entrou em campo em 12 de junho de 2014, para enfrentar a seleção da Croácia. O pontapé inicial foi dado por um jovem paraplégico, que participa do projeto de pesquisa sobre um exoesqueleto hidráulico, controlado pelos impulsos cerebrais de quem o estiver usando, criado pelo cientista brasileiro Miguel Nicolelis e sua equipe.

---

[104] O trecho correspondente na tradução é: "Todo mundo olha para ele e ele não fica nervoso. Além do mais, ele gosta desse status de estrela […] Neymar é a esperança do povo para esta Copa do Mundo e ele a assume. Com o 10 de Pelé nas costas, mas olhando no espelho de um '9', Ronaldo" (Marca, 12/06/2014 p. 4).

[105] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar com 22 anos supera em média de gols a pontuação com a Seleção. Nessa fase de sua carreira, O Fenómeno somava 25 gols em 40 jogos, uma média de 0,62 por jogo. Neymar, com 31 gols em 49 jogos, tem em média 0,63. Apenas um décimo a mais, levando em consideração que o comparamos ao artilheiro da história da Copa do Mundo" (Marca, 12/06/2014, p. 4)

Torcedores festejaram a entrada dos jogadores brasileiros e, emocionados, cantaram com eles o Hino Nacional. Mesmo após o fim da música, o povo continuou cantando à "capela", como acontecera na Copa das Confederações.

Só o futebol desperta o espírito patriota. O povo vestido com as cores da pátria, em comunhão com os guerreiros no campo, oferece a plena sensação de união e força necessárias para mostrar ao mundo o que, segundo DaMatta, seria um "Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional" (DAMATTA, 1994, p. 17).

Momentos antes dessa manifestação patriótica, alguns espectadores tinham ofendido em coro a presença da Presidenta da República à época, Dilma Rousseff, como noticiado pelo site G1 do *oglobo.com*:

> Xingamentos contra a presidente foram ouvidos em dois momentos antes da partida: após a chegada de Dilma ao estádio e após a execução do hino nacional, já a poucos minutos do início do jogo. No segundo tempo, Dilma foi xingada mais duas vezes. Os gritos com palavrões começaram na área VIP e se espalharam por outras partes das arquibancadas da Arena Corinthians [...] Dilma não fez discurso durante a abertura. Vestida de verde, acompanhou o jogo ao lado do presidente da Fifa, Joseph Blatter, na Arena Corinthians, e Ban Ki-moon, secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU)[106].

A bola finalmente rolou no Itaquerão[107] e, decorridos 11 minutos de jogo, a Croácia ficou em vantagem no marcador. A equipe brasileira sofre com o nervosismo da estreia em casa e, ainda no primeiro tempo, Neymar foi amoestado com cartão amarelo por ter acertado uma cotovelada em Modric.

Alguns minutos depois, com um belo chute rasteiro que acertou o canto esquerdo do goleiro *Pletikosa*, Neymar deixou o placar empatado em 1 a 1, sendo seu primeiro gol em Copas do Mundo. Em cobrança de pênalti, o camisa 10 virou o placar para o Brasil, aos 26 minutos do segundo tempo. Após um contra-ataque, Oscar deu números finais ao marcador aos 46 minutos – Brasil 3 x 0 Croácia. Antero Greco na sua coluna exalta:

> A seleção mostra falhas diante da Croácia. Vence pelo *talento de Neymar* e *Oscar* e com *ajuda do apito* [...] os moços jogaram demais, mereceram gols e aplausos, gigantes […] Neymar corroborou o que se espera dele, que seja destaque, senão o grande jogador, do torneio" (OESP, Esportes, 13/06/2014, p. 44, grifo nosso).

---

[106] Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/06/dilma-e-hostilizada-durante-abertura-da-copa-do-mundo-em-sao-paulo.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

[107] Nome popular do Estádio Arena Corinthians, localizado no distrito de Itaquera, zona leste do município de São Paulo, Brasil. Propriedade do Sport Club Corinthians Paulista, tem capacidade para 45.000 espectadores e foi construído para a Copa do Mundo de 2014.

O jornalista de esportes do *O Globo*, Fernando Calazans, escreveu na sua coluna diária que a vitória foi justa por meio injusto, referindo-se ao pênalti "inventado pelo juiz japonês *Yuichi Nishimura* e encenado por Fred", e acrescentou:

> O primeiro tempo do jogo de ontem terminou com o placar de *Neymar 1 x 1 Croácia*. Acima de tudo, foi a *confirmação de como nossa seleção depende dele, Neymar*, para obter seus resultados, jogando mal ou jogando bem. Foi a Croácia que começou dominando o jogo, com bola no chão e entrosamento. O Brasil sofria com seus laterais, com o meio de campo dispersivo, com Hulk errando tudo e Fred sem pegar na bola (O Globo, 13/06/2014, Esportes, p. 2, grifo nosso).

O próprio Neymar tentou desfazer o que ficou conhecido como "neymardependência" e declarou após o jogo: "Individualmente a seleção é muito forte, e quando ela joga coletivamente, é muito difícil vencê-la. Foi isso que aconteceu nesta partida de estreia. O Brasil não depende de um, dois ou três jogadores" (OESP, 13 /06/2019, Esportes, p. 43).

Segundo os dados do site oficial da entidade[108], Neymar atuou por 88 minutos, chutou 4 vezes a gol, recebeu duas faltas e cometeu uma falta grave, pela qual foi punido com cartão amarelo. Recebeu nota nove do jornal *O Globo*, com o seguinte comentário: "*Craque*. Não foi brilhante, mas foi *decisivo* nos momentos mais importantes com dois gols" (O Globo, 13/06/2014, Esportes, p. 4, grifo nosso).

Todos os elogios do jornal *Mundo Deportivo*, de Barcelona, foram para Neymar:

> Neymar fue la estrella de Brasil, del partido y del Mundial. Muy activo desde el inicio, comenzó a bajar a buscar balones a campo propio cuando vio que Croacia estaba muy ordenada en defensa […] Endiablado y vertiginoso, desequilibró, se adueñó de todas las acciones a balón parado […] Fue el alma de Brasil. Tan metido estaba, que vio la amarilla por un codazo feo a Modric. En la segunda parte, aun que bajó el nivel, siguió siendo la referencia y asumió la responsabilidad de transformar el penalti inventado sobre Fred (MD, 13/06/2014, p. 8)[109].

A escolha de Neymar como *MVP - Most Valuable Player* causou polêmica, segundo a imprensa. O técnico Luís Felipe Scolari se pronunciou sobre a escolha da FIFA: "*Oscar* foi maravilhoso. Foi ele quem *roubou mais bolas* e deu *mais dribles*. Nunca tive dúvidas em relação a ele. Ele é este jogador que vimos. *Merecia um prêmio* também" (O Globo, Esportes,13/06/2014, p. 6, grifo nosso).

---

[108] Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/eng-01-0612-bra-cro-fulltime-pdf-2369226.pdf?cloudid=utxjmcknhb0vamghf3tj>. Acesso em: 24 jun. 2019.

[109] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar foi a estrela do Brasil, da festa e da Copa do Mundo. Muito ativo desde o início, começou a descer para procurar bolas em seu próprio campo quando viu que a Croácia era muito ordenada na defesa [...] Diabólico e vertiginoso, desequilibrou, tomou conta de todas as ações de bola parada [...] Ele era a alma do Brasil. Tão concentrado estava, que recebeu cartão amarelo por uma cotovelada feia em Modric. Na segunda parte, ainda que tenha baixado o nível, manteve-se como referência e assumiu a responsabilidade de converter a penalidade inventada por Fred" (MD, 13/06/2014, p. 8).

Percebemos que a disputa de narrativas, que vem se repetindo, desde a Copa das Confederações, em torno da "neymardependência", continua vigente; cada uma com seus argumentos. Felipão tenta demonstrar, com as declarações acima, que tem razão quando nega essa situação, tentando tirar pressão sobre o atleta, mas se contradiz quando declara: "Neymar es nuestro jugador más importante y tiene libertad para jugar como el quiera arriba" (Marca, 11/06/2014, p. 20)[110]

O segundo jogo da Seleção Brasileira na Copa seria contra o México, no gramado do Castelão[111], em Fortaleza. Uma vitória poderia ser a classificação antecipada para as oitavas de final. Passada a expectativa e os nervos da estreia, o ambiente para o enfrentamento seria, em tese, mais calmo, sem perder de vista o histórico recente de enfrentamentos.

4.2 **Brasil vs. México**

Nos dias que antecederam o segundo jogo, a imprensa esportiva tratou com cautela as expectativas do encontro. Além da lesão do atacante Hulk, vetado pelo departamento médico, as poucas referências a Neymar lembravam sua participação na derrota para o México, nas Olimpíadas de Londres, em 2012, e os novos cabelos de Neymar e Daniel Alves.

"No treino de ontem, na Granja Comary, Neymar e Daniel Alves apareceram com *visual novo* [...] Eles formam a dupla mais *fashion* da seleção [...] Neymar, desde seus tempos de Santos, adota variações do corte moicano na mesma proporção de seu repertório de dribles" (O Globo, Esportes,16/06/2014, p. 7, grifo nosso)

Segundo o jornal, não são incomuns entre os jogadores mudanças repentinas de visual, lembrando que, na Copa de 2002, no Japão e na Coreia, Ronaldo Fenômeno surgiu na final, contra Alemanha, com um corte semelhante ao do personagem Cascão, de Mauricio de Souza, e que Neymar, então com 10 anos de idade e fã do camisa 9 do Brasil, adotou o mesmo corte. A matéria também informa que: "ao chegar ao Barcelona, o jovem jogador de 22 anos, até foi alertado para a necessidade de pegar mais leve nas mudanças de visual" e que até o momento a recomendação não parece ser seguida à risca (O Globo, Esportes, 16/06/2014, p. 7).

Essas mudanças fazem parte da estratégia de marketing de Neymar, que já era um dos garotos-propaganda mais requisitados, quase uma celebridade:

---

[110] Tradução livre do autor: "Neymar é nosso jogador mais importante e tem total liberdade para jogar como bem entender no ataque" (Marca, 11/06/2014, p. 20)

[111] Nome popular do Estádio Governador Plácido Castelo, localizado na cidade de Fortaleza, no Ceará.

> Baseado no conceito em que o culto à celebridade é regra, o jogador apresentará inúmeras características que podem ser relacionadas diretamente com o espetáculo midiático contemporâneo: como o reconhecimento público dos consumidores, uma ascensão meteórica, estilo inovador, e principalmente por possuir grande repercussão nos meios de comunicação de massa (FERRAZ, 2012, p. 3).

A fama que alcançou dentro e fora dos campos de futebol deve-se, em parte, à associação que existe entre o futebol e os meios de comunicação de massa, nos quais patrocinadores e anunciantes procuram por público ávido de consumo e de celebridades em que se espelhar: "celebridades humanizam o processo de consumo de mercadorias. A cultura da celebridade tem aflorado como um mecanismo central na estruturação do mercado de sentimentos humanos" (ROJEK, 2008, p. 17). Na visão do sociólogo Chris Rojek, o desenvolvimento do capitalismo acabou por transformar o rosto público de uma celebridade em bem de consumo.

O projeto mediático da transformação de Neymar numa celebridade começa assim que ele desponta como um craque do futebol, no início da década de 2010. Como vimos no item 1.3.2, o alcance da fama registra vários caminhos e sugere três *status* de celebridade: *conferida* (linhagem, filho do Rei); *adquirida* (por qualidades do indivíduo) e *atribuída* (por intermediários).

No caso específico de Neymar, podemos observar que carrega os três *status* requeridos: seu desempenho esportivo individual torna-o uma celebridade adquirida, sendo reforçado e atribuído pelos meios de comunicação de massa, que também lhe conferem uma linhagem monárquica, ao identificá-lo como sucessor legítimo de Pelé – o "Reymar, como foi chamado em inúmeras reportagens[112] (Figura 14).

Voltando ao assunto, a cautela da imprensa com as previsões sobre a segunda partida, em contraste com a expectativa positiva mostrada na estreia, começou a fazer sentido após o jogo. A aplicação tática e a marcação fechada dos mexicanos anularam o ataque do Brasil, que encontrou diversas dificuldades em desenvolver o seu jogo.

[112] Vemos, deste modo, que a vinculação de Neymar a Pelé não é gratuita: muitos jogadores brasileiros chegaram a ser comparados a Pelé ao longo da história, mas aqui a filiação é direta – como se o jovem jogador, também notabilizado no Santos (mesmo clube em que Pelé começou a firmar sua carreira profissionalmente), representasse o verdadeiro herdeiro do Rei do futebol. Nessa filiação, entretanto, Neymar não aparece mais como um príncipe, mas como o novo Rei, capaz de ocupar o trono vago (FERRAZ; MARQUES, 2014, p. 6).

Figura 14 - Capas Revistas Placar e Veja.

Fontes: à esquerda, *Placar*, edição 1341-1/4/2010; à direita, *Veja*, edição 2223- 29/6/2011.

As únicas duas oportunidades, com chances reais de gol, aconteceram com Neymar e foram anuladas pela ótima apresentação do goleiro Guillermo Ochoa, que fechou o gol. O jornalista Almir Leite analisa que o jogo trouxe ensinamentos ou constatações para a Seleção Brasileira:

> A *dependência* de Neymar pode ser sadia, mas também é *preocupante*. Muito bem marcado ontem, vez ou outra com virilidade excessiva, não brilhou como em outras ocasiões. Ainda assim, foi de seus pés e também da cabeça que saíram as chances reais da seleção vencer (OESP, Esportes, 18/06/2014, p. 86, grifo nosso).

Fica claro que a distância técnica entre Neymar e o resto dos jogadores da seleção é notável, como também é perceptível que, se enfrentar times com maior poderio (defensivo e ofensivo), só Neymar não garante as vitórias. O jornal *Marca* adverte que o Brasil não é invencível e se mostra vulnerável, como ficou demonstrado no jogo contra México: "[...] México, en un partido en que fue superior a la Canarinha, que le falta ideas cuando no tiene espacio […] Sin talento en el centro del campo […] Brasil sufre cuando no tiene metros para correr"[113] (Marca, 18/06/2014, p. 34).

O jornal *Mundo Deportivo* destaca, após o jogo, que Neymar se emocionou ao cantar o hino com a torcida, que se abraçava numa comunhão incrível. De passagem, mostra o novo visual de Neymar e Daniel Alves. Foi o único jornal que deu destaque à ironia da torcida mexicana, que cantava "*ay, ay, ay, ay, canta e no llores*" a cada vez que Neymar caía após uma falta.

O próximo encontro seria com a seleção de Camarões, considerada uma rival historicamente limitada. Os jornais insistem na preocupação com o fato de Neymar já possuir um cartão amarelo e estar "pendurado", correndo o risco de ficar de fora de uma partida, se for

[113] Tradução do autor: "México, em uma partida em que foi superior à Canarinha, que carece de ideias quando não tem espaço […] Sem talento no meio-campo […] o Brasil sofre quando não tem campo para correr" (Marca, 18/06/06 2014, p. 34).

punido com um segundo cartão amarelo – indícios de que a imprensa o considera indispensável, reforçando a tese da dependência do time, chamando-o de o "*dono do time*", no Caderno da Copa do jornal *O Globo.*

4.3 **Brasil vs. Camarões**

Devido às baixas expectativas e ao risco de derrota quase inexistente contra Camarões, a imprensa apela para considerações extraesportivas nos comentários sobre o atleta, que vão, novamente, desde os penteados exibidos pelo atleta até o alto índice de popularidade nas redes sociais, e aparecem as primeiras críticas ao desempenho do atleta:

> Neymar aparece por la mañana en el entrenamiento con *new look*: mechas rubias, flequillo escalado peinado hacia adelante, laterales rapados casi a cero […] Pero ha sido empezar marcando en el Mundial y ha vuelto el Neymar auténtico, el desenfadado, el que se tiñe de rubio porque le apetece marcar tendencias (MD, 16/06/2014, p. 10)[114].

O futebol envolvente que o Brasil apresentou na Copa das Confederações ainda não estreou na Copa do Mundo: "São duas competições diferentes, e que a atual é muito mais difícil (indiscutível, por óbvio), ainda não deu para engolir o joguinho limitado de Neymar & Cia. Apesar dos dois gols que marcou, o próprio Moicano está devendo" (O Globo, Esportes, 22/06/2014, p. 4).

No jornal *OESP*, o jornalista Luiz Prósperi faz críticas ao esquema tático da seleção: "Falta ao pessoal do Felipão arriscar mais, inventar outro tipo de jogo, tirar o adversário para dançar, ser criativo e *não deixar nas costas de Neymar* a responsabilidade de ser o diferente, o faz-tudo, o pau para toda obra" (OESP, 22/06/2014, p. 108, grifo nosso)

Renato Mauricio Prado alerta que, ante a fraca equipe de Camarões, é muito provável que a seleção se classifique para a próxima etapa, mas é preciso mudar, do jeito que está é difícil ganhar:

> "Continuamos a *depender* quase que exclusivamente de *Neymar* [...] Ou Felipão mexe no esquema, ou na escalação. Do jeito que está, *não há razão alguma para otimismo* [...] Nosso *futebol está tão descolorido* quanto os estilosos *topetes de Neymar e Daniel Alves*". Acrescentando, faz referência à disparidade técnica entre as duas seleções e sob o título "*Dia de encarar bêbado*" escreve: "[...] se apanhar é um vexame, se bater é covardia. Claro que, no caso da nossa seleção, vencer é obrigação e não será vergonha alguma. Já o contrário.... O problema é que o triunfo, mesmo em caso de goleada, não tirará todas as dúvidas sobre a real capacidade do Brasil nesta Copa, o adversário de logo mais é o saco de pancadas do grupo" (O Globo, 23/06/2014, Esportes, p. 4, grifo nosso).

[114] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar aparece de manhã no treino com novo visual: mechas loiras, franja penteada para frente, laterais raspadas quase a zero [...] Foi começar a marcar gol na Copa do Mundo e virou o verdadeiro Neymar, o casual, que se tinge de loiro porque quer definir tendências" (MD, 16/06/2014, p. 10).

Com a vitória do Brasil, Neymar foi a capa d'*O Globo* (Figura 15). Na matéria, é ressaltada a vitória por 4 a 1, sugerindo que a Seleção Brasileira foi "*Movida a Neymar*", que recebeu nota nove do jornal, acrescida do seguinte comentário: "*Decidiu*. No primeiro tempo exibiu amplo repertório e, quase *sozinho*, resolveu o jogo para a seleção. Fez dois gols" (O Globo, Esportes, 24/06/2014, p. 3, grifo nosso).

Figura 15 - Capa O Globo, vitória México 2014.

Fonte: Jornal *O Globo.*

Do jornal *OESP*, o atleta recebeu a nota máxima e ganhou também a capa do jornal com o título "*Neymar decide e pega o Chile sábado pelas oitavas*" (Figura16). No corpo da matéria, o jornal elogia e lembra que "o atacante aparece nos momentos cruciais, desafoga Brasil e parte para as oitavas de final como artilheiro" (OESP, 24/06/2014, p. 1, grifo nosso).

Figura 16 - Capa OESP, vitória México 2014.

Fonte: Jornal *OESP*.

Apesar dos elogios a Neymar, pelo desempenho no jogo, a preocupação com a dependência que ele causa na Seleção Brasileira inquieta uma parte da imprensa; o jornalista Luís Sanin, na sua coluna do *OESP*, declara: "Tivéssemos vencido apenas com mais um recital de Neymar, poderíamos estar contentes, porém preocupados com essa *dependência*. Não que ela não exista. Mal se pode pensar o que seria dessa Seleção Brasileira sem o ex-santista" (OESP, Esportes, 24/06/2019, p. 52, grifo nosso)

Fica evidente que a cada jogo a qualidade dos adversários aumenta, e a constatação de que a Seleção Brasileira não tem um esquema de jogo definido e depende, quase que exclusivamente, de Neymar vai se firmando. As críticas ao sistema de jogo tornam-se habituais e os problemas táticos vão se camuflando devido às vitórias.

4.4 **Brasil vs. Chile**

Nas narrativas da imprensa nos dias que antecederam o jogo das oitavas de final, a imprensa tratou de fazer um retrospecto de Neymar na competição, lembrando que, após 249 minutos em campo, divide a artilharia do torneio com Messi (Argentina) e Müller (Alemanha), sofreu nove faltas e cometeu apenas três (das quais 2 mereceram cartão amarelo), efetuou 87 passes, roubou 13 bolas e chutou 10 vezes ao gol (OESP, Esportes, 27/06/2014, p. 43).

Jorge Rodrigues e Mauricio Fonseca afirmam que requer uma atenção especial o fato de que o atleta, com dois cartões amarelos, poderia ficar fora da próxima partida, se fosse novamente amoestado, e isso preocupa (O Globo, Esportes, 28/06/2014, p. 8).

Apelando para a "força sobrenatural", uma astróloga fez as previsões de Neymar. Leila Neves afirma que o sol em câncer favoreceria Neymar neste sábado contra o Chile, desde que ache ousadia e prudência (O Globo, Esportes, 28/06/2014, p. 6). O futebol é mesmo decidido por forças estranhas; por isso, é normal assistir a variadíssimas formas de superstição praticadas por jogadores, técnicos e dirigentes, sobretudo no início dos jogos ou nas comemorações:

> Não basta somente o esforço físico, determinação psíquica, habilidade técnica e tática. Julga-se que o desfecho depende de forças incontroláveis, da sorte, do destino e não só do "moral" ou da "forma". A fim de evitar a "má sorte" ou "azar" e atrair a sorte, existem numerosas práticas, senão ocultas, pelo menos supersticiosas nas quais as pessoas acreditam sem grande convicção: mascote que inspira segurança, medalha, número da sorte (RIVIÈRE, 1996, p. 215).

Para eles, os ritos mágicos são um "plus" que, somados aos ritos normais da preparação técnica e física, dariam uma maior segurança ou confiança.

O jornal *Marca* da Espanha traz reportagem sobre as campanhas publicitárias que podem fazer Neymar ganhar até 20 milhões de euros:

> En la playa de Copacabana, Neymar. En el aeropuerto, Marcelo y Thiago Silva. Bueno, y también Neymar. En el metro, Oscar. Y también Neymar, claro. Los jugadores de la selección brasileña, con Ney a la cabeza, están presentes en cada rincón de Brasil gracias a los innumerables contratos publicitarios que han firmado con motivo del Mundial que se está jugando en su país. Vamos, que se están haciendo de oro (Marca, 22/06/2014, p. 27)[115].

O jogo, válido pelas oitavas de final da Copa do Mundo, teve como rival o selecionado chileno, dirigido pelo técnico argentino Jorge Luís Sampaoli. É o início da fase eliminatória, o vulgar "mata, mata", quem vence o confronto está classificado para as quartas de final, o perdedor dará adeus à Copa e volta para casa.

No jornal *O Globo*, Renato Mauricio Prado lembra que Scolari parece preocupado com o Chile, adversário que sempre considerou perigoso e preferia evitar, e, a seguir, faz a crítica:

> Extremamente *dependente* de Neymar, o Brasil perdeu o futebol competitivo e eficiente da Copa das Confederações. E isso tem pouco a ver com as dificuldades maiores de um Mundial e muito com a queda de rendimento de jogadores que foram importantes naquela conquista, como Paulinho, Daniel Alves e Hulk (O Globo, Esportes, 27/06/2014, p. 4, grifo nosso).

O técnico brasileiro, que constantemente nega a dependência de Neymar na seleção, se contradiz e afirma que contra o Chile partiria "para cima" desde o primeiro minuto, em busca de um gol relâmpago que traga tranquilidade e paz, "para isso conta com a astúcia e talento de Neymar". Por outra perspectiva, tenta aliviar a pressão (que ele mesmo coloca) sobre o jogador: "Parem com essa história de que o Neymar está aqui na Copa para ser o melhor do mundo. Ele está aqui para jogar para o Brasil e pelo Brasil. Seu maior desejo é ser campeão do mundo (OESP, E2, 28/06/2014, p. 66).

Na entrada em campo das equipes, durante a execução dos hinos nacionais de cada país, teve início uma guerra simbólica: "Ambas aficiones abuchearon la prolongación de sus respectivas melodías. Mal gesto que no pasó a mayores"[116] (Marca, 29/06/2014, p. 5).

O jogo acabou empatado em 1 x 1 no tempo regulamentar. Depois de 16 anos, o Brasil voltava a uma prorrogação numa Copa do Mundo, sua sexta na história do torneio. Durante o

---

[115] O trecho correspondente na tradução é: "Na praia de Copacabana, Neymar. No aeroporto, Marcelo e Thiago Silva e Neymar também. No metrô, Oscar. E também Neymar, é claro. Os jogadores da Seleção Brasileira, com Ney no comando, estão presentes em todos os cantos do Brasil, graças aos inúmeros contratos publicitários que assinaram por ocasião da Copa do Mundo que está sendo disputada em seu país. Vamos lá, eles estão ganhando ouro" (Marca, 22/06/2014, p. 27).

[116] O trecho correspondente na tradução é: "Ambas as torcidas vaiaram a prolongação (canto à capela) que os aficionados efetuaram após os hinos de cada país. Um gesto inconveniente que não teve maior repercussão" (Marca, 29/06/2014, p. 5).

tempo extra ou prorrogação, a torcida cantava o hino nacional (evocando mais uma vez a pátria) de pé e, em vários momentos, gritava em coro "eu acredito". No desespero, a fé entrou em campo.

Após o apito final, novo empate sem gols, prenúncio de mais emoção, de drama, uma questão de destino em oposição à biografia (DAMATTA, 1982). O resultado seria obtido mediante a cobrança de cinco pênaltis consecutivos e intercalados para cada time, o que, no senso comum, é considerado como uma loteria:

> No futebol (como na chamada "vida real", os homens estão relacionados em times (e famílias), pretendem vencer e atuam com um certo estilo. Mas não podem controlar as ações da equipe adversária, nem sua habilidade, ou as coincidências, os erros e os acertos que decorrem do próprio jogo. Mesmo quando uma equipe apela para meios mágicos de vitória, (o que é muito comum no futebol brasileiro, em todos os escalões), a vitória pode ser situada no plano do favorável, mas nunca da certeza (DAMATTA, 1982, p. 30).

Na cobrança das penalidades máximas, momento de maior tensão e expectativa, vitória apertada do Brasil. Neymar, que cobrou o último pênalti, a trave e o goleiro Júlio Cesar – que, quatro anos antes, na Copa do Mundo de África do Sul, saíra do torneio como vilão – foram os "salvadores da pátria". Alguns segundos antes de acabar o tempo regulamentar, Brasil tinha sido salvo, também, pela trave.

Após o jogo, as críticas à Seleção Brasileira ganham novas nuances. Antero Greco fez críticas ao jogo apresentado até o momento e sugeriu uma reflexão mais apurada:

> Alívio, festa e explosão. Agora, pausa para reflexão. A seleção carece de variação de jogadas, abusa da ligação direta entre defesa e ataque, *depende muito de Neymar* (que *sumiu* desde o segundo tempo e só reapareceu no pênalti decisivo) e não tem imaginação (OESP, 29/06/2014, Esportes, p. 52, grifo nosso)

A imprensa espanhola, em concordância com as narrativas dos jornais brasileiros, também faz algumas constatações, em matéria de página central – "Brasil resiste de milagre", "o travessão salvou os anfitriões no último segundo" –, e um alerta: "*Brasil vencerá, pero no convencerá*", na qual descreve:

> Brasil podrá vencer, pero no convencer. Le falta expresividad, talento creativo y un ataque convincente, entre otros graves defectos que se manifestaron de nuevo frente a Chile […] Brasil envía en cada partida el mensaje mas negativo posible […] No hay nada del mito brasileño en este equipo. Apenas Neymar, condenado al aislamiento y a soportar el peso de las inmensas expectativas de su país (Marca, 29/06/2014, p. 2 - 3).[117]

[117] O trecho correspondente na tradução é: O Brasil pode vencer, mas não convencer. Falta expressividade, talento criativo e ataque convincente, entre outras falhas sérias que se manifestaram novamente contra o Chile [...] O Brasil envia a mensagem mais negativa possível em cada jogo [...] Não há nada do mito brasileiro nesse time. Somente Neymar, condenado ao isolamento e a suportar o peso das imensas expectativas de seu país (Marca, 29/06/2014, p. 2-3).

Renato Mauricio Prado, após a dramática classificação, alertava que essa vitória não poderia mascarar a realidade do jogo pobre apresentado:

> A natural explosão de alegria, ao final da disputa por pênaltis, e a dramaticidade da classificação não devem ocultar o que realmente aconteceu, ontem, no Mineirão: a seleção voltou a jogar muito mal e, desta vez, nem Neymar se salvou. Haja sorte para chegar ao hexa, jogando esse futebolzinho medíocre (O Globo, 29/06/2014, Esportes, p. 4).

Na mesma edição d'*O Globo*, Neymar recebeu nota 6, lembrando que não repetiu as atuações anteriores, embora "seja sempre uma ameaça ao gol adversário. Foi *individualista*" (grifo nosso).

A crítica a Neymar, chamando-o de individualista é contraditória; se o time depende exclusivamente dele, espera-se que ele decida de forma individual.

O goleiro Júlio César, um dos vilões da eliminação do Brasil da Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, foi considerado o herói da classificação. Durante o tempo normal do jogo, fez uma defesa milagrosa que garantiu o empate e defendeu dois pênaltis na decisão final, assegurando, assim, a classificação e "apagando provisoriamente" o mau desempenho na Copa anterior. Qualquer falha futura poderá transformá-lo novamente em vilão...

Ante essas críticas ao péssimo futebol apresentado pela Seleção Brasileira, Neymar se defende e ataca: "Quem quiser ver espetáculo que vá ao teatro, não quero dar show, o que eu quero é vencer". A frase dita pelo jogador Neymar traz à tona uma velha dicotomia: jogo bonito vs. jogo pragmático.

Na sua coluna para o Caderno da Copa, Fernando Calazans comenta:

> [...] na boca de Neymar, a frase não cola, vira mais um bordão, um lugar-comum, desses que vulgarizam o futebol [...] Pode-se ganhar um jogo de várias maneiras, inclusive sem jogar bem (até em Copas do Mundo, como já fizeram Brasil, Argentina e Alemanha), mas, quanto melhor for a exibição, mais fácil e mais provável será a vitória. É lógico (O Globo, Esportes, 03/07/2019, p. 2).

O jornalista se pergunta qual é o problema em combinar as duas coisas, dar show e ganhar, que é o que o Brasil inteiro espera de Neymar.

Como aconteceu no jogo contra o México e contra o Chile, Neymar demonstrou que, bem marcado, sem espaço para jogar, fica muito difícil dar o show que a torcida e parte da imprensa desejam. Lembro agora a famosa frase de Garrincha: "já combinaram com os russos?"[118]. Neymar, questionado pela declaração, perdeu a paciência e se manifestou:

[118] A lenda diz que, na preparação para a partida, entre Brasil e União Soviética, na Copa do Mundo de 1958, o treinador brasileiro Vicente Feola havia traçado uma jogada muito complicada, mostrando como o time marcaria seus gols. O jogador brasileiro A passaria a bola para o jogador B, que driblaria o defensor soviético

> Alegria sempre teve na seleção, você não sabe por que não está em campo jogando. Mas às vezes não é só festa, não é só 5 a 0, o futebol está muito difícil, e o time que se compromete mais dentro de campo acaba ganhando. Não quero dar show (O Globo, Caderno da Copa, 03/07/2019, p. 6)

Após quatro jogos, o Brasil não convenceu; ganhou, mas não convenceu. Os prognósticos, que, segundo Calazans, o técnico Felipe Scolari, seu auxiliar Parreira e o presidente da CBF tinham sobre o Brasil ganhar a Copa, podem ter afetado o psicológico dos jogadores. E a certeza se converteu em pressão. O discurso de Scolari mudou: "*Ninguém vai morrer se o Brasil não for campeão*" (O Globo, Esportes, 03/07/2019, p. 2, grifo nosso).

Renato Mauricio Prado, contrariando Calazans, escreveu:

> Gostei da entrevista do *nosso craque maior*, ontem, ainda na Granja Comary. Tranquilo, brincalhão e por vezes até irônico, Neymar não pareceu emocionalmente abalado. Se estiver 100% (e garantiu que está), pode, sim, fazer a diferença a nosso favor. Assim como James Rodríguez pode desequilibrar para a Colômbia (O Globo, Esportes, 03/07/2019, p. 4).

Podemos perceber que, nesse momento, Neymar já não é mais uma unanimidade nem o salvador da pátria; os jogadores da defesa do Brasil começam a ganhar destaque.

Sintomático, uma seleção que tem na sua defesa o melhor aproveitamento diz muita coisa sobre ela, principalmente sobre o seu sistema criativo/ofensivo. No caderno de Esportes, encontramos a seguinte análise: "Neymar pode ser o melhor jogador do Brasil na Copa, mas para a FIFA o grande jogador do Mundial no momento é o zagueiro da Seleção Brasileira David Luiz. Após as partidas das oitavas de final, o futuro jogador do PSG assumiu a liderança do ranking entre os melhores jogadores da competição" (O Globo, Esportes, 04/07/2019, p. 6)

Antero Greco já não acredita que Neymar, sozinho, leve o Brasil à vitória:

> A seleção seguirá adiante se Oscar desabrochar, como ensaiou na estreia contra a Croácia; *se* Daniel Alves acertar cruzamentos; *se* Paulinho for o mesmo homem-surpresa de tantas vezes no Corinthians e agora desaparecido; *se* James Rodríguez e Cuadrado forem anulados**;** *se* Hulk acertar as bombas; *se* Neymar estiver inspirado. Ou seja, *tem muito "se"* aí (OESP, Esportes, 04/07/2014, p. 40, grifo nosso)

A imprensa parece agora reconhecer que no futebol não existe a figura do "craque" que, omnipotente e omnipresente, resolve tudo isoladamente. As esperanças já não recaem pura e exclusivamente sobre as costas do sistema ofensivo, particularmente sobre as costas de Neymar. Da mesma forma que a narrativa observa que a vitória poderia vir "se James Rodríguez e

---

1. O jogador B, iria, então, passar a bola para o jogador C, que passaria pelo jogador soviético 2, pegando-o despercebido. O jogador C, depois, driblaria os soviéticos 3, 4 e 5, os quais não conseguiriam pará-lo. Ele finalmente cruzaria para o jogador D, que cabecearia entrando no gol dos soviéticos 6 - 11. Garrincha, cuja carreira seria marcada por sua indisciplina, escutou tudo isso e depois perguntou (essencialmente): "Tá legal, seu Feola… mas o senhor já combinou tudo isso com os russos?". Disponível em: <https://endeavor.org.br/tomada-de-decisao/estrategia-combinar-russos/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Cuadrado forem anulados...", a equipe rival também pode pensar que anular o craque Neymar seria o caminho mais curto para a vitória; os "heróis" podem ser outros.

Na partida contra México, o herói foi o goleiro Ochoa, que neutralizou Neymar; no jogo pelas oitavas de final contra o Chile, foi o goleiro da Seleção Brasileira, Júlio César, que se redimiu da Copa de 2010 e virou o herói da classificação. As estatísticas e a tradição não entram em campo; o futebol não é tão simples ou cartesiano.

O próximo jogo pelas quartas de final seria contra a Colômbia, que vinha disputando uma excelente Copa e tinha carimbado seu passaporte às quartas ao derrotar, incontestavelmente, o Uruguai em pleno Maracanã.

4.5 **Brasil vs. Colômbia**

Nos dias que antecederam o jogo, matérias analíticas de performance e comparações entre Neymar e James Rodriguez, destaques de seus times, povoaram as narrativas da imprensa (Figura 17). Luiz Antônio Prósperi, criticando o número de estatísticas publicadas, relata:

> Quem for ao Castelão, ou arregalar os olhos na televisão para ver Neymar e James, não vai querer se ligar nos números da dupla. Vai querer é desfrutar da bola que eles vão jogar. [...] Neymar e James querem ir longe na Copa. No caso do brasileiro, é bom ele apertar o Felipão para arrumar o meio-campo da seleção. Neymar não liga para a estatística, mas não quer passar para a história como um dos que conduziram o Brasil à segunda derrota para a Colômbia em jogos oficiais (OESP, Esportes,04/07/2014, p. 40).

Figura 17 - Comparativo Neymar e James Rodriguez - O Globo e OESP.

Fonte: Jornal *O Globo* (à esquerda); jornal *OESP* (à direita).

As expectativas eram de um jogo equilibrado, duro, um teste para a Seleção Brasileira. A Colômbia poderia utilizar a mesma estratégia do Chile, que neutralizou Neymar parando o

ataque do Brasil com faltas: “está aberta a temporada de caça ao precoce protagonista da Seleção Brasileira. Entre todas as equipes que sobreviveram até as quartas de final da Copa, Neymar encabeça o ranking de faltas sofridas” (O Globo, Esportes, 04/07/2014, p. 6). Aconteceram lances desleais e impunes numa partida de muitas faltas. As estatísticas oficiais da FIFA dão conta de que foram aplicados quatro cartões amarelos, dois para Brasil e dois para Colômbia. O número de faltas não mostra que o Brasil tenha sido a vítima, ao contrário: Colômbia cometeu 23 faltas, e o Brasil, 31.

No dia posterior ao jogo, as narrativas davam conta de que, mais uma vez, a defesa foi o destaque do Brasil, com dois gols de bola parada, de David Luiz e Thiago Silva, na vitória que o habilita a Seleção à disputa das semifinais do torneio. A notícia principal não era a vitória da Seleção Brasileira, nem a análise tática do encontro, nem a classificação para as semifinais, era, sim, a saída definitiva de Neymar da Copa do Mundo (Figura 18).

Figura 18 - Neymar fora da Copa (OESP e O Globo).

Fonte: Jornal *OESP* (à esquerda); jornal *O Globo* (à direita).

Antero Greco, do jornal *OESP*, na sua coluna lamenta lesão de Neymar:

> Meu amigo, puxa vida, por essa nem o mais pessimista poderia imaginar. Neymar fora da Copa, por causa de um atropelamento que sofreu de Zuñiga, poucos minutos antes do final do jogo com a Colômbia. Parecia uma jogada corriqueira e, no entanto, a violência do impacto tira a estrela brasileira. O baque é forte, o momento é de o grupo mostrar união. Em 62, Pelé saiu de cena na segunda rodada. A compensação veio com a estrela de Garrincha e com a vontade do jovem Amarildo. Quem são os candidatos a Garrincha e Amarildo em 2014? Aguardemos (OESP, Esportes, 05/07/2014, p. 70).

O jornal *O Globo* dedica uma página inteira para explicar a lesão do atleta. No título da matéria, lemos: “*Fratura* da vértebra, uma dor intensa”; e no subtítulo: “*Fissura* não vai comprometer a carreira do Jogador” (Figura 19). Segundo as narrativas, o jogador sofreu uma fratura na terceira vértebra lombar (L3) e deverá permanecer cerca de 6 semanas em repouso,

utilizar colete imobilizador e ser medicado com analgésicos e anti-inflamatórios (O Globo, Esportes, 05/07/2014, p. 5, grifo nosso).

Figura 19 - Fratura de vértebra.

Fonte: Jornal *O Globo.*

A preocupação era com o futuro da seleção na competição – a saída prematura de Neymar e a suspensão automática do capitão Thiago Silva, por ter recebido o terceiro cartão amarelo, os deixava de fora da semifinal. O fato de Neymar não ter realizado uma boa partida e ter sido o setor defensivo o responsável pela definição da partida gera sentimentos ambíguos nas narrativas:

> No dia em que Neymar não acertou nada, se contundiu e se despediu da Copa, a dupla de zaga da seleção fez o serviço na frente e atrás, e garantiu a vitória e a classificação do Brasil. A vitória, apesar da *péssima atuação de Neymar*, acabou sendo, de certa forma, uma esperança: *há vida na seleção, mesmo sem ele*. Poderá William (provável substituto de Neymar) se tornar um novo Amarildo (que substituiu Pelé, em 62). *Oremos* (O Globo, Esportes, 05/07/2014, p. 8, grifo nosso).

As narrativas dos dois jornais, inclusive a capa d'*O Globo* (Figura 20), evocam a memória do passado e sutilmente apelam para o sagrado: "Oremos".

O próximo confronto seria contra a forte seleção da Alemanha. O vencedor estaria classificado para disputar a final da Copa do Mundo contra Argentina ou Holanda, que disputavam a outra semifinal. No dia do jogo, permanecia a dúvida sobre quem iria substituir Neymar. Segundo a imprensa, era uma dúvida entre ter cautela ou ousar. Fica, a cada momento, mais óbvia a dependência da seleção em relação a Neymar... só restava o apelo ao sagrado.

Figura 20 - Brasil, reza forte - O Globo.

Fonte: Jornal *O Globo.*

4.6 **Brasil vs. Alemanha**

Nos dias que antecederam o jogo, as narrativas da imprensa pairavam sobre um só tema: desvendar o grande mistério que se tornou quem iria substituir Neymar; apareceram críticas à comissão técnica e à CBF, inclusive à convocação de determinados jogadores.

O Globo publicou:

> O Brasil vive hoje uma fase monotemática. Por mais que *a perda de Neymar* estimule a solidariedade em torno do time, a comoção não basta para poupar das cobranças o técnico Luiz Felipe Scolari e a CBF. O *talento acima da média do camisa 10* é a exceção que confirma a regra de *que o futebol brasileiro já não se diferencia tanto dos demais, individual ou coletivamente*. A forma como a convocação final foi recebida, sem polêmica em torno de nomes preteridos, sugere conformidade e falta de apetite diante daquilo que se tem para hoje (*O Globo*, Esportes, 07/07/2014, p. 4, grifo nosso).

Após a derrota para Alemanha por 7 a 1, as críticas foram dirigidas para a comissão técnica:

> Não há dúvida que foi um desastre a opção ousada de Scolari, escalando Bernard no lugar de Neymar e tirando Paulinho para a entrada de Luiz Gustavo. Mas é tolice achar que com três marcadores no meio-campo a sorte do Brasil teria sido diferente. *Nem com Neymar jogando e num dia iluminado, poderíamos ter vencido, porque é descomunal a diferença técnica entre os dois times*. O nosso é muito ruim, um dos mais fracos da história do Brasil nas copas; o deles, ao contrário, uma das mais talentosas seleções alemãs de todos os tempos [...] Graças à fratura numa das vértebras, *Neymar escapou do circo de horrores* em que se tornou para o Brasil a tão esperada semifinal em casa. *Essa surra foi ainda pior do que a que ele, jogando pelo Santos, sofreu na final do Mundial Interclubes*, contra o Barcelona. Aquela, pelo menos, parou em quatro... (*O Globo*, Esportes, 09/07/2014, p. 6, grifo nosso)

Apesar da ruína do projeto “Neymar conduz o Brasil ao Hexa”, o protagonista é salvo, por ter sido “tirado” da Copa por meios ilícitos, aliviando (editando) também o reverso que sofreu na final do Mundial Interclubes contra o Barcelona: “Aquela, pelo menos, parou em quatro...”.

Dessa vez, a derrota não seria considerada como uma tragédia pela imprensa local, mas, sim, como uma vergonha, um vexame, uma humilhação, como mostra a capa do jornal *O Globo* do dia posterior à derrota para Alemanha (Figura 21).

Figura 21 - Vergonha, vexame, humilhação.

Fonte: Jornal *O Globo*.

Entre outros motivos, não foi considerada uma tragédia, por razões como as que analisam Helal e Gordon no artigo “A crise do futebol brasileiro: perspectivas para o século XXI”. Segundo os autores, a influência da globalização que expandiu e liberou as fronteiras, tanto culturais como esportivas, tinha encolhido o sentimento de pertencimento, e a junção entre Estado - Seleção é cada vez mais tênue.

Para Brinatti (2015), o sentido de “humilhação” é predominante nas narrativas pós-derrota, como exemplifica o texto de João Máximo “Do trauma à humilhação”, que vincula a derrota à ideia de um Brasil que deixa de ser a pátria de chuteiras:

> Não sei se por sermos jovens, a derrota de 1950 foi mais traumática. [...] A de anteontem foi mais humilhante. [...] Também já não vemos na seleção a “pátria em chuteiras, por mais que o futebol seja a coisa que mais deu certo neste país de tantos erros [...] A de anteontem foi mais humilhante. Sabíamos que a Seleção Brasileira não vinha jogando bem e que a alemã, pelo contrário, convencia mesmo nas partidas mais

> difíceis. Sabíamos, também, que o futebol brasileiro há tempos já não é o que já foi, perdeu a alegria, a arte, o brilho. Bem mais velhos, com muitos quilômetros rodados nessa estrada sinuosa que é a Copa do Mundo, temíamos a derrota no Mineirão. O bastante para acharmos que, se os alemães nos eliminassem, lógica e justiça seriam feitas (O Globo, Copa 2014, 10/07/2014, p. 12).

O *business* em torno de Neymar não perde tempo com especulações sobre o seu substituto. Fizeram da perda uma oportunidade – o mundo da mercadoria dominando tudo que é vivido (DEBORD, 1997, p. 32) –, e todos os patrocinadores correram para preparar novas peças publicitárias em "solidariedade" ao atleta:

> "De cuecas a aparelhos eletrônicos, de fones de ouvido a baterias de carro. De telefonia celular a material esportivo. Não é segredo que o craque Neymar se tornou a celebridade que mais vende produtos nos últimos tempos. Entre os jogadores da Seleção Brasileira, é o que possui mais contratos de patrocínio, 13 no total. Por isso as marcas correram para produzir novas peças publicitárias se solidarizando com Neymar após sua saída prematura da Copa". Foram também distribuídas 60.000 máscaras com o rosto do atleta para serem distribuídas antes do jogo, Também foi disponibilizado *on-line* um *link* para fazer *download* da mesma para ser impressa pelos torcedores que assistam ao jogo em casa (O Globo, Esportes, 08/07/2014, p. 9) grifo nosso).

Neymar, por não ter participado dos jogos da "vergonha" contra Alemanha e Holanda, por conta da lesão provocada pelo lateral Zuñiga, foi poupado dessas críticas, reforçando a narrativa inicial e a ideia de que sem ele não existiria um time capaz de conseguir as vitórias. A *neymardependência*.

5 VAI QUE É TUA - JOGOS OLÍMPICOS - 2016

Segundo o Comitê Olímpico Internacional - COI, a erupção do monte Vesúvio, em Nápoles, Itália, em 1906, obrigou a cidade de Roma a desistir de sediar os Jogos Olímpicos de 1908. Estes foram, então, realizados em Londres, entre 27 de abril e 31 de outubro de 1908, incluindo pela primeira vez, de forma oficial, o Torneio de Futebol FIFA, que já tinha participado como esporte "demonstração" nas duas edições anteriores: os Jogos Olímpicos de 1900, em Paris - França, e os Jogos Olímpicos de 1904, em Saint Louis - USA[119] (Site COI)

A Seleção Brasileira teve a sua primeira participação no torneio nos Jogos Olímpicos de 1952, realizados em Helsinki, Finlândia, onde foi derrotada pelo selecionado alemão (4 a 2), na prorrogação da partida válida pelas quartas de final.

Nascia ali a obsessão pela conquista do ouro olímpico no futebol, que seria citado em várias outras oportunidades. A Seleção Brasileira de futebol disputou três finais (e foi derrotada em todas elas): 1984 (Los Angeles), 1988 (Seul) e 2012 (Londres).

O Rio de Janeiro sediaria os Jogos da XXXI Olimpíada, ou como chamado comumente pela mídia "Rio - 2016", oportunidade de trazer para o Brasil o 23º ouro em disputa, único troféu que faltava luzir entre aqueles conquistados em cinco Campeonatos do Mundo, quatro Copas das Confederações e oito Copas América, para citar os de maior prestígio no futebol mundial, fato lembrado no site oficial da FIFA:

> Sin embargo, hay una pesadilla olímpica de la que Brasil quiere despertarse de una vez por todas. El país no ha conseguido ninguno de los otros 22 en un deporte que los brasileños consideran una religión, en el que posee el récord de cinco trofeos de la Copa Mundial de la FIFA[120]. Y no será porque su selección, que participó por primera vez en el Torneo Olímpico de Fútbol en 1952, no lo haya intentado[121] (FIFA).

Estrelas de nível internacional como Dunga (1984 - Los Angeles); Romário (Seul - 1988); Ronaldo, Rivaldo, Roberto Carlos e Bebeto (Atlanta - 1996); Ronaldinho Gaúcho (Pequim - 2008) e o próprio Neymar (Londres - 2012) tinham fracassado no intento.

Um novo projeto, com uma nova geração se afirmando, esperanças renovadas e uma obsessão pelo "ouro", já beirando o pessimismo nacional e com saudades do "futebol-arte" de outros tempos, seria encabeçado por Neymar:

---

[119] Disponível em: <https://www.olympic.org/fr/londres-1908>. Acesso em: 03 ago. 2020.

[120] Disponível em: <https://es.fifa.com/mensolympic/news/el-sueno-de-poner-fin-a-la-pesadilla-olimpica-2555264-x5302#a-general-view-of-the-stadium-2385744>. Acesso em: 28 jul. 2020.

[121] O trecho correspondente na tradução é: "No entanto, há um pesadelo olímpico do qual o Brasil quer acordar de uma vez por todas. O país não alcançou nenhum dos outros 22 ouros em um esporte que os brasileiros consideram uma religião, no qual detém o recorde de cinco troféus da Copa do Mundo da FIFA. E não será porque o seu time, que participou pela primeira vez do Torneio Olímpico de Futebol em 1952, não tentou".

> [...] principal jogador do país, o terceiro melhor do mundo, que vive momento feito à imagem e semelhança desta seleção [...] vive sua era de astro da seleção justamente em tempos de maus resultados [...] Suspenso na Copa América de 2015, ausente nas eliminatórias, passou a ser questionado (O Globo, Esportes, 04/08/2016, p. 8).

Ante o exposto, na mesma reportagem, Neymar diz: "Estou aqui para ser cobrado", demonstrando estar ciente do tamanho do desafio e, principalmente, saber o papel que ocupa nas aspirações nacionais e como capitão da equipe – capitão simbólico, porque não existe uma taça para erguer pelo capitão da equipe, e sim medalhas idênticas para dividir.

Caberia a ele, como *única estrela do torneio entre todas as seleções participantes*, aproveitar essa segunda oportunidade consecutiva para dar término a essa obsessão[122]: "As ausências e dificuldades na liberação de jogadores rivais aumentam a responsabilidade do Brasil, que teve menos problemas. E que tem Neymar, em prestígio, fama e valor uma exceção" (O Globo, Esportes, 04/08/2016, p. 8).

Pelas narrativas observadas até aqui, percebemos a insistência, por parte do jornalismo esportivo, em colocar sobre Neymar toda a responsabilidade do sucesso da nova missão, como se o futebol fosse um jogo individual, e não coletivo. Neymar treinara somente 10 dias com o novo grupo, que somente teve certeza de que seria comandado por Rogerio Micale [123] 45 dias antes do início dos jogos. A própria imprensa cria a "neymardependência" tão criticada e combatida.

Apesar de os jogos serem sediados no Rio de Janeiro, o torneio de futebol realizou-se em seis cidades diferentes e em sete estádios: Rio de Janeiro (Maracanã e Engenhão); São Paulo (Arena Corinthians); Belo Horizonte (Mineirão); Brasília (Estádio Nacional Mané Garrincha); Salvador (Arena Fonte Nova) e Manaus (Arena da Amazônia), entre os dias 5 e 21 de agosto de 2016.

Participaram 16 seleções nacionais, divididas na primeira fase em quatro grupos de quatro seleções. Brasil, África do Sul, Iraque e Dinamarca formaram o Grupo A (Tabela 16).

Tabela 16 - Grupos Jogos Olímpicos COI - Brasil 2016.

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
Brasil	Colômbia	Alemanha	Argentina
África do Sul	Japão	México	Portugal
Iraque	Nigéria	Fiji	Argélia
Dinamarca	Suécia	Coreia do Sul	Honduras

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

[122] Com a limitação de até três jogadores com idade acima de 23 anos por equipe, imposta pela FIFA, e a não obrigatoriedade de os clubes cederem jogadores para suas seleções nacionais, por coincidir com datas FIFA, e para não criar conflitos de interesses ou prejudicar os clubes nos torneios, já que as Olimpíadas ocorrem inteiramente durante o período de férias para a maioria da Europa, Neymar, que tinha prescindido de disputar a Copa América Centenário para participar da Olimpíada, foi o único "nome de peso" entre todas as seleções a participar do torneio.

[123] Ficha completa do treinador Rogerio Micale disponível em: <https://www.transfermarkt.pt/rogerio-micale/profil/trainer/17444>. Acesso em: 28 jul. 2016.

No torneio, a Seleção Brasileira disputou seis jogos durante as diversas fases da competição, como mostrado na tabela abaixo (Tabela 17).

Tabela 17 - Jogos Olímpicos COI - Brasil 2016.

FASE	JOGO				DATA
Grupos	Brasil	0	0	África do Sul	04/08/2016
	Brasil	0	0	Iraque	07/08/2016
	Dinamarca	0	4	Brasil	10/08/2014
Quartas	Brasil	2	0	Colômbia	13/08/2016
Semifinal	Brasil	6	0	Honduras	17/08/2016
Final	Brasil	1	1	Alemanha	20/08/2016

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Analisamos, em 17 dias de competição, um total de 89 matérias do evento[124]: 42 do jornal *O Globo;* 19 do jornal *O Estado de São Paulo*; 13 do jornal *Mundo Deportivo*; e 15 do jornal *Marca*, como demonstrado nas tabelas 18 e 19 e em seus respetivos gráficos (6 e 7).

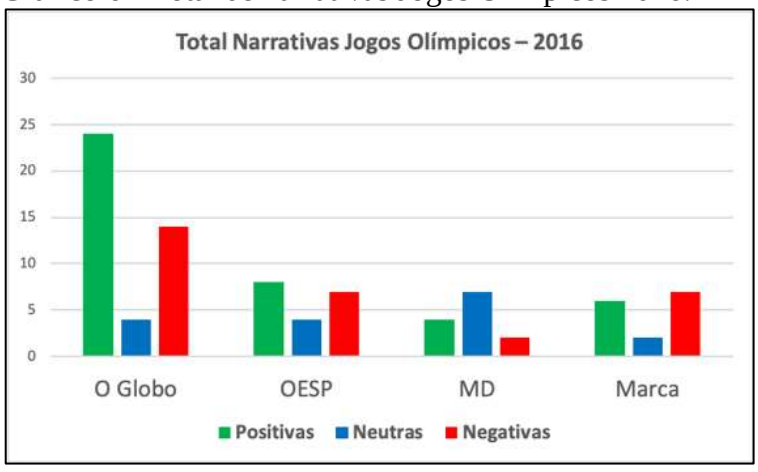
Os Jogos Olímpicos são considerados o maior evento poliesportivo do planeta e abraça uma inconfundível variedade de modalidades, dando visibilidade a esportes com menor alcance popular, mantendo a todos no mesmo nível de importância. Esse fato torna o futebol "mais um" esporte participante, sem maior destaque, afirmação facilmente perceptível pelo escasso número de matérias encontradas nos quatro jornais pesquisados.

Tabela 18 - Total Narrativas Categoria x Jornal.

Jornal	Positivas	Neutras	Negativas	Total
O Globo	24	4	14	42
OESP	8	4	7	19
MD	4	7	2	13
Marca	6	2	7	15
Totais	42	17	39	89

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 6 - Total de narrativas Jogos Olímpicos 2016.



Fonte: Elaborado pelo autor.

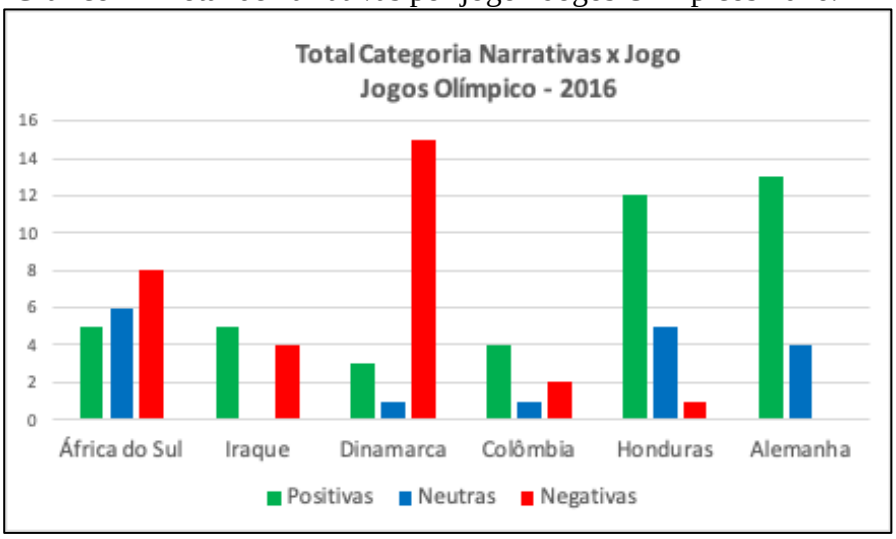
[124] A tabela-mãe, contendo os dados descritos jogo a jogo em cada jornal, encontra-se no Apêndice A sob a denominação "Total de Narrativas Jogos Olímpicos - 2016".

Tabela 19 - Total Categoria Narrativas x Jogo.

Jogo	Positivas	Neutras	Negativas
África do Sul	5	6	8
Iraque	5	0	4
Dinamarca	3	1	15
Colômbia	4	1	2
Honduras	12	5	1
Alemanha	13	4	0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 7 - Total de narrativas por jogo - Jogos Olímpicos 2016.



Fonte: Elaborado pelo autor

Temos que levar em consideração, como afirmado em Giglio (2013; 2016), que colocar o futebol olímpico como algo secundário foi uma das estratégias do ex-presidente da FIFA João Havelange[125] para valorizar principal produto da instituição que ele presidia – a Copa do Mundo de futebol masculino.

Não existe reconhecimento dos Jogos Olímpicos por parte da FIFA como uma competição relevante dentro do seu calendário oficial.

O interesse geral, gerado pelo Torneio de Futebol dentro dos Jogos Olímpicos do COI, e o seu valor simbólico são inferiores, por exemplo, se comparados aos da Copa do Mundo FIFA, com base em dados obtidos no site oficial da FIFA[126] (tabela 20).

Tabela 20 - Comparativo público 2014-2016.

[125] Jean-Marie Faustin Goedefroid de Havelange, mais conhecido como João Havelange (Rio de Janeiro, 8 de maio de 1916 - 16 de agosto de 2016), foi um dirigente esportivo brasileiro, presidente da FIFA durante 24 anos (entre 1974 e 1998).

[126] Dados Copa do Mundo FIFA - 2014. Disponível em: <https://es.fifa.com/worldcup/news/la-copa-mundial-de-la-fifa-2014tm-en-cifras-2443127>. Acesso em: 28 jul. 2020. Dados Torneio Futebol FIFA - Rio 2016. Disponível em: <https://es.fifa.com/mensolympic/archive/rio2016/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Evento	Público Total Evento	Média Público por Jogo
Torneio Futebol FIFA - Rio 2016	1.009.162	31.536
Copa do Mundo FIFA - 2014	3.429.873	53.592

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Em alguns esportes, essa dinâmica é inversa: uma medalha de ouro, em qualquer Campeonato Mundial de Atletismo, por exemplo, tem menor valor simbólico e interesse que um ouro conquistado numa Olimpíada, evento que é considerado como a excelência da modalidade e reúne os melhores atletas do planeta.

Podemos especular que, especificamente no torneio de futebol, outros motivos como a falta de estrelas de nível mundial e a presença de seleções com pouca expressão – por exemplo, Fiji, Honduras e Iraque – na disputa diminuem o interesse do público e de patrocinadores e, consequentemente, o valor simbólico do torneio.

O prestígio do Torneio de Futebol FIFA, dentro dos Jogos Olímpicos, poderia ser mensurado também analisando por uma outra perspectiva: a estreia dos selecionados nacionais de futebol feminino e masculino foi realizada com 48 e 24 horas, respectivamente, de antecedência à tradicional cerimônia de abertura dos Jogos, com o desfile de todas as delegações e seus porta-bandeiras: "O futebol é mesmo um esporte singular na ampla programação da Olimpíada, uma espécie de corpo estranho [...] é a única modalidade que consegue estrear antes da abertura da competição" (O Globo, Esportes, 03/08/2016, p. 10).

Outra pista, a imprensa brasileira, sempre adepta dos infográficos comparativos, na falta de estrelas no torneio, compara o prestígio de Marta e Neymar, e Fernando Calazans comenta:

> [...] Sobretudo se levamos em conta o fato de que Marta já foi eleita cinco vezes a melhor jogadora de futebol do planeta. Então, neste duelo particular, quem ganha é ela, porque Neymar, com todo o cartaz (e todo respeito) ainda não subiu sequer uma vez ao pódio internacional (O Globo, Esportes, 03/08/2016, p. 10).

Esse duelo "particular" ou contraponto, concebido pela imprensa esportiva, foi encampado (mesmo antes da estreia) pelos torcedores, que, em várias oportunidades durante o torneio, como forma de protesto ao histórico de fracas atuações da seleção masculina de futebol e de Neymar, manifestaram-se. Teve seu ponto máximo após a segunda rodada: o futebol feminino, com oito gols em duas vitórias, estava classificado para a próxima fase; o futebol masculino, com dois empates e zero gols, corria sério risco de ser eliminado. Um dia antes da seleção masculina de futebol fazer a sua estreia na competição, foi a vez da seleção feminina, que ganhou da China por 3 a 0, no Estádio Engenhão, no Rio de Janeiro, diante de 27.000 espectadores.

Marta[127], ícone do time, foi substituída aos 34 minutos do segundo tempo, saiu ovacionada do Estádio Engenhão, aos gritos de "Marta é melhor que o Neymar", e ganhou a Capa do jornal O Globo em 04/08/2016 (Figura 22).

Figura 22 - Marta melhor que Neymar.

Fonte: Jornal *O Globo.*

5.1 **Brasil vs. África do Sul**

Uma matéria do jornal *Mundo Deportivo* reproduz a fala de Pelé, que acredita que o momento é de Neymar: "'Creo que Neymar tiene la experiencia que se necesita. Antes de salir del Santos ya se implicaba mucho a la hora de entrenar, y luego fue a Barcelona ... creo que Neymar tiene la experiencia para ser capitán', sentenció 'O Rei'"[128].

A sentença de Pelé contrasta com a matéria crítica d'*O Globo,* que difere em alguns conceitos com o Rei do futebol:

> Neymar volta a uma edição dos Jogos Olímpicos mais maduro após a traumática derrota para o México em 2012, quando foi *vaiado* pelos londrinos *em todos os lances em que tocava a bola*. O motivo da implicância inglesa contra o brasileiro era a fama de "*cai-cai*" [...]. A experiência, agora com *23 anos*, fez com que ganhasse a faixa de capitão da equipe. Seu *temperamento***,** porém, ocasionou desconfiança em parte do público sobre a sua capacidade de usar a braçadeira (O Globo, Esportes, 04/08/2016, p. 8, grifo nosso)

[127] Marta Vieira da Silva, mais conhecida como Marta, é uma jogadora brasileira que atua como atacante ou meia-atacante. Já foi escolhida como melhor futebolista feminina do mundo por seis vezes, sendo cinco de forma consecutiva. Natural de Dois Riachos, Alagoas, nasceu em 19 de fevereiro de 1986.

[128] O trecho correspondente na tradução é: "'Acho que Neymar tem a experiência necessária. Antes de sair do Santos, ele já se aplicava muito nos treinamentos e depois foi para Barcelona ... acho que Neymar tem a experiência para ser o capitão', afirmou 'O Rei'" (*MD*, Rio-2016, 04/08/2016, p.12).

Responsabilizado pela seleção não entregar o que dela se espera, Neymar é alvo constante das críticas da imprensa e da desconfiança da torcida. Nesse clima, estreia nos Jogos Olímpicos. Essa situação permanece após o empate sem gols diante da fraca seleção da África do Sul, chamada de "modesta" e "artesanal" pelo jornalista Antero Greco do jornal *OESP*:

> Em situação normal, time que joga em casa, formado por jogadores badalados, que tem um *astro internacional do calibre de Neymar*, não pode empacar no 0 a 0 diante de uma formação modesta, artesanal como a da África do Sul. Com a agravante de que o brioso adversário ficou com um a menos por quase 40 minutos. No mínimo, aplicaria 2 ou 3 gols (OESP, Esportes, 05/08/2016, p. 41).

O jornal *Marca* lembra que: "Neymar vive su peor momento con Brasil desde que debutara con la absoluta ante Estados Unidos el 10 de agosto de 2010 [...] Suma cinco partidos sin marcar"[129] (Marca, JJOO, 07/08/2016, p. 64). No entanto, o mesmo jornal escreve que o atleta não se esconde e participa bastante no ataque, apesar de errar 27 dos 90 passes que tentou.

Apesar das críticas, uma análise neutra é realizada pelo jornalismo do jornal *Mundo Deportivo*, que ainda dá um crédito de confiança a Neymar: "Pero frente a Sudáfrica, que acabó con diez, el delantero azulgrana no alcanzó, aunque fue de largo el jugador más incisivo de la 'canarinha'"[130] (MD, Rio-2016, 05/08/2016, p. 2).

5.2 **Brasil vs. Iraque**

Antes do segundo jogo da fase de grupos, na coletiva de imprensa, os jornalistas insistem em que "a obrigação agora é de goleada", ao que Neymar responde: "Vamos manter a calma e ajeitar as coisas o mais rapidamente possível" *(*OESP, 07/08/2016, p. 46).

Carlos Eduardo Mansur reconhece o mau momento do craque e faz a sua defesa, justificando a baixa performance de Neymar, sem quitar-lhe o protagonismo dele esperado:

> No ambiente olímpico, jogadores de exceção podem fazer diferença. Ainda que o coletivo não ajude tanto, é inevitável a incômoda sensação que o jogo de Neymar não acontece. Há momentos de um *craque ansioso por ser princípio e fim de todo e qualquer lance, com dribles que não surtem efeito, como uma magia desativada*. Pode ser o retorno das longas férias, o coletivo tornando suas ações esperadas, a pressão. Mas, a qualquer instante, pode desabrochar (O Globo, Esportes, 06/08/2016, p. 19, grifo nosso).

A mesma imprensa que tinha alertado, durante toda a Copa do Mundo 2014, que a "neymardependência" era algo perigoso para a seleção, fato que constatou-se após as duas

[129] O trecho correspondente na tradução é: "Neymar está enfrentando seu pior momento com o Brasil desde que estreou com a seleção principal contra os Estados Unidos, em 10 de agosto de 2010 [...] Ele soma cinco jogos sem marcar gol" (Marca, JJOO, 07/08/2016, p. 64).

[130] O trecho correspondente na tradução é: "Mas contra a África do Sul, que terminou com dez, o atacante do Barça não chegou, apesar de ser de longe o jogador mais incisivo da canarinha".

últimas partidas da Copa 2014 sem Neymar – em que a seleção foi derrotada 7 x 1 pela Alemanha e por 3 x 0 pela Holanda –, paradoxalmente cobra de Neymar "fazer acontecer e ativar a magia"; em outras palavras, cobra protagonismo.

Após outro empate sem gols, na segunda partida, contra a seleção do Iraque, o jogo não acontece, os gols e, consequentemente, as vitórias também não.

O público perde a paciência: "a seleção perdeu o crédito com o público, perante isso, perdeu a cabeça, o equilíbrio [...] foi vaiada primeiro, depois foi humilhada com gritos de 'Olé' de 'Marta' e um desfecho melancólico: gritos de 'Iraque' em Brasília" (O Globo, Esportes, 08/08/2016, p. 12).

Todas as críticas são centradas em Neymar. A única defesa do atleta foi realizada pelo jornalista Paulo Calçade, do jornal *OESP*, que censura o comportamento da imprensa e dos torcedores, que, para além do julgamento no campo esportivo, iniciam um julgamento moral, atacando a vida privada dos atletas:

> Nenhum outro país transfere tanta responsabilidade a seus jogadores, inclusive as que não tem nada a ver com o futebol. Quando perceberá que não adianta criar apenas focos de pressão? Ninguém precisa concordar com isso, é mais fácil bisbilhotar a vida privada dos jogadores, especialmente a de Neymar, para extrair elementos dela e julgá-lo como responsável pela falta de resultados. A loucura do futebol levou muita gente a infantilizar a forma de se relacionar com clubes e Seleção Brasileira. Basta ler comentários sobre o tema nas redes sociais. É de chorar! (OESP, 08/08/2016, p. 42).

O jornal *Marca* também percebe este comportamento, denunciado por Paulo Calçade, e dedica a totalidade do espaço reservado à Seleção Brasileira masculina na edição do dia nove de agosto de 2016 a comentar as narrativas da imprensa brasileira sobre o momento vivido pela seleção nacional, com o sugestivo título "*El fantasma de otro Maracanazo*":

> Brasil esta harto. existe un limite entre lo aceptable y lo soportable. Nuestro futbol no soporta nuevos tropiezos de este tipo" Reseñaba O Globo tras el escandaloso 0-0 ante Irak[131]. "Son niños mimados. Tienen el pelo impecable una mar de tatuajes, un futuro prometedor…pero no parecen dispuestos a formar un colectivo que les lleve al triunfo" […] "La 'torcida' también ha dicho basta […] abucheos constantes al mal juego de la canarinha e "olé" a los pases de Irak […]. Gritaron el nombre de Marta - capitana del equipo femenino – a cada vez que Neymar tocaba el balón, Globo Esporte"[132] "Marta, ahora, es mas importante que el. Representa los valores y el compromiso que los brasileños quieren" Galvão Bueno[133] "No acredita madurez emocional. Reclama demasiado a los árbitros, como si quisiera dirigir los partidos,

[131] O trecho correspondente na tradução é: "O Brasil está farto. Existe um limite entre o que é aceitável e o que é suportável. Nosso futebol não suporta novos tropeços deste tipo, assim *O Globo* analisou o escandaloso 0-0 contra o Iraque.

[132] O trecho correspondente na tradução é: "Eles são crianças mimadas. Eles têm cabelos impecáveis, um monte de tatuagens, um futuro promissor...mas não parecem dispostos a formar um coletivo que os leve à vitória" […] "O torcedor também disse chega para o mau jogo, vaiou constantemente o jogo da canarinha e deu "olé" para os passes do Iraque [...] Eles gritavam o nome de Marta - capitã do time feminino - toda vez que Neymar tocava a bola" *Globo Esporte*.

[133] O trecho correspondente na tradução é: "Marta, agora, é mais importante que ele. Representa os valores e o compromisso que os brasileiros querem" *Galvão Bueno***.**

> recibe tarjetas absurdas que le dejan fuera de partidos importantes… No es buen ejemplo para los demás. Por si fuera poco, Ney suma seis choques sin marcar[134] (Marca, JJOO, 09/08/2016, p. 58).

Todas as manifestações acima realizadas pela imprensa, se lidas com atenção, podem apontar para a mediocridade dos discursos de alguns setores do jornalismo esportivo – que mais parece opinião de torcedor –, para a falta de coerência e para o apelo ao julgamento moral.

Se Neymar tivesse marcado dois gols de letra, seguiria sendo a mesma pessoa, com os mesmos costumes, mas não sofreria nenhuma crítica ao comportamento extracampo, ao penteado, às roupas ou às tatuagens, itens que realmente não entram em campo nas vitórias, somente entram em campo após as derrotas.

Não podemos deixar de perceber, na postura da torcida que grita e da imprensa que reproduz e amplifica, um viés machista, quando compara Marta a Neymar, e outro viés sarcástico, que demonstra que a torcida e a imprensa gostam do espetáculo, do drible e da vitória (nessa ordem) e, se a vitória vier com uma atuação que humilhe o adversário, será bem-vinda.

Nas redes sociais circularam vários "memes"[135] com a *hashtag* #saineymarentramarta, que ficaram entre os *Trending Topics* do *Twitter*[136] e foram amplamente reproduzidos pelos meios de comunicação e pelos jornais brasileiros (Figura 23).

Figura 23 - Futebol masculino de salto alto.

Fonte: Acervo pessoal do autor.

[134] O trecho correspondente na tradução é: "Não credencia maturidade emocional. Ele reclama muito dos árbitros, como se quisesse dirigir os jogos, recebe cartões absurdos, que o deixam fora de jogos importantes ... Ele não é um bom exemplo para os outros". Para piorar as coisas, Ney adiciona seis jogos sem marcar".

[135] O formato de um meme pode ser uma frase, uma imagem, um vídeo ou um conceito mais abstrato. Em geral, seu tema é humorístico, beirando quase o absurdo, mas às vezes também se tornam pequenas pílulas filosóficas. Portanto, nunca devemos pensar que um meme é apenas uma mera piada.

[136] Cunhada pelo *Twitter*, *Trending Topics* é um tópico de tendência (ou tópico do momento, em português, e TT, abreviado). Aponta para uma das palavras ou frases mais repetidas em um momento específico em uma rede social.

Na figura em questão, observamos o quadro à direita, que representa a seleção masculina, esta veste chuteiras de salto alto. Os mais puros poderão entender que é somente uma alusão ao velho ditado "jogaram de salto alto"[137], mas, se esse fosse o real objetivo, não precisava fazer referência à seleção feminina, no quadro à esquerda, na comparação.

A humilhação no futebol gera um alívio no torcedor, que extravasa todo e qualquer sentimento de rancor reprimido, todo e qualquer complexo de inferioridade ou, como cunhou Nelson Rodrigues, complexo de "vira-latas"[138], mesmo que tenha que humilhar o próprio time.

E mais, torcedores transferem suas expectativas e frustrações (até como jogadores de futebol) para os atletas profissionais de seu time; nesse processo, sofrem uma metamorfose: de peladeiro cabeça de bagre transformam-se em torcedor conhecedor e exigente.

Os jornalistas, por fazerem parte da mesma sociedade, não só não são alheios a esses sentimentos e frustrações, como também carregam um adendo: são formadores de opinião e se retroalimentam das polêmicas que geram.

5.3 **Dinamarca vs. Brasil**

"Futebol à beira de uma tragédia*:* Seleção de Neymar mais uma vez atua mal, não consegue vencer a marcação do Iraque e vai pegar a Dinamarca sob risco de eliminação" (O Globo, Esportes, 08/08/2016, p. 12).

Esta manchete sintetiza as narrativas da imprensa esportiva brasileira do momento vivido no torneio pela seleção masculina de futebol. As críticas se repetem e recaem principalmente na figura de Neymar, que, perante o fracasso de *sua* seleção, como capitão e líder do time, se omite:

> Após o 7 a 1 da Alemanha, esta noite quem corre o risco de pagar mico olímpico é a *Seleção de Neymar & Cia*. [...] desde o apito final em Brasília que *Neymar não abre a boca*. Manteve o silêncio, inclusive, ao chegar em Salvador, o que lhe valeu muitas críticas, por ser o capitão do time (O Globo, Esportes, 10/08/2016, p. 8, grifo nosso).

[137] Quando se diz que um time de futebol entrou de "salto alto" quer dizer que os jogadores se acham superiores, como os nobres antigamente. Salto alto tem a ver com determinação de poder e demonstração de altivez. Entrar de salto alto no campo de futebol dá uma ideia de certeza de que vai ganhar, sem precisar se esforçar muito.

[138] "Nelson Rodrigues: Por 'complexo de vira-latas' entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos 'os maiores' é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Por que, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos" (DA SILVA, 2014, p.119).

Esta postura de silêncio perante as críticas, que não ajuda a saltar os obstáculos, pode ser interpretada como carência de maturidade e humildade ou excesso de arrogância. O tempo, senhor da razão, se encarregará de esclarecer.

Nos destaques dados pela imprensa a falas e atitudes de atleta, Neymar, por si próprio, invalida o seu discurso maduro e sensato das declarações emitidas no início da competição: "*Estou aqui para ser cobrado*".

Aparecem os primeiros indícios de que Neymar não teria o perfil de herói típico do esporte, e sim uma tendência para ser categorizado como "celebridade" que vive só para si:

> Edgar Morin (1980) e Joseph Campbell (1995) chamam a atenção para a diferença entre celebridades e heróis. Enquanto os primeiros vivem somente para si, os heróis devem agir para "redimir a sociedade". A saga clássica do herói fala de um ser que parte do mundo cotidiano e se aventura a enfrentar obstáculos intransponíveis, os vence e retorna à casa (HELAL, 1999, p. 1).

Um desses obstáculos instransponíveis é assumir os erros e, como líder, assumir o papel de porta-voz do time e a responsabilidade, em nome do grupo, pelos acontecimentos bons ou não. Antero Greco faz coro às críticas dirigidas a Neymar e faz uma análise da situação na sua coluna no jornal *OESP*:

> A bronca tem Neymar como alvo predileto – compreensível, embora não signifique necessariamente que seja justa. O camisa 10 é o principal nome do grupo, recebeu a tarja de capitão, concentra esperanças de algo fora do comum, porém tem ficado aquém da expectativa. Para piorar, fecha a cara e age como menino mimado [...] A desordem aumenta a responsabilidade do craque – e Neymar não tem aguentado o tranco. Não concordo com a tendência a tomá-lo por bode expiatório. Mas bem que ele poderia ajudar-se. De uma maneira simples e singela: se nas duas oportunidades se aproximasse do sentimento do torcedor e pedisse desculpas em nome do grupo (OESP, Esportes, 10/08/2016, p. 51).

A falta de empatia do atleta para com o torcedor e o fato de ignorar a imprensa – atitude que poderíamos classificar como arrogante –, em tempos de dificuldades, também é cobrada por atletas experientes, acostumados a vitórias e derrotas, como o medalhista olímpico Robson Caetano:

> É importante saber respeitar aqueles que querem saber o que houve dentro de campo [...] Neymar, aos 24 anos e com tudo que tem, precisa dar às pessoas que o acompanham e amam o esporte bretão, pelo menos uma simpática e educada satisfação (OESP, Esportes, 11/08/2016, p. 54).

Os torcedores também se sentem desprezados. Uma foto emblemática que surgiu nas redes sociais e reproduzida no jornal: um menino adolescente riscou o nome de Neymar de sua camisa e escreveu Marta manualmente com marcador; o gesto repetiu-se Brasil afora (Figura 24).

Figura 24 - Camisa seleção com o nome Neymar riscado.

Fonte: Twitter.

As poucas notícias sobre o atleta são negativas e o baixo desempenho da seleção olímpica teve reflexos na seleção principal. Neymar, por conta também do seu descontrole frente ao Iraque, perdera a braçadeira de capitão, como anunciado pelo técnico Tite, da seleção principal, com o apoio dos dirigentes e do presidente da CBF: "Ele é fora de série, mas ainda não tem maturidade para ser capitão. Ainda não tem a experiência de um Cristiano Ronaldo, por exemplo" (OESP, 09/08/2016, Esportes, p. 51).

"*De zero ao baile*", diz a capa do caderno Rio-2016, que traz uma foto de Neymar, após a vitória por 4 a 0 sobre a seleção da Dinamarca, na qual, segundo o jornal, a Seleção Brasileira teve uma atuação convincente, de grupo, o que permitiu brilhos individuais de alguns jogadores, e possibilitou a passagem para as quartas de final, justamente contra a Colômbia, que tirou Neymar de Copa 2014:

> Difícil imaginar a quantidade de filmes e enredos que passarão na cabeça de Neymar até lá. De novo uma quarta de final, de novo uma grande competição no Brasil, de novo a Colômbia. Certamente se lembrará do lance de Zuñiga, que fraturou sua costela e o tirou da Copa. Mas também recordará, ou o farão recordar, do acesso de destempero no Chile, na Copa América de 2015, custando-lhe expulsão, suspensão e ausências que duraram até as eliminatórias. Em 2014, chegava ao duelo da Copa do Mundo um Neymar que flertava com um lugar entre os melhores do planeta, sem contestação. Agora jogará um Neymar que já esteve no pódio do prêmio da FIFA, mas tenta vencer recentes questões (O Globo, 11/08/2016, Esportes, p. 1).

Tão significativo quanto o comentário anterior é o que não foi dito. Tanto nos jornais espanhóis quanto nos jornais brasileiros, Neymar foi ignorado completamente, mesmo após a vitória.

O único comentário positivo foi no jornal O Globo e dava conta de que Neymar jogou coletivamente, de forma madura, e teve papel importante. Fez muito do que se cobrava dele, mas não foi o único. Surge para nós a seguinte indagação: por que contra Dinamarca jogou coletivamente e antes não? Foi ele que mudou ou foi a orientação tática?

5.4 **Brasil vs. Colômbia**

O silêncio dos meios de comunicação sobre Neymar e a outrora "sua" Seleção Brasileira continua e grita muito; nos três dias de pesquisa, de 12 a 14 de agosto, encontramos somente duas citações no jornal *O Globo*: uma neutra, avisando que Neymar não treinara no dia (13/08/2016, Esportes, p. 10); outra irônica, de Fernando Calazans (Esportes, 12/08/2016, p. 12), afirmando que a retranca da Dinamarca, que abriu mão de atacar, teria facilitado a vitória do Brasil; no jornal *OESP* (12/08/2016, Esportes, p. 52), somente uma menção, informando que Neymar não treinara no dia, mas mesmo machucado iria jogar – o que poderia ser interpretado como uma mensagem do candidato a herói se sacrificando em prol da nação. Nos jornais *Marca* e *Mundo Deportivo*, nenhuma notícia. No jornal *Marca,* no dia 12, o único comentário sobre a Seleção Brasileira é sobre os dois "Gabriéis" (Jesus e Gabigol), que, segundo o jornal, despertaram para o jogo ante a seleção da Dinamarca.

O silêncio da mídia pode ser interpretado também como um símbolo ou código de representação de uma realidade, que certamente terá influência na percepção e posterior comportamento do torcedor.

5.5 **Brasil vs. Honduras**

A eliminação da seleção feminina de futebol, perdendo a oportunidade de disputar o ouro olímpico, ocupou todas as manchetes do futebol no Caderno Rio - 2016 do jornal *O Globo.* Sobre a seleção masculina e especificamente sobre Neymar, só aparece um misto de alegria e preocupação: "Maracanã lotado, pressão e... Neymar. Há sempre a certeza de que ele pode desequilibrar. Mas o medo de que venha a se desequilibrar" (O Globo, Esportes, 17/08/2016, p. 10).

Evidentemente, pelo histórico emocional de Neymar, que perde a calma e se irrita com a forte marcação e/ou faltas recebidas, existe a precaução de atuar desequilibrado

emocionalmente devido ao rival. A seleção de Honduras vem com a calma de um "azarão"[139] e estará mais cômoda, sem pressão nem obrigação de obter a vitória, ao contrário da Seleção Brasileira.

No dia do jogo e no dia anterior (16 e 17 de agosto), não houve nenhuma menção específica a Neymar nos jornais pesquisados. Somente após a vitória incontestável do Brasil sobre Honduras por 6 a 0 e feitas as pazes com a torcida, a seleção masculina volta a ocupar as manchetes, e Neymar recobra seu protagonismo estampando as capas dos Cadernos dos jornais *O Globo* e *OESP* (Figura 25).

> Neymar precisou de 14 segundos ontem para se tornar o grande personagem da vitória. O craque, vaiado em Brasília nos dois primeiros jogos da Olimpíada, aproveitou erro da defesa do adversário e abriu o marcador. Noventa minutos depois, de pênalti, ele mesmo fechou a goleada" [...] "Na partida, Neymar ainda se irritou com a arbitragem. Depois, apesar de sair ovacionado pela torcida, ele repetiu o que vem fazendo nos últimos jogos da Olimpíada e deixou o Maracanã sem dar entrevistas (OESP, Esportes, 18/08/2016, p. 57).

Figura 25 - Capas do jornal na vitória dos Jogos Olímpicos de 2016.

Fonte: Jornal *O Globo* (à esquerda e no centro) e jornal *OESP* (à direita).

Parece estar acontecendo uma guerra particular, travada por Neymar contra os meios de Comunicação, devido às críticas que tem recebido.[140]

---

[139] Equipe com poucas possibilidades de conquistar um torneio ou campeonato, mas que pode surpreender.

[140] Algumas versões sobre este fato apontam para certas críticas que o jornalista da TV Globo, Galvão Bueno, teria feito, em rede nacional, durante a partida contra Iraque, não poupando críticas a Neymar, principal estrela do Brasil e capitão do time. Após uma confusão, Galvão perguntou: "onde está o capitão do time para parar com essa confusão, cadê o Neymar?". Ao que o comentarista Casagrande não hesitou em responder: "Ele é o primeiro a entrar na confusão". Na segunda-feira seguinte, Galvão, no programa "Bem Amigos", criticou a saída dos jogadores sem dar entrevista aos jornalistas: "As milhões de pessoas que estão em casa têm o direito, sim, de ouvir o seu ídolo, aquele que joga com a camisa da Seleção. É uma falta de respeito. É feio, não é profissional e não é ético. Uma vergonha" Transcrição do vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fm4ARdw_VlM>. Acesso em: 02 ago. 2020.

O jornal *Marca* dedica duas páginas à vitória do Brasil sobre Honduras, e boa parte da matéria é dedicada a Neymar:

> El grito de guerra de "Marta es mejor que Neymar" ya no se escucha en Brasil. Nunca fue mejor, pero la torcida se empeñó en cantarlo a pleno pulmón para tocar el orgullo del capitán de la "seleção masculina". Pues bien lo ha logrado. […] Maracaná despidió ayer al crack del Barcelona puesto en pie. "oe, oe, oe, oa…Neymar, Neymar" cantaba al unísono el otrora estádio más grande del mundo para festejar una de sus mejores actuaciones con la canarinha (Marca, JJOO, 18/08/2016, p. 68)[141].

5.6 **Brasil vs. Alemanha**

As manchetes pré-jogo, na final olímpica entre Brasil e Alemanha, mais uma vez apelam para a emoção e tentam despertar, falsamente, a ideia de uma oportunidade única do Brasil – e de Neymar, com a "sua" seleção –, se vingar da humilhação sofrida em 2014, na semifinal da Copa do Mundo, no Mineirão.

Falsamente porque, primeiro, o evento Torneio de Futebol dos Jogos Olímpicos não tem a mesma magnitude que uma Copa do Mundo, nem seu valor simbólico e equivalente; segundo, porque a Alemanha só se apresentou com uma seleção formada por jogadores iniciantes, desconhecidos no mundo do futebol global e alheios às grandes ligas, fato reconhecido pelo jornalista Carlos Mansur na sua coluna:

> O curioso é como um torneio de futebol em que tantas equipes se apresentam desfiguradas, ainda assim pode nos colocar diante de um jogo que ofereça traços marcantes de duas das mais tradicionais escolas do mundo. Dadas as circunstâncias que cercam o futebol olímpico, *não será uma precisa medição* de forças entre o futebol brasileiro e alemão. Mas veremos um duelo de estilos, um panorama do que se faz e do que se tenta fazer por aqui e por lá (O Globo, Esportes, 20/08/2016, p. 8, grifo nosso).

A única seleção, das 16 participantes, que conta com uma estrela de nível mundial no seu elenco, era o Brasil, que tinha Neymar; uma Olimpíada feita sob medida para ele brilhar; por isso o título deste capítulo: "vai que é tua".

Pese as condições iniciais descritas acima, houve muita dificuldade da Seleção Brasileira para classificar-se para a etapa final – os confrontos com a África do Sul e Iraque o atestam. Somente as vitórias sobre Dinamarca e Honduras, seleções que não cabem aqui

[141] O trecho correspondente na tradução é: "O grito de guerra de 'Marta é melhor que Neymar' não é mais ouvido no Brasil. Nunca foi melhor, mas o torcedor insistia em cantar a pleno pulmão, para tocar o orgulho do capitão da seleção masculina. Bem... conseguiu [...] O Maracanã ontem se despediu do craque do Barcelona de pé. 'Olé, olé, olé, olá ... Neymar, Neymar', cantou em uníssono o outrora maior estádio do mundo, para celebrar uma de suas melhores performances com a Canarinha" (Marca, JJOO, 18/08/2016, p. 68).

analisar seu valor técnico, credenciaram o time para disputar a final contra a jovem seleção alemã.

O jornalista Fernando Calazans, na sua coluna do jornal *O Globo*, elogia a anterior apresentação da Seleção e coloca Neymar em dúvida, apesar de enaltecer sua participação:

> [...] o jogador que mais sofreu faltas na competição – foi caçado de novo contra Honduras, mas desta vez não perdeu a cabeça. Mais uma prova de melhora ou, quem sabe, de maturidade. A grande final vai nos proporcionar um julgamento mais profundo (O Globo, Esportes, 19/08/2016. p. 9).

Na mesma linha, a capa do jornal *OESP* exibe uma foto de Neymar com os dizeres: "É hoje. Contra Alemanha, time de Neymar tenta medalha mais desejada: o inédito ouro no futebol" (OESP, 20/08/2016, capa). No Caderno de Esportes, uma matéria lembra que Neymar preferiu disputar a Olimpíada, desistindo de participar da Copa América Centenário, para ter uma segunda chance de conquistar o ouro e "de quebra, se chegar ao alto do pódio, se *igualará a Messi*, seu companheiro no Barcelona, e que foi campeão dos jogos de Pequim/2008" (OESP, Esportes, 20/08/2016, p. 55, grifo nosso).

Continua o apelo midiático. Só uma análise fria do que os "dois companheiros" de Barcelona conquistaram no futebol mundial daria a exata dimensão do absurdo da comparação[142].

A partida terminou empatada em 1 a 1 no tempo regulamentar, assim permanecendo até o fim da prorrogação, o que levou a decisão aos pênaltis. O goleiro Weverton, da Seleção Brasileira, defendeu o tiro executado por Peterson e, na sequência, Neymar bateu com perfeição, dando números finais à disputa. Brasil, campeão olímpico de 2016.

O jornal *Mundo Deportivo* de Barcelona faz elogios a Neymar, referindo-se a ele como "*blaugrana*" (azul-grená, cores do Barcelona):

> Fue el líder de Brasil que por primera vez ganó el oro olímpico en su historia. Anotó el último penalti ante una gran Alemania y desató la locura en Río. Neymar marcó la diferencia en Brasil […] Neymar fue otra vez la gran clave. Brasil es, sobre todo, él. Ney no estuvo en el humillante 1-7 del último Maracanazo, pero sí en la final olímpica que debió decidirse en la dramática lotería de los penaltis. Y fue el héroe (MD, 21/08/2016, p. 56)[143].

[142] Messi conquistou a medalha de ouro dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, aos 21 anos de idade. Esse seria o bicampeonato da Argentina, que tinha sido vitoriosa em Atenas, em 2004. Em 2016, Messi contava com cinco títulos de Melhor do Mundo (2009, 2010, 2011, 2012, 2015), entre outros prêmios individuais de menor expressão.

[143] O trecho correspondente na tradução é: "Ele foi o líder do Brasil que, pela primeira vez, conquistou o ouro olímpico em sua história. Ele marcou o último pênalti contra uma grande Alemanha e desencadeou a loucura no Rio. Neymar fez a diferença no Brasil [...] Neymar foi novamente a grande chave. O Brasil é, acima de tudo, ele. Ney não estava no humilhante 1-7 do último Maracanazo, mas estava na final olímpica, que teve que ser decidida na dramática disputa de pênaltis. É ele o herói (MD, 21/08/2016, p. 56).

O jornal catalão menciona o jogo da semifinal da Copa do Mundo de 2014, lembrando que Neymar não participou dessa partida e o converte em herói do primeiro ouro olímpico do Brasil, categorizando a definição por pênaltis como uma "loteria".

"*Neymarazo*" estampa o título da manchete do jornal *Marca*, que comenta declaração de Neymar antes do jogo, na qual antecipava que seria a melhor oportunidade de ganhar o ouro:

> Lo consiguió... no sin sufrimiento. Neymar, cuestionado por su actitud dentro y fuera del campo acreditó su condición de líder indiscutible da la Seleção adelantando a Brasil y marcando el penalti decisivo. "Si la Brasil olímpica jugara contra la absoluta, ganaría la que tuviera Neymar" (Marca, JJOO, 21/08/2016, p. 59)[144].

Missão cumprida. Apesar dos percalços do caminho, o herói consegue êxito e traz para o Brasil o desejado ouro olímpico, mas algumas perdas terão de ser contabilizadas no saldo final. A sua relação com a imprensa nunca mais será a mesma, e a perda da braçadeira de capitão da seleção principal deixará cicatrizes.

[144] O trecho correspondente na tradução é: "Ele conseguiu... não sem sofrimento. Neymar, questionado por sua atitude dentro e fora do campo, confirmou sua condição de líder indiscutível da Seleção, deixando o Brasil em vantagem no marcador e depois marcando o pênalti decisivo. 'Se a seleção olímpica do Brasil jogasse contra a seleção principal, venceria aquela que tivesse Neymar no time'" *(*Marca, JJOO, 21/08/2016, p. 59).

6 "THE BEST MEME FOOTBALL AWARDS" - COPA DO MUNDO - 2018

Segundo o jornalista Jamil Chade[145], foi a Copa mais cara da história[146]. A primeira Copa do Mundo - FIFA a ser disputada na Rússia e no Leste Europeu, assim como também a primeira a receber o VAR - *Video Assistant Referee* ou Árbitro Assistente de Vídeo.

Fizeram sua estreia em Copas do Mundo as seleções de Panamá e Islândia e, pela quarta vez em cinco edições, a seleção campeã da edição anterior foi eliminada na Fase de Grupos, fato que ficou conhecido como a "Maldição das Campeãs"[147] .

A Copa do Mundo 2018 contou com a participação de 32 seleções nacionais, divididas em oito grupos de quatro times cada (Tabela 21).

Tabela 21 - Grupos Copa do Mundo 2018.

Grupo A	Grupo B	Grupo C	Grupo D
Rússia	Portugal	França	Argentina
Arábia Saudita	Espanha	Austrália	Islândia
Egito	Marrocos	Peru	Croácia
Uruguai	Irã	Dinamarca	Nigéria
Grupo E	**Grupo F**	**Grupo G**	**Grupo H**
Brasil	Alemanha	Bélgica	Polônia
Suíça	México	Panamá	Senegal
Costa Rica	Suécia	Tunísia	Colômbia
Sérvia	Coreia do Sul	Inglaterra	Japão

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Os jogos foram disputados entre os dias 14 de junho e 15 de julho de 2018, em 12 estádios – dois deles em Moscou – de 11 cidades-sede: Moscou, Samara, Kaliningrado, Kazan, Nijni Novgorod, Rostov do Don, São Petersburgo, Saransk, Sochi, Volgograd e Ecaterimburgo. Brasil junto à Suíça, Costa Rica e Sérvia compuseram o Grupo E.

---

[145] *Jamil Chade* é correspondente do jornal *O Estado de S. Paulo* na Europa desde 2000. Em 2011 e em 2013, foi premiado como o melhor correspondente brasileiro no exterior pela entidade *Comunique-se*. Suas reportagens sobre os bastidores do esporte mundial renderam ao repórter diversos prêmios, além de participações na CNN, BBC, canais espanhóis, canadenses, suíços e de diversos países. *Jamil Chade* tem três livros publicados.

[146] Depois de 12 ajustes para cima no orçamento oficial, a Copa do Mundo da Rússia praticamente salvou a economia local de uma estagnação. Mas seus efeitos podem não ser duradouros. O governo estima que o torneio poderá injetar mais de US$ 14,2 bilhões (R$ 52 bilhões) na economia local. Em termos de gastos, o total passa a marca de US$ 11 bilhões (R$ 40,7 bilhões), acima do que se gastou no Brasil em 2014, e se estabelece definitivamente como o Mundial mais caro da história (OESP, Esportes, 08/06/2018). Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,copa-do-mundo-mais-cara-da-historia-salva-a-russia-da-estagnacao-economica,70002343354>. Acesso em: 12 ago. 2020.

[147] A seleção da França, campeã em 1998, caiu na primeira fase em 2002; a da Itália, campeã em 2006, foi eliminada na fase de grupos em 2010; Espanha, campeã de 2010, saiu na fase de grupos em 2014; e, na Rússia -2018, a Alemanha, campeã em 2014, foi eliminada pela modesta seleção da Coreia do Sul, também na fase de grupos. O Brasil foi a única seleção que conseguiu avançar até as oitavas de final em 2006, após ter sido campeã em 2002.

Durante as diversas fases da competição, a Seleção Brasileira disputou cinco jogos, como mostrado na tabela abaixo (Tabela 22).

Tabela 22- Jogos Grupo E - Copa do Mundo FIFA - Rússia 2018.

Fase	Jogo / Resultado					Datas Pesquisadas		
Grupos	1	Brasil	1	1	Suíça	16/06/2018	17/06/2018	18/06/2018
	2	Brasil	2	0	Costa Rica	21/06/2018	22/06/2018	23/06/2018
	3	Sérvia	0	2	Brasil	26/06/2018	27/06/2018	28/06/2018
Oitavas	4	Brasil	2	0	México	01/07/2018	02/07/2018	03/07/2018
Quartas	5	Brasil	1	2	Bélgica	05/07/2018	06/07/2018	07/07/2018

Fonte: Elaborado pelo autor, a partir de dados da FIFA.

Entre os dias 15 de junho e sete de julho de 2018, avaliamos um total um total de 147 matérias do evento: 44 do jornal *O Globo;* 62 do jornal *O Estado de São Paulo*; 15 do jornal *Mundo Deportivo*; e 26 do jornal *Marca,* como demonstrado nas tabelas 23 e 24 e em seus respectivos gráficos (8 e 9), resultados da Tabela A "Total Narrativas Copa do Mundo - 2018", anexada a este trabalho.

Tabela 23- Total Narrativas Categoria x Jornal - CM 2018.

Jornal	Positivas	Neutras	Negativas	S-tot.
O Globo	8	22	14	44
OESP	18	18	26	62
Mundo Deport.	3	5	7	15
Marca	6	11	9	26
Total	35	56	56	147

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 8 - Total de narrativas - Copa do Mundo 2018.

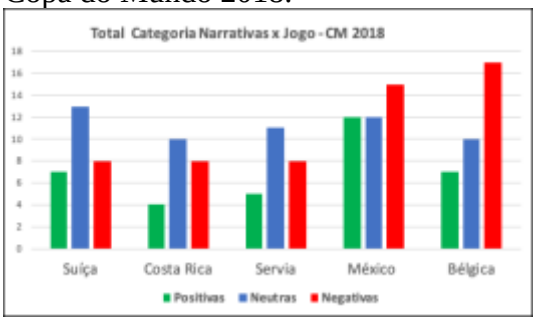
Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 24 - Total Categoria Narrativas x Jogo.

Jogo	Positivas	Neutras	Negativas
Suíça	7	13	8
Costa Rica	4	10	8
Sérvia	5	11	8
México	12	12	15
Bélgica	7	10	17
Total	35	56	56

Fonte: Elaborado pelo autor.

Gráfico 9 - Total de narrativas por jogo - Copa do Mundo 2018.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Tabela 25 - Desempenho Individual Neymar - Copa das Confederações 2013.

Jogo		T	Chutes		Faltas		Gols		Cartão		Observações Substituição
			Gol	Fora	Com.	Sof.	Qtd.	Tem.	Am	Vm	
1	Suíça	90	4	2	-	10	-	-	-	-	-
2	Costa Rica	90	6	3	4	4	1	97’	1	-	-
3	Sérvia	90	7	3	0	3	-	-	-	-	-
4	México	90	7	4	0	6	1	51’	-	-	-
5	Bélgica	90	3	1	0	3	-	-	-	-	-

Fonte: *Game Statistic* – FIFA.

6.1 **Brasil vs. Suíça**

No dia da estreia da Seleção Brasileira na Copa do Mundo 2018, o jornal *O Globo* dedica a capa do jornal (Figura 26) aos cabelos de “ouro” de Neymar e alerta que a fala de Tite[148] preocupa, anunciando que Neymar não está em 100% de sua capacidade.

Figura 26 - Capa do jornal O Globo na estreia da seleção no Mundial de 2018.

Fonte: Jornal *O Globo.*

[148] Adenor Leonardo Bachi, mais conhecido como Tite, é um técnico e ex-futebolista brasileiro que atuava como volante. Atualmente comanda a Seleção Brasileira de Futebol. Em 2019, tornou-se o primeiro treinador a ser campeão da Copa América, da Copa Libertadores da América e da Copa Sul-Americana.

O jornal *Marca,* da Espanha, também menciona com preocupação a condição física de Neymar, que, aproximadamente quatro meses antes, sofrera uma lesão no metatarso do pé esquerdo, que após uma cirurgia o deixou alguns meses impossibilitado de praticar atividade física. Também faz menção aos seus cabelos de "ouro" e ao protagonismo midiático que provoca:

> Começa o show do Neymar. Assim, o mundo para hoje às 20h para ver a estreia da Canarinha ... e de Neymar. Porque os olhos dos 837 jornalistas credenciados estavam todos voltados para o camisa 10 do Brasil, cabelos tingidos de "ouro" para a ocasião, para a Copa do Mundo de sua vida. Aos 26 anos surge no momento ideal da sua carreira, na idade perfeita e num estado de forma física que assusta (Marca, 17/06/2018, p. 18)[149].

Essas são as principais manchetes dos jornais *Marca* e *O Globo* no dia da estreia da seleção no mundial, na busca pelo tão sonhado hexacampeonato, quatro anos após ter sofrido a maior humilhação do futebol brasileiro na sua história, humilhação da qual os deuses do futebol pouparam Neymar.

A saída de Neymar da Copa de 2014 por uma lesão grave, provocada intencionalmente ou não por Zuñiga, frustrou temporariamente o sonho dele como atleta e o de toda uma nação. Neymar teria agora uma outra merecida chance de tornar-se o herói do Brasil, mesmo não sendo em casa e rodeado pelo seu povo. A chance de 2014, de atuar em casa, foi uma oportunidade única que não se repetirá, pelo menos não para a sua geração.

Neymar volta a seleção da mão de Tite, que é apresentado pela imprensa como o técnico que deu transparência à atuação da CBF e levou para "extramuros" o bom ambiente que reina internamente no grupo: "Neymar gosta de trabalhar com ele, e com ele, todos os outros gostam de trabalhar para Neymar brilhar" (O Globo, Copa 2018, 17/06/2018, p. 6).

Bom relacionamento é de fato importante, mas não é o suficiente, ou o único atributo, segundo Marcelo Barreto, para ganhar uma Copa do Mundo:

> […] por mais que se acredite cada vez mais nisso na era do futebol de videogame não é tudo. O protagonismo está no campo, como Cristiano Ronaldo provou na Rússia e Messi ainda não. Hoje é dia de Neymar [...] Com Tite ganha a chance de dar a volta por cima e entrar na turma dos melhores do mundo (O Globo, Copa 2018, 17/06/2018, p. 6).

Sintetizando as notícias: fora a condição física de Neymar, o destaque outorgado ao atleta por Tite, com a aprovação unânime do time e o novo *look* com cabelos dourados, que

[149] O trecho em língua estrangeira é: "Arranca el show de Neymar. Así que el mundo se para hoy a las 20.00 horas para ver el estreno de la Canarinha... y de *Neymar*. Porque los ojos de los 837 periodistas acreditados miraban todos al 10 de Brasil, teñido de oro para la ocasión, para el Mundial de su vida. Con 26 años comparece en el momento ideal de su carrera, en la edad perfecta, y en un estado de forma que asusta" (Marca, 17/06/2018, p. 18).

centralizam a atenção dos jornais pesquisados, será uma anedota se não mostrar em campo todo esse protagonismo, que, por enquanto, é só midiático.

Algumas narrativas, como a de Almir Leite no *OESP*, observam que Neymar parece estar mais maduro e consciente:

> "Até mesmo a grande estrela da companhia, Neymar, que ao longo da bela carreira já deu várias vezes demonstrações de pensar mais em si do que no resto, seja qual for esse resto, se mostra mais concentrado na luta pelo "bem maior". O susto que levou três meses atrás pode ter contribuído para faze-lo ter mais empenho em exercer o futebol coletivo, solidário, no qual sua genialidade é bem-vinda e pode ser fundamental. Como diferencial e não como única alternativa. A seleção ainda depende muito de Neymar, e isso se viu quando o caldo engrossou no amistoso com a Croácia. No entanto, o craque, hoje, *tem se mostrado um jogador de grupo, preocupado com o "nós" em vez do "só eu"* (OESP, Esportes, 16/06/2018, p. 54, grifo nosso).

Após o jogo contra Suíça, Philippe Coutinho foi eleito o *MVP*. O jornal *MD* declara que: "Neymar não se escondeu no jogo, sofreu mais faltas que toda equipe, mas está longe da sua melhor forma física, precisa ganhar confiança [...] Coutinho marcou um golaço, mas Neymar somente esteve alguns instantes bem, e a seleção foi incapaz de derrotar os helvéticos" (MD, 18/06/2018, p. 3)[150].

Visão que também é compartilhada pelo jornal *O Globo*: "Neymar não brilhou, mas também não se omitiu do jogo. Procurou jogo o tempo todo, foi duramente marcado pelos suíços. Sofreu nada menos que dez faltas, recorde na primeira rodada até aqui" (O Globo, Copa 2018, 17/06/2018, p. 5).

No jornal *OESP*, novas críticas ao comportamento do atleta dentro de campo, em situações em que é marcado individualmente ou com faltas e não consegue desenvolver o seu jogo:

> Vi ainda um Neymar ansioso e nervoso, sem espaço para criar e fazer suas boas jogadas. Mas certamente ele já sabia que seria assim. Poderia perder a mania de pressionar a arbitragem, discutir com o juiz, reclamar das faltas sofridas, mesmo sabendo que sofreu muitas faltas. Neymar está mais maduro, mas ainda não o suficiente para encarar algumas situações de jogo contra ele (OESP, Esportes, 18/06/2018, p. 36)

Apesar de Coutinho ter sido eleito pela FIFA o *MVP* do jogo, Neymar, que realizou o seu primeiro jogo de 90 minutos após operação no metatarso, é considerado o jogador mais perigoso do Brasil: "Apostou na habilidade para abrir espaços na fechada defesa suíça, tendo êxito em algumas ações pela ponta esquerda, contando com a ajuda de Marcelo e Coutinho,

[150] O trecho em língua estrangeira é: "No se escondió Neymar, recibió más faltas que el resto de su equipo al completo, pero está lejos de su mejor forma física, necesita ganar confianza […] Coutinho marcó un golazo, pero Neymar solo estuvo a ratitos y los brasileños fueron incapaces de ganar a los helvéticos" (MD, 23/06/2018, p. 3).

embora não estivesse em noite brilhante. Se em alguns lances abusou da individualidade, também sofreu com as entradas duras dos adversários" (OESP, Esportes, 18/06/2018, p. 43).

Quiçá o fato de abusar da individualidade o torne alvo das defesas e sofra mais faltas que o resto dos jogadores do time do Brasil. Lembremos que a cirurgia no pé, pela fratura do metatarso, foi ocasionada pela insistência em carregar a bola e driblar uma, duas, três vezes o mesmo adversário, de forma lateral, sem progressão ofensiva ou sem realizar um passe, o que não justifica a falta, mas a facilita ou provoca.

6.2 **Brasil vs. Costa Rica**

As previsões da imprensa são frias, críticas. Existe a necessidade de ganhar o jogo contra a Costa Rica, para não colocar em risco a classificação para a segunda fase. Neymar, tido como a esperança de vitória, não tem preenchido as expectativas; tem sido seu companheiro Coutinho quem tem se destacado em campo: "Neymar que o perdoe, mas ele (Coutinho) também chegou na Copa do Mundo disposto a ser protagonista. O golaço contra Suíça, na estreia, foi o primeiro passo. Coutinho é daqueles jogadores que falam com os pés" *(*O Globo, Copa 2018, 22/06/2018, p. 4).

As críticas à seleção e a Neymar realizadas pelo jornal *OESP* cobram "um banho de entusiasmo, vivacidade, arranque e explosão – de competência – para ficar no português claro e direto [...] topete e colorido sobraram apenas no cocuruto do Neymar, que deve soltar-se (e soltar a bola)" (OESP, Esportes, 22/06/2018, p. 8)

Após o término da partida, com a sofrida vitória do Brasil por 2 a 0, o choro de Neymar, que permaneceu de joelhos no centro de campo, foi criticado e deu margem a duas interpretações: seria pela emoção de ter convertido o seu primeiro gol na competição ou porque, em uma simulação de pênalti, foi *desmascarado pelo VAR*? Segundo o jornal *Marca*, "eles não precisaram de muitas repetições para perceber que *Neymar faz um bom teatro*"[151] (MD, 23/06/2018, p. 8, grifo nosso).

> Ele tinha festejado o gol, mas ainda estava circulando aquela jogada do VAR que *o retrata tanto quanto seus chapéus, suas corridas, suas assistências milimétricas, seus gols*. O VAR o deixou nu diante do mundo. Ele tinha enganado o árbitro holandês, ele tinha conseguido[152] (MD, 23/06/2018, p. 8, grifo nosso).

[151] O trecho em língua estrangeira é: "que no necesitaron demasiadas repeticiones para darse cuenta que Neymar sí hace teatro del bueno" (MD, 23/06/2018, p. 8, grifo nosso).

[152] O trecho em língua estrangeira é: "Había cantado gol pero aún daba vueltas a esa jugada del VAR que le retrata tanto como sus sombreros, sus quiebros, sus asistencias milimétricas, sus goles. El VAR le dejó desnudo ante el mundo. Había engañado al árbitro holandés, lo había conseguido (MD, 23/06/2018, p. 8).

> Mais uma vez, a imprensa espanhola exalta Coutinho, que foi eleito, pela segunda vez consecutiva, o *MVP* do jogo, e declara que "ele está sendo el jugador mais importante de Brasil em el Mundial, apesar de tener menos atención de los médios que Neymar"[153].
>
> Coutinho salvou a Seleção Brasileira na segunda partida consecutiva, que tem no jogador seu *MVP* nesta Copa do Mundo na Rússia. O 11 do Brasil marcou dois gols em duas partidas decisivas e foi eleito nas duas como o *MVP*, igualando-se a Cristiano Ronaldo. Por enquanto, e por mais que machuque Neymar, o craque brasileiro é ele[154] (Marca, 23/06/2018, p. 14).

A análise da imprensa brasileira sobre o choro de Neymar e a simulação do pênalti tem tido interpretações diferentes, segundo o jornal *OESP*:

> Teve altos e baixos na partida, tentando, como sempre, resolver na base do individualismo. Sofreu um pênalti que depois acabaria sendo anulado pelo árbitro com o auxílio do VAR, e irritou-se bastante com a arbitragem – levou amarelo ao socar a bola na frente do juiz. Mas não deixou de tentar. No fim, foi premiado com o passe de Douglas Costa que lhe permitiu fazer o primeiro gol na Copa. *O choro* ao final da partida mostra que o craque estava *sentindo-se pressionado* a ser decisivo (OESP, 23/06/2018, p. 72, grifo nosso).

Para o jornalista Zuenir Ventura, do jornal *O Globo*, o choro de Neymar foi a imagem mais comovente de todo o espetáculo: "[...] rosto coberto com a camisa, chorando – chorando não, soluçando, numa espécie de *choro de redenção pelos erros que cometeu*", referindo-se à repetição dos erros da estreia. "Neymar provocando faltas longe da área. Se irritando e reclamando do juiz, como no lance de pênalti simulado por Neymar e não validado pelo VAR, que o jornalista Galvão Bueno classificou de 'gesto exagerado, artístico' para valorizar a infração" (O Globo, 23/06/2018, p. 17, grifo nosso).

> Dessa forma, o discurso esportivo será sempre apresentado sob os critérios de luta, presentes nos grandes embates/partidas transmitidos pelos meios de comunicação, que muitas vezes são responsáveis por gerar momentos de reflexão aos espectadores. Os exemplos mais comuns encontrados dentro da narrativa esportiva são caracterizados através da improvável vitória do mais fraco, ou mesmo na derrota do mais forte, *no sofrimento/lágrimas dos grandes heróis nacionais que demonstram sua fragilidade e humanidade diante do público/telespectador* (FERRAZ, 2012, p. 5, grifo nosso).

Fica evidente, ao analisar as narrativas dos dois protagonistas da Seleção Brasileira até aqui, que Neymar tem mais mídia que Coutinho, apesar desse último ter obtido, por parte da

---

[153] O trecho em língua estrangeira é: "Philippe Coutinho é o jogador mais importante do Brasil na Copa do Mundo. Muito abaixo da atenção da mídia de Neymar, mas, até agora, mais influente nas partidas. O brasileiro do Barça já acumula dois *MVP* após marcar um gol contra a Suíça e salvar o triunfo contra a Costa Rica, com outro antes de Neymar adicionar o seu, para enfeitar o placar" (Marca, 23/06/2018, p. 29).

[154] O trecho em língua estrangeira é: "Coutinho volvió a salvar por segundo partido consecutivo a la selección brasileña, que tiene en el jugador del Barcelona a su *MVP* en este Mundial de Rusia. El 11 de Brasil suma dos goles en dos partidos, ambos decisivos, y dos premios al mejor jugador del partido, igualando a Cristiano Ronaldo. Por ahora, y por mucho que le duela a Neymar, el crack de Brasil es él (Marca, 23/06/2018, p. 14).

FIFA, o reconhecimento de ser o *MVP* nos dois jogos realizados e ter convertido os gols que asseguraram o empate contra a Suíça e a vitória frente à Costa Rica.

Os perfis de ambos os atletas diferem em essência: enquanto Neymar tem todos os atributos necessários para tornar-se um ídolo midiático ou uma celebridade do esporte, Philippe Coutinho foge totalmente desse estereótipo, é discreto, não carrega tatuagens nem pinta o cabelo e, como bem ressaltou o jornal *O Globo*, "*Coutinho* é daqueles jogadores que falam com os pés". Nesta Copa, tem falado em alto e bom tom, embora não seja uma constante na sua carreira ter performances que mereçam toda a atenção que a mídia dedica a Neymar:

> Atualmente, vive-se um momento calcado no individualismo, baseado nas estéticas da moda, nos enredos sedutores e na consagração do sucesso profissional, estereotipadas através dos meios de comunicação [...] Ídolos que devam extrapolar o âmbito esportivo, coabitando as demais áreas do entretenimento, da publicidade, e principalmente do viver cotidiano (FERRAZ, 2012, p. 2).

Após o choro do final do jogo, no centro do gramado, Neymar retirou-se do Estádio sem dar entrevistas na zona mista[155]. Segundo o jornal *Marca*, não precisava, já tinha se manifestado através de suas redes sociais, nas quais escreveu: "Ninguém sabe o que eu passei para chegar aqui, falar até papagaio[156] fala, mas fazer... poucos fazem"[157] (Marca, 23/06/2018, p. 8).

6.3 **Sérvia vs. Brasil**

Um empate ante a seleção da Sérvia bastava para classificar o Brasil em segundo lugar no grupo para a próxima fase; no entanto, alguns inconvenientes teriam de ser solucionados para o bom andamento da seleção no torneio. O tal "rodízio" de capitães, implementado por Tite, não está dando resultados – onde todo mundo é capitão, ninguém é capitão –, e o comportamento de Neymar também requer cuidado: "O tema continua sendo o temperamento do atleta, que transita entre a bomba-relógio e a caixinha de surpresas" (O Globo, 27/06/2018, p. 4).

Neymar, segundo a imprensa, não recupera a sua forma física e cada dia estaria piorando sua parte emocional, criando situações de conflito com a arbitragem e, no último jogo, teria insultado o capitão (do dia) Thiago Silva, "que se disse magoado com os xingamentos de

[155] Espaço exclusivo reservado para a imprensa realizar entrevistas, na saída da área dos vestiários nos estádios.
[156] "Papagaio" seria o apelido que os mais íntimos usam para referir-se ao jornalista Galvão Bueno, da rede Globo de Televisão, e que teria feito duras críticas a Neymar.
[157] O trecho em língua estrangeira é: "Nadie sabe lo que he pasado para llegar hasta aquí, hablar hasta el papagallo habla, pero hacer... pocos hacen" (Marca, 23/06/2018, p. 8).

Neymar, após um lance de *fair play*" em que colocou para fora a bola, possibilitando o atendimento médico de um adversário:

> [...] mas a fraqueza emocional que Neymar tem mostrado [...] Teve que se desculpar com Thiago Silva por insultá-lo em campo, depois que o zagueiro cedeu uma bola para servir um jogador costarriquenho deitado no chão [...] Neymar não só pede desculpas a Thiago Silva, como também ao resto da equipe, e reconhece que tem ficado muito nervoso (MD, 26/06/2018, p. 19).[158]

O editor de esportes do jornal *OESP*, Robson Morelli faz uma análise mais completa sobre Neymar e coloca a responsabilidade sobre a comissão técnica e os jogadores:

> Em duas partidas, ele foi comum. Tite também nos fez crer (ou quisemos acreditar) que Neymar tinha amadurecido de uma Copa para outra (2014-2018) e que sua transferência para Paris o havia deixado mais firme diante das adversidades, afinal agora ele era o "cara", o camisa 10 de uma empreitada gigantesca na Europa. Voava por conta própria e por uma bandeira. Bastaram algumas críticas, jogadas erradas e broncas dos árbitros para Neymar se transformar. [...] Tite e sua comissão também falharam no procedimento com o jogador. Não era para passar a mão na cabeça de Neymar. Não vejo ninguém passando a mão na cabeça de Messi ou Cristiano Ronaldo. Precisavam dar um freio em Neymar e em suas estripulias. Torná-lo mais humano e mais parecido com os outros do mesmo elenco (OESP, 26/06/2018, p. 41).

Será que o monstro, profetizado por René Simões, já estava criado? As críticas a Neymar continuam. Raphael Ramos, na sua coluna (OESP, 26/06/2018, p. 42), lembra o último jogo e diz que "Neymar, até aqui, chamou muito mais atenção pelo choro do que pelo seu gol na Costa Rica".

A vitória por 2 a 0 ante a seleção sérvia deu um pouco de tranquilidade, mas não resolveu todos os problemas; as análises dos diferentes jornais pesquisados não são unânimes. Do jornal *OESP*, Neymar recebeu nota 8,5 sob a seguinte justificativa:

> Foi "quase" o Neymar que se espera. O mais badalado jogador do Brasil desta vez deixou o individualismo de lado para jogar pelo time. Teve boas arrancadas pelo lado esquerdo de ataque, esbanjou categoria ao dominar de letra um lançamento vindo do lado oposto do campo, fez bons tabelamentos na frente e apareceu para a conclusão. Voltou a sofrer faltas duras, mas evitou as quedas desnecessárias. O Brasil fez sua melhor partida quando seu principal jogador fez o mesmo (OESP, 28/06/2018, p. 57).

Para o jornal *O Globo,* Neymar, "principal finalizador, com sete tentativas", foi "o que mais prendeu a bola, mas também quem mais errou passes". O mesmo jornal admite o talento do jogador: "[...] de perto ninguém é normal, nem Neymar, e observado a menos de 10 metros fica mais evidente seu talento", e também faz uma crítica: "não é normal também o tanto que

[158] O trecho em língua estrangeira é: "[…] pero la debilidad emocional que ha mostrado Neymar […] Tuvo que pedir perdón Neymar a Thiago Silva por haberle insultado en el campo después de que el central cediese un balón para que atendiesen a un jugador de Costa Rica tirado en el suelo […] Neymar no sólo se disculpa ante Thiago Silva, también lo ha hecho con el resto del equipo, reconoce que ha estado demasiado nervoso" (MD, 26/06/2018, p. 19).

Neymar dramatiza. Cai e faz caras, bocas e sons, mais do que o necessário, enquanto rola" (O Globo, 28/06/2018, p. 3-4).

Os jornais espanhóis dão destaque a Neymar – com algumas críticas – e, de forma mais positiva, a Coutinho:

> O Brasil defensivamente é um time muito forte e aos poucos cresce no jogo, especialmente pelas mãos de Coutinho e Neymar, ao que o físico permite-lhe estar mais focado no futebol do que nas polêmicas. Jogou bem ontem o 10 da Canarinha, embora a partida, como contra Suíça e Costa Rica, tenha sido novamente desequilibrada por Coutinho. Dessa vez não com um gol, mas com um passe extraordinário (Marca, 28/06/2018, p. 8)[159].

6.4 **Brasil vs. México**

Os dias que antecederam o jogo contra México não trouxeram muita notícia sobre Neymar, só expectativas, entre elas a de que Neymar, segundo o técnico Tite, estaria alcançando seu máximo nível físico. Os jornais focaram nas saídas das seleções de Portugal, Espanha e Argentina da Copa, privando o espectador de assistir jogadores do calibre de Cristiano Ronaldo, Iniesta e Messi. *O Globo* traz, na coluna de Paulo Cezar Caju, uma observação positiva, porém com tom crítico, lembrando do jogo anterior contra a Sérvia:

> No último jogo vimos um *Neymar nitidamente preocupando-se em tocar a bola de primeira e não cair*. Até porque *aquele cai-cai estava atingindo níveis insuportáveis*. Mas acham que ele mudou o comportamento por causa de alguma orientação do Tite? Claro que não! *Mudou por causa das redes sociais que não falavam em outra coisa*. E, olha, gargalhei muito com algumas postagens no zap. Porque *não basta cair. É preciso cair e rolar mil vezes*, bem ao estilo dos caubóis do Velho Oeste, que, após serem atingidos, rolavam várias vezes antes de darem o último suspiro. Mas o Isco, da Espanha, também faz isso, e o Gabriel Jesus é o mais novo aluno do Neymar. E o pior é que estamos em pleno São João e a época do cai-cai balão é agora. Muita gente condena o excesso de drible, caneta, lençol, dizendo que não são jogadas objetivas. Eu discordo, porque já fiz muito. É o que o torcedor gosta de ver. O que ele não gosta de ver é jogador caindo a toda hora (O Globo, 02/07/2018, p. 7, grifo nosso).

O jornal *MD* do dia anterior ao jogo elogia a evolução do atleta em todos os sentidos: "O brasileiro começou a recuperar sua forma de vida, mais alegre, posando para a imprensa internacional fotografá-lo, primeiro mimando sua bola, depois mexendo com seu filho David Lucca. Neymar tirou a pressão do primeiro gol e contra Sérvia mostrou que está perto de sua melhor forma física" (MD, 01/07/2018, p. 24)[160].

---

[159] O trecho em língua estrangeira é: "Brasil defensivamente es un equipo de hormigón y poco a poco va creciendo en el juego, sobre todo de la mano de Coutinho y de Neymar, al que el físico parece que al final le permite centrarse más en el fútbol que en la polémica. Jugó bien ayer el 10 de la Canarinha, aunque el partido, como ante Suiza y Costa Rica, lo volviera a desequilibrar Coutinho. Esta vez no con un gol, sino con un pase extraordinario" (Marca, 28/06/2018, p. 8).

[160] O trecho em língua estrangeira é: "El brasileño ha empezado a recuperar su forma de vida, más alegre, regalando fotografías a la prensa internacional, primero mimando su balón, después jugueteando con su hijo

Após a vitória do Brasil, por 2 a 0, Neymar foi eleito o *MVP* da partida e ganhou as manchetes de todos os jornais pesquisados; segundo elas, continua recebendo o reconhecimento da imprensa como estrela da Seleção Brasileira, porém também publica algumas críticas proferidas pelos adversários.

> Neymar foi a grande estrela na vitória do Brasil sobre o México (2 x 0) na oitava rodada da Copa do Mundo da Rússia, em uma partida em que ele novamente sofreu a dureza de seus rivais em defendê-lo. Isso não foi impedimento para o "10" poder brilhar contra os astecas, com um gol e uma assistência incluídos, mas os adversários do brasileiro criticaram veementemente a conclusão da partida, especialmente por seus constantes exageros quando ele cai no arremesso de uma falta[161] (MD, 03/07/2018, p. 8).

O jornal *OESP*, por exemplo, diz que Neymar*:* "Teve o seu grande jogo na Copa. Decisivo, fundamental e com espírito coletivo para acalmar qualquer crítica sobre o individualismo em partidas anteriores [...] mesmo caçado pelo lateral Layún na etapa final, segurou a onda no aspecto emocional e não caiu na provocação" (OESP, 03/07/2018, p. 48)

Já o jornalista Milton Leite, na mesma publicação, coloca Neymar como um dos melhores do mundo e faz a seguinte crítica:

> O candidato natural a ocupar o posto de maior prestígio no futebol internacional, de fato, é Neymar. Mas para não ser ultrapassado pela história, o atacante brasileiro precisa agregar ainda uma boa dose de humildade ao caráter e senso coletivo aos inegáveis poder de criação e capacidade técnica. [...] Neymar pode até dominar o próximo ciclo, os quatro anos que separam as Copas da Rússia e do Catar, mas a indicação é de que Mbappé tem a possibilidade de reinar por um período mais longo, como fizeram Cristiano Ronaldo e Lionel Messi (OESP, 03/07/2018, p. 43).

Evidentemente, a imprensa nacional e internacional reconhece o talento de Neymar para jogar futebol, talento que o colocaria entre os melhores do mundo, não fosse pelo comportamento pessoal dentro e fora de campo.

Nos primeiros eventos de que participou, esses comportamentos eram traduzidos como falta de experiência e maturidade, devido à sua juventude, mas agora, aos 26 anos, esse argumento já não é razoável ou crível. Podemos observar também que a crítica a essas atitudes, como simular gravidade ante qualquer falta, discutir com a arbitragem e permanecer na grama deitado por vários minutos. Essas atitudes de Neymar recebem críticas que variam de

---

Davi Lucca. Se ha quitado Neymar la presión del primer gol y ante Serbia demostró que esta cerca de su mejor forma física" (MD, 01/07/2018, p. 24).

[161] O trecho em língua estrangeira é: "Neymar fue la gran estrella em el triunfo de Brasil ante México (2 x 0) en los octavos de final del Mundial de Rusia, en un partido en el que volvió a sufrir la dureza de sus rivales a la hora de defenderle. Eso no fue um impedimento para que el '10' pudiera brillar ante los aztecas, con gol y asistencia incluidos, pero los adversários del brasileño le criticaron con vehemencia a la conclusión del encuentro, en especial por sus constantes exageraciones cuando cae al terreno de juego víctima de uma falta" (MD, 03/07/2018, p. 8).

intensidade segundo o resultado da partida. Uma derrota da Seleção Brasileira as intensifica as criticas, enquanto que uma vitória as atenua.

6.5 **Brasil vs. Bélgica**

Na véspera do jogo que definiria o primeiro finalista da Copa do Mundo, as narrativas alcançam outros tons. Nota-se que algumas narrativas são pautadas pelas redes sociais, local onde internacionalmente circulam “memes” irônicos, com críticas ao comportamento de Neymar, e outras narrativas em defesa do atleta.

Observamos, por exemplo, que o jornal *O Globo* dedica a capa do jornal (Figura 27) a Neymar, mostrando-o durante os treinamentos, divertindo seus companheiros, simulando faltas (O Globo, 05/07/2018, capa).

Figura 27 - Neymar divertindo o treino simulando quedas em faltas.

Fonte: Jornal *O Globo.*

No dia posterior à derrota, poucas narrativas positivas e algumas neutras, em comum a constatação de que Neymar é um dos melhores jogadores de futebol do mundo em campo. As

críticas são por conta de alguns erros, por exemplo: “Deu oito passes para finalizações, mas liderou o time em perdas de posse de bola, com 12” (O Globo, 07/07/2018, p. 3):

> Foi o jogador mais participativo do Brasil no confronto com a Bélgica, variando jogadas individuais com passes perigosos para os seus companheiros e diversas finalizações. Pecou na escolha de algumas jogadas, a exemplo de Coutinho, centralizando demais o ataque. Não teve atuação brilhante que se espera dele, protagonista da Copa fora de campo, mas que não conseguiu levar a seleção adiante na Rússia, o que seria fundamental na sua meta de ser eleito o melhor jogador do mundo em 2018 (O Globo, 07/07/2018, p. 3)

Em contrapartida, o colunista Fernando Calazans faz o reconhecimento de algumas atitudes e uma defesa do atleta com algumas opiniões:

> Dentro desse universo e dessa perspectiva, sobressai nosso craque Neymar, estigmatizado (agora internacionalmente) pela mania de quedas e simulações. Na Copa, ele tem sido alvo de críticas de todos os cantos. Também já reprovei o Neymar por essas e outras atitudes, mas então chegamos ao ponto que mais me incomoda: as quedas, simuladas ou não, despertam mais crítica e mais rejeição, inclusive da mídia, do que as pancadas, os pontapés, as faltas seguidas de outros jogadores. A violência e a maldade nos jogos de futebol não causam tanta indignação. Neymar pode ser caçado em campo, jogo após jogo, como tem acontecido exatamente nesta Copa. Tudo bem, para a torcida, para grande parte da crítica, para os rivais. Isso pode. Cair ou se atirar no chão, com ou sem motivo, isso não pode. Daí a ressonância que o comportamento de Neymar vem causando – mesmo quando as quedas são realmente consequência de faltas dos seus marcadores para interromper a jogada. E é para isso que eu pediria aos colegas de mídia que ficassem mais atentos. Faltas duras, marcação pesada, cerco aos árbitros, reclamações agressivas, ofensas – que já foram atitudes raras nas Copas do Mundo devido ao protocolo e à solenidade da competição – estão virando corriqueiras no futebol, digamos, globalizado (O Globo, 07/07/2018, p. 2).

As narrativas do jornal *Mundo Deportivo* coincidem com algumas opiniões de Fernando Calazans. Reconhecem que Neymar sofre marcação dura durante os jogos, mas alertam para o comportamento infantil, com uma matéria que carrega o título: “*Neymar gana el ‘meme’ de Oro*”, dizendo que o gênio Neymar é imitado pelas crianças nas suas simulações e que “tem decepcionado pela sua atitude e não pelo seu futebol, deixa a competição pior de que a iniciou” e acrescenta:

> Neymar viveu a Copa do Mundo na Rússia com um constrangimento, que tem mais a ver com o caráter do que com o jogador, e deixa a Copa do Mundo conquistando o “Meme de Ouro”. Neymar deixou mostras do seu futebol, ele é maravilhoso, mas foi punido mais sobre as simulações, as lágrimas, as reclamações, aquela atitude de uma criança mal educada que tem pouco a ver com a imagem dos brasileiros. O legado de Neymar é o daquele time de futebol de meninos de dez anos que de repente caem no chão e começam a rolar. Como Neymar. É a impressão digital dele. Pobre. Paupérrimo. Ele tem sido o rei dos memes. Era fácil tirar sarro de um cara que não precisaria trapacear porque seu futebol é autêntico, mas ele não pode mais lutar com aquele outro eu, ele o devora, forçando-o a rolar, a gemer de dor, a passar mais tempo no gramado do que na área rival (MD, 07/07/2018, p. 6)[162]

[162] O trecho em língua estrangeira é: “Neymar ha vivido el Mundial de Rusia con una incomodidad que tiene más que ver con el personaje que con el futbolista y se marcha de la Copa del Mundo conquistando el ‘Meme

A matéria com que o jornal *Marca* de Madrid termina a participação de Neymar, na Copa do Mundo da Rússia, sintetiza as narrativas produzidas em quase um mês de cobertura:

> O único representante da essência do futebol brasileiro é Neymar, mas seu jogo também merece reflexão. Neymar é um jogador extraordinário que vai acabar devorando o personagem. Jogadas brilhantes alternadas com simulações absurdas, controles legais com protestos e atitudes injustificáveis. Uma mistura do deus do futebol e de demônio, que por enquanto lhe faz mais mal do que bem. Ele deixa a Copa do Mundo sendo mais protagonista de memes e montagens na rede do que por seu futebol e seus objetivos, é uma pena. Ele é tão bom que esteve perto de marcar o gol do empate nos 93', mas sua cabeçada foi desviada por Courtois com um voo espetacular. O Brasil morreu na praia, Neymar finalizou em lágrimas e, aos 26 anos, perde outra chance de ganhar a Copa do Mundo e lutar pela Bola de Ouro. Ele vai ganhar um dia com certeza, mas parece que ele nunca vai chegar à dimensão de Messi e Cristiano (Marca, 07/07/2018, p. 4)[163].

de Oro'. Porque sí ha dejado muestras de su fútbol, es maravilloso Neymar, pero le ha castigado más las simulaciones, las lágrimas, las quejas, esa actitud de niño mal criado que tiene poco que ver con la imagen de los brasileños. El legado que deja Neymar es la de ese equipo de fútbol de niños de diez años que de repente se caen al suelo y empiezan a revolcarse. Como Neymar. Esa es su huella. Pobre. Pobrísimo. Ha sido el rey de los 'memes'. Era fácil burlarse de un tipo que no necesitaría engañar porque su fútbol es auténtico pero que ya no puede luchar contra ese otro yo que le devora, que le obliga a revolcarse, a gemir de dolor, a pasar más tiempo en el césped que en el área rival" (MD, 07/07/2018, p. 6).

[163] O trecho em língua estrangeira é: "El único representante de la esencia del fútbol brasileño es Neymar, pero su juego también merece una reflexión. Neymar es un extraordinario futbolista al que va a terminar devorando el personaje. Alterna jugadas brillantes con piscinazos absurdos, controles geniales con protestas y actitudes injustificables. Una mezcla de dios del fútbol y demonio que por ahora le hace más mal que bien. Se va del Mundial siendo más protagonista por los memes y montajes en la red que por su fútbol y sus goles. Y es una pena. Y a todo esto, es tan bueno que estuvo a punto de marcar el gol del empate en el 93', pero su remate a la escuadra se lo sacó Courtois con un vuelo espectacular. En la orilla murió Brasil. Y entre lágrimas acabó Neymar, que con 26 años ve cómo se le escapa otra oportunidad de ganar el Mundial y de pelear por el Balón de Oro. Lo ganará algún día, seguro, pero parece que nunca alcanzará la dimensión de Messi y Cristiano" (Marca, 07/07/2018, p. 4).

CONCLUSÃO

Um breve parênteses…

Vivemos novos tempos (também) no futebol. A revolução digital tem alterado, com forte impacto, conceitos como tempo e espaço, derrubado fronteiras físicas, modificado ou anulado alguns valores simbólicos, descentrando ou fragmentando identidades (HALL, 2013), e mudado sentimentos, como o de pertencimento.

Aficionados e atletas já não nutrem o mesmo sentimento pela Seleção Brasileira, que há tempos deixou de representar a "pátria de chuteiras", para uns, e o trampolim de ascensão para uma carreira na Europa, para outros.

Em décadas passadas, a convocação para representar o Brasil numa Copa do Mundo era o carimbo no passaporte de um jogador para uma carreira no exterior; hoje, esse processo foi invertido, e, para ser convocado para a Seleção Brasileira, o jogador tem que previamente ter feito algum sucesso numa das ligas europeias.

Os meios de comunicação de massa não poderiam ficar imunes a esta revolução e tem sentido o poder das redes sociais, sobre as quais o seu poder de controle e edição é mínimo. Se comparamos a tiragem dos maiores jornais impressos e o número de seguidores que um atleta como Neymar acumula, veremos esse fato com muita clareza.

Na fase de coleta de dados da minha pesquisa, lembrei a célebre frase do dramaturgo alemão Bertolt Brecht, imortalizada na peça "A Vida de Galileu", em que sacramenta como "infeliz a nação que precisa de heróis"[164]. Com a devida licença poética, imaginei que a frase entraria em total contradição, se entendida pela ótica do sistema complexo capitalista que controla o futebol no mundo; este teria encontrado enormes dificuldades em se desenvolver e sobreviver sem "heróis". Apelando ao plágio, vou complementar a frase de Bertolt Brecht: "infeliz a nação que precisa de heróis e não os consegue; porém, mais infeliz ainda, seriam os meios de comunicação de massa, particularmente a imprensa esportiva, que sem eles não existiria nos moldes atuais".

Acredito que nem se cogitava que, no Brasil, os heróis mais reconhecidos viriam do esporte, mais intensamente do futebol, uma expressão cultural que desempenhou com suma

[164] A peça de teatro "*Leben des Galilei*" *ou* "A vida de Galileu", em *português*, foi escrita pelo dramaturgo alemão Bertolt Brecht entre 1937 e 1938. É considerada uma das peças centrais de sua obra. Resumindo a intencionalidade da frase de Brecht, dentro do contexto em que foi concebida, entendo que ele quis mostrar o erro que comete uma sociedade que precisa de um personagem (herói) que sintetize seus valores e realize por ela o que ela própria (sociedade) poderia fazer por si mesma. Essa atitude imobilizaria a sociedade, que passaria a olhar para o herói sem senso crítico, tornando possível a tolerância e justificação de todo tipo de excesso, abuso ou erro, em nome da imobilidade da mesma sociedade.

importância a integração nacional, tendo a representação simbólica de mediar conflitos raciais e de classes, tornando-se basicamente um dos poucos elementos que aglutinam a nação.

Por outra perspectiva, pela ação do futebol, seus ídolos e heróis, é que o Brasil passou a constar no *mapa-múndi* geográfico e cultural. Que outro campo, além do futebol, tem contribuído tão positivamente para esse acontecimento?

Vide as motivações, empenho e aplicação de recursos dispensados para organizar e sediar, na atualidade, todos os megaeventos da década de 2010 e, retroagindo na história, a organização da quarta Copa do Mundo - FIFA em 1950, por exemplo:

> [...] a realização da Copa do Mundo de 1950 no Brasil, dessa forma, não representava apenas a possibilidade de sediarmos um evento de grandes dimensões no país, mas também de mostrarmos ao mundo e a nós mesmos que éramos capazes de tal proeza. Contrariando a perspectiva de uma "algazarra" generalizada (para retomar a expressão de Jules Rimet)[165], provaríamos a todos e a nós mesmos nossa capacidade de organização, nosso grau de civilidade e nossa inserção definitiva em um mundo moderno. Provaríamos ao mundo que aqui, onde os jacarés não andam pelas ruas, fôramos capazes de construir o maior estádio de futebol do mundo, palco máximo de um evento que ao fim deveria – segundo nossa perspectiva – celebrar também nossa vitória (WASSEN FRAGA, 2006, p. 155).

Hoje, transformado de esporte em espetáculo global mediatizado, precisa de ídolos e/ou estrelas, que perpassem a ideia de "ídolo nacional"; hoje os ídolos são "globais", assim como os seus patrocinadores. Não mais pertencem a um clube ou nação, nem mesmo na Copa do Mundo, que seria a maior representação simbólica de nacionalidade e que daria maior sentido de pertencimento aos torcedores e admiradores do futebol.

Temos assistido vários brasileiros atuando por seleções de outros países, em Copas do Mundo, desde os primórdios das competições internacionais.

Hoje, a única restrição imposta pela FIFA à participação de jogadores estrangeiros em seleções de outros países é nunca ter atuado pela seleção do país de sua naturalidade. O fato de disputar uma Copa do Mundo com jogadores estrangeiros não impactaria de forma negativa o sentimento de orgulho nacionalista de uma vitória. Ou alguém se incomodaria ou deixaria de comemorar um título de Campeão do Mundo com um gol feito por um estrangeiro,

---

[165] "Sobre a organização do Campeonato Mundial de 1950, externou Mr. Rimet com evidente satisfação: – O Brasil é o país dos contrastes – disse ele. Quando a gente entra na sede da Confederação Brasileira de Desportos em certas horas, fica espantado com a quantidade de pessoas que lá se encontram em algazarra e aparentemente em tremenda confusão. Tem-se a impressão de que falam mais do que trabalham. Sorriu francamente o mundialmente estimado presidente da entidade máxima do futebol internacional, antes de prosseguir. – Devo lembrar a piada internacional sobre o emprego da palavra 'amanhã' no Brasil. 'Vamos deixar para amanhã'. No entanto, a organização do campeonato de 1950 veio desmentir completamente essa anedota. Devo constatar, com satisfação, que a organização que a CBD deu ao presente Campeonato do Mundo é perfeita. Não há queixas dos concorrentes. Não houve, até hoje, um incidente a lamentar. A competição vem se desenrolando do modo mais feliz, com extraordinário sucesso desportivo e financeiro. Não se pode pedir mais..." (Correio do Povo, 09/07/1950, p. 16).

"naturalizado" brasileiro somente no passaporte? São vários os jogadores brasileiros que atuaram em Copas do Mundo por seleções de outros países[166]. Estrangeiros também já atuaram pela Seleção Brasileira, mas não em Copas do Mundo.

Um dos últimos grandes ídolos nacionais do esporte foi Ayrton Senna, que fez renascer o orgulho de ser brasileiro nos domingos de Fórmula 1; enchia de alegria e nacionalismo os corações de uma nação, colorindo de verde amarelo as janelas Brasil afora. Foi num domingo, precisamente o 1º de maio de 1994, na curva Tamburello[167] do famoso circuito de Ímola, na Itália, que o ídolo nos deixou.

Apesar de não se encaixar com precisão no perfil do ídolo brasileiro das narrativas – não era ídolo de um esporte que os seus *fãs* poderiam praticar, nem contava com a tradição cultural do futebol, procedia de uma família abastada, pele branca, raramente bronzeada, era tímido e discreto no falar, no agir e no vestir –, trazia consigo a vocação de ser campeão, algo que a nação brasileira gostaria de reivindicar para si.

Essa reinvindicação nada tem a ver com esporte, tem a ver com orgulho, com sentimento de vitória, com nacionalismo. Acredito que a maioria da grande massa que acompanhava a Fórmula 1 o fazia pelo prazer de ver um brasileiro ganhar, e não porque admirasse ou entendesse as regras do esporte – exceto as óbvias.

Outro exemplo muito similar de ídolo seria o tenista Guga, que durante sua fase ganhadora, no início dos anos 2000, fazia a grande massa de "aficionados" elevar os pontos de audiência a níveis jamais observados nesse esporte.

Em ambos os casos, após a morte de Senna e da precoce aposentadoria de Guga, a intensa busca – sem êxito – dos meios de comunicação por ídolos desses esportes que os substituíssem, como foi o caso de Rubens Barrichello e Felipe Massa, levou os índices de audiência de ambos os esportes aos níveis normais.

O futebol também sofreu com carência de ídolos. Com alguns hiatos, o lugar do grande ídolo e herói brasileiro ficou vago. Somente 77 dias após a morte do piloto Ayrton Senna, em 17 de julho de 1994, Brasil ganhava a Copa do Mundo, no Estádio Rose Bowl, da Cidade de Pasadena, nos Estados Unidos. Romário seria eleito pela FIFA o melhor jogador da Copa e,

---

[166] Jogadores brasileiros que atuaram por seleções de outros países: Guarisi, Sormani, Mazola e Thiago Motta, pela Itália; Marcos Sena e Diego Costa, pela Espanha; e Cacau, pela seleção da Alemanha, entre outros. Para maiores detalhes procurar site oficial da FIFA: <https://www.fifa.com>.

[167] Tamburello era uma das curvas mais rápidas da Fórmula 1, localizada no Autódromo Enzo e Dino Ferrari, em Ímola, na Itália. Ficou mais famosa após o acidente que custou a vida a Ayrton Senna, durante o Grande Prêmio de San Marino de Fórmula 1, em primeiro de maio de 1994. Em 1995, a curva foi transformada em "chicane", para diminuir a velocidade na entrada de curvas, evitando outros acidentes fatais.

meses mais tarde, melhor jogador do mundo, convertendo-se no primeiro sul-americano a receber o prêmio.

A imagem de Romário, que não era o capitão da Seleção – função desempenhada pelo jogador Dunga –, na cabine do avião, exibindo a bandeira do Brasil, com o corpo do lado de fora da janela, é icônica. O herói – 24 anos depois da última vitória em Copas, em 1970, na cidade do México – trazia para o Brasil o tetracampeonato mundial de futebol.

Passariam mais oito anos até que, em 2002, Ronaldo Nazário fosse considerado o herói da Copa do Mundo, disputada no Japão e Coreia do Sul; de lá para o atual momento, a carência de ídolos no esporte se fez notar e a busca continua.

...fecha parênteses

Após a conquista do pentacampeonato, em meados da década de 2000, o futebol também enfrentou um processo de perdas de ídolos e heróis nacionais, com a aposentadoria de alguns craques, a decadência de outros e a falta de vitórias, principalmente da Seleção Brasileira, em Copas do Mundo. Era difícil encontrar um ídolo/herói a nível nacional no esporte bretão.

A maioria dos craques brasileiros jogam na Europa, existe pouca identificação deles com o Brasil e dos aficionados com eles.

Faz-se necessário criar um novo ídolo; a ideia não é simplesmente transformar um menino com talento em mais um jogador de futebol, e sim formar um ídolo nacional que, além de jogar um futebol digno de ser chamado "futebol-arte", supra as necessidades do espetáculo mediático e se torne o herói que Campbell (1995, p. 36, grifo nosso) descreve: "que parta do mundo cotidiano, se aventure *numa região de prodígios sobrenaturais [...] obtenha uma vitória decisiva* e retorne de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes".

Seria imperativo torná-lo um ídolo que comungasse com os critérios estabelecidos pela modernidade e atendesse aos apelos dos meios de comunicação e seus estereótipos, que acompanhasse o mundo globalizado fazendo uso da tecnologia, conseguindo criar e difundir tendências, que abrangesse as expectativas de torcedores de diferentes idades, sociedades e classes: adultos apaixonados pelo ídolo e pelo esporte, adolescentes que querem alcançar o seu sucesso e crianças que imitam seu estilo.

Em outras palavras: um ídolo que tenha influência positiva sobre todo o universo de *fãs* e/ou consumidores.

O projeto de criação desse "novo herói nacional" nasce das mãos do empresário Wagner Ribeiro, ao ver o interesse gerado por um menino de 11 anos num clube europeu de tradição e peso (o Real Madrid) em contratá-lo (COELHO, 2014).

O empresário decide, em conjunto com os dirigentes do Santos Futebol Club, dar início ao projeto, determinando que o candidato escolhido permaneceria no clube da Baixada Santista até atingir a fase profissional, permitindo aos envolvidos obter o justo ressarcimento do investimento e, fundamentalmente, lucro.

O menino escolhido, *Neymar da Silva Santos Junior*, coincide em sua biografia com o perfil de vários ídolos brasileiros: é proveniente de uma família humilde da periferia, negro (mesmo que ele o tenha negado)[168], alegre, descontraído e com um talento inato – o dom de jogar futebol.

Também carregava um "*plus*", que ornava de forma positiva sua trajetória, foi praticamente criado na instituição que revelou ao mundo outro adolescente, que se tornou o maior jogador de futebol do planeta: Pelé, que, com o seu prestígio, também apadrinhou o projeto. Outro recurso, várias vezes utilizado pela imprensa esportiva, foi o acionamento da memória, inclusive afetiva, para trazer glórias do passado:

> Os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e "construção" da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte (SOARES, 2004, p. 63).

Como se isso não bastasse, Neymar era gênio e malandro no campo: "o diferencial nas narrativas brasileiras centra-se justamente na ênfase da conquista através da 'genialidade', 'irreverência' ou 'malandragem' [...] atributos essencializados como 'tipicamente brasileiros'" (HELAL, 2003a, p. 26). Também é muito carismático fora de campo, adepto de modas e modismos. Tinha a alegria do futebol, "cuja essência foi posta na ginga de Garrincha, passou a ser uma poderosa metonímia da representação da identidade brasileira: o povo que enfrenta as adversidades com alegria" (LOVISOLO, 2001, p. 10).

Aos poucos foi se transformando em um jogador polêmico; combustível precioso para a imprensa, que dá vazão à "falação esportiva" (ECO, 1984), termo que analisa que as

[168] Em abril de 2012, Neymar concedeu uma extensa entrevista à jornalista Sonia Racy, do jornal *O Estado de S. Paulo*. Num determinado momento da conversa, surge a inevitável pergunta: "Já foi vítima de racismo?", questionou Racy. A resposta de Neymar: "Nunca. Nem dentro e nem fora de campo. Até porque eu não sou preto, né?" (OESP, 26/04/2010, Caderno 2, p. D2).

discussões e as narrativas não seriam mais sobre o esporte[169], e sim sobre a falação a respeito do esporte. A falação sobre a falação da imprensa esportiva representa um jogo com todas as suas regras e seria a possibilidade de compreender tudo, sem qualquer apropriação preliminar do assunto.

Para a realização deste projeto somente o dinheiro do empresário e do clube, para cobrir a oferta espanhola e dar à família do menino as mesmas condições europeias, não era o suficiente. A participação dos meios de comunicação de massa, numa segunda fase, dando visibilidade, atraindo patrocinadores e produzindo uma narrativa em sintonia com a de um grande ídolo, era tão ou mais importante que os recursos materiais:

> O poder midiático necessita sempre estar gerando algo que o sustente e torne lucrativo, dando continuidade à sua atual situação. Influenciar o sujeito é a principal forma de manter e conseguir que eles não o esqueçam, ele tem a capacidade de criar mudanças que podem influenciar as pessoas, por isso nada que esteja na mídia é ingênuo e totalmente verdadeiro (FERRES, 1996).

Evidentemente que todos esses esforços só atingiriam o objetivo se, em primeiro lugar, a performance esportiva do candidato ancorasse a sustentação do projeto.

A mídia não tem o poder de "criar" um ídolo; tem como condição *sine qua non* que o candidato a ídolo responda com uma performance excepcional na sua atividade. Outros aspectos inerentes à construção de uma "idolatria" são facilmente ensinados, induzidos e assimilados e, em diversas oportunidades, editados. Basta uma equipe de assessoramento de imagem, um *personal stylist*[170], e outra equipe que cuide da comunicação tanto com a imprensa quanto com as redes sociais.

O projeto que envolve Neymar, desde o início, não objetiva a criação de apenas mais um excelente jogador de futebol, a intenção é a construção de um ídolo nacional, que triunfe jogando no Brasil, mas com projeção internacional; um novo tipo de herói, calcado nos ares de uma nova sociabilidade, correlacionado aos estereótipos dos meios de comunicação, aos ímpetos da moda, da tecnologia e do mundo globalizado, num esporte no qual a espetacularização é um dos atrativos, como Guy Debord afirma: "[...] toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa

---

[169] "Esporte, entendido como ocasião em que uma pessoa, sem fins lucrativos e empenhando diretamente seu corpo, realiza exercícios físicos em que põe seus músculos a trabalhar, seu sangue em circulação e seus pulmões em plena atividade, o esporte, dizia, é coisa belíssima, ao menos tanto quanto o sexo, a reflexão filosófica e o jogo de azar quando as fichas de apostas são grãos de feijão. Mas o jogo de futebol não tem nada que ver com o esporte assim entendido. Não para os jogadores, que são profissionais submetidos a tensões não diferentes das de um operário da linha de montagem (afora algumas insignificantes diferenças salariais), não para os espectadores, isto é, a maioria" (ECO, 1984, p. 229).

[170] O *personal stylist* é a pessoa que cuida do estilo, das roupas, acessórios e da imagem como um todo, de um determinado indivíduo.

acumulação de espetáculos. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação" (DEBORD, 1997, p. 13).

Exatamente fazendo uso desses recursos, os meios de comunicação e a imprensa esportiva editaram algumas passagens da vida de Neymar ao longo de sua carreira, como, por exemplo, a reportagem especial exibida pelo Jornal Nacional no dia dois de junho de 2014, que, entre outros detalhes, mostra um acidente automobilístico que ele e sua família sofreram quando o jogador ainda era um bebê de colo, numa clara tentativa de aproximá-lo à narrativa do herói clássico que supera barreiras[171]. Outro momento espetacularizado foi o anúncio da gravidez de sua namorada à época, que daria à luz a seu filho Davi Lucca.

O objetivo principal deste trabalho foi o de fazer uma pesquisa na imprensa escrita, especificamente jornais de grande circulação e/ou especializados em esportes, sobre um assunto específico – um atleta de futebol profissional –, com o intuito de, através da análise dos recursos dispensados nas narrativas, obter a confirmação (ou não) das hipóteses propostas:

a) Seria ele um típico representante do "futebol-arte", que o imaginário popular outorga aos atletas oriundos do "país do futebol"?
b) Ele estaria incluso nas categorias mais tradicionais da imprensa esportiva, como ídolo, herói, vilão e craque ou se apresentam novas categorias?
c) Em tempos de globalização e fragmentação de identidades, a importância da figura do ídolo permanece necessária para os aficionados ou para a indústria do futebol?
d) De que maneira a comunicação direta, via redes sociais, entre os atletas e seus *fãs* impacta essas narrativas?

A hipótese A que buscava encontrar narrativas que identificassem Neymar como um típico representante do "futebol-arte" não se confirma explicitamente. Não foram encontradas as expressões "futebol-arte" ou "jogo bonito" em representação direta ao atleta. Foram encontradas, sim, na imprensa brasileira, várias narrativas indicando que seria um herdeiro de Pelé, símbolo desse estilo de futebol:

> Neymar escreve hoje mais um capítulo de sua história. O *principal jogador* da Seleção Brasileira, *um Pelé dos tempos modernos*, dá o pontapé inicial na copa que se desenha sua, e de mais ninguém, em casa e diante de sua gente. *Neymar tem ainda a missão*, não sozinho, mas à frente dos demais por causa de sua qualidade, de *reescrever a Copa no país, 64 anos depois do fracasso de 1950*. Não é pouco (OESP, 12 /06/ 2014, p. 68, grifo nosso)

[171] A matéria completa está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QTXHXOBtARY>. Acesso em: 01 set. 2020.

Para a imprensa espanhola, Neymar é a estrela máxima da Seleção Brasileira, no entanto acredita que o jogo do Brasil não representa mais o "jogo bonito", categoria que agora só ao futebol da Espanha pertenceria:

> El nuevo jugador del Barça ganó los tres MVP de los partidos de la primera fase. Nadie, ni en europeos, ni en Copas de América, ni Mundiales, ni Confederaciones lo había logrado. *Es el 10 más joven de la historia de Brasil desde Pelé* […] Ha cumplido el guión con brilantrez. No ha sido sólo por las cuatro dianas, logradas ante Japón, México, Italia y España. Tampoco por sus tres asistencias, ni por *el espectáculo que supone verle jugar*. Ha sido la *gran estrella del torneo* desde mucho antes de que empezara y, después, ha hecho lo más difícil: no defraudar a nadie. Hizo tres de las *22 faltas de Brasil* en el encuentro. Una *cifra muy alta para la que durante muchos años abanderó el jogo bonito, estilo que ahora pertenece a España* y que ayer fue víctima de la agresividad de Brasil, justo vencedor[172] (Marca, 01/07/2013, p. 8, grifo nosso).

Observamos, sim, que Neymar constantemente tem a sua figura atrelada às categorias mais tradicionais da imprensa esportiva, sendo representado como ídolo, craque e estrela. A imprensa o mostra como um *ídolo nacional*, ao dedicar-lhe dezenas de capas de jornal e/ou Cadernos de Esportes de circulação nacional, nos quais a sua imagem é atrelada à representação de toda a Seleção Brasileira. Até o próprio técnico da Seleção Brasileira, Felipe Scolari, deu entrevista à imprensa espanhola declarando que: "Neymar é o ídolo de todo Brasil e temos que protegê-lo" (Marca, 15/06/2013, p. 4)

Em mais de uma oportunidade, várias narrativas colocam-no como o "dono" da seleção: "Neymar *e sua* seleção" ou "a Seleção de *Neymar & Cia*".

Outras nomenclaturas, que também foram acionadas esporadicamente e ganharam o ápice na Copa do Mundo da Rússia, foram: "*individualista*", "*simulador*" e *cai-cai* para a imprensa brasileira ou "*piscinero*" e "*teatrero*" para a imprensa espanhola[173]. Entre essas narrativas, encontramos: "[...] eles não precisaram de muitas repetições para perceber que *Neymar faz um bom teatro*" (MD, 23/06/2018, p. 8, grifo nosso).

Mais uma vez, notamos que, como todas as críticas na imprensa brasileira, a vitória ou a derrota são parâmetros que definem a intensidade das mesmas, uma atenua e a outra

---

[172] O trecho correspondente na tradução é: "O novo jogador do Barça foi eleito o *MVP* das três partidas da primeira fase. Ninguém, nem nos jogos europeus, nem nas Copas da América, nem nas Copas do Mundo, nem nas Confederações, alcançou esse sucesso. *É o 10 mais jovem da história do Brasil desde Pelé* [...] Ele fez o roteiro com brilho. Não foi apenas pelos quatro gols, alcançados contra Japão, México, Itália e Espanha. Não pelas suas três assistências, nem *pelo espetáculo de vê-lo jogar*. Ele tem sido a *grande estrela do torneio* desde muito antes de começar, e então ele fez a coisa mais difícil: não decepcionar ninguém. Ele fez três das *22 faltas do Brasil* na partida, *número muito alto para uma Seleção que por muitos anos foi símbolo do "jogo bonito", estilo que agora pertence à Espanha* e que ontem foi vítima da agressão do Brasil, justo vitorioso" (Marca, 01/07/2013, p. 8, grifo nosso).

[173] *Piscinero* ou *teatrero* é a forma coloquial de nomear aqueles jogadores que frequentemente simulam ou teatralizam ter recebido faltas, jogando-se no gramado, rolando e fingindo dor.

recrudesce. Por exemplo, a capa do caderno de esportes do jornal *O Globo*, no dia 30 de julho, estampa uma foto de Neymar de página inteira com fundo simulando uma arquibancada e a torcida chamando-o de: "cai-cai", "fominha", "não é isso tudo", "marrento", "tem muita imprensa" e a resposta: "Mas decide" (Figura 6, p. 75). Ou seja, o fato de decidir a favor uma partida torna sem efeito qualquer crítica; o objetivo, que é ganhar, foi atingido.

A constante reclamação dos jogadores e comissões técnicas dos adversários sobre esse comportamento gerou tanta repercussão na *Web* que as simulações foram convertidas em "memes" por todo o mundo.

Essas últimas categorias foram muito comentadas pelos jornalistas e também com grande intensidade nas redes sociais, as quais, apesar de não fazerem parte do objetivo central de nossa pesquisa, merecem registro neste trabalho por terem sido pautadas pela imprensa.

Não chegou a ser considerado um herói; as vitórias que a Seleção Brasileira obteve nos eventos pesquisados são consideradas de menor importância pelos aficionados e pela imprensa.

A Copa das Confederações - FIFA é considerado um evento-teste para avaliar estrutura e logística das cidades-sede referente a estádios e mobilidade em geral. Conta com um número reduzido de equipes de primeira linha, misturados a outros convidados, sem tradição no esporte, como a seleção de Taiti.

Por sua vez, o "Torneio de Futebol", que, organizado pela FIFA, acontece dentro dos Jogos Olímpicos - COI, é um evento desprestigiado pela própria instituição que o organiza, entidade que comanda o futebol mundial e não o reconhece como um evento pertencente ao calendário oficial da instituição.

O desprestígio também se manifesta e poderia ser analisado por uma perspectiva até cronológica. O início do torneio de futebol sempre é anterior à cerimônia de abertura dos jogos, hoje constituída como um dos rituais mais importantes dos Jogos.

Para além do desfile inicial das nações (delegações e seus porta-bandeiras), instituído nos Jogos de Londres de 1908, outros ritos foram sendo incorporados à cerimônia, no transcurso do tempo: o juramento dos atletas, nos Jogos de Antuérpia em 1920; a chama olímpica, incluída nos Jogos de Amsterdã de 1928; o revezamento da tocha nos Jogos de Berlim, em 1936; e o juramento dos árbitros nos Jogos de Munique, em 1972[174].

As seleções nacionais que disputam o torneio normalmente enviam suas seleções sub-23. São permitidos três atletas acima dessa idade.

[174] Disponível em: <https://www.olympic.org>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Neymar foi o único jogador dentre os considerados “estrelas mundiais” pela imprensa internacional a participar dessa edição. Outros, como Messi da Argentina, Cristiano Ronaldo de Portugal, James Rodrigues da Colômbia, Luiz Suarez ou Edinson Cavani do Uruguai, para citar algumas “estrelas” das seleções presentes, não participaram do torneio:

> As ausências e dificuldades na liberação de jogadores rivais aumentam a responsabilidade do Brasil, que teve menos problemas. E *que tem Neymar, em prestígio, fama e valor uma exceção* (O Globo, Esportes, 04/08/2016, p. 8, grifo nosso).

Ganhar a medalha de ouro no torneio de futebol das Olimpíadas era um sonho antigo, único título – por assim chamá-lo – que o Brasil ainda não tinha conquistado, algo irrelevante perante os 5 títulos mundiais.

Por esses motivos, entendi que o título do capítulo seria “Vai que é tua!”, parafraseando o locutor Galvão Bueno, da Rede Globo de Televisão, que tornou famoso o bordão na Copa do Mundo dos Estados Unidos, em 1994, quando o utilizava antes de cada defesa do goleiro Taffarel. “Vai que é tua!”, esse torneio foi desenhado para você ganhar...

A imprensa (nacional e internacional), apesar das vitórias nas duas competições, não o classificou na categoria de *herói*. Esses torneios não são *uma região de prodígios sobrenaturais*, e alcançar a vitória nas condições descritas também não é *uma vitória decisiva*.

Os eventos em que a vitória é realmente considerada uma coisa maior – onde se enfrentam os melhores profissionais do mundo –, entendida pelo imaginário popular como “uma vitória da nação”, é a vitória em uma Copa do Mundo. Nestas, ele fracassou em duas oportunidades.

Nem por isso ele foi representado como *vilão*; o termo não aparece nas narrativas, apesar das derrotas. Na primeira oportunidade, na Copa do Mundo do Brasil - 2014, ele sai da competição como “uma vítima da violência” dos adversários, por ter sido alvejado pelas costas, na fase de oitavas de final do torneio, quando ainda restavam dois jogos para, em caso de obter duas vitórias, a Seleção ser declarada campeã.

Na derradeira tentativa, na Copa do Mundo da Rússia - 2018, Neymar, apesar das críticas, não chegou a ser considerado um *vilão*, mas saiu com o prestígio abalado, o faz-me rir; nas redes sociais mundiais, foram lançados inúmeros memes.

Nos dois primeiros jogos, perdeu protagonismo para Coutinho, que teve atuações elogiadas pela imprensa e reconhecidas pela FIFA, que o escolheu por duas vezes consecutivas como o *MVP* da partida.

> *Coutinho salvou a Seleção Brasileira* na segunda partida consecutiva, que tem no jogador do Barcelona seu *MVP* nesta Copa do Mundo na Rússia. O 11 do Brasil marcou dois gols em duas partidas decisivas e foi eleito nas duas como o *MVP*, igualando-se a Cristiano Ronaldo. Por enquanto, e *por mais que machuque Neymar, o craque brasileiro é ele*[175] (Marca, 23/06/2018, p. 14, grifo nosso).

Uma outra categoria que foi surgindo durante a pesquisa, em momentos determinados, foi a de "celebridade". Principalmente nos dias que antecediam os jogos, as referências aos penteados, cores de tintura do cabelo, tatuagens e comportamentos extracampo de Neymar, eram comentados e ocuparam tanto espaço quanto as críticas ao seu desempenho em campo:

> No treino de ontem, na Granja Comary, Neymar e Daniel Alves apareceram com visual novo [...] Eles formam a dupla mais fashion da seleção [...] Neymar, desde seus tempos de Santos, adota variações do corte moicano na mesma proporção de seu repertório de dribles (O Globo, Esportes,16/06/2014, p. 7, grifo nosso).

> Começa o show do Neymar. Então, o mundo para hoje às 20h para ver a estreia da Canarinha ... e de Neymar. Porque os olhos dos 837 jornalistas credenciados estavam todos voltados para o camisa 10 do Brasil, cabelos tingidos de "ouro" para a ocasião[176] (Marca, 17/06/2018, p. 18).

Podemos perceber que as indagações da hipótese B foram confirmadas. O atleta é representado segundo as mais tradicionais categorias da imprensa. No entanto, surge uma nova categoria: "celebridade".

Individualista, cai-cai, fominha, simulador etc. são expressões utilizadas como recursos para comentar e qualificar determinadas ações ou comportamentos, e não propriamente uma categoria.

A hipótese D, que procura entender se o tipo de comunicação direta entre atleta e fãs tem influência na imprensa, foi "percebida" como real, mas não de uma forma explícita, que nos permita afirmar com total convicção que impacta as narrativas. Podemos afirmar que, sim, esse tipo de comunicação pautou matérias e narrativas da imprensa.

Em várias passagens da pesquisa, percebemos, e a imprensa afirmou, que muitas das narrativas foram pautadas pelas redes sociais. O próprio atleta, ao se negar a dar entrevista aos meios de comunicação, respondia indiretamente às críticas da imprensa brasileira através das redes sociais. Após o choro do final do jogo, no centro do gramado, Neymar retirou-se do estádio sem dar entrevistas na zona mista; segundo o jornal *Marca*, não precisava, já tinha se

---

[175] O trecho em língua estrangeira é: "Coutinho volvió a salvar por segundo partido consecutivo a la selección brasileña, que tiene en el jugador del Barcelona a su MVP en este Mundial de Rusia. El 11 de Brasil suma dos goles en dos partidos, ambos decisivos, y dos premios al mejor jugador del partido, igualando a Cristiano Ronaldo. Por ahora, y por mucho que le duela a Neymar, el crack de Brasil es él" (Marca, 23/06/2018, p. 14).

[176] O trecho em língua estrangeira é: "Así que el mundo se para hoy a las 20.00 horas para ver el estreno de la Canarinha... y de Neymar. Porque los ojos de los 837 periodistas acreditados miraban todos al 10 de Brasil, teñido de oro para la ocasión" (Marca, 17/06/2018, p. 18).

manifestado através de suas redes sociais, supostamente respondendo ao jornalista Galvão Bueno, nas quais escreveu: "Ninguém sabe o que eu passei para chegar aqui, falar até papagaio[177] fala, mas fazer... poucos fazem (Marca, 23/06/2018, p. 8).

A comunicação direta via redes sociais não somente pauta a imprensa, mas também baliza o comportamento do atleta. Após várias críticas recebidas por parte da imprensa e provocadas, segundo a mesma, por atitudes infantis e/ou destemperadas, individualismo, excesso de simulações, entre outras razões, Neymar recebeu do ex-craque da Seleção Brasileira e hoje colunista do jornal *O Globo* Paulo Cézar Lima, ou, como é mais conhecido, Paulo Cézar Caju, uma observação que encontra eco na situação – admira seu individualismo e recrimina sua encenação:

> No último jogo vimos um *Neymar nitidamente preocupando-se em tocar a bola de primeira e não cair*. Até porque *aquele cai-cai estava atingindo níveis insuportáveis*. Mas acham que ele mudou o comportamento por causa de alguma orientação do Tite? Claro que não! *Mudou por causa das redes sociais que não falavam em outra coisa*. E, olha, gargalhei muito com algumas postagens no zap. Porque *não basta cair. É preciso cair e rolar mil vezes*, bem ao estilo dos caubóis do Velho Oeste, que, após serem atingidos, rolavam várias vezes antes de darem o último suspiro. Mas o Isco, da Espanha, também faz isso, e o Gabriel Jesus é o mais novo aluno do Neymar. E o pior é que estamos em pleno São João e a época do cai-cai balão é agora. Muita gente condena o excesso de drible, caneta, lençol, dizendo que não são jogadas objetivas. Eu discordo, porque já fiz muito. É o que o torcedor gosta de ver. O que ele não gosta de ver é jogador caindo a toda hora (O Globo, 02/07/2018, p. 7, grifo nosso).

Sem lugar a dúvidas, a interatividade de Neymar nas redes sociais é de extrema importância no seu comportamento, é o termômetro de sua popularidade. Segundo o relatório "*Digital 2019 Q4 Global Digital Statshot Report*", publicado pelo site *datareportal.com*, Neymar ocupa o 11º lugar na lista de celebridades com maior número de seguidores no mundo do espetáculo e dos esportes. Segundo o último relatório, contava com mais de 100 milhões de seguidores[178], num universo de um bilhão de contas ativas.

Isto revela que as narrativas geradas pelo atleta têm mais penetração e atingem um maior número de internautas, no universo de consumidores, do que as publicações dos jornais e revistas especializadas impressas.

Podemos afirmar que, mesmo não sendo colocada de forma explícita nas suas narrativas, a categoria celebridade esportiva é utilizada veladamente pelos meios de comunicação. O objetivo de criar um novo ídolo nacional, um herói da modernidade, é parcialmente obtido:

> De fato, acompanhamos a vida do jogador mesmo sem querer, podemos encontrá-lo nas ruas a cada corte de cabelo, nas músicas que viram sucesso na comemoração de

[177] Papagaio seria o apelido que os mais íntimos usam para referir-se ao jornalista Galvão Bueno, da rede Globo de Televisão, e que teria feito duras críticas a Neymar.

[178] Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2018-q3-global-digital-statshot?rq=Neymar%20jr.> Acesso em: 19 ago. 2020.

> cada gol, nas capas de revistas, nos programas esportivos, nos comerciais de televisão, nas revistas semanais e na internet. É praticamente impossível não nos depararmos com a imagem de Neymar no nosso dia-a-dia. A vida do astro ocupa nossas vidas por ser um produto midiático que narra uma cultura nacional. Dessa forma, o jogo pelo jogo (sem o apelo sociocultural) não diz muito, mas um espetáculo midiático montado em conjunto com a tradição diz muito. Espetáculo que não movimenta apenas os índices de audiência e a cultura, mas um mercado milionário alicerçado nos sonhos e fantasias dos consumidores que buscam por identificação (FERRAZ, 2002, p. 9).

A categoria "celebridade" emerge na imprensa numa relação inversamente proporcional ao seu desempenho como atleta. Nos momentos de vitória, perde nitidez e contraste, enquanto nas derrotas ganha total transparência e destaque.

Portanto, para poder afirmar categoricamente que as narrativas da imprensa são impactadas pela comunicação direta entre o atleta e seus fãs via redes sociais, faz-se necessário uma análise mais exaustiva das mesmas, incorporando-as nas pesquisas, o que não foi possível neste trabalho, mas sugere que, devido à importância das redes sociais na sociedade contemporânea, seria de vital importância uma nova pesquisa com base nelas.

Finalizando este trabalho, concluí que pesquisar exclusivamente no jornal impresso – não negando sua importância na construção social de significados –, sem considerar a interatividade introduzida nos meios de comunicação, estaria olhando com os óculos da pré-revolução digital e obtendo uma fotografia do objeto com uma limitação na profundidade de campo.

O impacto que a revolução digital em curso está causando em todos os setores da sociedade é irreversível. Todos os métodos e processos que são atingidos de alguma forma (industriais, comerciais, comunicacionais, educacionais) terão que se adaptar aos novos tempos.

Quanto ao projeto "um novo ídolo nacional", podemos afirmar que, segundo as narrativas, para o empresário Wagner Ribeiro, para os meios de comunicação, que vivem da audiência e das cotas de patrocínio, e para o clube Santos Futebol Clube, foi um êxito.

Hoje, sete anos após a saída de Neymar do Santos, o clube continua obtendo lucros nas transferências do atleta mundo afora, pela cláusula de solidariedade da FIFA[179], e também lucros sobre sua imagem, com a monetização[180] de seu canal "Santos TV", veiculado na

[179] De acordo com a jurisprudência da *Chambre de Résolution des Litiges* da FIFA (CRL), desde 2016, o *Règlement du Statut et du Transfert des Joueurs* da FIFA (RSTJ) determina, em seu artigo 21, que toda vez que um profissional é transferido antes do final do seu contrato uma contribuição de solidariedade deve ser paga pelo novo time às equipes pelas quais o jogador atuou entre seus 12 e 23 anos (clubes formadores). Disponível em: <https://resources.fifa.com/image/upload/regulations-on-the-status-and-transfer-of-players-2018-2925437-2925439.pdf?cloudid=rcvrsbmimvqziptvqjaq>. Acesso em: 20 ago. 2020.

[180] A monetização do *YouTube* é a remuneração paga conforme a visualização e cliques nos anúncios veiculados nos vídeos mais relevantes. Para isso, o criador dos vídeos deve alcançar um número mínimo de seguidores e exibição nos vídeos – a cada mil visualizações o dono do canal recebe um valor correspondente em dólares.

plataforma *Youtube*, onde exibe os vídeos de Neymar (ainda com a camisa do clube) e conta com mais de 250 milhões de visualizações[181].

Em relação à hipótese C, que indagava se, em tempos de globalização e fragmentação de identidades, a importância da figura do ídolo seria necessária para os aficionados ou para a indústria do futebol, reconheço um erro de avaliação na formulação dessa hipótese. A figura do ídolo é parte de uma tríade composta por ele, pelos aficionados e pelos clubes, que, sem a tutela da imprensa, não seriam relevantes; juntos, fazem o sistema funcionar, atuando cada um como uma engrenagem importante, não sendo possível prescindir de alguma delas.

Por conta do envolvimento que mais de três anos de pesquisa gera e por ter tido a oportunidade e o contato – em alguns casos, pessoal – com alguns dos personagens envolvidos direta ou indiretamente com os fatos pesquisados, realizei algumas entrevistas que não fazem parte do escopo da pesquisa, mas me ajudaram a ter outras perspectivas de análise.

Entrevistei com exclusividade o técnico Dorival Junior, um dos primeiros técnicos de Neymar no Santos e protagonista de um episódio que teve desdobramentos importantíssimos, comentados neste trabalho; o jornalista Tim Vickery, correspondente da BBC de Londres; Juca Kfouri, sociólogo, comentarista da ESPN Brasil e ex-diretor de redação da revista de esportes *Placar*; o jornalista esportivo Renato Mauricio Prado, que fez a cobertura pelo jornal *O Globo* de todos os eventos pesquisados; Marcelo Barreto, apresentador do SporTV e colunista d'*O Globo*; e Roberto Assaf, do jornal Lance.

Em tempos de pandemia e por me encontrar morando na cidade de Barcelona, onde realizo o doutorado-sanduíche, as entrevistas foram realizadas de forma virtual.

As entrevistas foram estruturadas colocando as mesmas perguntas a todos os entrevistados, com exceção do técnico Dorival Junior, que, por ter sido protagonista de um incidente com o atleta, que resultou na sua demissão do Santos, teve o foco das perguntas mais direcionado para o incidente, seus antecedentes e subsequentes repercussões. A transcrição de todas as entrevistas está disponível no Apêndice B.

Faltam algumas páginas a serem escritas para definir Neymar. Agora mesmo, faltando algumas horas para entrar em campo para disputar pelo seu time, o PSG - *Paris Saint Germain*, a final da *Champions League*[182], temporada 2019/2020, contra o *Bayern* de Munique , em caso

[181] Disponível em: <https://www.youtube.com/c/santosfc/about>. Acesso em: 21 ago. 2020.

[182] A Liga dos Campeões da UEFA (em inglês: *UEFA Champions League*) é uma competição anual de clubes de futebol a nível continental, organizada pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA) e disputada por clubes europeus. É um dos torneios mais prestigiados do mundo e a competição de clubes mais prestigiada no futebol europeu, disputada pelas equipes mais bem classificadas nos respectivos campeonatos nacionais na temporada anterior, sendo o número de vagas atribuído consoante o ranking da UEFA. A partida final da Liga dos Campeões da UEFA é o evento esportivo anual mais visto em todo o mundo.

de uma vitória com uma atuação que lhe dê protagonismo, pode escrever mais um capítulo positivo na sua biografia e também marcar, de forma definitiva e indelével, seu nome na história do PSG, que, em 50 anos de existência, nunca chegou à final da maior e mais importante competição de clubes do planeta, sendo eliminado nas fases finais das últimas nove tentativas consecutivas.

Aos 28 anos de idade, Neymar ainda tem suficiente tempo hábil para poder deixar uma marca eterna na história do futebol mundial e no lugar onde mais dele se espera, na Seleção Brasileira de futebol.

Mesmo com o bom retrospecto de 101 jogos realizados e 61 gols convertidos pela Seleção, ainda não brilhou em uma Copa do Mundo, a competição que *realmente* eterniza os grandes craques.

Ainda terá outras oportunidades de ser herói, lembrando que é possível ser um herói sem necessariamente ser ídolo e/ou celebridade, essa situação agrada aos aficionados pelo esporte. Pode também continuar sendo tão somente o "ídolo nacional celebridade", sem conquistas convincentes, que tanto agrada à "indústria" do futebol, mas vai minando a relação com os aficionados. A mídia vive de polêmicas; vitórias sem polêmicas não têm desdobramentos a serem explorados e publicados por mais de um ou dois dias. O inverso é combustível midiático de alto interesse, permitindo "*suítes*"[183] durante vários dias consecutivos.

O desafio para Neymar será transformar esse "ídolo celebridade" em um grande herói que agrade à mídia e também seja fiel ao roteiro de Campbell (1995) e "retorne de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes", e não somente em benefício próprio e de mais uns poucos.

Quiçá tenha que perder, como aconteceu com outros craques brasileiros, alguns componentes da brasilidade, como a "malandragem" e a "contravenção", que seriam formas de realçar alegremente o esporte em território nacional; no futebol europeu, são características de conotação negativa, não é expertise, e são tratadas como falta de caráter:

> A exploração midiática de Neymar surge com a possibilidade da criação de um novo craque para o futebol brasileiro, entenda-se craque como o jogador que carrega consigo toda a *"brasilidade", marca da prática esportiva em território nacional*, que busca na ginga, no drible, no lúdico, na *contravenção* e nas improvisações dentro das quatro linhas, as formas de maximizar e realçar alegremente o esporte (FERRAZ; MARQUES, 2012, grifo nosso).

[183] Do francês *suite*, isto é, série, sequência. Em jornalismo, designa a reportagem que explora os desdobramentos de um fato que foi notícia em edições anteriores.

Assim, terá o acesso franqueado na pequena e seleta galeria de “heróis nacionais”, como Pelé, Garrincha, Romário e Ronaldo, podendo até, em 2022, se não sucumbir a seu temperamento e aos interesses midiáticos, erguer a Taça de Campeão do Mundo – quem sabe, como capitão! Uma imagem simbólica que muito poucos conseguiram estampar desde meados do século passado, dá para contar nos dedos de uma das mãos.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, B.; Di BLASI, F.; SANTORO, M. A "camisa 10 do futebol". **Esporte e Sociedade**, ano 2, n. 6, jul./out. 2007

ALVITO, Marcos. **A rainha de chuteiras**: um ano de futebol na Inglaterra. Apicuri, 2014.

ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**: futbol, tango y polo en la Argentina. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.

BARBOSA, Marialva. Jornalistas, senhores da Memória? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre. **Anais**... São Paulo Intercom, 2004.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BRINATI, Francisco Ângelo. **Maracanazo e Mineiratzen**: Imprensa e Representação da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 2014. Rio de Janeiro: Editora Prismas, 2016.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo, Cultrix, 1995.

_____. **O Poder do Mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Uma problemática comunicacional dos gêneros discursivos. **Revista Signos**, v. 43(suppl.1), p. 77-90, 2010.

CORDEIRO, J. "Anos de chumbo ou anos de ouro? A memória social sobre o governo Médici". **Estudos Históricos**, v. 22, n. 43, p. 85-104, 2009.

CUNHA, A. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

D'AMARAL, Marcio Tavares. O homem sem fundamentos: sobre linguagem, sujeito e tempo. Rio de Janeiro: Editora UFRJ / Editora Tempo Brasileiro, 1995.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Antropologia do óbvio. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

_____. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

_____. **O que fez o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1986.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DA SILVA, Francisca Islandia Cardoso. A identidade nacional na crônica esportiva de Nelson Rodrigues. **Revista Espaço Acadêmico**, v. 15, n. 177, p. 116-125, 2016.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1. ed. São Paulo: Contraponto, 1997.

ECO, Umberto. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

EHRENBERG, Alain. **O Culto da Performance**: da aventura empreendedora à depressão nervosa. Tradução de Pedro Bendassolli. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

FERNANDEZ, Renato Lanna. **O jogo da distinção**: C. A. Paulistano e Fluminense F. C.: um estudo das identidades clubísticas durante a fase amadora do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro (1902-1933). 507f. Tese (Doutorado em História Política e Bens Culturais e Projetos) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016.

FERES JÚNIOR, João; SASSARA, Luna de Oliveira. O cão que nem sempre late: o Grupo Globo e a cobertura das eleições presidenciais de 2014 e 1998. **Revista Compolítica**, v. 6, p. 30-64, 2016.

FERRAZ, L. H. M.; MARQUES, J. C. Neymar e sua trajetória espetacular como ídolo nacional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 35., 2012, Fortaleza. **Anais**... São Paulo: Intercom, 2012.

FERRES, J. **Televisão e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 1996.

FICO, C. **Reinventando o Otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

FRANZINI, F. De uma Copa a outra, a época esquecida: futebol, política e sociedade no Brasil, 1940. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 49, 2014.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. Prefácio. In: RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 2. d. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. **Ingleses no Brasil**: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: TopBooks, Fundação Gilberto Freyre, 2000

_____. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938, p. 4.

FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: Fapesp: Educ, 2009.

GASTALDO, E. Considerações sobre "O País do Futebol": Mídia e Copa do Mundo no Brasil. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 25., 2002, Salvador. **Anais**... São Paulo: Intercom, 2002.

GIGLIO, S. S. **Futebol**: mitos, ídolos e heróis. 2007. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

GIGLIO, S. S. "Futebol-arte ou futebol-força? O estilo brasileiro em jogo". In: DAOLIO, Jocimar (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

_____. **COI x FIFA**: a história política do futebol nos Jogos Olímpicos. 2013. 518 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

_____. "As estratégias de João Havelange para enfraquecer o futebol olímpico". **Revista USP**, São Paulo, n. 108, p. 67-76, 2016.

GIGLIO, Sérgio Settani; MORATO, Márcio Pereira; ALMEIDA, José Julio Gavião de. O dom de jogar bola. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 67-84, jul./dez. 2008.

GIULIANOTTI, R. Fanáticos, seguidores, fãs e Flaneurs: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. **Recorde**: Revista de História do Esporte, v. 5, n. 1, 2012.

_____. **Sociologia do Futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002

GUEDES, S. L. Discursos autorizados e discursos rebeldes no futebol brasileiros. **Esporte e Sociedade**, v. 6, n. 16, 2010/2011.

_____. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza estética**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HALL, Stuart, et al. **Sin garantías**: trayectorias y problemáticas en estudios culturales. Quito: Corporación Editora Nacional, CEN; Universidad Andina Simón Bolívar, Sede Ecuador; Pontificia Universidad Javeriana. Instituto de Estudios Sociales y Culturales Pensar; Instituto de Estudios Peruanos, IEP, 2013.

HELAL, Ronaldo; MURAD, Maurício. Alegria do Povo e Don Diego: reflexões sobre o êxtase e a agonia de heróis do futebol. **Pesquisa de Campo** 961, n. 1, 1995.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio Jorge; LOVISOLO, Hugo (Orgs.) **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo. Mídia, Construção da Derrota e O Mito do Herói. **Motus Corporis** (UGF), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 141-155, 1998.

HELAL, Ronaldo. Mídia, ídolos e heróis do futebol. **Revista de Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física**, Santa Maria, ano 2, v. 2, 1999.

_____. A crise do futebol brasileiro e a pós-modernidade: perspectivas para o século 21. In: Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 10., 2001, Brasília. **Anais**... Brasília: Compós, 2001.

_____. Idolatria e malandragem: a cultura brasileira na biografia de Romário. In: ALABARCES, Pablo (Org.). **Futbologias**: fútbol, identidad y violência en América Latina. Buenos Aires: Clacso, 2003.
_____. Futebol, Comunicação e Nação: A trajetória do campo acadêmico. In: Marques, J. C. & Morais, O. J. *Esportes na Idade Mídia: diversão, informação e educação***.** São Paulo: Intercom, 2012.
_____. Las narrativas de la prensa francesa sobre el fútbol brasileño em los mundiales de 1958 y 1998. **Revista Ludicamente**, Buenos Aires, v 8, n. 15, 2019.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos**. O breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Nações e Nacionalismos desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

KELLNER, D. A cultura da mídia e o triunfo do espetáculo. **Revista Líbero**, ano VI, v. 6, n. 11, p. 4-15, 2004.

KRIPPENDORFF, Klaus. **Metodologia de análisis de contenido**. Barcelona: Paidos, 1990.

JENNINGS, Andrew. A máfia dos esportes e o capitalismo global. In: JENNINGS, Andrew et al. **Brasil em jogo**: o que fica da Copa e das Olimpíadas?. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2014.

LEITE LOPES, José Sérgio. Les origines du jeu à la brésilienne. **Les Cahiers de l´INSEP**, n. 25, 1999.

LOVISOLO, Hugo. Introdução. In: HELAL, Ronaldo (Org.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 9-12.

MARCA (jornal), Madrid, 14 jun - 01 jul, 2013.

_____. 11 jun - 14 jul, 2014.

_____. 03 ago - 22 ago, 2016.

_____. 16 jun - 08 jul, 2018.

MAGALHAES, L. Ditadura e futebol: O Brasil e a Copa do Mundo de 1970, **PolHis**, ano 5, n. 9, p. 232-242, 2012.

MASCARENHAS, G. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. **Geographia** - Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, v. 4, n. 8, p. 84-92, 2002.

_____. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. **Cidades** (Presidente Prudente) v. 10, p. 142-170, 2013.

_____. **Não vai ter arena?** Futebol e Direito à Cidade. Advir (ASDUERJ), v. 32, p. 24-38, 2014a.

_____. **Entradas e Bandeiras**: a conquista do Brasil pelo futebol. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014b.

MAZZONI, Tomás. **O Brasil na Taça do Mundo**. São Paulo: Edições e Publicações Brasil, 1938.

MORATO, M. P. **Técnicas e táticas do futebol para cegos (futebol de cinco)**. 2007. 202 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

MORATO, Márcio Pereira; GIGLIO, Sérgio Settani and GOMES, Mariana Simões Pimentel. **A construção do ídolo no fenômeno futebol.** *Motriz: rev. educ. fis. (Online)* [online]. 2011, vol.17, n.1, pp.1-10. ISSN 1980-6574.

MELO, Victor A. **Cinema & esporte** - diálogos. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

_____. Eficiência X Jogo de cintura: Garrincha, Pelé, Nelson Rodrigues, Cinema , Futebol e Construção da Identidade Nacional. In: DA SILVA, Francisco C. T.; SANTOS, Ricardo P. (orgs). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional, p. 259-284, Rio de Janeiro, Mauad, 2006.

MURAD, Mauricio. "Futebol e profissionalização no Brasil: comentários a partir do filme Passe Livre". In: MELO, Victor A.; ALVITO, Marcos (Orgs.). **Futebol por Todo o Mundo** - diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: FGV editora, 2006.

_____. Dinâmica da rivalidade entre pontepretanos e bugrinos. IN: DAOLIO, J. (Org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

MÜLLER, Ivan Daniel, et al. Manifestos sociais e Copa das Confederações na cobertura da Folha de São Paulo. **Motrivivência**, n. 41, p. 85-100, 2013.

MORIN, Edgar. **As estrelas**: mito e sedução no cinema. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX**: o espírito do tempo. Neurose. Rio de Janeiro: Forense, 1997.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise Crítica da Narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

_____. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Enquadramentos lúdico-dramáticos no jornalismo: mapas culturais para organizar narrativamente os conflitos políticos. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe (Orgs.). **Mídia, Representação e democracia**. São Paulo: Hucitec, 2010.

MUNDO DEPORTIVO (jornal), Barcelona, 14 jun - 01 jul, 2013.

_____. 11 jun - 14 jul, 2014

_____. 03 ago - 22 ago, 2016

_____. 16 jun - 08 jul, 2018

NEGRI, A.; HARDT, M. **Multidão**: guerra e democracia na era do império. Rio de Janeiro: Record, 2005.

O ESTADO DE SÃO PAULO (jornal), São Paulo, 14 jun - 01 jul, 2013.

_____. 11 jun - 14 jul, 2014

_____. 03 ago - 22 ago, 2016

_____. 16 jun - 08 jul, 2018

O GLOBO (jornal), Rio de Janeiro, 14 jun - 01 jul, 2013.

_____. 11 jun - 14 jul, 2014

_____. 03 ago - 22 ago, 2016

_____. 16 jun - 08 jul, 2018

PERDIGÃO, P. **Anatomia de uma derrota**. Porto Alegre: L & PM, 1986.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de janeiro (1902 - 1938). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, Carlos. **Sociologia da juventude**: futebol/paixão/sonho/frustração/violência. São Paulo: Cabral Editora e Livraria Universitária, 2006.

REGIS, Fátima. Comunicação, sistemas complexos e transdisciplinaridade: um comunicar intercientífico. **Revista Contracampo**, v. 15, p. 151-164, 2006.

RIAL, C. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

RUBIO, Katia. **O atleta e o mito do herói**: o imaginário esportivo contemporâneo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

SEABRA, D.; RODRIGUES, J. Futebol como um ritual. **Antropológicas**, v. 2, p. 15-34, 1998.

SANTOS, Irlan. **Clientes versus Rebeldes**: novas culturas torcedoras nas arenas do futebol moderno. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2017.

SANTOS NETO, José Moraes. **Visão do jogo primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac Naify, 2002. (Coleção Zona do Agrião).

SOARES, Antônio J. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo (Orgs.). **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. Futebol, imprensa e memória. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 6, n. 1, p. 61-78, 2004.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato**: notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009. 287p.

SOUZA, Denaldo. **O Brasil entra em campo!**: construções e reconstruções da identidade nacional no Brasil (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

TAVARES, O. Megaeventos Esportivos. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, 2012.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. Florianópolis: Insular, 2008. v. 2.

APÊNDICE A – Tabelas completas de dados gerais analisados por jornal.

Tabela A1 - Total Narrativas Copa das Confederações - 2013

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. Japão	*O Globo*	14/06/2013	3		4		4	
		15/06/2013	2		4		0	
		16/06/2013	7	12	4	12	1	5
	OESP	14/06/2013	4		2		0	
		15/06/2013	1		2		0	
		16/06/2013	5	10	1	5	0	0
	Mundo Deportivo	14/06/2013	2		0		0	
		15/06/2013	0		1		0	
		16/06/2013	1	3	1	2	0	0
	Marca	14/06/2013	1		1		0	
		15/06/2013	0		1		0	
		16/06/2013	1	2	0	2	0	0
	Subtotais por categoria:			**27**		**21**		**5**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. México	*O Globo*	18/06/2013	1		0		1	
		19/06/2013	2		0		0	
		20/06/2013	11	14	0	0	0	1
	OESP	18/06/2013	0		0		1	
		19/06/2013	1		1		0	
		20/06/2013	5	6	0	1	0	1
	Mundo Deportivo	18/06/2013	0		2		0	
		19/06/2013	2		1		0	
		20/06/2013	2	4	3	6	0	0
	Marca	18/06/2013	0		0		0	
		19/06/2013	0		0		1	
		20/06/2013	1	1	1	1	0	1
	Subtotais por categoria:			**25**		**8**		**3**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Itália Vs. Brasil	*O Globo*	21/06/2013	6		0		0	
		22/06/2013	7		1		0	
		23/06/2013	8	21	2	3	1	1
	OESP	21/06/2013	2		0		1	
		22/06/2013	1		1		1	
		23/06/2013	3	6	0	1	1	3
	Mundo Deportivo	21/06/2013	0		2		0	
		22/06/2013	0		1		0	
		23/06/2013	2	2	0	3	1	1
	Marca	21/06/2013	1		0		0	
		22/06/2013	0		0		0	
		23/06/2013	1	2	0	0	1	1
	Subtotais por categoria:			**31**		**7**		**6**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. Uruguai	*O Globo*	25/06/2013	1		3		1	
		26/06/2013	1		2		4	
		27/06/2013	2	4	2	7	2	7
	OESP	25/06/2013	1		2		0	
		26/06/2013	0		2		2	
		27/06/2013	3	4	0	4	0	2
	Mundo Deportivo	25/06/2013	0		0		0	
		26/06/2013	1		0		1	
		27/06/2013	0	1	0	0	0	1
	Marca	25/06/2013	1		0		0	
		26/06/2013	0		0		0	
		27/06/2013	1	2	0	0	0	0
	Subtotais por categoria:			**11**		**11**		**10**
Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil	*O Globo*	29/06/2013	3		5		1	
		30/06/2013	6	26	4	10	0	1

Vs. Espanha		01/07/2013	17		1		0	
	OESP	29/06/2013	1		2		0	
		30/06/2013	7		0		0	
		01/07/2013	6	14	2	4	0	0
	Mundo Deportivo	29/06/2013	0		1		0	
		30/06/2013	0		0		0	
		01/07/2013	2	2	0	1	0	0
	Marca	29/06/2013	1		1		0	
		30/06/2013	1		0		0	
		01/07/2013	1	3	1	2	0	0
	Subtotais por categoria:			**45**		**17**		**1**

O Globo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Japão	12	12	5	29	
México	14	0	1	15	
Itália	21	3	1	25	
Uruguai	4	7	7	18	
Espanha	26	10	1	37	**124**
Total	**77**	**32**	**15**	**124**	

OESP

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Japão	10	5	0	15	
México	6	1	1	8	
Itália	6	1	3	10	
Uruguai	4	4	2	10	
Espanha	14	4	0	18	**61**
Total	**40**	**15**	**6**	61	

Mundo Deportivo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Japão	3	2	0	5	
México	4	6	0	10	
Itália	2	3	1	6	
Uruguai	1	0	1	2	
Espanha	2	1	0	3	**26**
Total	**12**	**12**	**2**	**26**	

Marca narrativas x jogo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Japão	2	2	0	4	
México	1	1	1	3	
Itália	2	0	1	3	
Uruguai	2	0	0	2	
Espanha	3	2	0	5	**17**
Total	**10**	**5**	**2**	**17**	

Total de narrativas descriminadas

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
O Globo	77	32	15	124	
OESP	40	15	6	61	
Mundo Deport.	12	12	2	26	
Marca	10	5	2	17	
Total	**139**	**64**	**25**	**228**	**228**

Total Geral de narrativas x jogo

Jogo	Positivas	Neutras	Negativas
Japão	27	21	5
México	25	8	3
Itália	31	7	6
Uruguai	11	11	10
Espanha	45	17	1
total	139	64	25

Tabela A2 - Total Narrativas Copa Do Mundo - 2014

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. Croácia	***O Globo***	11/06/2014	3		5		1	
		12/06/2014	6		4		0	
		13/06/2014	17	26	1	10	0	1
	OESP	11/06/2014	1		2		0	
		12/06/2014	7		0		0	
		13/06/2014	6	14	2	4	0	0
	Mundo Deportivo	11/06/2014	0		1		0	
		12/06/2014	1		0		0	
		13/06/2014	1	2	0	1	0	0
	Marca	11/06/2014	1		0		0	
		12/06/2014	0		1		0	
		13/06/2014	1	2	0	1	0	0
	Subtotais por categoria:			44		16		1

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. México	***O Globo***	16/06/2014	3		2		1	
		17/06/2014	6		2		0	
		18/06/2014	2	11	0	4	7	8
	OESP	16/06/2014	2		1		0	
		17/06/2014	3		2		0	
		18/06/2014	3	8	2	5	3	3
	Mundo Deportivo	16/06/2014	0		0		0	
		17/06/2014	0		1		0	
		18/06/2014	0	0	1	2	0	0
	Marca	16/06/2014	0		0		0	
		17/06/2014	0		1		0	
		18/06/2014	0		0	2	1	1
	Subtotais por categoria:			19		13		12

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Camarões Vs. Brasil	***O Globo***	22/06/2014	3		2		0	
		23/06/2014	3		3		1	
		24/06/2014	13	19	0	5	0	1
	OESP	22/06/2014	2		0		1	
		23/06/2014	1		0		2	
		24/06/2014	7	10	0	0	0	3
	Mundo Deportivo	22/06/2014	0		0		0	
		23/06/2014	0		0		0	
		24/06/2014	2	2	1	2	0	0
	Marca	22/06/2014	0		1		0	
		23/06/2014	0		1		0	
		24/06/2014	1	1	0	2	0	0
	Subtotais por categoria:			32		9		4

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. Chile	***O Globo***	27/06/2014	4		0		1	
		28/06/2014	4		0		2	
		29/06/2014	4	12	0	0	6	9
	OESP	27/06/2014	3		2		0	
		28/06/2014	4		2		0	
		29/06/2014	2	9	1	5	2	2
	Mundo Deportivo	27/06/2014	1		1		0	
		28/06/2014	0		0		0	
		29/06/2014	0	1	1	2	0	0
	Marca	27/06/2014	0		0		0	
		28/06/2014	0		1		0	
		29/06/2014	1	1	0	1	0	0
	Subtotais por categoria:			23				

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil Vs. Colômbia	***O Globo***	03/07/2014	6		2		2	
		04/07/2014	7		1		1	
		05/07/2014	3	16	0	3	11	14
	OESP	03/07/2014	4		0		1	
		04/07/2014	1		3		0	
		05/07/2014	0	5	0	3	5	1
	Mundo Deportivo	03/07/2014	0		1		0	
		04/07/2014	0		1		0	
		05/07/2014	1	1	1	3	0	0
	Marca	03/07/2014	1		0		0	
		04/07/2014	0		1		0	
		05/07/2014	1	2	2	3	0	0
	Subtotais por categoria:			24		12		15

O Globo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Croácia	26	10	1	37	
México	11	4	8	23	
Camarões	19	5	1	25	
Chile	12	0	9	21	
Colômbia	16	3	14	33	**139**
Total	**84**	**22**	**33**	**139**	

OESP

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Croácia	14	4	0	18	
México	8	5	3	16	
Camarões	10	0	3	13	
Chile	9	5	2	16	
Colômbia	5	3	1	9	**72**
Total	**46**	**17**	**9**	**72**	

Mundo Deportivo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Croácia	2	1	0	3	
México	0	2	0	2	
Camarões	2	2	0	4	
Chile	1	2	0	3	
Colômbia	1	3	0	4	**16**
Total	**6**	**10**	**0**	**16**	

Marca

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Croácia	2	1	0	3	
México	0	2	1	3	
Camarões	1	2	0	3	
Chile	1	1	0	2	
Colômbia	2	3	0	5	**16**
Total	**6**	**9**	**1**	**16**	

Total de narrativas descriminadas

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
O Globo	84	22	33	139	
OESP	46	17	9	72	
Mundo Deport.	6	10	0	16	
Marca	6	9	1	16	
Total	**142**	**58**	**43**	**243**	**243**

Tabela A3 - Total Narrativas Jogos Olímpicos - 2016

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 0 x 0 África do sul	***O Globo***	03/08/2016	0		0		1	
		04/08/2016	3		1		1	
		05/08/2016	0	3	1	2	3	5
	OESP	03/08/2016	0		1		0	
		04/08/2016	0		2		0	
		05/08/2016	0	0	0	3	2	2
	Mundo Deportivo	03/08/2016	0		0		0	
		04/08/2016	1		0		0	
		05/08/2016	0	1	1	1	0	0
	Marca	03/08/2016	1		0		0	
		04/08/2016	0		0		0	
		05/08/2016	0	1	0	0	1	1
	Subtotais por categoria:			**5**		**6**		**8**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 0 x 0 Iraque	***O Globo***	06/08/2016	0		0		0	
		07/08/2016	2		0		0	
		08/08/2016	1	3	0	0	1	1
	OESP	06/08/2016	0		0		0	
		07/08/2016	0		0		1	
		08/08/2016	2	2	0	0	0	1
	Mundo Deportivo	06/08/2016	0		0		0	
		07/08/2016	0		0		0	
		08/08/2016	0	0	0	0	0	0
	Marca	06/08/2016	0		0		0	
		07/08/2016	0		0		2	
		08/08/2016	0	0	0	0	0	2
	Subtotais por categoria:			**5**		**0**		**4**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Dinamarca 0 x 4 Brasil	***O Globo***	09/08/2016	0		0		4	
		10/08/2016	0		0		2	
		11/08/2016	3	3	0	0	0	6
	OESP	09/08/2016	0		0		1	
		10/08/2016	0		0		1	
		11/08/2016	0	0	0	0	1	3
	Mundo Deportivo	09/08/2016	0		0		0	
		10/08/2016	0		0		2	
		11/08/2016	0	0	0	0	0	2
	Marca	09/08/2016	0		0		4	
		10/08/2016	0		1		0	
		11/08/2016	0	0	0	1	0	4
	Subtotais por categoria:			**3**		**3**		**15**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 2 x 0 Colômbia	***O Globo***	12/08/2016	0		0		1	
		13/08/2016	0		0		1	
		14/08/2016	1	1	0	0	0	2
	OESP	12/08/2016	0		0		0	
		13/08/2016	1		0		0	
		14/08/2016	0	1	0	0	0	0
	Mundo Deportivo	12/08/2016	1		0		0	
		13/08/2016	0		1		0	
		14/08/2016	0	1	0	1	0	0
	Marca	12/08/2016	1		0		0	
		13/08/2016	0		0		0	
		14/08/2016	0	1	0	0	0	0
	Subtotais por categoria:			**4**		**1**		**2**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 6 x 0 Honduras	***O Globo***	16/08/2016	0		0		0	
		17/08/2016	0		1		0	
		18/08/2016	5	5	1	2	0	0
	OESP	16/08/2016	0		0		0	
		17/08/2016	0		0		1	
		18/08/2016	3	3	0	0	0	1
	Mundo Deportivo	16/08/2016	0		0		0	
		17/08/2016	0		0		0	
		18/08/2016	1	1	3	3	0	0
	Marca	16/08/2016	0		0		0	
		17/08/2016	0		0		0	
		18/08/2016	3	3	0	0	0	0
	Subtotais por categoria:			**12**		**5**		**1**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 1 x 1 Alemanha	***O Globo***	19/08/2016	1		0		0	
		20/08/2016	1		0		0	
		21/08/2016	7	9	0	0	0	0
	OESP	19/08/2016	0		0		0	
		20/08/2016	2		1		0	
		21/08/2016	0	2	0	1	0	0
	Mundo Deportivo	19/08/2016	0		0		0	
		20/08/2016	0		2		0	
		21/08/2016	1	1	0	2	0	0
	Marca	19/08/2016	0		0		0	
		20/08/2016	0		1		0	
		21/08/2016	1	1	0	1	0	0
	Subtotais por categoria:			**13**		**4**		**0**

O Globo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
África do Sul	3	2	5	10	
Iraque	3	0	1	4	
Dinamarca	3	0	6	9	
Colômbia	1	0	2	3	
Honduras	5	2	0	7	
Alemanha	9	0	0	9	**42**
Total	**24**	**4**	**14**	**42**	

OESP

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
África do Sul	0	3	2	5	
Iraque	2	0	1	3	
Dinamarca	0	0	3	3	
Colômbia	1	0	0	1	
Honduras	3	0	1	4	
Alemanha	2	1	0	3	**19**
Total	**8**	**4**	**7**	**19**	

Mundo Deportivo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
África do Sul	1	1	0	2	
Iraque	0	0	0	0	
Dinamarca	0	0	2	2	
Colômbia	1	1	0	2	
Honduras	1	3	0	4	
Alemanha	1	2	0	3	**13**
Total	**4**	**7**	**2**	**13**	

Marca

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
África do Sul	1	0	1	2	
Iraque	0	0	2	2	
Dinamarca	0	1	4	5	
Colômbia	1	0	0	1	
Honduras	3	0	0	3	
Alemanha	1	1	0	2	**15**
Total	**6**	**2**	**7**	**15**	

Total de narrativas descriminadas

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
O Globo	24	4	14	42	
OESP	8	4	7	19	
Mundo Deport.	4	7	2	13	
Marca	6	2	7	15	
Total	**42**	**17**	**30**	**89**	**89**

Tabela A4 - Total Narrativas Copa do Mundo - 2018

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 1 x 1 Suíça	***O Globo***	16/06/2018	0		0		0	
		17/06/2018	1		3		0	
		18/06/2018	0	1	2	5	3	3
	OESP	16/06/2018	1		1		0	
		17/06/2018	1		2		1	
		18/06/2018	3	3	2	5	2	3
	Mundo Deportivo	16/06/2018	0		0		0	
		17/06/2018	0		0		0	
		18/06/2018	0	0	2	2	2	2
	Marca	16/06/2018	0		0		0	
		17/06/2018	1		1		0	
		18/06/2018	2	3	0	1	0	0
	Subtotais por categoria:			**7**		**13**		**8**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 2 x 0 Costa Rica	***O Globo***	21/06/2018	0		1		0	
		22/06/2018	0		1		0	
		23/06/2018	0	0	3	5	0	0
	OESP	21/06/2018	0		0		0	
		22/06/2018	0		2		0	
		23/06/2018	2	2	0	2	4	4
	Mundo Deportivo	21/06/2018	0		0		0	
		22/06/2018	0		0		0	
		23/06/2018	1	1	1	1	2	2
	Marca	21/06/2018	0		0		0	
		22/06/2018	1		1		0	
		23/06/2018	0	1	1	2	2	2
	Subtotais por categoria:			**4**		**10**		**8**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Servia 0 x 2 Brasil	***O Globo***	26/06/2018	0		3		0	
		27/06/2018	0		1		1	
		28/06/2018	0	0	1	5	2	3
	OESP	26/06/2018	0		2		2	
		27/06/2018	0		3		1	
		28/06/2018	3	3	0	5	0	3
	Mundo Deportivo	26/06/2018	0		0		1	
		27/06/2018	0		0		0	
		28/06/2018	1	1	0	0	0	1
	Marca	26/06/2018	0		0		0	
		27/06/2018	0		1		0	
		28/06/2018	1	1	0	1	1	1
	Subtotais por categoria:			**5**		**11**		**8**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 2 x 0 México	***O Globo***	01/07/2018	0		1		0	
		02/07/2018	0		3		1	
		03/07/2018	3	3	1	5	0	1
	OESP	01/07/2018	1		1		0	
		02/07/2018	1		1		0	
		03/07/2018	5	7	1	3	2	2
	Mundo Deportivo	01/07/2018	0		1		1	
		02/07/2018	0		0		0	
		03/07/2018	1	1	1	2	0	0
	Marca	01/07/2018	0		0		0	
		02/07/2018	0		1		0	
		03/07/2018	1	1	1	2	0	0
	Subtotais por categoria:			**12**		**12**		**3**

Jogo	Jornal	Data	Positivas	Sub-Tot	Neutras	Sub-Tot	Negativas	Sub-Tot
Brasil 1 x 2 Bélgica	***O Globo***	05/07/2018	1		1		0	
		06/07/2018	3		1		0	
		07/07/2018	0	4	0	2	4	4
	OESP	05/07/2018	2		2		0	
		06/07/2018	1		0		0	
		07/07/2018	0	3	1	3	8	8
	Mundo Deportivo	05/07/2018	0		0		1	
		06/07/2018	0		0		0	
		07/07/2018	0	0	0	0	1	2
	Marca	05/07/2018	0		0		0	
		06/07/2018	0		2		0	
		07/07/2018	0	0	2	5	3	3
	Subtotais por categoria:			**7**		**10**		**17**

O Globo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Suíça	1	5	3	9	
Costa Rica	0	5	0	5	
Sérvia	0	5	3	8	
México	3	5	4	12	
Bélgica	4	2	4	10	
Total	**8**	**22**	**14**	44	**44**

OESP

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Suíça	3	5	3	11	
Costa Rica	2	2	4	8	
Sérvia	3	5	3	11	
México	7	3	8	18	
Bélgica	3	3	8	14	
Total	**18**	**18**	**26**	62	**62**

Mundo Deportivo

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Suíça	0	2	2	4	
Costa Rica	1	1	2	4	
Sérvia	1	0	1	2	
México	1	2	0	3	
Bélgica	0	0	2	2	
Total	**3**	**5**	**7**	15	**15**

Marca

Jogo	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
Suíça	3	1	0	4	
Costa Rica	1	2	2	5	
Sérvia	1	1	1	3	
México	1	2	3	6	
Bélgica	0	5	3	8	
Total	**6**	**11**	**9**	26	**26**

Total de narrativas descriminadas

Jornal	POS.	NEU.	NEG.	SUBTOTAL	
O Globo	8	22	14	44	
OESP	18	18	26	62	
Mundo Deport.	3	5	7	15	
Marca	6	11	9	26	
Total	**35**	**56**	**56**	**147**	**147**

Total de narrativas descriminadas x jogo x jornal

Categoria ➡	***Positivas***					***Neutras***					***Negativas***				
Jornal / jogo >	***sui***	***crc***	***srv***	***mex***	***bel***	***sui***	***crc***	***srv***	***mex***	***bel***	***sui***	***crc***	***srv***	***mex***	***bel***
O Globo	1	0	0	3	4	5	5	5	5	2	3	0	3	4	4
OESP	3	2	3	7	3	5	2	5	3	3	3	4	3	8	8
Mundo Deportivo	0	1	1	1	0	2	1	0	2	0	2	2	1	0	2
Marca	3	1	1	1	0	1	2	1	2	5	0	2	1	3	3
Total	**7**	**4**	**5**	**12**	**7**	**13**	**10**	**11**	**12**	**10**	**8**	**8**	**8**	**15**	**17**

APÊNDICE B – Transcrição das entrevistas realizadas

Marcelo Barreto - Entrevista concedida ao autor, via aplicativo *Whatsapp*, (mensagens de voz), em 07/07/2020.

Pergunta: No futebol profissional, mídia, patrocinadores, atletas e clubes fazem parte de uma engrenagem poderosa; os técnicos ficam de fora desse negócio. Essa situação retira autoridade dos treinadores, como no caso Neymar-Dorival júnior?

Resposta: Eu não acho que os treinadores estejam de fora dessa engrenagem. Eu acho que eles participam, mas não é uma engrenagem também de peso bem distribuído, né? Em alguns momentos, o clube tem muito poder e, em outros, está sob pressão da mídia, tem patrocinadores com mais influência e menos influência e tem jogadores que ficam muito grandes. Às vezes, o treinador se apequena diante de um jogador, como no caso que você está citando aí: Dorival Jr. e Neymar.

Pergunta: A velha norma fala que nenhum jogador é maior que o clube, mas é maior que o técnico? No caso do Neymar, quando ficou em descoberto a fragilidade das finanças do Santos e a dependência do dinheiro proveniente dos patrocinadores do atleta, não se estaria reforçando a ideia de que o jogador à época era mais importante para o clube que o técnico.

Resposta: Eu acho que essa norma já está sendo ameaçada, né? Hoje, a gente tem, não só no futebol, como em outros esportes, jogadores que ficam maiores que o próprio clube ou pelo menos rivalizam em termo de grandeza, né? Será que o Messi, hoje, é maior que o Barcelona? Não sei se é possível afirmar, mas, pelo menos, já existe uma discussão em torno disso, né? O Neymar passou a ser muito importante para o Santos justamente por causa da questão financeira, né? O Santos sabia que não ia ficar com ele, mas via no Neymar um ativo. Então pode haver, sim, uma situação que o jogador em um momento como esse fica mais importante que o treinador, no sentido de que é do interesse financeiro do clube que ele jogue. Aí, a decisão passa a não ser só técnica. Mas aí a gente precisa saber os bastidores, conhecer os bastidores do clube para poder afirmar isso. Agora, que esse risco existe, claro que existe.

Pergunta: Até que ponto, no futebol brasileiro e mundial, o dinheiro fala mais alto que a moral e a disciplina? Qual a participação do jornalismo esportivo nessa situação?

Resposta: É bem difícil de responder. Eu acho que o dinheiro muitas vezes na própria sociedade fala mais alto que a moral e a disciplina, né? E existem casos e casos. Eu acredito que o jornalismo esportivo tem um alcance limitado. Aí, nessa questão, pode no máximo debater, né? Como está debatendo, agora, por exemplo o caso do Manchester City que sofreu uma punição leve. Pra variar, "putz", descumpriram o *fair play* financeiro valendo de um tecnicismo jurídico pra escapar da punição. Eu ainda acho que o jornalismo esportivo tem uma visão crítica nesse sentido, mas evidentemente o poder do dinheiro no futebol mundial, principalmente nos grandes clubes, prevalece.

Pergunta: Existe algum tipo de patrocínio individual para técnicos de futebol por parte de empresas ligadas ao esporte? E de empresas de outras áreas?

Resposta: Com a relação sobre a pergunta sobre patrocínio, eu não tenho um conhecimento profundo pra dizer que tipos de patrocínios existem, né? Me lembro de casos muito específicos. No Brasil, é muito comum que o técnico da Seleção Brasileira seja procurado por grandes empresas, desde a Fiat que usou Lazaroni como garoto-propaganda, em 1990, quando isso ainda não era tão comum assim. Até em 2018 que tivemos o Tite como garoto-propaganda da Samsung e também de outras marcas, né? O Tite foi até criticado por causa disso: "Será que ele está fazendo propaganda de mais e treinando de menos", enfim essas coisas que sempre surgem no futebol. Com relação a empresas ligadas ao esporte, isso é menos comum de acontecer e acho que poderia trazer muito mais conflitos, né?

Pergunta: Existe uma relação muito injusta no futebol. Se o time é campeão, normalmente o reconhecimento vai para o time como um todo; se o time perde, a culpa recai sobre o técnico, mesmo que o craque da equipe tenha perdido gols decisivos. A imprensa não deveria sair em defesa dos técnicos?

Resposta: Por essa relação injusta, eu costumo dizer que existe um ciclo vicioso de demissão de treinador. A demissão de treinador interessa ao presidente, aos diretores de forma geral, porque eles tiram o corpo fora. Eles dizem que a culpa não é deles. Interessa aos jogadores, porque também são isentados, como você, inclusive, coloca aí na sua pergunta, né? Interessa aos torcedores, porque dão a eles uma ilusão de que tão influindo nos destinos do clube quando vão para a arquibancada gritar que o treinador é burro, que tem que ir embora e a diretoria aceita. Interessa também a imprensa, porque demissão de treinador é notícia antes e durante e depois, né? Antes, tem aquela crise: "Será que vai ser demitido, será que não vai"; durante, vira notícia propriamente dita; e, depois, tem toda aquela especulação de quem vai ser o substituto e tal. Só que, assim, acho que já existem iniciativas na imprensa de quebrar esse ciclo. No programa que eu apresento, por exemplo, o Redação SporTV, a gente fez lá um combinado de nunca iniciar o assunto de demissão de treinador. Nós temos um programa de debate diário, vai ao ar de segunda à sexta, e a gente tem um compromisso de que a cobertura sobre a possibilidade da demissão de um treinador não começa pelo Redação. Acho que talvez seja pouco, mas pelo menos, né? Já é um começo.

Pergunta: Pode Neymar ter sido usado pelo sistema e não ter tido a orientação necessária para não sucumbir ao mesmo? O sistema usa e joga fora; se aparecer outro menino prodígio, antes de ele dar ao Brasil um título relevante mundialmente, corre o risco de ser deixado de lado?

Resposta: Com relação à última pergunta, eu acho que sempre, né? Sempre de uma maneira o jogador é usado pelo sistema. Existe um sistema muito poderoso economicamente no futebol que hoje oprime, inclusive, os clubes brasileiros. Não que os clubes brasileiros não participem, não se beneficiem, mas estão em uma situação inferior, né? E vejo como muito difícil a situação que você descreve – de um menino prodígio aparecer e dar ao Brasil um título importante, que não seja nas categorias de base, né, antes de deixar o país. Os jogadores, hoje, estão deixando o futebol brasileiro antes mesmo de realizarem todo o seu potencial. Eu acho que hoje o que a gente pode torcer é pra que, por uma questão de educação e de boa orientação das pessoas que o cercam, o jogador possa reagir adequadamente a esse uso que o sistema faz dele. Nem sempre se consegue. Acho que, no caso do Neymar, é questionável se ele tem conseguido, mas é o que resta.

Renato Mauricio Prado - Entrevista concedida ao autor, via aplicativo *Whatsapp* (mensagens de voz), em 15/07/2020.

Pergunta: No futebol profissional, mídia, patrocinadores, atletas e clubes fazem parte de uma engrenagem poderosa, e os técnicos ficam um pouco à margem. Essa situação retira autoridade dos treinadores, como no caso Neymar-Dorival júnior? Só em épocas de Copa do Mundo que alguns técnicos participam dessa engrenagem?

Resposta: Questão de Neymar e do Dorival e de tantos outros casos que já aconteceram desse, né? Do técnico entrar em rota de colisão com o principal jogador do time... Eu acho que, invariavelmente, o técnico leva a pior, porque o jogador é um patrimônio do clube, né? Quer dizer, você vê, bem ou mal, o Santos ganhar um dinheirão ao vender o Neymar, né? Sabia desde o início que o Neymar era um jogador extremamente promissor, que poderia dar muitos títulos ao Santos, como deu, e ainda rendeu uma bela grana ao ser vendido. O Dorival ali é apenas um técnico, né? Então, não tem solução. O técnico nessa hora vale muito menos, por melhor que seja o técnico, né? E o Dorival, até gosto muito dele, acho ele um cara do bem, um cara super bem intencionado, mas ele é muito rígido em determinadas coisas também. Agora mesmo, recentemente, no Flamengo ele ia afastar o Diego Alves, goleiro, porque não gostou da postura do Diego Alves ao ser barrado no jogo, enfim. E o Diego Alves é também um goleiro excepcional. Não fazia o menor sentido. O Flamengo fez um investimento alto nele, então não fazia o menor sentido mandar o Diego Alves embora. E o Diego Alves só ficou porque o Dorival acabou não ficando, não exatamente por causa desse problema com o Diego, mas saiu; e o Abel, que o substituiu, a primeira coisa que fez foi conversar com o Diego Alves e reintegrá-lo, né? Então, o Dorival é meio ruim de jogo de cintura em determinadas coisas, né? Ele é aquele que, em determinado momento, é muito disciplinador, não admite determinadas posturas. Aí, a gente sabe que o jogador de futebol hoje em dia, até pela grana monstruosa que passaram a ganhar, viraram estrelas, né? E estrelas, geralmente, são tudo cheios (sic) de "não me toques", né? Então, essa briga de jogador com técnico, eu acho que o técnico quase sempre leva desvantagem exatamente pelo que eu te falei. O técnico não é patrimônio do clube. Acabou o contrato e ele vai embora. O jogador é. O jogador vai acabar, bem ou mal, se for um jogador importante, sendo negociado, trazendo dinheiro e contribuindo para título, né? Então eu acho que essa é uma briga que o jogador sempre vai levar vantagem sobre o técnico, independentemente se ele tem ou não a razão num determinado episódio.

Pergunta: A velha norma fala que nenhum jogador é maior que o clube, mas é maior que o técnico? No caso do Neymar-Dorival, quando ficou em descoberto a fragilidade das finanças do Santos e a dependência do dinheiro proveniente dos patrocinadores do atleta, não se estaria reforçando a ideia de que Neymar à época era mais importante para o clube que o técnico.

Resposta: Claro, sem a menor dúvida. O jogador nesse momento era mais importante e sempre será, como eu te falei. Aí, você fala na questão do futebol brasileiro e mundial, dinheiro fala mais alto que a moral e disciplina. Isso aí é mais ou menos, né? Isso aí depende do tamanho da disciplina, depende do tamanho do problema moral que exista, eu acho que aí talvez não seja tão... Eu não seria tão radical nessa resposta. Mas pequenos problemas de disciplina e de coisa, eu acho que o jogador vai levar sempre a vantagem.

Pergunta: Por que o jornalismo esportivo castiga uns jogadores e poupa outros? Segue um editorial empresarial ou é coisa de cada profissional em particular?

Resposta: Quando você me pergunta por que que o jornalismo esportivo castiga uns jogadores e poupa outros, eu não sei se concordo contigo, não, entendeu? Eu acho que a crítica é feita de acordo com a opinião de cada jornalista, entendeu? Então, por exemplo, o Neymar. O Neymar, que foi tão badalado e incensado no início da carreira dele, nos últimos anos, a gestão de carreira do Neymar, influenciado principalmente pelo pai dele, a gestão dele era um desastre. Um desastre. Ficou multimilionário, sim. Ganhou milhões incalculáveis quando saiu para o PSG, mas foi uma besteira que ele fez, eu não tenho a menor dúvida disso. Todo mundo sabe disso. Até ele sabe. Tanto que toda hora faz um apelo para voltar para o Barcelona. Então eu acho que o próprio Neymar foi meio que fazendo com que as pessoas mudassem um pouco a opinião em relação a ele. Não ao futebol dele, mas a postura dele, né? E, aí, eu volto até naquela história da moral e da ética, que você estava falando da honestidade aqui um pouco na pergunta anterior... Me parece que a imprensa, ela vai, como é que se diz, vai se moldando pelas atitudes que os jogadores têm, entendeu? Eu, por exemplo, no caso do Neymar, ele, hoje em dia, tem uma imagem muito ruim. Muito ruim. Como jogador, ninguém discute que ele é um super talento, mas a imagem dele, Neymar, pelo menos aqui no Brasil, é muito ruim hoje em dia. Tem gente que não gosta do Neymar, por causa de todas as bobagens que fez e principalmente por causa da coisa do pai dele. O pai dele é uma coisa terrível, né? É impressionante como esse passou a ser o mais antipático de todos. Então, sinceramente, eu não vejo castigar um e punir os outros, entendeu? Quer dizer... E poupar os outros. Quem que você acha que foi poupado? Sinceramente, eu não vejo assim, não. Eu acho que as críticas acontecem de acordo com o que as pessoas fazem e os elogios também. Não vejo essa predisposição de alguns da empresa, de alguns jornalistas, de castigar um e poupar outro. E muito menos seguir linha editorial. Isso aí não existe, entendeu? Isso aí é bobagem. O que o profissional faz é o que ele acha, independentemente de onde ele estiver.

Pergunta: Existe uma relação muito injusta no futebol. Se o time é campeão, normalmente o reconhecimento vai para o time como um todo; se o time perde, a culpa recai sobre o técnico, mesmo que o craque da equipe tenha perdido gols decisivos. Numa análise parcial, a imprensa não deveria sair em defesa dos técnicos em vez de iniciar a pauta da demissão?

Resposta: Em relação a essa história da culpa e do mérito, né? Nos casos de conquistas e perdas, é...Você tem razão. Quando o time ganha, de uma maneira geral, os jogadores são incensados e, quando perde, o primeiro vilão é o técnico. Mas, vamos lá, estamos pegando, agora, por exemplo, o exemplo do Flamengo aqui do Jorge Jesus. Nenhum dos jogadores, e olha que o Flamengo tem um timaço, são 11 excelentes jogadores titulares e mais outros bons titulares na reserva, mas o grande herói, o cara incensado aqui, é o Jorge Jesus, que é o técnico. Então nem sempre é assim, não. Em relação às consequências, né? Por que, quando um time vai mal, quem é mandado embora é o técnico em primeiro lugar? Ora, isso é muito simples, porque você não pode mandar 11 jogadores embora ou um elenco inteiro embora. É muito mais fácil você trocar o treinador e tentar ver se o treinador seguinte consegue, com aquelas mesmas peças, dar uma melhorada no astral, no jogo, enfim. Acho que isso aí é relativamente fácil de entender. A opção pela condenação do técnico, e não dos outros jogadores, é relativamente simples, né?

Você me pergunta por que que a imprensa não sai em defesa dos técnicos. Eu acho que a imprensa até faz uma análise normalmente isenta disso, entendeu? Diz: "O técnico errou, não errou, o jogador errou, não errou", mas a decisão final é dos dirigentes. E os dirigentes, como eu te falei, é sempre mais fácil demitir o técnico do que trocar o elenco.

Pergunta: Como descreveria a trajetória de Neymar desde 2013 até hoje?

Resposta: Neymar de 2013 até agora, eu acho que a administração da carreira dele é muito ruim, como eu já falei, e, além disso, ele deu azar de sofrer uma série de contusões, né, inclusive na Copa de 2014. É bem verdade que a contusão dele o livrou de passar aquele vexame do 7 a 1 contra a Alemanha, mas o fato é que ele desde então passou a ter lesões sérias e seguidas em momentos importantes da carreira. Tanto na seleção, a Copa de 2018 ele claramente jogou sem estar 100%, se recuperando daquela fratura no metatarso. Teve contusões outras que o tiraram de partidas importantes do PSG e, junto a isso tudo, o que eu falo, a questão da postura. A questão da postura pouco profissional, né? Realmente, aí é: festa no dia seguinte da derrota, é vinda para o Brasil quando está contundido e deveria estar se cuidando em Paris; enfim, é forçação de barra para ver se consegue sair do PSG e voltar para o Barcelona. O Neymar se porta, o Neymar virou um homem mimado, porque não dá mais para dizer que ele é um menino mimado, como, por exemplo, o pessoal da Seleção Brasileira, o Edu Gaspar: "Ah, o jovem Neymar, o menino Neymar", isso aí é ridículo, o Neymar é um homem. Um adulto já, entendeu? Com filho, próximo já mais dos 30 do que dos 20. Então, pelo amor de Deus, vamos parar com paternalismo, né? E acho que a postura dele, de uma maneira geral, é pouco profissional e arrogante, o que faz com que não haja grande simpatia por ele, nem mesmo na torcida do PSG. Pra ele recuperar essa empatia com a torcida do PSG, ele vai ter que ganhar essa Champions agora, que, aliás, deu sorte no sorteio, né? Pode ser até que consiga chegar à final e se ganhar...Quem sabe? Ainda que eu considere que, nesse momento, o perigo é o Mbappé ser o herói do título e não o Neymar.

Dorival Júnior - Entrevista concedida ao autor, via aplicativo *Whatsapp* (mensagens de voz), no dia 15/07/2020.

Pergunta: No futebol profissional, mídia, patrocinadores, atletas e clubes fazem parte de uma engrenagem poderosa; os técnicos ficam de fora desse negócio. Essa situação retira autoridade dos treinadores, como no caso Neymar-Dorival júnior?

Resposta: Não, não vejo por esse lado. Eu acho que é uma engrenagem. Era necessário que todos a sua volta estejam em perfeito funcionamento e todos eles integrados no mesmo processo. É natural que uma ou outra situação acabe acontecendo. Aquilo foi um fato isolado, mas nada que tenha tido assim uma interferência direta no trabalho daquele grupo que ali estava. O que eu vejo é que nós subutilizamos tudo aquilo que o futebol nos proporciona. E deveríamos e poderíamos estar aproveitando muito mais todo esse processo, para que todos os clubes estivessem um pouco mais protegidos e com condições de estarem um pouco mais saudáveis financeiramente.

Pergunta: A velha norma fala que nenhum jogador é maior que o clube, mas é maior que o técnico? No caso do Neymar, quando ficou em descoberto a fragilidade das finanças do Santos e a dependência do dinheiro proveniente dos patrocinadores do atleta, não se estaria reforçando a ideia de que Neymar à época era mais importante para o clube que o técnico?

Resposta: Com relação a isso, é uma outra situação. Eu não vejo também por esse lado. Eu acho que os clubes são reféns de uma lei. Uma lei que penaliza consideravelmente um clube formador. Ele trabalha com um atleta ao longo de alguns anos e, de repente, no momento mais importante em que esse atleta esteja começando a aparecer, é natural que o próprio empresário do atleta, conhecedor das leis, vá direcionar aquele momento vivido pelo seu profissional da maneira como ele deseje, como ele queira. Porque o clube acaba perdendo a possibilidade de um vínculo com o atleta e, queira ou não, você se vê refém de uma situação ou de uma lei que vigora no país há alguns anos e que foi preparada por um escritório que também tinha interesses em poder trabalhar com jogadores futuramente. Então, eu acho que essa lei já deveria ter sido revista há algum tempo, para que os clubes estivessem um pouco mais protegidos, os próprios atletas, até porque nós só focamos em atletas que dão certo. E aqueles que não dão certo no primeiro momento e que são abandonados por esses mesmos empresários? Esse assunto não é abordado no nosso país, e o maior número é justamente aqueles atletas que ficam no meio do caminho, porque acabam sendo deixados de lado pelo empresário, que aguardava, esperava, por um retorno rápido, que nem sempre acontece, até porque cada um tem um tempo de maturação, que difere um dos outros.

Pergunta: Até que ponto, no futebol brasileiro e mundial, o dinheiro fala mais alto que a moral e a disciplina? Qual a participação do jornalismo esportivo nessa situação?

Resposta: Eu acho que não é só participação do jornalismo esportivo. Isso daí é um fator um pouco mais profundo. Nós estamos em um país onde nós temos a educação e a família falidas já há algumas décadas. E isso vem fazendo com que... É natural que o lado disciplinar ele sempre fique um pouco ao lado de todo um processo. Eu acho que as pessoas que valorizam essa situação, que prezam por isso, tem que continuar lutando, trabalhando, e não pode alterar em razão de circunstâncias que acabem, às vezes, tirando um pouco da força daquele que comanda e que necessita estar ao lado do fator disciplinar. Até porque você tomará posições ali que serão importantes, posições que envolverão muitas pessoas e é natural que um grupo necessite que o seu comandante tenha uma regularidade nas suas posições, que tenha uma retidão nas suas posições. Por isso que eu valorizo muito, esse lado pra mim é fundamental enquanto eu estiver militando no futebol profissional, eu vou continuar acreditando que o caminho para que você atinja algo na sua vida, na sua carreira, seja justamente a disciplina. É um fator que vai me acompanhar, se Deus quiser, até o final da minha carreira e na expectativa de que um dia as coisas mudem. Realmente, alterei porque eu acho que, para que um sistema dê certo, precisa estar disciplinado. Quer seja no seu lado pessoal ou principalmente no profissional, eu acho que é fundamental que isso aconteça.

Pergunta: Existe algum tipo de patrocínio individual para técnicos de futebol por parte de empresas ligadas ao esporte? E a outras áreas?

Resposta: Isso em patrocínios individuais ou pessoais... Eu acho que é uma série de fatores que o profissional poderia estar sendo explorado, até porque a sua imagem, ela é

divulgada para o Brasil todo. Por que não, em muitos momentos, para o mundo todo? Eu acho que as empresas poderiam estar se aproveitando um pouco mais da figura, da maneira como é construída a carreira de um profissional, quer seja do futebol, do esporte de modo geral, né? Nós estamos falando aqui do esporte no todo. Então eu acho que, mais uma vez, é uma área que nós pouco exploramos, né? O Brasil, infelizmente, nós temos muita matéria-prima, mas nós não sabemos como explorar tudo isso. E isso se dá em todas as áreas, né? A nossa natureza é exuberante. Nós não sabemos como explorar. Ao contrário, ficamos até destruindo. Então é um caminho sem volta às vezes. É um tempo que nós estamos perdendo, porque todos poderiam estar, que estão no entorno do esporte, poderiam estar muito mais garantidos, muito mais protegidos e buscando um retorno as empresas que confiassem na imagem daquele profissional.

Pergunta: Existe uma relação muito injusta no futebol. Se o time é campeão, normalmente o reconhecimento vai para o time como um todo; se o time perde, a culpa recai sobre o técnico, mesmo que o craque da equipe tenha perdido gols decisivos. A imprensa não deveria sair pelo menos uma vez na vida em defesa dos técnicos?

Resposta: Infelizmente, nos últimos 30 anos, nós criamos a cultura da crítica pela crítica não, é? É uma pena isso, porque quando nós cobramos, né, que os profissionais do futebol precisam estar melhorando, e os treinadores, os jogadores, os diretores, mas a mídia também, de um modo geral, precisa aprender a fazer a leitura. Na minha área, no caso a do futebol, com outros profissionais como vôlei, basquete... Da mesma forma, percebo isso. Eu acho que nós estamos querendo mudança, nós estamos querendo fatos novos e nós precisamos que os profissionais que estejam no entorno evoluam de modo geral. Nós não podemos continuar avaliando o trabalho de um profissional pelo resultado da quarta e do domingo. Eu acho que tá na hora de nós pararmos com tudo isso. Nós precisamos evoluir, nós precisamos jogar para o público matérias mais qualificadas, análises mais qualificadas, mostrando aquilo que é ou não é um trabalho de um profissional ou outro. Eu vejo por esse lado, eu acho que a evolução ela é mais do que necessária. Todos nós estamos preocupados e procurando uma melhora. Mas nós queremos entender que também todos aqueles segmentos que estão no entorno, principalmente do futebol, eles também queiram mudanças, eles também queiram melhoras e eles busquem aí uma evolução. Até porque nós não podemos continuar da forma como estamos há mais de 30, 40 anos.

Pergunta: Pode Neymar ter sido usado pelo sistema e não ter tido a orientação necessária para não sucumbir ao mesmo? O sistema usa e joga fora; se aparecer outro menino prodígio, antes de ele dar ao Brasil um título relevante mundialmente, corre o risco de ser deixado de lado?

Resposta: Olha, eu acho que é um sistema que cobra, é um sistema, que, em muitos momentos, ele é injusto. É um sistema que, em outros momentos, ele é covarde. É um sistema que, em outros momentos, ele valoriza e te coloca lá em cima desnecessariamente, porque nem sempre os trabalhos que são realizados, principalmente nos esportes, eles são trabalhos individuais, principalmente em esportes coletivos, como vôlei, basquete, futebol, enfim. Por isso que é um sistema que penaliza muito. É um sistema que ele faz com que todo profissional que seja envolvido, ele esteja sempre no limite das suas condições, no limite físico, no limite técnico, no limite! Ele tem a necessidade de conviver no limite emocional, e o desgaste é muito grande, as cobranças são ainda maiores. Nós percebemos aí

o quanto as pessoas elas são, não manipuladas, mas elas estão envolvidas, né? Em um sistema que penaliza sobremaneira até o desenvolvimento do ser-humano. Mas é o nosso sistema de momento, é aquilo que nós podemos representar. Nós temos que entender tudo isso, continuar convivendo, nos adaptar a tudo isso e procurarmos dar o nosso melhor para que as coisas realmente melhorem no curto prazo e, de repente, daqui a alguns anos, nós tenhamos um processo no qual os extremos eles não prevaleçam tanto quanto nesse momento acontece.

Roberto Assaf – Entrevista concedida ao autor no dia 21/07/2020. Perguntas enviadas por escrito pelo *Whastapp* e respondidas por e-mail.

Pergunta: No futebol profissional, mídia, patrocinadores, atletas e clubes fazem parte de uma engrenagem poderosa. Os técnicos ficam de fora dessa engrenagem por não serem patrimônio do clube? Essa situação retira autoridade dos treinadores, como no caso Neymar-Dorival júnior? Por que na Europa é diferente?

Resposta: Numa visão geral, ninguém fica de fora. Jogadores, comissões técnicas, dirigentes, entidades, confederações, clubes, mídia e patrocinadores integram uma atividade profissional como todas as demais que existem no planeta. A diferença hoje é que o futebol gera uma fortuna, embora também tenha a sua porção pobre, que poucos tomam conhecimento, pois a cobertura é quase nula. Pergunte sobre a Série B do Rio de Janeiro. É quase invisível. Na Europa, também existe um futebol que é praticamente amador, mas que é conhecido porque interage com os poderosos, de territórios dependentes ou nações pequeninas, como, por exemplo, Andorra, Gibraltar, Liechtenstein e San Marino. Voltando a citar os técnicos, que encerram a pergunta, a situação é equivalente. A autoridade de quem dirige o time de um clube gigante ou uma seleção de expressão pode até superar a orientação de cartolas, como ocorreu durante um período na Alemanha com Franz Beckenbauer ou na França com Michel Platini. O que há de diferente na Europa é que praticamente todos vão à escola e, logo, têm preparo maior para ocupar cargos considerados de importância. Não se trata de algum tipo de preconceito, mas de realidade.

Pergunta: No caso do Neymar, ficou em descoberto a fragilidade das finanças do Santos e a dependência do dinheiro proveniente dos patrocinadores do atleta. Isso reforça a ideia de que Neymar à época era mais importante para o clube do que o técnico. Os atletas têm noção clara dessa situação?

Resposta: Sim, os atletas têm noção, ou melhor, a certeza. Basta citar, por aqui, dois times de uma época em que o futebol ainda não era essencialmente profissional. O Santos de Pelé teve um único técnico por mais de 10 anos, Luis Alonso Peres, o Lula, pois os craques da equipe – Gilmar, Carlos Alberto Torres, Mauro, Zito, Coutinho, Pelé, para ficar só nesses – eram as figuras que faziam o espetáculo, e não só dependiam dele, vez por outra, como agregador, nada além. Outro exemplo foi o Fluminense conhecido como "A Máquina", tendo em Rivelino a figura central, que, ao contrário do Santos, teve vários técnicos em quatro ou cinco temporadas, pois, como no time paulista, o que importava era a quantidade de feras. Nunca mais o Brasil vai formar esquadrões como aqueles, nem em seleção. Quanto ao Neymar, parece óbvio que a sua presença era fundamental, tanto que o

Santos ganhou maior exposição e, é claro, dinheiro, até porque com ele levantou a Libertadores depois de quase meio século.

Pergunta: Até que ponto, no futebol (no brasileiro, em especial), o dinheiro fala mais alto que a moral e a disciplina?

Resposta: Isso tem sido comum. O problema é que, sem um mínimo de moral ou disciplina, sem caretice, não se forma uma grande equipe. O dinheiro compra e paga salários formidáveis, mas nem sempre consegue agregar ou anular individualismo. No Brasil, isso ocorre, como dito, com frequência. É uma longa discussão. Está diretamente ligado à formação do país.

Pergunta: O futebol tem evoluído em todos os aspectos (multidisciplinarmente falando): gramados, chuteiras, bolas, uniformes, medicina, treinamentos, recuperação física etc. O único segmento que não teve quase nenhuma evolução no futebol brasileiro é o diretivo (cartolagem). Isto, somado ao fato do Brasil ser um país historicamente dedicado às "commodities", e, no futebol, não é diferente (exporta pé de obra e importa espetáculo pronto), seria uma trava ao desenvolvimento do esporte no país?

Resposta: O futebol precisa transformar o cartola em uma figura essencialmente profissional, ou seja, dar a ele o poder de administrar em todos os sentidos. Isso significa dizer que também será responsável por eventuais prejuízos. Infelizmente, o sujeito deixa o clube, quase sempre alegando que já cumpriu a sua "cota de sacrifício" ou que a família está precisando da sua presença, e acaba deixando dívidas que ficam no passivo do clube. Se formos pesquisar os primórdios do futebol profissional no Brasil, no começo da década de 1930, vamos encontrar sócios e simpatizantes que eram contra essa prática, alegando que isso seria inevitável. O nosso modelo mais próximo, que recentemente havia sido adotado na Argentina e no Uruguai, era, para os defensores da ideia, o grande exemplo. O nosso problema é que os dois países, naquele tempo, viviam situação confortável. Mais: tinham povo alfabetizado e consciente sob o ponto de vista político. Os atletas da Argentina conseguiram estabelecer uma greve geral em 1948. Nós, por aqui, jamais levamos alguma [greve] capaz de parar toda a atividade, em momento algum. Argentina e Uruguai empobreceram muito em relação à década de 1930. Mais isso é outra discussão. O fato é que a forma de dirigir o futebol no Brasil não mudou muito de lá para cá, apesar de todas as transformações – dinheiro de TV, de patrocinadores, enfim...

Pergunta: Neymar nunca foi eleito Melhor do Mundo. Essa escolha passa por um filtro moral, etnocêntrico ou eurocêntrico, por títulos conquistados ou ele nunca apresentou um futebol digno de ser agraciado?

Resposta: Neymar não foi eleito melhor do mundo porque não jogou o suficiente para tal. É bom lembrar que Kaká, Cristiano Ronaldo e Lionel Messi, para ficar só nesses três, também não ganharam Copa do Mundo. Antes, as pessoas diziam que seria necessário jogar na Europa. Pois, ele está por lá faz quase oito anos e nada. Quem sabe se conquistar a Liga dos Campeões pelo PSG e o Mundial pelo Brasil em 2022?

Tim Vickeri - Entrevista concedida ao autor no dia 06/07/2020. Perguntas exclusivas, enviadas pelo *Whastapp* e respondidas por e-mail.

Respostas: A relação entre jogadores e o treinador passou por alterações como consequência tanto da dinâmica da mudança social quanto da entrada de enormes quantidades de dinheiro no jogo.

O futebol de clubes sul-americanos foi afetado de duas maneiras. Em primeiro lugar, há uma necessidade econômica de vender jogadores – o que significa que jovens jogadores valiosos precisam ser selecionados para garantir que eles permaneçam na vitrine da loja. Além disso, a venda dos melhores jogadores para a Europa aumenta o posicionamento de negociação daqueles jogadores de primeira classe que permanecem. Romário, em seu retorno em 1995, desfrutou de uma relação de poder com seus treinadores e ganhou privilégios como resultado, o que ele nunca teria sido capaz de obter se tivesse ficado na Europa. A disputa Neymar-Dorival Júnior é outro exemplo. Neymar se destacou tanto que se tornou impossível não escalá-lo para grandes jogos – ele estava em uma posição muito mais poderosa do que o treinador.

Isso não se aplica a nada com o mesmo grau na Europa, onde os principais clubes têm grandes elencos, cheios de jogadores de qualidade genuína. O problema dos treinadores na Europa é lidar com os egos dos jogadores que estão ganhando salários enormes. Mas os treinadores têm uma arma importante – eles são importantes para o projeto esportivo do clube. É verdade que o marketing em torno do jogo se concentra cada vez mais em indivíduos para vender produtos. Mas troféus são ganhos por equipes.

A Premier League é um bom exemplo. Há alguns anos, apesar de sua vantagem financeira, os clubes da Premier League estavam tendo um desempenho ruim na competição continental. A solução não era comprar jogadores mais caros, mas trazer os melhores treinadores. Klopp, Guardiola etc têm o conjunto de habilidades necessárias para vencer partidas – conhecimento tático e a capacidade de gestão de homens para persuadir os jogadores a seguir a ideia coletiva.

Os treinadores também têm a vantagem de uma extensa plataforma de mídia – conferências de imprensa e entrevistas antes e depois de cada jogo, nas quais podem tentar controlar a narrativa da mídia.

Juca Kfouri - Entrevista concedida ao autor, via aplicativo *Whatsapp*, em 15/07/2020.

Pergunta: No futebol profissional, mídia, patrocinadores, atletas e clubes fazem parte de uma engrenagem poderosa. Os técnicos ficam de fora dessa engrenagem por não serem patrimônio do clube? Essa situação retira autoridade dos treinadores, como no caso Neymar-Dorival júnior? Por que na Europa é diferente? No caso do Neymar, ficou em descoberto a fragilidade das finanças do Santos e a dependência do dinheiro proveniente dos patrocinadores do atleta. Isso reforça a ideia de que

Neymar à época era mais importante para o clube do que o técnico. Os atletas têm noção clara dessa situação? Até que ponto, no futebol (no brasileiro, em especial), o dinheiro fala mais alto que a moral e a disciplina?

Resposta: Veja bem, acho que o caso Neymar do (sic) Dorival foi muito em função do fato de o Neymar ser um moleque mal-educado e o Dorival ainda não ser um técnico de prestígio. Não chega a ter maiores implicações além dessa. E evidentemente o Neymar sabia que poderia desrespeitá-lo, como aliás o Ganso desrespeitou em seguida numa final de campeonato, que... quando ele se recusou a sair de campo. Acho que ali era mais em função da fragilidade do Dorival. Fosse, por exemplo, o Felipão o treinador do Santos, nem o Ganso, nem o Neymar, teriam feito o que fizeram. Agora, o jogador de futebol no Brasil tem mesmo essa característica de se julgar o rei da cocada preta e, se puder desrespeitar quem quer que seja, ele desrespeita. Aqui no Brasil, mas também na Europa, o jogador derruba técnico. Isso eu não tenho a menor dúvida. Veja o que aconteceu com o Felipão no Chelsea.

Pergunta: Neymar nunca foi eleito Melhor do Mundo. Essa escolha passa por um filtro moral ou eurocêntrico, por títulos conquistados ou ele nunca apresentou um futebol digno de ser agraciado?

Resposta: Não, aí eu acho que não é por eurocentrismo. Claro que existe eurocentrismo, tanto que só jogadores que jogam na Europa foram escolhidos melhores do mundo. Mas aí é natural, porque é o que mais se vê pelo mundo afora. Mas quantos não europeus, nesses últimos anos, foram eleitos, né, Melhores do Mundo? A começar, já mais atrás, pelos Ronaldos, Rivaldos, Kakás, Romários, né? Mas Messi, tá certo? Acho que aí não. Aí é muito em função da exposição que jogar na Europa traz para o jogador. Vamos convir que o Neymar jamais jogou pra ser eleito o melhor do mundo.